



A mulher do
BILIONÁRIO

DA AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

ANNE MILLER



PERIGOSAS NACIONAIS

A mulher do
BILIONÁRIO

DA AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON

ANNE MILLER

PERIGOSAS ACHERON

Copyright ©2018 by Anne Miller.

Todos os direitos reservados.

*A reprodução não autorizada desta publicação,
total ou parcial, constitui violação de direitos
autorais. (Lei 9.160/98)*

Capa: Anne Miller

Imagem: @CanStock

Edição digital: dezembro de 2018

Índice

Índice

Capítulo 01 — Submissão

Capítulo 02 — Traição

Capítulo 03 — Vermelho

Capítulo 04 — Acompanhante de Luxo

Capítulo 05 — Vingança

Capítulo 06 — Cats Club

Capítulo 07 — Um Novo Dia

Capítulo 08 — Cartão de Visita

Capítulo 09 — O Primeiro Encontro

Capítulo 10 — Buffet

Capítulo 11 — Todos os Homens que Amei

Capítulo 12 — Castelo de Areia

Capítulo 13 — Pegada em Domicílio

Capítulo 14 — Café da Manhã

Capítulo 15 — Presente

Capítulo 16 — Gustavo Lacerda

Capítulo 17 — Casa de campo

Capítulo 18 — Entre Heróis e Vilões

Capítulo 19 — Uma Única Amiga

Capítulo 20 — Uma Conversa Séria

Capítulo 21 — Confronto

Capítulo 22 — Plano A

Capítulo 23 — Adeus

Capítulo 24 — Acordo

Epílogo

Conheça os Meus Outros Trabalhos

Anne Miller

Capítulo 01 — Submissão

Antes de falar sobre o meu relacionamento com Gustavo e de todas as coisas que surgiram depois dele, eu preciso comentar sobre o homem que veio antes, sobre o jovem brincalhão que se tornou frio e calculista, sobre o marido que eu não pedi, mas que abracei com força para, instantes mais tarde, me debater tentando escapar.

Eu preciso falar sobre Erick Marinho.

No começo — quando o “*sim*” ainda não havia sido pronunciado —, antes de ser a “mulher” de alguém, eu era uma ótima filha.

Alguém que nunca levantava a cabeça para confrontar o pai, nem mesmo quando ele sugeriu que eu deveria me casar com um homem que eu não amava, porque não confiava o suficiente em mim — a sua filha mais velha — para comandar os negócios da família. Alguém que se viu obrigada a abandonar a faculdade de Direito e, conseqüentemente, o sonho de ser uma poderosa promotora, porque havia sido aconselhada quanto à necessidade de se dedicar às obrigações de esposa.

Sim, às “*obrigações de esposa*”.

Na minha família, o casamento era equivalente a trabalhar em uma empresa, com inúmeras obrigações e regras — válidas apenas para a esposa, é claro. A grande verdade era que, de acordo com os meus pais, esse era o único trabalho que eu poderia desempenhar bem.

— Por trás de todo homem de sucesso, há

PERIGOSAS NACIONAIS

sempre uma grande mulher — disse a minha mãe na semana que antecedeu o meu casamento.

Essa frase ficou ecoando em minha cabeça por mais tempo do que eu gostaria. O seu significado — óbvio para uns e tão complexo para outros — mudou conforme o meu casamento com Erick evoluía.

Na primeira vez que eu a ouvi, ela soou como um incentivo, como se a minha mãe estivesse me dizendo que existia uma forma de eu ser grande, mesmo que por meio de um casamento.

No dia em que ela me disse aquilo, os seus olhos — tão cinzentos quanto os meus — fixaram-se em meu rosto. As rugas em sua face, que costumavam estar sempre bem escondidas, ficaram visíveis para mim e para qualquer outro que quisesse olhar. E, dessa vez, eu não consegui fugir de seu olhar, tampouco escapar daquela conversa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em breve, esse também será o seu trabalho, minha filha — completou a minha mãe, toda entusiasmada por saber que eu estava prestes a me casar.

Ela estava, indiscutivelmente, mais animada do que eu.

E talvez isso, por si só, já sinalizasse o quanto tudo aquilo era ridículo — sobre o erro que eu estava prestes a cometer.

Balancei a minha cabeça, concordando com as suas palavras, mesmo ainda sem compreender onde exatamente ela queria chegar com elas.

— E, acredite ou não, ser... Como você mesma diz, *“uma dona de casa”*, não é um dos trabalhos mais fáceis do mundo e também exige muito tempo — dona Beatrice prosseguiu, respondendo a uma pergunta que eu ainda nem havia lhe feito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Descobri da pior forma sobre o que a minha mãe estava falando, ou melhor, sobre tudo aquilo que eu teria que abdicar.

— Em pouco tempo, você terá praticamente as mesmas obrigações que eu tenho agora. Organizar eventos, cuidar da casa e dos filhos que vocês dois terão... — Ela fez uma pequena pausa, interrompendo a si mesma. E, então, com um olhar sério, pronunciou o que sempre quis me dizer: — Você não terá mais tempo pra essa faculdade de Direito, querida.

A minha mãe nunca escondeu o quanto reprovou a minha decisão de ingressar em uma faculdade — cantarolando inúmeras vezes que o diploma não me serviria de nada —, mas ela nunca tinha me dito de forma tão explícita que eu deveria abandoná-la.

Não até aquele momento.

PERIGOSAS ACHERON

E eu que pensava que o meu maior sacrifício seria me prender a um homem que eu não amava.

Infelizmente, esse foi apenas um dos muitos que vieram.

Depois do meu pai, toda essa minha submissão continuou com o meu novo marido, quando — aos olhos da minha mãe — eu finalmente me tornei uma esposa tão boa quanto ela ou, simplesmente, aquela grande mulher atrás de um homem poderoso, sobre a qual ela havia comentado.

Eu nunca me intrometia nas conversas de negócios — por mais que estivessem discutindo sobre algo que também era meu —, limitava-me a sorrisos e ao meu papel de “esposa perfeita”, um estereótipo que sempre foi exigido pela sociedade e pela minha própria família.

A palavra “ótima”, aparentemente, era usada

como um sinônimo para “submissa”.

E, só então, aquela frase da dona Beatrice mudou de significado. Eu já não a via mais como um incentivo para ser grande ou qualquer outra coisa que eu pudesse ter pensado naquela época, sem a mínima ideia do que um casamento realmente **significava**.

Eu era ótima enquanto estivesse de boca fechada. Eu era ótima enquanto a minha opinião não fosse contrária com a do meu marido. E, assim como a minha mãe tanto destacou — e eu não entendi —, eu era ótima enquanto fosse a mulher por trás do homem poderoso.

Você só é “ótima” enquanto não tenta ultrapassá-lo, enquanto se mantém atrás e sob o controle dele.

A frase nunca foi sobre um incentivo para ser grande no casamento, mas um aviso de limite, uma

PERIGOSAS ACHERON

demarcação de até onde eu poderia ir.

Em um breve resumo, eu poderia ser grande, mas só se continuasse atrás de Erick. Eu poderia brilhar, mas só se a minha luz não fosse forte o suficiente para ofuscá-lo.

Eu nunca poderia ser aquela poderosa Promotora de Justiça com a qual eu tanto sonhei, pois as mulheres da minha família não estavam destinadas ao poder. Tínhamos, de acordo com o meu próprio pai, nascido no “sexo frágil”, naquele que não sabia comandar negócios e qualquer outra coisa que não fosse um jantar ou evento idiota que a minha mãe — e agora eu — sempre era encarregada de organizar.

Mas, ainda assim, lá no início, toda essa situação não era tão sufocante quanto eu imaginei que seria.

De certa forma, eu tinha escapado das garras

do meu pai, mesmo que com a porcaria de um casamento arranjado. Com a chegada de Erick, eu ganhei certa independência, consegui viver sem as constantes imposições de Joaquim e das críticas de Beatrice, que iam do meu cabelo desidratado à forma “errada” como eu sempre me portava.

Estranhamente, enquanto estava presa ao meu marido, eu provei de uma liberdade que, até então, era desconhecida por mim.

Obviamente, ainda tinha que frequentar os mesmos eventos idiotas, pagando de boa moça para uma sociedade hipócrita. Ainda tinha que sorrir e fingir que estava feliz, que aquela era a vida que tinha escolhido pra mim. E, principalmente, ainda tinha que continuar escondendo cada um dos sonhos que eu possuía em um cantinho escuro da minha mente.

No entanto, quando as visitas iam embora, eu

PERIGOSAS NACIONAIS

e Erick ríamos da forma como elas falavam e se vestiam — tentando passar uma impressão de algo que não eram —, do falso glamour e de todas as coisas fúteis que constituíam aquele mundo. Nós dois criticávamos as mesmas coisas e isso, mesmo que por um curto período de tempo, nos uniu.

Marinho, nem de longe, era o homem ideal pra mim — o homem que eu sempre sonhei em ter ao meu lado —, mas era o que eu tinha no momento, então eu me agarrei a isso com todas as minhas forças e me esforcei ao máximo para fazer dar certo, como se isso fosse uma obrigação unicamente minha, da esposa.

Cuidava dos jantares — e de qualquer outro evento estúpido que fosse acontecer em uma de nossas casas —, sempre me colocava a sua frente e questionava “*como foi o seu dia no trabalho, meu amor?*” e mentia dizendo que o meu havia sido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ótimo, esforçando-me para não transparecer o quanto eu odiava ser uma dona de casa.

De alguma forma, ele conseguia enxergar alguma coisa em minha expressão — como se estivesse ouvindo um pedido de socorro enquanto encarava os meus olhos cinzentos — e isso resultava em ótimas histórias sobre o seu dia.

Eu sabia que elas, muito provavelmente, eram todas invenções para me entreter, mas as adorava mesmo assim.

— E o que você acha disso, Victória? — questionava ele, sempre me incluindo nas conversas referentes à empresa.

Marinho fazia isso em frente ao meu pai, sem se importar com o que ele pudesse pensar. E sempre que acontecia, o meu coração acelerava instantes antes de um sorriso dominar completamente os meus lábios.

PERIGOSAS ACHERON

E a verdade é que isso foi o mais perto que eu cheguei de amá-lo.

Eu amei a forma que ele me tratava, sendo sempre muito atencioso. Eu amei as inúmeras conversas que tivemos — principalmente aquelas que roubaram metade de algumas noites. Eu amei todas as possibilidades que eu fui capaz de enxergar através de seus olhos esverdeados.

Mas o trabalho com o meu pai o mudou e isso ficou nítido sempre que ele voltava para casa, dia após dia.

Erick já não fazia mais aquelas brincadeiras, não discordava das coisas ridículas que os amigos do meu pai diziam e se mantinha sempre muito distante, lembrando-me da relação fria que os meus pais possuíam.

O meu “*como foi o seu dia?*” era respondido por um simples “*bom!*” ou “*péssimo!*”. Ele já não

contava mais nenhuma história mirabolante para me fazer rir, assim como também não fazia questão de me incluir nas conversas sobre os negócios.

Não foram poucas as vezes em que eu esperei pelo “*o que você acha disso, Victória?*”, ansiosa para dar a minha opinião — uma que seria extremamente relevante para o assunto que discutiam.

E eu sempre me decepçionava quando a pergunta não acontecia.

Por mais que eu pudesse, simplesmente, despejar tudo o que eu achava em frente ao meu pai e ele, sabia que não seria a mesma coisa e tampouco teria o mesmo efeito, já que — por conta de todo o machismo — uma mulher é melhor interpretada por um homem quando outro a escuta e concorda com ela.

Depois dessa fase, o nosso casamento podia

ser facilmente definido pela palavra “*decepção*”, uma espera por algo que eu sabia que não aconteceria, um maldito ciclo vicioso, que eu já estava me cansando de ter que continuar vivendo.

Eu sabia que estava infeliz — é claro que eu sabia —, mas você não enxerga dessa forma de primeira, você simplesmente empurra esse sentimento horrível com a barriga e finge que está tudo bem, que isso não está te afetando.

Só constatei isso, de forma extremamente clara, no nosso aniversário de três anos.

Erick esqueceu completamente — mostrando-me o quanto a data era importante para ele — e passou o dia fora em uma viagem de trabalho.

Quando você está em um casamento — principalmente, em um parecido com o meu —, você releva muitas coisas. A falta de um elogio,

PERIGOSAS NACIONAIS

uma mania irritante ou até mesmo um “deslize”. Você vai juntando todas essas coisas, até o saco de lixo se encher de sujeira.

E depois disso, qualquer coisinha, por mais boba que ela seja, já é o suficiente para te fazer explodir.

Eu relevei muita coisa durante três anos inteiros. Aceitei quando ele deixou de me dar atenção, aceitei quando a nossa relação se resumiu a frases prontas e sexo — um que já não me satisfazia mais. Eu aceitei calada a essas e várias outras coisas, sem reclamar.

No entanto, o fato de ele ter esquecido aquela data me “explodiu”, espalhando toda a roupa suja que não lavávamos há anos.

E a lavagem ocorreu no dia em que ele retornou da viagem.

No instante em que cruzou a porta de casa.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sinceramente, Victória... Você acha mesmo que eu tenho tempo pra me preocupar com algo tão idiota quanto uma comemoraçãozinha de casamento? — ele gritou, como se eu não tivesse o direito de estar lhe cobrando aquilo. — Diferente de você, eu não passo o dia inteiro em casa sem fazer nada. Eu trabalho...

— Na porcaria da minha empresa! — eu o interrompi usando o mesmo tom de voz, sem paciência para aquele seu showzinho. — Você trabalha na minha empresa, Erick. Você aproveita o meu dinheiro. Você mora na minha casa. — Dei dois passos, aproximando-me dele. Levei o meu dedo indicador até o seu peito e dei duas batidas com força. — Tudo o que você tem e o homem que você se tornou... É tudo por minha causa, pelo que eu te proporcionei. — Eu o queimei com o meu olhar, antes de sorrir de uma forma que, muito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente, sou maléfica e raivosa. — Você não é ninguém sem mim.

Nesse instante, eu cruzei aquela linha e ultrapassei o homem poderoso, mostrando que a “grande mulher” era bem maior do que ele.

Não.

Foi bem mais do que apenas “avançar o limite”.

Eu fiz Erick Marinho notar isso — enxerguei o medo em seus olhos esmeralda —, eu o fiz perceber o quanto ele era pequeno se comparado a mim.

E o meu marido, como boa parte dos homens, não gostou muito.

— Já que é tudo seu, então por que você não compra a porra do presente e para de me encher o saco? — rebateu ele, afastando-se de mim em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passos apressados, como se estivesse fugindo do confronto.

Comprei um colar de diamantes — a joia mais cara da joalheria —, mas isso não fez com que eu me sentisse melhor. E, diferentemente do que eu pensei, os zeros no cheque não foram o bastante para irritar Erick, que tornou a me ignorar como se eu fosse completamente irrelevante.

Ninguém enxergou a minha infelicidade — além de mim mesma no espelho.

Todas as minhas amigas me invejavam.

Tinham inveja de Erick, a quem consideravam “supergostoso”.

Tinham inveja das minhas joias ou, melhor, dos presentes que eu “ganhava” dele.

E de toda a minha vida — pelo menos, do que ela aparentava ser, quando vista de fora.

PERIGOSAS ACHERON

Conforme o tempo foi passando, eu descobri que tinha me casado com uma versão mais jovem do meu pai. Foi exatamente isso que o meu marido se transformou, em uma cópia fiel de Joaquim Falcão.

E com Erick assumindo o papel do meu pai, eu percebi que se continuasse agindo daquela forma — abaixando a minha cabeça sempre, como um cachorrinho de estimação —, logo estaria aconselhando a minha filha a desistir de algo que ela amava, usando como justificativa que uma mulher só poderia ser grande se estivesse atrás de um homem.

E, só então, toda essa minha submissão chegou ao fim.

Estava cansada de ser a mulher do bilionário, cuja maior parte do dinheiro pertencia à minha família. Eu não queria mais ser a mulher atrás de

PERIGOSAS NACIONAIS

um homem poderoso, não quando eu tinha potencial para estar à frente dele.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 02 — Traição

Por mais que seja bonito definir “heróis” e “vilões” em uma história de amor, na maior parte das vezes, esse tipo de definição não se encaixa em um casamento. Não se formos honestas e realistas com nós mesmas, encarando todos os ângulos, o imenso caleidoscópio de erros e acertos que perpetuam o sagrado matrimônio.

Assim como eu, Erick Marinho não queria se casar.

Assim como eu, ele tomou essa decisão baseando-se unicamente naquilo que a sua família pensava ser o melhor para ele.

E, principalmente — e assim como eu —, ele também não disse “*não*” naquela igreja, quando estávamos um na frente do outro, diante de um

PERIGOSAS ACHERON

padre.

Nós decidimos, em comum acordo, seguir com aquela loucura, mesmo com grandes suspeitas de que tudo daria errado.

E realmente deu.

De um lado, estava um homem que só se importava com trabalho, como se isso fosse tornar a sua vida pessoal menos miserável. E de outro, estava uma mulher que passou a vida inteira fazendo coisas que ela não queria fazer, uma pessoa cuja falta de coragem para trazer a mudança pesava mais do que a sua infelicidade.

Se fôssemos somar todos os nossos erros, procurando pelo grande culpado, provavelmente teríamos um empate técnico.

E a prova disso era que, diferente do que poderia parecer — levando em conta todo o histórico do nosso casamento —, Erick não foi o

PERIGOSAS ACHERON

primeiro de nós dois a trair.

O medo da desaprovação dos meus pais não permitiu que isso acontecesse — pelo menos, não no início.

Fui eu quem deu o primeiro passo nessa direção, saindo com um antigo namorado do tempo da faculdade — aquela que eu precisei abandonar para cumprir melhor com o meu papel de boa esposa. Fui eu quem ignorou todos os votos que tínhamos feito no altar. E fui eu quem jogou isso no ventilador na primeira oportunidade, pisando na masculinidade dele com o salto mais alto que eu possuía.

Disse, em meio aos gritos, que aquela noite, em um quarto de motel barato, havia sido como uma libertação. Não só dele e do nosso maldito casamento, mas do meu pai e de todo homem que já tentou se achar no direito de me dizer como eu

deveria viver a minha vida.

E, infelizmente, eu não parei por aí.

— Eu não tenho culpa se você não é homem o suficiente pra mim, Erick — justifiquei o injustificável, assim que ele tentou dizer alguma coisa. Mesmo nervosa, comecei a rir, antes de completar: — E eu não me arrependo de nada.

Não era uma mentira, essa era a grande verdade.

Eu sabia que estava errada, sabia que havia feito algo ruim, entretanto, não conseguia me sentir mal por isso. A noite com Roberto — o antigo namorado — havia sido maravilhosa. Não me satisfazia tanto em cima de uma cama desde o início do meu casamento, quando o sexo entre mim e Erick ainda era algo agradável para nós dois.

Pensei que ele gritaria, chamando-me de vagabunda, puta ou qualquer outra ofensa.

Mas Erick não respondeu à minha provocação, optando por continuar em silêncio. Mesmo com o seu lado possessivo — algo adquirido através da convivência com o meu pai —, lá no fundo, eu tinha certeza de que ele não se importava com a traição em si, pois não gostava o suficiente de mim para isso. O que devia tê-lo irritado, foi todas as vezes em que se privou de estar na companhia de outras mulheres por conta de uma regrinha básica que eu não respeitei.

Depois que toda a raiva deixou o seu corpo, ele deve ter notado o quanto aquilo, na realidade, havia sido bom. Eu lhe dei, mesmo que de forma indireta — e não intencional, claro —, a permissão para trair também.

E realmente não demorou muito para que ele também buscasse por aquilo que eu me recusava a oferecer. Quando finalmente aconteceu — com

garotas de programas, diga-se de passagem — eu também não me importei.

E o que mais doeu em toda essa situação, não foram as traições em si, mas toda a indiferença — tanto a minha quanto a dele — que isso trouxe.

Pela primeira vez, desde que pronunciei o “*sim*”, todo esse cenário me fez cogitar uma separação.

Ainda que não existisse amor ou qualquer coisa parecida com isso em nosso relacionamento, até as traições, nós dois vivíamos sobre uma falsa ideia de respeito, existia a fantasia de que possuíamos algo — algo que não valia a pena jogar fora.

E quando isso também chegou ao fim, não nos restou mais nada para “preservar”.

Não havia mais nenhum motivo para continuar vivendo aquela mentira ao lado dele.

PERIGOSAS ACHERON

Nem mesmo a minha covardia conseguia encontrar formas pra justificar aquela relação estranha e errada que possuíamos.

Como eu não conseguiria conversar sobre isso com uma das minhas amigas — pelo menos, não sem destruir completamente a imagem de casal perfeito que elas tinham de mim e Erick —, falei com a minha mãe, mesmo já suspeitando qual seria a sua opinião.

Infelizmente, isso não ficou apenas na suspeita.

Definitivamente, aquela se tornou a primeira e a última vez que busquei um conselho amoroso dela.

Eu não contei apenas sobre as traições, mas, sobretudo, o que existia de errado em nossa relação, que, de certa forma, chegava a ser doentia, a começar pelo fato de eu não o amar; que eu nunca

o havia amado de verdade. Disse também que não tinha mais vontade de continuar com aquele fingimento; que já não conseguia nem mesmo encará-lo sem sentir um total desprezo.

Ela ouviu pacientemente todo o meu desabafo e, ao final dele, respondeu com um “*seja bem-vinda a vida de casada, minha querida*”.

Em seguida, a minha mãe, basicamente, relativizou todos os problemas que eu lhe contei. Deu um jeito de distorcer todas as coisas, fez com que o meu casamento infeliz parecesse algo normal, como se as nossas traições e a falta de amor fossem coisas que aconteciam em todos os casamentos.

Eu não duvidava que ela e meu pai fossem tão infelizes quanto eu e Erick éramos, mas generalizar essa situação — como se fosse o “normal” de todo casal existente no universo —,

era bizarro, para dizer o mínimo.

— Eu... eu não vejo dessa forma, mãe... — disse a ela, cansando-me de continuar pisando em ovos numa conversa que deveria ser simples.

Ainda que a minha submissão tivesse acabado com Erick, quando eu cuspi sobre o quanto ele era insignificante perto de mim, ela continuava com os meus pais.

Eu ainda não conseguia dizer determinadas coisas a eles. Os vários anos acatando tudo o que eles me diziam, tudo o que me faziam enxergar como verdades absolutas, ainda estavam muito presentes em minha mente.

Eu não falaria mais nada, permanecendo a mesma covarde.

Até a minha mãe continuar, dizendo: — São momentos, Victória. Momentos que vão passar... Daqui dez anos você estará rindo de tudo isso.

“Daqui dez anos”?

Dez anos de traições e indiferenças. Dez anos de brigas e egos inflados, grandes demais para ocupar o mesmo espaço. Dez anos em um casamento infeliz

Esse pensamento fez com que eu nem pensasse para retrucar: — Eu não quero passar mais nenhum dia ao lado dele. Eu quero o divórcio.

Quando eu fui perceber, já havia pronunciado aquela palavra maldita, que fez com que a minha mãe se engasgasse com o seu chá. E isso me fez encolher, pois eu sabia exatamente o que estava prestes a acontecer.

Ao ouvir a palavra *“divórcio”*, ela começou a rir, como se eu estivesse lhe contando uma piada, algo extremamente estúpido.

E eu não sabia se ela estava fingindo que era apenas uma brincadeira minha ou se realmente

PERIGOSAS ACHERON

acreditou nisso. O fato é que, depois de notar que eu realmente estava falando sério a respeito da separação, ela me alertou.

— Que o seu pai nem sonhe que você disse algo assim — respondeu-me ela com um olhar sério em seus olhos cinzentos. Quase tão sério quanto no dia em que me fez abandonar a faculdade. — Nunca tivemos uma separação; não existe isso na nossa família. E você sabe sobre o quanto ele gosta do Erick, que o considera como um filho...

“Provavelmente, bem mais do que eu” pensei, quase falando em voz alta.

— Foi... foi uma bobeira minha... Uma ideia estúpida — desconversei, tentando escapar do julgamento daquele seu olhar pesado.

“Uma ideia estúpida”.

Um dos meus maiores arrependimentos foi
PERIGOSAS ACHERON

tê-la enxergado dessa forma — como algo estúpido — e não ter insistido nela, livrando-me de Erick naquele exato momento, antes do nosso casamento me corroer ainda mais.

Quando pensei que aquela conversa não poderia ficar ainda pior, dona Beatrice me disse que todos esses meus “probleminhas” melhorariam com a chegada de uma criança.

— Vocês precisam de um filho, querida... — prosseguiu ela, realmente me aconselhando a colocar uma criança no meio de toda aquela confusão. — Já está demorando demais. Uma criança é milagrosa e pode dar um jeito em tudo.

Como não adiantava tentar discutir — não que eu fosse comprar aquela briga —, simplesmente concordei com a sua sugestão idiota.

No entanto, nem passava pela minha cabeça usar um filho para salvar algo que eu nem mesmo

sabia se um dia havia existido.

Definitivamente, não era uma solução.

Apenas mais uma forma de ferrar com a minha vida.

Felizmente, Erick também não via com bons olhos essa “dica” da minha mãe, nem mesmo quando a ideia ressurgiu na boca do meu pai, em um jantar.

— Já está na hora de construir uma família — disse ele, fazendo com que o meu marido sorrisse e se limitasse a assentir com um tímido aceno de cabeça.

Diferente de mim, eu sabia que Erick queria ser pai — ou pelo menos, ele já quis. Ele comentou uma vez, em uma daquelas longas conversas que tínhamos no início, quando o desprezo que sentíamos um pelo outro ainda não existia.

Mas ele não era estúpido de cogitar a ideia.

Não quando se tratava do nosso casamento, algo claramente quebrado.

Assim que deixamos a mansão dos meus pais, não seguimos para casas diferentes, como costumávamos fazer quando esses compromissos em “dupla” finalmente chegavam ao fim. E ainda mais estranho do que isso, foi que quando cruzamos a porta, não fomos para direções opostas, permanecemos na sala, sentados no sofá.

Erick estava com uma expressão bem séria e os seus olhos esverdeados estavam voltados para o chão. Encarei o seu cabelo escuro bagunçado, tentando adivinhar o que se passava naquela mente.

— Não... — ele disse, roubando a minha atenção de imediato. Em poucos segundos, os seus olhos se ergueram até o meu rosto. — Não acho que seja uma boa ideia.

Eu sabia que ele estava se referindo ao assunto “filhos”.

No entanto, por um pequeno instante, eu pensei que ele estava falando sozinho, simplesmente dizendo aquilo que não teve coragem de pronunciar para o meu pai, no momento em que este surgiu com o assunto.

E isso me fez questionar. Se a sua reação fosse contrária — se Erick tivesse dito um “*sim*” ao invés do “*não*” para ter filhos —, eu me obrigaria a engravidar?

Ele e a minha família me dariam o direito a escolha?

Eu deixaria de ser uma covarde e os enfrentaria para gritar um alto e claro “*não*”, como deveria ter feito naquela igreja?

Antes que eu pudesse chegar a uma conclusão, Erick completou, dizendo: — O que
PERIGOSAS ACHERON

você acha sobre isso, Victória?

Esforcei-me ao máximo para tentar disfarçar a surpresa com aquela pergunta, que havia deixado de acontecer há muito tempo. Desviei o meu olhar, encarando o seu paletó escuro, que encaixava perfeitamente em seu corpo.

— Não... Definitivamente, não.

.

Capítulo 03 — Vermelho

Identidade.

Essa é uma daquelas coisas que sempre me aterrorizou.

A ideia de que todos os dias nós acordamos como pessoas novas me assustava. Afinal, até onde toda essa mudança — ainda que minúscula, se comparada de um dia para o outro — realmente é saudável?

Estamos tão preocupadas em não perder as pessoas que amamos que não nos preocupamos em não nos perder, em não deletar por engano uma parte pequena e preciosa de nós mesmas, de não nos tornarmos aquilo que mais odiamos ou, simplesmente, uma pessoa estranha.

PERIGOSAS NACIONAIS

Durante o meu casamento com Erick Marinho, eu fui inúmeras pessoas. Existiram tantas versões de mim mesma que precisei catalogá-las em cores.

Fui uma garota covarde e medrosa, que tinha pavor de desobedecer aos pais, ainda que isso arruinasse a minha vida. Fui uma mulher submissa ao marido, a “ótima esposa”, que se esforçou para tornar tudo perfeito, mesmo quando aquele lindo castelo começou a desabar em minha cabeça.

Em minha mente, todas essas versões iniciais eram cinzentas e sem vida, completamente ofuscadas por outras cores e pessoas.

Assim que a minha submissão com Erick chegou ao fim, essas versões tornaram-se negras, como se a cor estivesse refletindo o meu nível de felicidade. A indiferença tornou tudo ainda mais escuro e o que costumava ser ofuscado ficou

PERIGOSAS ACHERON

evidente, mas de uma forma negativa.

Quando eu fui uma traidora — jogando todos os nossos votos de casamento em uma lata de lixo —, todas essas cores explodiram em um ardente vermelho.

Por coincidência ou não, foi dessa cor que a minha cabelereira tingiu o meu cabelo.

Após entrar em seu salão, eu pedi para que ela me deixasse diferente, pois sentia necessidade de ser alguém nova — nem que fosse apenas a minha aparência —, que não fosse a submissa covarde e nem a vadia traidora.

Não queria mais ser loira, mas também não sabia exatamente o que eu queria.

Então ela me tornou ruiva.

Diferente de como parecia pra mim, a minha identidade visual era sólida demais para as pessoas

à minha volta, tanto que algo tão bobo quanto a tintura do meu cabelo foi capaz de surpreender os meus pais.

A minha mãe torceu o nariz assim que me viu chegando em sua casa para o almoço de domingo.

Erick ficou tão surpreso que nem sequer conseguiu disfarçar, praticamente entregando que não havíamos nos visto pela manhã — e nem nos últimos três dias, já que fiz questão de ficar em outra casa.

— O que você fez com o seu cabelo? — questionou-me a dona Beatrice, assim que eu me aproximei.

Não consegui controlar o meu sarcasmo e respondi: — Pinte.

Antes que ela ou o meu pai pudessem dizer alguma coisa desagradável, eu completei: — E o PERIGOSAS ACHERON

Erick adorou... — Voltei o meu olhar pra ele, antes de continuar: — Não é mesmo, amor?

Ele retribuiu o olhar e, após ficar alguns segundos em silêncio, respondeu: — Sim, eu gostei.

Depois disso, a minha mãe se limitou a um sorriso estranho. Meu pai não disse nada, mas sabia que também não havia gostado. Felizmente, eu não estava me importando com a opinião deles — não mais. Finalmente, havia me tornado uma adulta normal, que não espera ou vivia buscando a constante aprovação dos pais.

Após o almoço, que foi regado a “climão” e respostas debochadas da minha parte, eu fui para o jardim pegar um pouco de ar livre, pois sabia que se continuasse ali, acabaria dizendo algo de que me arrependeria.

Deixei meu pai e Erick conversando sobre

PERIGOSAS ACHERON

trabalho, tinha certeza de que nenhum dos dois sentiria a minha falta naquela conversa específica.

Chegando lá, encontrei-me com Ana, a minha irmã do “meio”. Ela estava prestes a completar dezoito anos e já estava se preparando para o vestibular de medicina.

Devido à nossa diferença de idade — quase oito anos —, nós não éramos muito próximas. O meu casamento colocou uma barreira ainda maior entre nós duas. Era uma daquelas situações que intitulávamos de “delicada”.

Como não tinha assunto, fiz-lhe aquela pergunta que sempre fazia quando a via, como se fosse uma tia chata.

— Como estão os estudos?

Ana se virou, voltando a sua atenção para mim. Aproximei-me dela e forcei um sorriso, tentando parecer mais amigável. E passei a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mão nas madeixas vermelhas, como se não fosse óbvio o bastante que eu o havia tingido.

— Estão... estão bem — respondeu ela, quase que de imediato. — Obrigada por perguntar.

O fato de Ana não fazer um comentário sobre o meu cabelo ou de não ter almoçado junto com a gente fez com que eu soubesse que algo estava errado ou, no mínimo, bem estranho.

Pensei em simplesmente me afastar dela, voltando para dentro da casa, mas alguma coisa me fez ficar.

Voltei o meu olhar para ela, fixando-o em seu rosto arredondado. O cabelo dela era de um loiro ainda mais claro do que o meu costumava ser em sua idade. Mas, diferente de mim que possuía olhos cinzentos, os de Ana eram azuis oceano.

E ao observá-los tão de perto, notei que estavam marejados.

PERIGOSAS ACHERON

— Aconteceu alguma coisa? — questionei a ela, já certa de que algo muito errado havia acontecido. Ela ficou em silêncio e isso fez com que eu insistisse na pergunta. — O que aconteceu, Ana?

A minha irmã balançou a cabeça negando, mas era evidente que ela estava mentindo.

Ela não sabia mentir.

E o pavor em seu rosto a entregava.

Aproximei-me dela e levei as minhas mãos até seus braços, necessitando tocá-la, como se estivesse tentando acordá-la de um pesadelo. Ficamos frente a frente, encarando-nos caladas por alguns segundos. Ela até tentou desviar o olhar, fingindo de mim, mas eu não permiti.

— O que eles fizeram? — tornei a perguntar, certa de que existia alguma coisa e de que isso envolvia os dedos dos nossos pais.

Antes que eu pudesse continuar com um “*fala logo!*”, a minha irmã respondeu: — Eles... — os olhos azuis dela se voltaram para o gramado. — Eles vão me obrigar, Victória...

Mesmo que a sua frase estivesse incompleta, eu sabia exatamente do que se tratava, de qual era o problema que a aterrorizava.

Até porque, foi o mesmo que me aterrorizou.

— Eles querem que eu me case com aquele garoto... O filho dos Dollberths...

E, então, com aquela afirmação, foi como se eu voltasse para o exato momento em que os meus pais me disseram que eu me casaria com o Erick, o adorável filho dos Marinhos. Lembrei-me da sensação de pânico que me invadiu, assim que a minha mãe terminou de falar, o entusiasmo agonizante do meu pai e de toda a impotência de saber que eu não poderia fazer nada para impedir

isso.

Eu fiquei tão extasiada que fiz uma pergunta extremamente estúpida.

— E você quer se casar com ele?

O olhar dela se levantou, tornando a encarar o meu rosto.

— O que você acha? — retrucou Ana, deixando bem claro que, definitivamente, não se tratava de uma escolha.

Estava acontecendo de novo.

Os meus pais destruiriam a vida de mais uma filha. Eles a sentenciariam a um casamento infeliz, assim como haviam feito comigo.

Eu não conseguia suportar a ideia de que Ana passaria pelas mesmas coisas que eu estava passando.

E nem mesmo aceitar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então você não vai se casar — respondi confiante, sem nenhuma dúvida.

Ela sorriu, com uma expressão de “*e desde quando eu tenho escolha?*”.

Eu não esperei por mais nenhuma palavra e também não pronunciei mais nada a ela. Simplesmente, me virei e comecei a caminhar na direção da porta. Instantaneamente, Ana percebeu o que eu estava prestes a fazer e tentou me impedir, gritando “*Victória, não!*”.

Mas já era tarde demais.

O seu grito não foi capaz de me impedir, tampouco a mão dela que agarrou o meu braço.

— Vai ser pior — alertou-me ela, já não segurando mais as lágrimas. — Podem até adiantar a data.

Ignorei as palavras dela e adentrei a casa.

PERIGOSAS ACHERON

Segui em direção à sala, onde meu pai e Erick estavam sentados no sofá, provavelmente ainda falando de negócios, uma conversa que claramente não me incluía.

Como Ana veio atrás de mim de forma desesperada, isso chamou a atenção dos dois antes mesmo que eu dissesse alguma coisa.

E, diferente do que eu sempre pensei quando me imaginava confrontando o meu pai em uma situação parecida, eu não travei.

— Que história de casamento é essa, pai? — questionei, fazendo com que Ana paralisasse ao meu lado. — Tá planejando um casamento e não me convidou?

O meu pai interrompeu a sua conversa com Erick e trouxe o seu olhar em minha direção. Eu nunca tinha interrompido ele antes, nem mesmo quando era criança. E, pela expressão em seu rosto,

PERIGOSAS ACHERON

ele não tinha gostado muito.

— Quem foi que te con...

— Não importa — eu o interrompi novamente e de forma mais direta, mantendo-me firme. — Isso é sério? Você vai obrigá-la a se casar com o filho dos Dollberths?

Nossas famílias eram amigas, não tanto quanto a de Erick, mas não era incomum todos se juntarem para uma comemoração de fim de ano. E diferente dos Marinheiros, eles eram tão ricos quanto nós.

O poderoso Joaquim Falcão ficou tão surpreso com aquela minha atitude que perdeu a reação por alguns segundos, limitando-se a me julgar com os seus olhos. Ou talvez ele ainda me visse como uma criança, quando apenas esse seu olhar já era o suficiente para me repreender.

O meu marido também estava surpreso. Por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais que o tempo em que eu não o enfrentava já tivesse ficado pra trás, ele nunca tinha me visto falando alto com o meu pai, até porque eu nunca tinha feito isso antes, com ou sem a presença dele.

— Isso não é da sua conta, Victória. — ele respondeu, praticamente gritando. — Mas já que você quer tanto saber, sim, eu vou.

E isso, o seu grito, me fez sorrir, pois eu percebi que aumentar a voz foi a maneira que ele encontrou para tentar recuperar o controle sobre mim.

O meu pai voltou o seu olhar ameaçador para Ana e a minha irmã estremeceu.

Infelizmente, isso ainda funcionava com ela.

Ana deixou a sala, provavelmente seguindo em direção ao seu quarto, onde choraria em cima da cama, coberta por um sentimento de impotência.

PERIGOSAS ACHERON

Perdi a conta de quantas vezes eu fiz isso quando possuía a sua idade.

Nesse meio tempo, a minha mãe apareceu e se juntou a nós três na sala. Ela certamente devia ter sido atraída pela voz do meu pai. Nós não tínhamos o costume de gritar, então ela deve ter estranhado, no mínimo.

— O que está acontecendo aqui? — indagou ela assim que chegou, encontrando-nos naquele clima tenso.

— Eu que te pergunto, mãe... — virei-me, voltando toda a minha atenção para ela. — Você permitiu que ele obrigasse a Ana a se casar? — devolvi a pergunta, sendo bem direta. Eu sabia que o meu pai se sentiria ofendido por eu ter me referido com um simples “*ele*”, mas não me importei. — De novo, dona Beatrice?

Ela ficou em silêncio.

PERIGOSAS NACIONAIS

E isso me fez rir. Comecei a gargalhar, completamente descontrolada. Aos olhos dos três, que me encaravam espantados, eu devia ter surtado — talvez não estivessem tão errados assim, no fim das contas.

Estava rindo do quanto tudo aquilo era ridículo e previsível. Era óbvio que a minha mãe ficaria quieta. Afinal, ela sempre se omitia quando o meu pai dava uma de suas “ordens”, quando ele fazia uma escolha que nos destruiria. Dona Beatrice só falava quando fazia o trabalho sujo para ele, como quando me convenceu a abandonar a faculdade.

— Pode continuar calada, não tem problema... Agora a Ana tem a mim pra defendê-la, ela não precisa mais de você — disse, fazendo-a arregalar os seus olhos cinzentos. — E eu não vou deixar você estragar a vida dela da forma que

PERIGOSAS ACHERON

estragou a minha... Eu não vou, mãe.

— Você enlouqueceu? — o meu pai tornou a gritar, chamando a minha atenção de imediato.

No momento em que eu o ouvi, uma sensação gélida invadiu o meu estômago.

Medo.

Provavelmente, um resquício do sentimento que havia permanecido comigo, desde o tempo da minha infância. No entanto, isso já não era o suficiente para me fazer ficar quieta.

E talvez ele também soubesse disso, já que continuou: — Quem é você pra vir aqui me dizer o que eu devo ou não fazer?

Mudei o meu foco, voltando o meu olhar para o rosto dele, que estava tão vermelho quanto uma pimenta.

Eu nunca o tinha visto com tanta raiva antes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou a filha que você obrigou a se casar com esse cara aí — respondi sem medo daquela cara feia. — E te garanto que isso não vai acontecer de novo. Nem com a Ana e nem com a Manuela... Eu não vou te deixar acabar com a vida das minhas irmãs.

— Nós acabamos com a sua vida? — retrucou a minha mãe, como se eu estivesse dizendo algo idiota. — Sempre te demos do bom e do melhor. Nós te...

— Você planeja fazer a Ana abandonar os estudos da mesma forma que me fez abandonar a faculdade de Direito? — eu a interrompi, finalmente me livrando daquilo que ficou guardando dentro de mim por anos.

Eu sempre quis ter a chance de jogar a faculdade de Direito na cara dela.

Finalmente tive a oportunidade.

PERIGOSAS ACHERON

Dona Beatrice ficou em silêncio, não encontrou nenhum argumento para se defender. No fundo, ela sabia de tudo o que havia me privado.

Antes que o meu pai pudesse tornar a gritar, tentando assumir o controle que ele claramente havia perdido para sempre, eu completei: — Não vai ter casamento nenhum. E se vocês insistirem com essa idiotice, eu juro que tiro a Ana do altar. — Forcei um sorriso, como se estivesse me divertindo com a situação, o que, obviamente, não era o caso. — Ou melhor, eu encontro o primeiro jornal e espalho o quanto vocês dois são nojentos.

Não esperei por uma resposta, simplesmente peguei a minha bolsa e me retirei da casa deles. Tinha certeza de que aquele “*nojentos*” faria com que o meu pai me colocasse pra fora dali. Então, optei por antecipar um pouco as coisas.

Já tinha deixado bem claro o que eu pensava

de toda aquela história de casamento, assim como também desabafei sobre como eu me sentia. E, principalmente, eu já havia dito o que aconteceria com eles se levassem aquilo adiante.

— Eu te levo — disse a voz grave, surgindo atrás de mim.

Obviamente, não se tratava de uma pergunta. Há muito tempo Erick já não era mais do tipo de cara que fazia perguntas. Agora, assim como o meu pai, ele se limitava a impor coisas, dando-nos “ordens”.

— Não, obrigada.

Passei pelo portão e parei no meio fio, observando o movimento dos carros.

Antes que eu pudesse recusar novamente, Erick respondeu: — É só uma carona, porra! — Ele deu alguns passos, aproximando-se de mim. — Aceitá-la não vai arrancar pedaço.

Como eu não queria ter que esperar por um táxi — já que o nosso motorista estava de folga — e também porque tinha certeza de que o meu marido insistiria, eu resolvi aceitar, acompanhando-o até o seu carro, um Camaro preto.

Não consegui deixar de sorrir ao observar o carro.

Aquele veículo caro e exagerado devia significar o mesmo que aquele colar de diamantes significava pra mim. Uma tentativa malsucedida de nos sentir melhor com a vida miserável que levávamos.

Ele abriu a porta pra mim e isso fez com que eu lhe lançasse um olhar, evidenciando o quanto aquilo era estranho.

Nós dois estávamos há tanto tempo sem trocar gentilezas como aquela que quando elas ocorriam, ficávamos desconfiados — ao menos, eu

ficava.

— Eu realmente gostei do cabelo — ele comentou, assim que se sentou no banco do motorista. Erick desviou o olhar, colocando a chave na ignição e, sem me encarar, completou: — Combina com você.

Coloquei o cinto de segurança e me limitei a sorrir, sem saber se deveria responder com um *“obrigada”*.

— Você foi o único, aparentemente — respondi, optando por não agradecer pelo elogio.

Ele riu e balançou a cabeça, antes de dizer: — Tenho certeza que não fui não... Você tá linda.

— Obrigada — disse, finalmente deixando a minha birra de lado.

E, então, o meu agradecimento o deixou desconsertado.

Erick não ouvia isso sempre, assim como eu também não ouvia elogios dele com frequência.

— Faculdade de Direito? — indagou ele, assim que deu partida e nos tirou dali. — Você queria ser advogada, Victória?

Ele descobriu sobre um dos meus sacrifícios lá na sala, no momento em que joguei isso na cara dos meus pais. No entanto, o simples fato de Erick não saber disso antes só provava o quanto tínhamos falhado como casal.

Nós nem nos conhecíamos, não sabíamos coisas básicas um do outro. Ele não tinha ideia de quais eram os sonhos que eu havia enterrado e eu não sabia nem se ele já teve algum.

— Promotora... Eu queria ser uma Promotora se Justiça — corriji.

— Bem previsível... Você sempre foi ótima em acusar as pessoas — respondeu-me ele, fazendo PERIGOSAS ACHERON

com que eu lhe lançasse um olhar que o fez rir.

— Por que você tem que ser sempre tão babaca, Erick Marinho?

— Quando eu descobrir a resposta, você será a primeira a saber, Victória Falcão.

“Victória Falcão”.

Aquelas palavras — o meu nome de solteira — soaram tão bem quando pronunciadas com a voz grave de Erick.

E isso me fez constatar um novo fato sobre identidades.

Definir quem nós somos é tão importante quanto não nos perdermos em meio às nossas mudanças constantes.

Todos os dias, as pessoas vão nos rotular, tentarão dizer quem nós somos e a forma que devemos agir, assim como os meus pais fizeram

comigo durante boa parte da minha vida. Vão tentar catalogar você em cores, vão colocar isso tão fundo na sua mente até o momento em que você mesma se reconheça como uma “cinza” ofuscada ou como um “preto” infeliz e sem vida. Mas, no final do dia, tudo o que realmente importa é aquilo que você pensa sobre si mesma, os rótulos que você coloca sobre a sua cabeça e a cor que você escolhe pra você.

E, naquele momento, notei que já tinha isso definido.

Eu era Victória Falcão.

E a minha cor era vermelho.

Capítulo 04 — Acompanhante de Luxo

“Por que você tem que ser sempre tão babaca, Erick Marinho?” perguntei a ele naquele dia, um dos poucos em que dividimos o mesmo metro quadrado sem brigar por alguma coisa estúpida.

“Eu não sei... Quando descobrir a resposta, você será a primeira a saber, Victória Falcão” respondeu-me ele.

Eu nunca soube se Erick havia mesmo encontrado uma resposta para aquela minha pergunta.

Se ele descobriu, não voltou para me contar.

Talvez fosse porque eu não era a mulher

PERIGOSAS NACIONAIS

certa pra ele, da mesma forma que ele estava bem longe de ser o homem certo pra mim. Talvez fosse porque não existiam motivos para ele mudar. Ou talvez fosse porque eu nunca me importei o suficiente com ele para merecer uma resposta.

Eu não sabia, mas o fato era que, momentos como aquele que tivemos no carro, tornaram-se cada vez mais escassos.

Mesmo depois de eu parar de confrontá-lo sempre que tinha uma oportunidade, a nossa rotina não melhorou. Nós dois compartilhávamos da mesma indiferença e isso não ajudava em nada na nossa convivência.

Ainda que eu nunca tivesse amado Erick Marinho, foi triste chegar ao ponto de nem mesmo simpatizar com ele.

Como aquele companheirismo que havíamos conquistado foi destruído já no começo da nossa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

relação, a nossa rotina se tornou insuportável, o que me levou a evitá-lo constantemente. E, pelo número de vezes em que nos desencontramos, suspeitava que não era a única a agir assim.

Isso resultou em nós dois dormindo em camas — e, às vezes, em casas — diferentes. O casamento só existia para outras pessoas, pois não agíamos mais como se fôssemos casados ou como se tivéssemos uma relação séria.

A essa altura do campeonato, a única coisa que dividíamos era o hotel “Star Palace”.

Mesmo que não tivéssemos combinado algo de forma direta — como disse, não conseguíamos conversar por tanto tempo sem brigar —, tínhamos uma espécie de “acordo”. Podíamos sair com quem quiséssemos, contanto que isso não colocasse em risco a nossa imagem de “casal perfeito” para o restante da sociedade.

PERIGOSAS ACHERON

Como o hotel era nosso — e já tinha sido comprado especificamente para essa finalidade —, conseguíamos ter mais privacidade ao nos encontrarmos com outras pessoas.

Muitas vezes, eu até acabava cruzando com a garota de programa com quem ele estava se encontrando — o mesmo acontecia com ele, que eventualmente esbarrava em um dos caras que eu contratava.

Diferente de mim, Erick nunca repetia. Simplesmente provava e jogava fora, como se as garotas fossem todas descartáveis, meros pedaços de carne que ele devorava e cuspia quando lhe era conveniente.

E quando isso não aconteceu, eu — por algum motivo desconhecido — olhei com mais cuidado para a mulher que o “prende”.

A cretina realmente era bonita, justificando

todo o encanto que tinha caído sobre o meu marido.

Ela possuía longos cabelos castanhos, um corpinho escultural e a pele perfeita como uma seda importada, como se fosse uma modelo de capa de revista.

Foi a primeira vez que eu me senti intimidada por uma das garotas de programa que o meu marido contratou.

A garota fazia mesmo justiça ao termo *“acompanhante de luxo”*.

Ao cruzar com ela no último andar do hotel, eu acabei não me controlando e entrei no mesmo elevador. Eu queria saber um pouquinho mais a seu respeito, o que, certamente, não era uma ideia muito boa.

Mas não consegui evitar.

— Como é que eu estou? — questionei,

voltando o meu olhar na direção dela. Forcei um sorriso e tentei soar da forma mais simpática que eu consegui, mas também tomei cuidado para não parecer muito suspeita. — O meu cabelo está muito bagunçado ou eu não preciso me preocupar?

Pela expressão no rosto dela, não devia ser fã das pessoas chatas que puxavam conversa no elevador.

Para uma puta, ela aparentava ser antipática demais.

— Ele está bom... Você não precisa se preocupar — respondeu-me ela, um tanto receosa, o que era normal já que eu era uma desconhecida.

No entanto, a garota de programa estava tão tímida, que até parecia que sabia que eu era a esposa do cara com quem ela estava fodendo, o que era impossível.

Por mais que a minha frase só tivesse sido

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pronunciada com a intenção de puxar assunto com a desconhecida, era ótimo saber que não tinha nada de estranho em mim, que justificasse os olhares das pessoas na recepção do hotel.

Eles não sabiam que eu era a dona daquele lugar — essa era a melhor forma de esconder os meus encontros do restante do mundo —, então me encaravam como se eu fosse uma vagabunda qualquer.

Quando você é um homem e está sempre aparecendo com uma mulher diferente, as pessoas te aplaudem e o tacham de “pegador”, galã e requisitado — no sentido mais positivo da palavra. Mas quando você é uma mulher, as únicas palavras que eles encontram para te definir são “puta” e “rodada”.

E, por mais que alguns não acreditem, o dinheiro não é capaz de mudar isso.

PERIGOSAS ACHERON

Uma mulher rica que contrata michês é chamada de “desesperada” e vista como quem precisa “pagar para ter sexo” enquanto o homem é visto como “poderoso” e com o poder de “ter a mulher que quiser”. Ele está apenas se divertindo, já ela está em desgraça.

— Ainda bem, eu não quero aqueles idiotas da recepção me encarando — continuei, revirando os meus olhos ao me lembrar da forma como haviam me recebido mais cedo. — Da última vez que eles me viram, me olharam como se eu fosse a Bruna Surfistinha.

Só faltou me perguntarem: “*outro cara?*”.

— Eu pensei que isso só acontecesse comigo, mas, pelo jeito, não sou a única vítima deles — revelou-me a morena, só confirmando o que eu já sabia, que eu não era uma exceção.

— Fique tranquila, você não é — deixei claro,

PERIGOSAS NACIONAIS

forçando um sorriso, um que ela não demorou muito para retribuir. — Sempre que eu chego aqui, eles me encaram como se a palavra “*VADIA*” estivesse escrita na minha testa.

Eu poderia falar com Erick e pedir para ele demitir todos aqueles funcionários idiotas, mas não o fiz porque tinha certeza de que o meu marido acharia a situação engraçada. Não queria me tornar uma piada e parecer fraca aos olhos dele — pelo menos, não mais do que ele já devia me considerar.

Ela sorriu.

Certamente, identificando-se com as minhas palavras.

— Eu sei bem como é isso, acredite... — prosseguiu a garota, com os olhos castanhos colados em mim. — No meu caso, eles não queriam nem me deixar pisar nesse andar, como se eu fosse uma terrorista louca.

PERIGOSAS ACHERON

A parte de não a deixarem pisar no terceiro andar não era bem uma implicância da recepção, mas exclusivamente nossa — minha e de Erick.

Todo o andar era reservado para os nossos encontros íntimos — e secretos —, o método era usado como forma de evitar algum intruso. Ela, por exemplo, só teve acesso a ele porque estava saindo com o meu marido.

Mas antes que eu pudesse cometer a gafe de comentar sobre a “restrição” do andar, a porta do elevador se abriu e isso me trouxe de volta a realidade, mostrando-me que não era algo muito inteligente ficar batendo papo com a amante de Marinho.

Se ele apenas desconfiasse que eu estava tentando sabotar a sua diversão — mesmo que a ideia ainda nem tivesse passado pela minha mente —, o desgraçado daria um jeito de atrapalhar ainda

mais a minha vida.

Erick não jogava para perder.

Definitivamente, não era bom tê-lo como inimigo.

— Boa... boa noite — disse a ela, despedindo-me e encerrando aquela conversa que nunca deveria ter acontecido.

Se eu sentisse algo além de indiferença por Erick, estaria morrendo de ciúmes.

No entanto, tudo o que conseguia sentir era gratidão por ela o estar distraído a ponto de ele me esquecer. Já não era incomodada nem mesmo quando ele precisava de um par para ir a um determinado evento.

Diferentemente do que eu pensei, os nossos encontros não terminaram ali. Tornei a cruzar com ela, dessa vez acompanhada de Alexandre — um dos melhores amigos de Erick, o que foi bem irônico — e acabei confirmando, mesmo que indiretamente que era a esposa do cara com quem ela estava saindo, ao dizer que era “*dona do hotel*”.

Eu não tinha planos de revelar essa informação para a acompanhante, principalmente porque sabia que isso chegaria aos ouvidos do meu marido, que não levaria na esportiva o fato de eu ter “espionado” a garota de programa dele.

Mas Alexandre me irritou.

Diferente das minhas amigas, que continuavam acreditando que o meu casamento era um lindo conto de fadas, os de Erick — ao menos os mais próximos, como o que encontrei no hotel — sabiam da verdade. Tinha certeza de que eles

deviam comentar sobre as mulheres que fodiam, vangloriando-se como se isso fosse uma competição de quem “comia” mais.

Ele sabia bem o que aquele lugar era, o seu real propósito. E ao me questionar com “*o que você está fazendo aqui no Star Palace?*” Alexandre, claramente, tentou me constranger, como se eu estivesse fazendo alguma coisa errada.

Erick podia levar a acompanhante para o terceiro andar e foder com ela em um dos quartos, mas eu, aparentemente, não tinha o mesmo direito.

E, nesse instante, o meu próprio ego me traiu.

Eu quis sair por cima naquela discussão.

Então, respondi de forma infeliz.

— Eu sou a dona do hotel, esqueceu? — rebati, usando um sorriso como arma. — Eu é que deveria te perguntar o que você faz aqui... Mas

acho que já sei qual é a resposta... — Voltei o meu olhar para a garota, que certamente tinha dormido com ele. — É como dizem, homens são tão previsíveis...

No momento em que me dei conta dos problemas que aquilo me traria, as palavras já tinham saído da minha boca.

Gritar “*merda*” mentalmente não mudaria a situação.

Um tempo depois, eu tive a confirmação, quando o meu querido marido veio me questionar sobre os meus “encontros” com a puta preferida dele.

Alexandre não seria tão burro de comentar sobre o nosso encontro com ele, principalmente porque se contasse, teria que admitir que descobriu isso ao foder com a acompanhante de luxo do seu, até então, melhor amigo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Com isso, restou apenas a garota.

A informação, certamente, partiu de sua boca.

Erick não era do tipo de criança que gostava de dividir os brinquedinhos. Ele era egoísta e queria as coisas sempre por completo. E quanto não podia tê-las só pra ele, as destruía como se não tivessem valor.

E isso significava que, no momento em que ele descobrisse que Alex também era um “freguês” dela, a relação que possuíam deixaria de existir.

— Você achou mesmo que eu não descobriria que a está perseguindo? — confrontou-me ele, com aqueles olhos verdes me queimando viva. — Eu não sei o que você está planejando com isso, mas eu te aconselho a desistir agora, Victória.

Eu não consegui deixar de rir daquela cena ridícula.

PERIGOSAS ACHERON

Ele estava parado bem à minha frente, agindo como se eu fosse a esposa louca e enciumada.

— Não que eu te deva satisfação de alguma coisa, mas a questão é que eu cruzei com ela duas vezes... — comentei, realmente não mentindo sobre a quantidade de vezes em que nos “esbarramos”. — Fica tranquilo, eu não estou tentando destruir o seu romance.

Na segunda frase, eu já não fui tão sincera assim.

Não me importava com Erick ou com quem ele fodia, mas arrancar o sorrisinho arrogante do rosto dele não tinha preço.

Dessa vez, foi ele quem riu, logo após ouvir a palavra “*romance*” deixar a minha boca.

— Romance? Não seja ridícula, Victória! — rebateu ele, tentando esconder o fato de que realmente estava interessado na garota. Antes que

PERIGOSAS ACHERON

eu pudesse aborrecê-lo mais um pouco com o meu deboche, Erick prosseguiu: — Só fique longe dela... Ou serei eu quem vai perseguir os caras com quem você fode.

Com o “*perseguir*” ele queria dizer “*destruir*”.

O desgraçado era ótimo nisso, aprendeu direitinho com o meu pai.

Mas ele estava se esquecendo de que eu era filha de Joaquim Falcão e de que, se existia mesmo alguém que realmente dominava manipulação naquela sala, essa pessoa não se tratava dele.

— Não se preocupe comigo, Erick... Eu não tenho ideia do que o Alexandre te falou, mas, como eu já te disse, eu não tentei nada — respondi, sabendo do tipo de confusão que isso causaria. — Esse segundo encontro aconteceu por engano, acabei esbarrando com eles no hotel e meio que

deixei escapar que era a dona. — Revirei os meus olhos e ri disso, como se estivesse me divertindo. — Tá bom... Eu assumo que quis me vangloriar disso. Tá feliz?

Erick era um cara extremamente inteligente, ele não cairia facilmente em uma das minhas manipulações, não se suspeitasse de que estava sendo manipulado.

E, por esse mesmo motivo, eu não disse de forma direta que o seu melhor amigo estava fodendo com a mulher que ele gostava no mesmo hotel em que os “pombinhos” costumavam fazer isso. Se dissesse com todas as letras, bem mastigadinho, ele não teria acreditado.

Então, eu distorci os fatos e criei uma narrativa mais convincente.

Mesmo sabendo que foi a garota que contou sobre os nossos encontros, eu coloquei a culpa em

PERIGOSAS ACHERON

Alexandre e, de quebra, ainda comentei que os dois estavam juntos no hotel, como se isso não fosse nada demais.

Dessa forma, foi como se eu não tivesse lhe revelado absolutamente nada.

Na mente de Erick, ele tinha descoberto tudo sozinho.

Mais tarde, através do nosso motorista — que eu obriguei a me contar exatamente por que o meu marido chegou machucado em casa — eu soube que esse meu comentário foi capaz de causar uma briga e destruir a amizade dos “melhores amigos”. Aparentemente, após eu plantar essa desconfiança em sua mente, ele encontrou Alex na casa da acompanhante e isso terminou em uma luta que eu queria muito ter visto.

Erick era um cara inteligente.

Mas não tão inteligente quanto eu, que havia

PERIGOSAS ACHERON

destruído a amizade dele com o Alexandre e o seu caso com a acompanhante de luxo. E, tudo isso, com apenas um comentário.

Capítulo 05 — Vingança

Não tive nem tempo para comemorar o meu grande “feito”, pois o tiro saiu pela culatra mais rápido do que pensei que seria possível.

Erick realmente rompeu todas as ligações que tinha com Alexandre, o seu amigo duas caras. No entanto, ele não deixou de ver a acompanhante de luxo. Na verdade, as minhas ações praticamente o encorajaram a criar uma espécie de contrato de exclusividade com ela.

Enquanto ele se divertia com ela, eu tentava me distrair saindo com Renan — o garoto de programa que estava sempre disponível quando eu precisava —, fingindo que aquilo, o contrato que Erick estabeleceu com ela, não estava me afetando.

Eu não me importava com o dinheiro que o

PERIGOSAS ACHERON

idiota estava desperdiçando com ela, tampouco com o fato de ele tê-la levado para uma de nossas casas, não restringindo o que possuíam ao “Star Palace”.

O que realmente me incomodou foi o sorriso bobo que começou a invadir a expressão do rosto dele, algo de uma espontaneidade rara. Sem contar com as vezes em que ele chegou mais cedo, só para conseguir vê-la — uma coisa que Erick nunca fez por mim.

Esses detalhes provavam o quanto ela era diferente — de alguma forma, especial — e isso me incomodou.

Não se tratava de ciúmes.

Estava com inveja.

Inveja do que o meu marido estava vivendo. Inveja dos sorrisos sem motivo algum. Inveja dos olhares esperançosos e da hesitação ao discar um

PERIGOSAS ACHERON

determinado número.

Eu senti inveja de tudo o que eu não possuía.

Era devastador vê-lo tão bem, enquanto eu me sentia tão mal.

Não parecia uma coisa certa ou justa comigo — que sacrificiei tanta coisa pela porcaria do nosso casamento —, o que era completamente normal em um mundo que se formou a partir de injustiças.

Quando tornei a observá-lo com aquele mesmo sorriso irritante de satisfação na face, eu senti uma imensa vontade de pisar em cima daquele seu castelo de areia, de destruí-lo com os meus pés, sentindo a fina areia por entre os meus dedos.

E como eu já havia deixado de ser a esposa perfeita há muito tempo, não ficaria apenas na vontade.

Afinal, tudo o que eu precisava fazer, era afastar aquela garota de programa que o encantou, o que não devia ser uma tarefa tão difícil assim — não para uma mulher com os recursos que eu possuía.

Aproveitei uma das viagens de Erick para colocar o meu plano em prática. Instantes depois de ele deixar a nossa casa, eu entrei em seu escritório e vasculhei por arquivos, qualquer coisa que me desse os dados da garota.

E como já era de se esperar, eu não encontrei nada.

O cretino era esperto demais para deixar alguma coisa ao meu alcance.

Fui obrigada a ir até a empresa, mexer nas coisas que estavam na sala dele. E, pela primeira vez, eu encontrei um lado bom em ser a esposa dele, não precisei de nenhuma desculpa para entrar

lá dentro.

O fato de eu, tecnicamente, também ser dona de tudo aquilo me ajudou bastante.

Encontrei os arquivos dela — incluindo cópias de documentos — em uma das gavetas da mesa dele. Com isso em mãos, eu liguei para um antigo colega de faculdade e pedi para ele vasculhar a vida da acompanhante de luxo, descobrir tudo que pudesse me ajudar a acabar com ela.

Antes mesmo de Erick retornar da viagem, eu já tinha em mãos o perfil dela, e bem detalhado.

Ela se chamava Jéssica Martins, morava com a irmã mais nova em um apartamento em um bairro nobre da cidade, possuía família — mãe e padrasto — em um não tão nobre assim, mas, aparentemente, não mantinha contato com eles.

Eu sabia até o nome do colégio em que a

PERIGOSAS ACHERON

irmã dela, Caroline, estava matriculada.

Informação é algo extremamente fácil de ser adquirida quando se tem dinheiro.

O meu plano era bem simples. Eu, basicamente, iria ameaçá-la, obrigando-a a deixar Erick. Diria que, se ela não desaparecesse da vida dele, eu faria com que todos soubessem o que ela fazia para ganhar dinheiro. Usaria de anúncios em sites pornográficos e panfletos em telefones públicos. Em questão de dias, o nome dela estaria disseminado no país inteiro.

E quando você é uma acompanhante de luxo, o que mais conta — além da aparência, é claro — é a discrição. Você não deve se parecer ou ser reconhecida facilmente como uma garota de programa. Sem a “discrição”, ninguém te contrata, porque não querem correr o risco de serem expostos.

Qual homem iria levar para um jantar em um restaurante importante alguém que tem fotos em todo site erótico? No mínimo, nenhum que tivesse uma boa reputação.

Reputação.

No meu mundo — aquele que contratava os serviços dela —, isso é tudo. Não importa quem você é e sim o que todos acham de você.

Pensei em cada um dos detalhes desse meu plano — incluindo elaborar um discurso bem intimidador para aterrorizá-la. Tudo isso parecia digno de vilã da novela das nove, o que tornava tudo ainda mais divertido.

Só a ideia de ver o meu marido completamente destruído — da forma que eu estive dezenas de vezes —, já me deixava mais animada.

Com a vingança planejada, eu só esperei pela oportunidade perfeita para colocá-la em prática.

E, ironicamente, esse momento aconteceu no dia em que Erick voltou de viagem. Tive a sorte de estar na casa em que ele costumava ficar.

Ele chegou e já se preparou para sair novamente, dizendo que tinha muita coisa para resolver no escritório. Depois dessa explicação, eu até me surpreendi, porque não estava acostumada a receber uma resposta ao perguntar “*onde você está indo?*”. Geralmente, ele só dizia “*não é da sua conta*” de forma bem grosseira.

Depois que o meu marido saiu, eu notei que ele tinha esquecido o celular em casa.

E essa era a oportunidade que eu estava esperando desde que recebi o arquivo com as informações de Sabrina, Jéssica ou seja lá como ela gostava de ser chamada.

Eu nem pensei para enviar a mensagem do celular dele.

“Eu quero te ver ainda hoje.

Vou mandar o meu motorista te pegar daqui a uma hora”.

Depois disso, eu esperei dar o horário, o tempo de uma hora, e mandei Fernando — o motorista — ir buscá-la. Ele não compreendeu de início, mas sabia que não seria muito inteligente me questionar.

Até porque, quando eu queria, podia ser tão terrível quanto Erick.

Nesse meio tempo, eu repassei em minha mente tudo o que diria a ela e pronunciei em voz alta todas as frases intimidantes que tinha decorado.

Defini que seria bem objetiva e me esforçaria ao máximo para passar uma imagem de durona, como se eu realmente fosse igual — ou até pior — do que o homem que a tinha contratado.

Ela não demorou muito para chegar.

Quando ouvi o barulho do carro, apanhei o celular de Erick e fiquei com ele em minha mão, já preparada para o meu show.

Assim que a Sabrina entrou, eu me coloquei em frente a ela, ainda tentando passar a uma imagem intimidadora e maquiavélica — e de outras coisas que eu não era.

— O Erick... Ele me chamou... — ela começou a dizer, como se estivesse tentando justificar a sua presença na minha casa. — Eu...

— Não... — eu a interrompi, dando três passos, aproximando-me ainda mais de onde ela estava parada. — Ele não está aqui. Fui eu que chamei você. — Levantei a minha mão direita, mostrando o celular de Erick, para que ela entendesse que havia sido eu a pessoa que enviou aquela mensagem, “convocando-a”. — Ele chegou

PERIGOSAS NACIONAIS

tão cansado que acabou esquecendo isso aqui.

No mesmo instante, ela fechou os olhos, dando-se conta do que estava acontecendo, da emboscada que eu havia armado e ela caído como um pato.

Até parecia que Sabrina estava prevendo a tempestade que a atingiria em alguns instantes.

Mas antes que eu pudesse começar a intimidá-la, algo aconteceu. Uma coisa que, definitivamente, eu não tinha previsto, tampouco me preparado.

Eu enxerguei medo em seus olhos castanhos.

Mais do que isso, eu consegui me enxergar ali dentro. Vi o reflexo de uma pessoa assustada, um bem parecido com a forma como eu costumava me sentir. E isso foi o suficiente para que as palavras se empacassem em minha garganta.

PERIGOSAS ACHERON

E em questão de segundos, eu cheguei à conclusão de que não estava disposta a destruir uma mulher para derrubar Erick. Eu não pagaria esse preço, porque se eu fizesse mesmo isso — passar por cima de alguém como um meio para atingir determinado objetivo —, não seria tão diferente dele.

E eu não era assim — ou pelo menos, eu não queria ser.

— Eu não estou entendendo nada... — Sabrina sussurrou, franzindo a testa, completamente confusa com a situação em que eu a enfiei. — O que você quer com...

— Eu preciso de você! — Eu a interrompi uma vez mais, com a primeira coisa que surgiu em minha mente. — Você é uma espécie de contratada do meu marido, o que te torna, automaticamente, uma contratada minha, não é? — Ela balançou a

cabeça confirmando, mesmo sem compreender o real objetivo do que eu estava tentando lhe dizer, o que era compreensivo levando em conta o fato de eu ter mudado de ideia no último minuto. — Eu preciso dos seus serviços...

Por mais que a frase “*eu preciso dos seus serviços*” tivesse soado muito estranha, principalmente se considerássemos quais eram os “serviços” dela, eu não me liguei no sentido que isso transpareceu.

Não até Sabrina se justificasse, deixando o momento ainda mais constrangedor.

— Me desculpe... Eu... eu juro que não tenho nada contra... — ela respondeu, obviamente pisando em ovos comigo. — Mas é que eu... eu não faço isso... Esse tipo de serviço, com uma mulher... Desculpe...

Quando eu finalmente entendi o que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

estava pensando que eu queria — basicamente, sexo com ela —, arregalei os meus olhos e fiz uma careta, assustada com a interpretação que ela tirou das minhas palavras.

— O quê? Não... não... Credo... Eu não quero transar com você, se é o que está pensando! — deixei claro, tentando não imaginar aquela cena de filme de terror. — Eu preciso de você pra uma outra coisa... — Antes que ela pudesse ter outra interpretação errônea, eu prossegui: — Algo que, definitivamente, não envolve sexo.

Depois do esclarecimento, eu notei o alívio em seu rosto.

E, novamente, eu improvisei, dizendo a primeira coisa que surgiu em minha mente.

— Qual é o melhor lugar dessa cidade pra encher a cara e dançar a noite inteira?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 06 — Cats Club

— Podemos ir à Cats Club — respondeu Sabrina, fazendo-me, no mesmo instante, imaginar uma danceteria de quinta categoria. — É uma das melhores baladas que eu conheço aqui na cidade.

Por mais que o meu *“qual é o melhor lugar dessa cidade pra encher a cara e dançar a noite inteira?”* tivesse sido pronunciado apenas como uma desculpa — uma muito ruim — depois que eu desisti do plano de fazê-la se afastar de Erick, eu realmente precisava de um lugar onde pudesse dançar e esquecer todos os meus problemas, mesmo que por um curto período de tempo.

E esse foi o único motivo para que eu continuasse com toda aquela loucura. Além de, é

claro, saber que isso, muito provavelmente, deixaria o meu marido bem irritado.

Já que eu não a destruiria para me vingar dele, me juntaria a ela para aborrecê-lo.

Impossível ser mais “*girl power*” do que isso.

Mas no instante em que eu voltei o meu olhar para o lado, encarando a acompanhante de luxo, notei que ela não estava muito animada com a ideia de passar uma noite ao lado da esposa do seu cliente — com quem ela possuía um contrato —, o que era normal.

E eu não a culpava, principalmente porque há alguns minutos, estava literalmente tramando um plano maligno para tirá-la do meu caminho.

— Ah, qual é, garota? Sair comigo não deve ser tão ruim assim... — brinquei, tentando quebrar um pouco do gelo entre nós duas, o que parecia ser

PERIGOSAS ACHERON

uma tarefa quase impossível. — Você aguenta passar horas e horas com o idiota do meu marido... Você até fode com ele, o que, convenhamos, não é lá muito bom... — Não consegui deixar de rir ao pronunciar aquilo. — E eu falo por experiência própria. — Tirei os fios de cabelo da frente dos meus olhos e tornei a focar em seu rosto, que continuava transparecendo a “vontade zero” dela em continuar ali comigo. — Então, qual é a sua dificuldade de realmente fazer uma coisa divertida?

Sabrina permaneceu em silêncio, mostrando-me que, talvez, sim, sair comigo podia ser bem pior do que transar com Erick, um cliente qualquer dela e isso, definitivamente, derrubava a autoestima de qualquer um.

Mas no lugar dela, eu também não estaria muito animada, então não podia julgá-la.

Assim que descemos do carro, eu notei que

não era apenas a garota de programa que estava detestando aquela ideia da balada. Fernando encarava-me como se eu estivesse prestes a assaltar um banco a mão armada.

Pelo que podia ver em seus olhos escuros, ele estava se coçando para avisar o meu marido — o patrão que ele tanto venerava — do que estávamos fazendo.

Assim que o motorista deixou de nos seguir, eu puxei Sabrina pelo braço, levando-a para o mais longe possível dele.

Eu não queria que ele ouvisse o que estava prestes a dizer.

— Fernando é um traidor... Não vai demorar muito pra ele encontrar uma forma de avisar o Erick que estamos aqui — sussurrei, enquanto apressava os meus passos, como se não pudesse perder nem mesmo um segundo do que acontecia

dentro da casa noturna. — E isso significa que nós temos que aproveitar o máximo de tempo possível.

Ela balançou a cabeça, concordando com as minhas palavras, entretanto, a sua expressão não me convencia nem um pouco disso. As chances de ela avisar o meu marido também não eram nada pequenas, mas era um risco que eu não podia evitar.

No final das contas, cada segundo que conseguisse passar naquele lugar, já era um lucro — um ponto alto em minha semana entediante.

Nós duas entramos em uma espécie de fila, como se eles estivessem prestes a nos revistar, o que era completamente ridículo.

Notei que estavam verificando as identidades e eu não tinha a mínima ideia de onde estava a porcaria da carteira com os meus documentos. Eu carregava tanta coisa dentro da minha bolsa que foi

complicado de encontrar, principalmente com a pressão que o segurança fazia pra cima de mim.

— Não sei se a bonita percebeu, mas você não é a única esperando pra entrar — disse o homem a minha frente, como se eu não soubesse que estava em uma porcaria de fila, com mais pessoas atrás de mim.

Eu deveria ficar calada, mas não consegui, simplesmente porque sabia que se fosse um homem no meu lugar, ele não se queixaria da demora, tampouco usaria aquele irritante “*bonita*”.

— É só você aguardar um instante que eu acho a porcaria da identidade... Ficar me pressionando não vai ajudar em nada — respondi, sem paciência para homens como ele. Antes que o segurança pudesse me repreender uma vez mais ou me expulsar dali, eu encontrei o que estava procurando e lhe entreguei. — Viu só como não foi

tão difícil ter um pouquinho de paciência?

Passei pelo detector de metal e finalmente consegui visualizar o lado interno do lugar e isso foi o suficiente para que eu empacasse no meio do caminho, como se uma barreira mágica me impedisse de seguir em frente.

Eu não sabia explicar o que senti naquele momento ao ver toda aquela gente se divertindo. Queria muito avançar e me permitir um momento de diversão, mas, ao mesmo tempo, era como se estivessem gritando que eu não pertencia a aquele lugar.

Não.

Mais do que isso, era como se eu não merecesse a própria “diversão”, uma da qual o gosto eu não provava há anos.

— Eu... eu acho melhor a gente ir embora...
— comentei, depois de quase um minuto em
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

silêncio. — Eu não sei o que me deu... Não... não devia ter vindo...

— A gente já está aqui... Tem certeza que não quer encher a cara e dançar a noite inteira? — sussurrou a mulher ao meu lado, repetindo as palavras que havia usado em minha casa, quando eu a convenci a embarcar naquela loucura junto comigo.

Encher a cara e dançar a noite inteira era tudo o que eu mais queria fazer, mas não sabia se eu tinha mesmo a coragem necessária para algo assim.

Estranhamente, ali estava ela, a amante do meu marido, tentando me convencer a aproveitar o que a “*Cats Club*” tinha a me oferecer.

— Não pode ser tão ruim assim, não é? — brincou a acompanhante, puxando-me pelo braço e me arrastando para o meio de todas aquelas pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

Sabrina me levou para a pista de dança e começou a se movimentar de um jeito desengonçado, provavelmente, a forma com que ela dançava. Ela não tinha medo ou vergonha do que outras pessoas poderiam pensar e isso era muito corajoso, algo que eu admirei instantaneamente nela.

— O lado bom é que metade das pessoas daqui dança muito mal... — ela comentou rindo. — E a outra metade está bêbada demais para prestar atenção no que estamos fazendo.

Eu sorri e tentei acompanhar os seus movimentos, sem medo de parecer ridícula, esforcei-me ao máximo para tentar ser como Sabrina.

Mas, como era de se esperar, isso durou apenas um minuto.

Eu não consegui continuar e acabei me

PERIGOSAS ACHERON

interrompendo, envergonhada pelo que estava fazendo.

Passei a minha vida inteira sendo observada. E depois de viver com essa sensação por tanto tempo, era impossível não achar que todos aqueles olhos estavam voltados para mim, analisando-me cautelosamente, esperando pelo momento em que eu diria ou faria algo de errado.

— Eu acho que não vou conseguir dançar antes de ficar bêbada... Muito bêbada — gritei, tentando ganhar do som da música. — Onde fica o bar?

Ela me levou para o outro lado do salão.

Fui me esquivando, tentando passar por todas aquelas pessoas sem me esbarrar em ninguém, o que não foi uma tarefa muito fácil, diga-se de passagem.

Depois disso, nós duas paramos em frente a
PERIGOSAS ACHERON

um grande balcão.

E a primeira coisa que os meus olhos avistaram, não foram as bebidas — por mais que eu estivesse extremamente ansiosa para ficar bêbada —, mas o atendente loiro, que estava posicionado atrás do balcão, encarando-nos com um olhar apreensivo, esperando pelo nosso pedido.

E como continuamos em silêncio, o cara tomou a iniciativa.

— O que duas mulheres tão lindas fazem desacompanhadas? — questionou ele, com um sorriso malicioso naqueles seus lábios apetitosos.

Os seus olhos dourados fixaram-se em mim, em um olhar quarenta e três, que me fez corar no mesmo segundo. E, infelizmente, eu não consegui deixar de retribuir o olhar. Foi mais forte do que eu.

— Eu... eu quero a coisa mais forte que você tem aqui — eu pedi a ele, ganhando um olhar de PERIGOSAS ACHERON

reprovação da garota ao meu lado. Isso fez com que eu voltasse a minha atenção para Sabrina, antes de me justificar: — aquele desgraçado vai aparecer a qualquer momento e acabar com a minha noite... Então eu tenho que ficar bêbada logo.

Sabrina não estava com uma expressão de quem tinha entendido ou aceitado a minha justificativa, mas, por sorte, ela optou por não discutir comigo.

Tudo o que eu não precisava naquele momento, era de outro Fernando na minha cola.

— E ela vai querer o mesmo que eu — completei, fazendo o atendente bonitão colocar uma dose para a acompanhante também. Antes que a morena ao meu lado pudesse contra-argumentar, eu continuei. — Eu me recuso a passar por isso sozinha.

Ela não era uma acompanhante de luxo?

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, também me “acompanharia” na bebida.

O barman colocou dois copos em cima do balcão escuro e se virou, caminhando para a estante de bebidas a nossa frente. E mesmo que de forma mais discreta do que da última vez, eu conseguia sentir os seus olhos em mim — enquanto fingia que não estava percebendo.

Ele retornou ao balcão e serviu as doses.

— Não é mais forte do que eu, mas acho que vai te deixar bem alta — O loiro disse de forma bem confiante e maliciosa, engolindo-me com os seus olhos dourados. — E se ela não der conta do recado, eu ainda estou aqui.

Fiquei completamente sem jeito com a sua cantada, que, definitivamente, não era das melhores, mas isso não a tornava menos prazerosa de ser ouvida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu nunca tive problemas de autoestima ou nada parecido com isso. Mas depois do meu casamento com Erick — um homem que nunca olhava pra mim de verdade —, eu acabei me esquecendo de como era ser paquerada, cortejada por um cara, principalmente por um que eu não tivesse que pagar no final do encontro.

Esqueci o quanto isso era bom. Eu me esqueci da sensação gélida que invadia o nosso estômago. Eu me esqueci do sorriso bobo que surgia de forma involuntária. Eu me esqueci dos olhares escondidos e da vergonha de olhar e ser flagrada.

Peguei o copo e forcei um sorriso, tentando disfarçar o meu desconcerto.

— Essa é, provavelmente, a cantada mais estúpida que eu já recebi na vida... — respondi, assistindo aquele sorriso safado deixar o rosto dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O barman ficou tão sem graça quanto eu havia ficado com o seu “*e se ela não der conta do recado, eu ainda estou aqui*”.

A diferença entre nós dois era que ele não era tão bom assim em disfarçar. Certamente, não teve alguém como o Erick ao lado por anos para praticar.

Ele fez uma careta, como se eu tivesse acabado de lhe dar um soco no rosto, o que foi um pouquinho exagerado da parte dele.

E me fez sentir um pouco de pena.

— Meu Deus... Assim você acaba com toda a minha autoestima.

— Eu disse que a sua cantada foi estúpida, não disse que eu não gostei — disse ao lançar um olhar que deixou bem claro que eu estava mais do que interessada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu nunca fui do tipo de mulher que dava em cima de barmans em danceterias de quinta categoria, mas, por algum motivo, com aquele cara era diferente e eu não sabia explicar o porquê disso. Não estava conseguindo — e nem querendo — me controlar.

Depois de passar uns bons segundos com os meus olhos grudados em seu rosto, voltei a minha atenção para o copo. Levada pela adrenalina do momento, tomei a péssima decisão de virá-lo de uma só vez.

Sabe quando estamos em frente a alguém “especial” — o que também inclui aqueles que acabamos de conhecer — e precisamos, desesperadamente, impressioná-los?

Eu me sentia assim.

E isso me fez virar o copo, colocando toda aquela bebida pra dentro.

PERIGOSAS ACHERON

Não demorou muito para que eu começasse a tossir como uma louca que acabara de se engasgar.

A bebida desceu queimando a minha garganta.

Sem dúvida alguma, o que estava no copo era bem forte. Mas, talvez, não tanto quanto o barman — como ele mesmo fez questão de destacar.

Não conseguia nem disfarçar a minha vontade de prová-lo.

Mas depois de pensar um pouquinho mais — colocando na balança todos os meus problemas e o quanto eles aumentariam se eu me envolvesse com aquele cara —, cheguei à conclusão de que não precisava de outra coisa para me incomodar, seja ela “forte” ou não.

Tudo no loiro gritava “problema”.

Desde a forma rebelde como o seu cabelo se

PERIGOSAS NACIONAIS

comportava, até o sorriso maldoso que estava sempre colado em seu rosto, como se ele estivesse gritando o quanto era “mau”.

— Acho que a bebida vai dar conta — completei, com os meus olhos em seu rosto.

Foi basicamente um *“eu pensei melhor e não vai rolar”*.

Ele esboçou uma expressão triste e foi atender os outros clientes.

Então, notei que a mulher ao meu lado ainda não tinha nem tocado na bebida, o que me fez retribuir um daqueles olhares de reprovação.

Sabrina seguiu o meu exemplo e virou o copo, mas, diferente de mim, ela fazia com que aquilo parecesse algo completamente fácil, brincadeira de criança, sem toda aquela crise de tosse vergonhosa que protagonizei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Agora é sério, esse treco aqui é horrível, totalmente nojento... Eca... — comentei, finalmente sentindo o gosto ruim da bebida, depois de ter quase estourado a minha garganta. Com os olhos fixados no rosto do loiro, continuei: — Eu... eu vou querer mais uma.

Ele riu da minha bipolaridade e serviu mais uma dose, tanto pra mim quanto para Sabrina.

E dessa forma, nós fomos tomando uma atrás da outra, como duas bêbadas em um boteco qualquer. Éramos, oficialmente, parceiras de “*goró*”.

Infelizmente, a primeira coisa que todo bêbado faz é reclamar dos problemas. A bebida tem o poder de deixar sair tudo aquilo que guardamos conosco, trancado a sete chaves. E se você já é uma pessoa chata — o que, convenhamos, era o meu caso — se torna dez vezes mais depois de alta.

PERIGOSAS ACHERON

— Sabe o que ele é? UM CRETINO DE MERDA! — gritei, ofendendo Marinho. Eu não me importava com quem pudesse ouvir o meu “*merda*”, minha mente bêbada não estava mais achando que a minha mãe surgiria do além para me corrigir por falar um palavrão qualquer. — Sempre me policiando, dizendo o que eu posso ou não fazer... — Voltei o meu olhar para o loiro, buscando, por algum motivo, uma espécie de compreensão da parte dele. — Ele não deixa eu me divertir!

— Então, ele é um babaca! — afirmou o barman, arrancando um sorriso dos meus lábios.

— É... Ele é um babaca — continuei dizendo, ainda mais confiante.

E feliz por ser compreendida pelo meu novo “*crush*”.

Tudo o que mais queremos é que alguém
PERIGOSAS ACHERON

concorde com a gente, que se identifique. Porque, estranhamente, é mais fácil passar por uma situação quando sabemos que não somos os únicos ali.

— Se o Erick é tão babaca, por que raios você ainda continua casada com ele? — disparou Sabrina, surpreendendo-me com a pergunta.

É uma daquelas coisas que não estamos esperando e que após ouvirmos, ficamos em silêncio, tentando raciocinar.

Eu poderia ter respondido de diversas formas.

Poderia ter dito sobre o quanto o meu pai era babaca, que no instante em que eu anunciasse a separação, Erick teria o apoio total dele, como se eu fosse a estranha naquela família. Poderia dizer que sem dinheiro, nunca conseguiria contratar bons advogados e que me manter seria um verdadeiro inferno. E tudo isso, sem contar com os discursos

que a minha mãe faria, gritando pra mim sobre o quão vergonhoso seria ter uma filha “separada”.

Mas tudo o que eu consegui responder — devido ao meu péssimo estado — foram algumas poucas palavras que soaram sem sentido.

— Porque eu continuo sendo eu... — respondi, encarando o copo com a bebida azulada. — E ser eu é tão difícil...

Ela devia pensar que eu era uma riquinha fútil e estúpida. E, talvez, comparada a ela e a vida que Sabrina levava, eu realmente fosse essas duas coisas.

Mas saber disso, infelizmente, não tornava as coisas mais fáceis pra mim.

— Eu estou muito apertada, preciso ir ao banheiro — avisou-me a morena, levantando-se. — Eu já volto... — Ela deu alguns passos, afastando-se do bar, mas não demorou a se virar, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

completando: — E Victória, por favor, não saia daqui!

Balancei a minha cabeça, concordando com as palavras dela.

Assim que a acompanhante de luxo se afastou, o barman tornou a se aproximar de mim.

— O meu turno acabou de acabar... — sussurrou-me ele, como se estivesse tentando me hipnotizar com aquelas esferas douradas.

— Acabou de acabar? — debochei, não perdoando a redundância em sua frase. — E a escola, você acabou?

Eu consegui destruir o lindo sorriso em seus lábios e, nesse instante, constatei que estava fazendo aquilo outra uma vez.

Por algum motivo, eu estava sempre dando um jeito de destruir tudo o que era bom e me fazia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bem. Era como se eu sentisse que aconteceria alguma coisa ruim para destruir a minha felicidade, que no final do dia eu sempre terminaria triste e infeliz. Então, antes de eu me permitir, de me acostumar com a sensação, dava um jeito de me livrar dela eu mesma.

Não podia ser diferente com aquele desconhecido.

— O que você acha de eu responder essa pergunta ali na pista de dança?

“Ele ainda quer alguma coisa comigo?” questionei mentalmente, surpresa com a sua resposta.

“Não faça isso!” uma voz interna gritou, alertando-me do perigo.

Essa voz era muito parecida com a da minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

E isso foi motivo suficiente para contrariá-la, aceitando o convite, acompanhando-o para longe do bar.

— O meu nome é Gustavo — ele disse, como se eu tivesse acabado de lhe perguntar. — Ouvi a sua amiga te chamando de Victória, então achei que era justo você saber o meu nome também.

O barman se colocou a minha frente e não hesitou em avançar em cima de mim, roubando-me um beijo.

Eu não fazia o estilo inocente ou algo parecido, mas, por mais idiota que pudesse parecer, eu não estava esperando por aquilo. No momento em que o seu rosto se aproximou, eu me mexi e acabei batendo as nossas cabeças.

Só não fiquei mais constrangida porque estava completamente bêbada, o que me fez rir

PERIGOSAS NACIONAIS

daquela cena estúpida. E em meio aos meus risos, ele tornou a rumar em direção aos meus lábios — e, dessa vez, encontrou o caminho certo.

O cretino beijava bem.

Um tipo de beijo que te faz ansiar por mais antes mesmo dos lábios se afastarem.

Eu estava totalmente arrebatada.

— Eu pensei que tivesse dito pra você não sair de lá — disse a voz familiar, surgindo de surpresa.

Tratava-se de Sabrina.

Merda.

Por um instante, eu esqueci completamente dela.

Fiz uma careta, moldando uma expressão de cachorra sem dono, daquelas mais fofinhas e peludas.

PERIGOSAS ACHERON

— Me desculpa... É que eu queria me divertir com o Gustavo... — E então, por algum motivo, a cena da minha cabeça colidindo com a dele invadiu a minha mente e eu comecei a rir. Como ela continuava me encarando com uma péssima expressão, completei: — eu queria dançar...

Sem dizer uma só palavra, ela me puxou pelo braço, levando-me para longe do loiro.

Voltei o meu olhar na direção dela, tentando entender o que estava acontecendo, o porquê de toda aquela cena por algo tão besta quanto um beijo. Sabrina era garota de programa — uma prostituta — não devia agir de forma tão puritana.

— Eu juro que não quero ser a estraga prazeres, a pessoa chata que vai te impedir de beijar, mas quando o efeito da bebida passar, as chances de você se arrepender serão muito

grandes... Tem certeza que vale a pena arriscar?

Eu forcei um sorriso e balancei a cabeça.

— Eu estou ótima... Nunca estive tão bem...

— fiz questão de deixar claro. E mesmo sem saber se acreditava nas minhas próximas palavras, eu prossegui: — eu... eu não vou me arrepender.

Retornei para os braços do barman, que tornou a me beijar assim que eu me aproximei. Fiquei um pouco corada pela presença de Sabrina — algo que não tinha o menor sentido, já que ela era paga para transar com o meu marido —, mas não deixei isso me impedir de aproveitar a companhia dele.

Gustavo voltou o seu olhar em direção a mulher ao meu lado.

— Pode relaxar, a gente está curtindo bastante aqui — disse ele, como se estivesse tentando tranquilizá-la ou algo parecido. — E eu

PERIGOSAS ACHERON

vou cuidar bem da sua amiga...

E depois disso — de voltar a minha atenção para Gustavo e me maravilhar uma vez mais com aqueles olhos dourados —, tudo o que lembro é de Erick chegando e acabando com toda a minha diversão.

Capítulo 07 — Um Novo Dia

Em meio a toda aquela confusão — uma causada por Marinho —, lembrava-me muito vagamente de Gustavo me entregando um cartãozinho branco com o número dele.

Na manhã seguinte, quando eu acordei acabada por conta de toda a ressaca, eu vasculhei as minhas roupas atrás do maldito cartão. E quando eu o encontrei, descobri que ele estava lavado por vômito — muito provavelmente, pelo meu próprio vômito.

A única coisa que eu conseguia ler ali era o nome dele, “*Gustavo Lacerda*”, e algo que parecia ser “*contato para shows*”.

A parte do número estava ilegível.

E isso quase me fez chorar.

Tomei um banho e enquanto me lavava, tentava me convencer de que isso — perder o contato dele — havia sido algo bom.

Gustavo não se parecia com os outros caras com quem eu me encontrava no “Star Palace”. Eu tinha certeza de que as coisas com ele seriam bem mais intensas, que elas não se resumiriam ao que nós dois faríamos em cima de uma cama.

Precisava me lembrar de que era casada e que não podia me permitir vivenciar nada que envolvia sentimentos.

“Você se livrou de um problemão, Victória Falcão” eu dizia a mim mesma, esforçando-me ao máximo para acreditar nisso. Acreditar que era melhor continuar como estava, eventualmente encontrando-me com Renan e outros michês em um quarto daquele terceiro andar. Acreditar que eu já

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não podia mudar a minha realidade, de que já era tarde demais pra mim.

Eu quase acreditei nessas coisas.

Quase.

Todos esses pensamentos só duraram até o momento em que eu adentrei a cozinha e encontrei Sabrina sentada na mesa junto com o meu marido, como se fossem um casal — um muito bonito, diga-se de passagem.

Cheguei bem no momento em que os olhos esmeralda de Erick estavam colados no rosto dela. A forma com que ele a encarava — como se ela fosse a oitava maravilha do mundo moderno — me desconcertou.

Ele nunca tinha me olhado daquela forma.

Existia sentimento ali.

E eu não tinha mais nenhuma dúvida disso.

PERIGOSAS ACHERON

O simples fato de Erick não despachá-la depois de nos flagrar bêbadas naquela balada, já foi motivo suficiente para me provar que ela realmente era especial pra ele. Por mais que Sabrina o desafiasse de forma constante, o meu marido não conseguia se afastar dela, ele não tinha forças para cortar aquela relação, como sempre fizera antes de ela aparecer em sua vida.

Eu o conhecia o lado “negro” dele e sabia que o CEO não tolerava essas coisas, nem mesmo quando elas partiam de mim, a esposa. E se o fez — e mais de uma vez —, era porque existia sentimento entre eles, por mais que Erick negasse que aquilo se tratava de um “romance”.

Outra prova, ainda que menos significativa, era que Marinho nunca deixou uma das acompanhantes dormirem em uma de nossas casas. No final da noite, ele sempre mandava o motorista

PERIGOSAS NACIONAIS

levá-las de volta. A verdade é que, até onde eu tinha conhecimento, ele nunca levou nenhuma delas para outro lugar que não fosse o “*Star Palace*”.

Até contratar Sabrina, Erick respeitava essa regra bem melhor do que eu.

No entanto, ali estava o meu querido marido, tomando café da manhã com a sua garota de programa “particular”. Aquilo era demais até pra ele e, por esse motivo, eu soube que não devia ser apenas para me irritar.

Não.

Isso não era apenas estranho.

Era um dinossauro, era exatamente aquilo que o irritou quando conversamos, tratava-se de um romance, da forma mais pura que existia.

O imbecil estava mesmo se apaixonando por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ela. E isso me deixou um pouco mal pela garota, pois se o desgraçado ferrou com a minha vida sem nem me amar, eu nem imaginava o que ele faria com aquela pobre coitada.

Toda aquela cena fez com que eu percebesse que, de certa forma, Erick estava vivenciando algo bom ao lado dela.

Ele estava amando.

E, enquanto isso, eu estava infeliz, privando-me de viver uma história como a dele. Ainda que não fosse com o barman da “Cats Club”, eu tinha que me abrir e tentar encontrar alguém. Eu tinha que voltar a viver ou continuaria sendo a “vilã” da história dele, a esposa do mal que tramava contra a amante do marido, com o objetivo de torná-lo tão infeliz quanto ela.

E eu, definitivamente, já estava cansada de ser a vilã mal amada.

PERIGOSAS ACHERON

Eu me aproximei para tomar café e, como não poderia deixar de ser, Marinho transpareceu o quanto estava irritado por eu ter arrastado Sabrina para aquela balada.

Após olhar diretamente para os seus olhos, constatei que não se tratava apenas de irritação. Ele estava pensando que eu tinha um plano maquiavélico para separá-los — um pensamento que, há um dia, realmente faria sentido.

Eu não queria nem imaginar o que ele faria se descobrisse que a noite “*noite das garotas*” tratava-se apenas de um plano “B” improvisado e que o “A”, que fora articulado por semanas, era, basicamente, afastá-la dele usando de chantagem.

Mas como esse já não era mais o caso, eu me esforcei para tirar quaisquer conspirações que pudessem estar em sua mente.

Só que pelo tom de voz dele ao dizer “*eu não*”

PERIGOSAS ACHERON

sei qual é o seu joguinho dessa vez, mas eu acho melhor ir desistindo... Ele não vai funcionar”, ele não acreditaria em nada do que eu dissesse para me defender.

E como eu realmente havia planejado pisar em seu lindo castelo de areia, já não podia mais julgá-lo por pensar isso de mim.

Como eu não podia controlar o que ele pensava a meu respeito, deixei isso pra lá, limitando-me a responder com *“você sabe muito bem que não sou eu quem faz joguinhos aqui”*.

Depois de trocar mais algumas farpas com ele — não segurando o tom sarcástico em minha voz —, levantei-me da mesa e voltei para o meu quarto.

E, dessa vez, eu já não estava mais tentando me convencer de que havia sido bom ter perdido o número de Gustavo. Tanto que retornei a cozinha para ver se Sabrina também havia ganhado o

cartãozinho, antes de Erick nos arrastar para fora da “*Cats Club*”.

Mas ela não estava mais sentada na mesa.

De acordo com o horário, o meu marido já devia ter saído de casa e ido para o trabalho. Erick dificilmente se atrasava e isso significava que a acompanhante de luxo devia estar lá em cima no quarto, se arrumando para ir embora.

Fui para a sala, coloquei-me em frente a escada e esperei por ela.

Sabrina demorou menos do que eu imaginava.

Assim que ela desceu as escadas, eu me aproximei, tomando coragem para perguntar se ela tinha o contato do barman.

O fato de nós termos saído juntas não diminuía o meu desconcerto. Ela ainda era a amante do meu marido e eu ainda era casada.

Então, pedir a ela o telefone do cara com quem eu estava me “pegando” naquela balada, não era algo muito fácil.

— Você... você ficou com o número dele... Do Gustavo? — perguntei a ela, esforçando para que as palavras não empacarem em minha garganta.

Eu não estava muito confiante, principalmente por saber que as chances de ela possuir o número eram bem pequenas. Mas como a esperança era sempre a última a morrer, eu continuei em frente a ela, aguardando uma resposta.

Depois de alguns instantes, ela balançou a cabeça, negando.

Sabrina não poderia me ajudar.

— Ele não deixou com você? — questionou-me ela, fazendo com que eu me odiasse ainda mais por ter destruído aquele cartão. — Não tive muito contato com ele... Pelo menos, não tanto quanto

PERIGOSAS ACHERON

você.

Só de me lembrar do “contato” que tive com Gustavo, o meu coração já acelerava.

Eu mordi o meu lábio inferior, visivelmente decepcionada.

— Ele me entregou um papel com o número, mas... — interrompi as minhas palavras, rindo de forma frustrada. — Eu destruí com o meu vômito.

Sabrina não se aguentou e riu da minha situação mais do que trágica. E eu nem podia culpá-la por isso, já que vomitar no número do cara de quem eu estava afim realmente era um fato bem engraçado.

Sorri, agradecendo-a de forma silenciosa e me virei, ansiosa para me afastar e finalmente sofrer sem nenhuma plateia.

— Por que você não passa na *Cat's Club* essa

PERIGOSAS NACIONAIS

noite e não consegue esse número com o próprio? — sugeriu-me ela, interrompendo os meus passos. Eu me virei, para terminar de ouvir o que ela tinha para me falar. — Ele parecia ser um cara bem legal...

Ri e balancei a minha cabeça, concordando com aquelas palavras.

Ele realmente era um “cara legal”.

Sabrina apontou na direção na porta, antes de sussurrar: — até mais.

Ela não precisava ter sido legal comigo. Tinha um contrato só com Erick, mas, ainda sim, estava sendo atenciosa, tinha até concordado em ir naquela balada comigo na noite anterior. E todas essas coisas fizeram com que eu me sentisse em dívida com ela.

E eu detestava estar em dívida com as pessoas.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que ela começou a andar, algo invadiu a minha mente — mais especificamente, uma forma de nos deixar “quites” — e isso fez com que eu a impedisse de deixar a minha casa com um “*espere!*”.

Ela se virou e voltou os olhos castanhos em minha direção.

Eu me aproximei dela e, em seguida, virei o meu olhar para as duas direções, certificando-me de que não havia nenhum empregado nos ouvindo.

Precisava ter certeza absoluta de que aquela informação não pararia nos ouvidos de Erick.

Se o meu marido suspeitasse daquilo que eu estava prestes a fazer — do que eu lhe contaria —, tornaria a minha vida num verdadeiro inferno.

— Eu tenho um pouco de conhecimento sobre questões legais e posso te garantir que, independente da forma com que ele tenha

PERIGOSAS ACHERON

estabelecido esse contrato, nenhum juiz no mundo vai te obrigar a continuar com ele... Erick está blefando — sussurrei, dando pra Sabrina uma válvula de escape. — Você não precisa mais continuar presa a ele.

Eu não tinha ideia se ela realmente sentia-se presa junto com ele — por conta daquele contrato que estabeleceram —, mas, se caso ela se sentisse, eu havia acabado de libertá-la.

E, dessa vez, podia dizer com cem por cento de certeza de que não havia feito isso com uma segunda intenção.

Foi pensando unicamente em ajudá-la.

Capítulo 08 — Cartão de Visita

A forma mais fácil de conseguir o número de Gustavo era fazendo exatamente o que Sabrina havia me sugerido antes de deixar a minha casa na manhã do dia anterior, instantes antes de eu aconselhá-la a respeito do contrato que a mesma mantinha com Erick.

Eu tinha que retornar a "Cats Club" e pedi-lo pessoalmente ao dono dele, Gustavo.

Infelizmente, não tinha outro jeito de consegui-lo.

Mas, obviamente, não era assim tão fácil quanto a acompanhante de luxo fez parecer. Em parte, porque eu já não estaria tão bêbada como na

noite em que nos conhecemos. E também, porque eu me envergonhava da cena que Erick protagonizou lá dentro, arrastando-me para fora como se eu fosse propriedade dele.

Eu nem lembrava com detalhes do que havia acontecido, mas sabia que devia ter sido bem humilhante e isso era suficiente para me deixar desconcertada.

Ainda que eu pudesse parecer uma mulher durona e casca grossa, o fato era que eu nunca fui tão desinibida e corajosa como a Sabrina sempre se mostrou. Eu não conseguia deixar de me importar com o que outros pensavam ao meu respeito. Um bom exemplo disso, foi que eu não consegui nem mesmo dançar sóbria naquela balada, precisei me entupir de bebida para me permitir paquerar um cara.

Passei o dia inteiro pensando se realmente seria

PERIGOSAS NACIONAIS

uma boa ideia aparecer naquela balada, ponderando se devia mesmo fazer tudo isso pra falar com um homem que poderia nem mesmo se lembrar de mim, uma mulher casada, que parecia estar desesperada para escapar da própria realidade.

A conclusão desses meus pensamentos era sempre a mesma.

Um alto e claro "*NÃO!*".

Eu não deveria ir atrás dele.

Entretanto, no final da tarde, um "*que se dane!*" dominou a minha mente e saiu pela minha boca, dando-me coragem para prosseguir com aquela loucura que tinha tudo para dar muito errado.

Durante toda a minha vida, eu tinha ouvido tantos "*não*" que passei a repeti-los para mim mesma, sem acreditar que existia uma outra resposta que não fosse aquela.

PERIGOSAS ACHERON

E já estava mais que na hora de eu mudar isso.

Eu queria e merecia ouvir um “*sim*”.

Sendo assim, ao cruzar a porta, deixei todos os meus pensamentos pessimistas dentro de casa. Trancafiei todas as minhas dúvidas ali também, assim que o portão se fechou as minhas costas.

Se eu realmente estava disposta a fazer aquilo, faria da forma certa, sem nenhuma afobação ou arrependimento.

Eu simplesmente faria.

Como eu não lembrava bem do endereço, pedi para que Fernando — o nosso motorista — me levasse até lá. Ele, como era de se esperar, não gostou muito da ideia, principalmente depois de toda a confusão na última vez em que estivemos ali.

Além disso, eu tinha certeza de que Erick havia

PERIGOSAS NACIONAIS

dado uma bronca nele, um “corretivo” que não podia mais aplicar em mim. E, por experiência própria — do tempo em que eu ainda aceitava essas coisas —, os “puxões de orelha” do meu marido não eram nada agradáveis.

No entanto, o motorista não poderia deixar de cumprir com uma das minhas ordens, ainda que essas não fossem de encontro com as de Erick. Eu, claramente, não era tão respeitada quanto Marinho, mas, ainda sim, continuava sendo a chefe dele e Fernando não tinha outra escolha a não ser me obedecer.

Optei por sair um pouco mais cedo do que da última vez, mas, infelizmente, isso não me impediu de encontrar o mesmo segurança na entrada. Para o azar dele, eu já estava com o meu documento de prontidão e ele não precisou nem me apressar, utilizando aquele seu “*bonita*” irritante.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ignorei a pista de dança e segui diretamente para o bar, ansiosa para reencontrar o atendente bonito atrás daquele balcão.

A bebida levou embora muitos acontecimentos daquela noite, mas nenhum desses borrões me impedia de lembrar o belo rosto dele. Lembrava-me do quão brilhante os seus olhos dourados eram, das covinhas em sua bochecha, sempre que ele me presenteava com um de seus sorrisos sexys e malvados.

Mentalizei tudo isso enquanto desviava das pessoas.

Usei o olhar e sorriso de Gustavo como combustíveis para continuar caminhando, um incentivo para permanecer naquele lugar que sempre rotulei como de quinta categoria. Também tentei me manter positiva, desviar todos os pensamentos negativos que tornaram a rondar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

minha mente, mesmo após eu trancá-los em casa — aparentemente, eles possuíam uma cópia da chave.

Elaborei algumas frases para dizer assim que o visse no bar. Ainda estava tentando decidir se repetia a mesma coisa que havia dito naquela noite ou se partia pra algo novo, sendo bem mais “direta”.

Depois de passar por toda aquela gente, cuja boa parte já se encontrava muito bêbada — ou drogada, com substâncias bem mais fortes que o álcool —, eu consegui visualizar o bar e o grande balcão escuro, onde bebi muito com Sabrina.

Só que, infelizmente, não havia nenhum loiro ali.

O homem que ocupava o posto de barman não se tratava de Gustavo.

E isso foi o suficiente para destruir a minha noite.

PERIGOSAS ACHERON

Um grande balde de água fria.

Eu podia ir embora — já que o meu animo havia despencado —, mas como eu estava em um bar, não tinha motivos para não me afogar na vodca e torcer para me esquecer de toda aquela decepção na manhã seguinte.

Sentei-me em uma das banquetas e descansei os meus cotovelos no balcão, xingando mentalmente o universo por continuar ferrando com a minha vida amorosa — uma quase inexistente — de forma tão eficaz.

O barman novo, um garoto asiático, aproximou-se para tirar o meu pedido e, nesse momento, lembrei-me exatamente do que tinha solicitado a Gustavo na noite anterior, quando eu fiz o pedido da bebida ao lado de Sabrina.

“Eu... eu quero a coisa mais forte que você tem aqui” comentei, pouco tempo antes de ele me

responder, insinuando maliciosamente de que essa coisa “*forte*” se tratava dele mesmo.

Definitivamente, se aquele gostoso convencido estivesse ali, eu repetiria o pedido.

A nostalgia daquela lembrança — a nossa primeira —, era melhor e maior do que quaisquer formas mais “diretas” que eu havia elaborado enquanto caminhava para o bar.

Antes que eu pudesse pedir o maldito drink e, mais uma vez, acabar bêbada naquela balada idiota, os meus olhos encontraram vários cartãozinhos como aquele que o loiro havia me entregado. Eles estavam no canto do balcão, amontoados um em cima do outro e pela quantidade contida ali, as pessoas — clientes da balada — não os pegavam com muita frequência.

Eu apanhei um.

E, então, finalmente consegui visualizar o
PERIGOSAS ACHERON

número do telefone dele, o mesmo que o meu vômito havia destruído, quando vomitei no carro de Erick, no momento em que estávamos voltando para casa, na madrugada do sábado.

Exatamente como eu havia imaginado, tratava-se de um panfleto de show.

O meu “crush” era mesmo um cantor.

E eu não devia estar tão surpresa assim, já que o safado “*me cantou*” muito no dia em que ficamos juntos.

“*GUSTAVO LACERDA.*

O cantor se apresenta todo domingo na casa de shows Três Irmãos

Contato para shows: 6969-6969”.

Eu não tinha a mínima ideia de onde ficava essa casa de shows — e do tipo de show que Gustavo fazia —, mas nada que um taxista

qualquer não resolvesse.

Mesmo que eu já tivesse o número — o principal objetivo da minha visita a “Cats Club” —, não perderia a apresentação dele por nada.

Com o cartão na mão direita, levantei-me da banquetta e deixei a balada, ansiosa para reencontrar o loiro.

Capítulo 09 — O Primeiro Encontro

Eu poderia pedir para Fernando me levar até aquele endereço, mas, se eu fizesse isso, Erick saberia que eu estive naquele lugar e, mesmo não se tratando de nada sério, eu não queria correr esse risco.

Uma coisa era ele saber que eu havia voltado para a balada — a mesma em que ele precisou me arrastar —, outra completamente diferente era descobrir o lugar em que o barman se apresentava. Eu não queria lhe dar nenhuma munição ou chance de destruir algo que ainda não havia nem começado.

Despistei o motorista, peguei um táxi e fui até a casa de shows.

Assim que o carro parou, eu notei pela fachada do lugar que se tratava de um ambiente bem modesto. Perdia feio em uma comparação direta com a balada em que ele era barman — e olha que ela nem era uma das melhores da cidade, diferente do que Sabrina devia pensar.

Eu podia facilmente definir o “Três Irmãos” como um barzinho com música ao vivo. A frase “casa de shows” destacada no cartão de Gustavo tratava-se claramente de um eufemismo.

Sentei-me em uma das mesas e fiquei com os meus olhos colados no pequeno palco no centro do salão, esperando o meu “*crush*” da balada se apresentar, mas não foi Gustavo quem subiu e sim um cantorzinho sertanejo desconhecido — um daqueles que a gente sabe que nunca vai fazer sucesso, pois tenta copiar até o timbre de outros que já existem.

PERIGOSAS NACIONAIS

E o mesmo aconteceu depois, o que fez com que eu pedisse uma bebida para me ajudar a continuar sentada ali, aguentando todas aquelas péssimas apresentações.

As apresentações eram todas compostas por homens, que vestiam jeans apertado, cinto afivelado e camisa quadriculada. Todos cantaram músicas sertanejas conhecidas pelo grande público e isso me fez questionar se eu não estava presa em uma espécie de rodeio.

Infelizmente, não tinha um touro pra fazê-los correr daquele palco.

Quando o meu chá gelado já estava acabando, o meu barman gostoso apareceu, subindo no palco com um violão marrom nas mãos.

E isso fez com que eu me engasgasse com o restinho da bebida, rendendo-me uma vergonhosa crise de tosse, o que foi o suficiente para trazer os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos dourados dele e o de várias outras pessoas em minha direção.

Merda.

Foi uma péssima forma de ser notada.

A única semelhança de Gustavo e os outros cantores que haviam se apresentado, era o instrumento musical. O loiro usava uma calça escura, sapatênis e uma jaqueta de couro preta aberta, mostrando-nos uma camiseta branca de gola “V”.

Só faltou um “All-Star” para completar o seu visual de roqueirinho.

E diferente dos cantores anteriores, ele não começou se apresentando, dizendo o nome e a música que cantaria. Se eu já não o tivesse visto antes — principalmente nos momentos em que ele me paquerava —, diria até que ele era tímido.

PERIGOSAS ACHERON

Gustavo se aproximou do microfone e manteve o seu olhar baixo, como se precisasse se concentrar nas cordas do violão em sua mão, entretanto, eu tinha quase certeza de que ele estava fugindo de mim.

Ele encaixou o microfone no tripé e continuou com o olhar baixo.

Assim que a primeira nota deixou a boca dele, eu já me surpreendi. Por algum motivo estúpido, eu o subestimei, não achei que ele fosse um bom cantor. Provavelmente, as apresentações anteriores fizeram com que as minhas expectativas despencassem drasticamente e isso respingou em Gustavo.

A voz dele tornou-se ainda mais grave enquanto ele cantava uma versão acústica da música “*Transplante*” da Marília Mendonça. E por mais que eu detestasse o gênero sertanejo com

PERIGOSAS NACIONAIS

todas as minhas forças, aquilo não estava nem um pouco ruim.

Era gostoso ouvir a voz dele soando de forma tão delicada e bem trabalhada. Tinha uma certa rouquidão contida nela. Em certos momentos durante a performance, era como se ele estivesse se entregando completamente a canção e isso fez com que eu questionasse se todo aquele esforço era pra mim.

Em um ponto da música, os seus olhos dourados se levantaram e voaram em minha direção. E isso aconteceu instantes antes de ele cantar “*pra me esquecer vai precisar de um transplante*”. E isso me arrancou um sorriso, pois foi como se ele estivesse falando diretamente comigo, como se cantasse apenas para mim.

No final da música, o loiro me encarou de forma mais direta.

PERIGOSAS ACHERON

Se antes havia me restado alguma dúvida de que Gustavo me notara ou que estava cantando pra mim, agora já não me restava mais.

No entanto, ainda sim, eu não estava preparada para o que ele fez em seguida.

Como é que eu poderia?

— Eu gostaria de dedicar a próxima música pra aquela ruivinha linda, ali atrás — comentou o cantor, apontando na minha direção.

Noventa por cento das pessoas sentadas nas mesas a minha frente, viraram para voltar os seus respectivos olhares em minha direção e isso foi extremamente desconfortável. Eu já era completamente paranoica em relação aos olhares e isso levou tudo pra um outro nível.

E como se quisesse me surpreender — o que ele, de fato, conseguiu —, Gustavo abandonou o sertanejo e cantou “*Pra Você Guardei o Amor*” do PERIGOSAS ACHERON

Nando Reis.

Assim como na música anterior, ele foi muito bem. A voz de do barman era única e isso te encantava, principalmente cantando uma canção tão linda quanto aquela. Desejei ter aquela versão em meu *Spotify*, pois sabia que assim que deixasse aquele bar, aquela voz ficaria impregnada em minha mente e entraria em uma espécie de abstinência.

Ele cantou mais duas músicas sertanejas e deixou o palco.

Depois de alguns minutos, Gustavo apareceu sem o violão, para me cumprimentar.

— Ruivinha linda? — questionei, assim que ele se aproximou da minha mesa.

O barman — e agora cantor, aparentemente — sorriu e balançou a cabeça, como se ainda não acreditasse que essa era a única coisa que eu tirei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de toda a sua apresentação, que foi maravilhosa.

— Não menti em nenhuma das coisas que disse — respondeu-me ele, rindo. — Nem sobre você ser ruiva e muito menos sobre ser gostosa.

Gustavo não esperou por um convite para se sentar junto comigo.

Esperar ou pedir permissão não fazia o estilo dele.

— Nunca pensei que te encontraria aqui... Esse lugar não faz muito o teu estilo, Victória.

Ele ainda se lembrava do meu nome? Isso, definitivamente, era algo bom, principalmente se tratando de um cantorzinho charmoso. Tinha certeza que ele pegava tanta mulher que não devia gravar o nome de metade.

E quanto a sua última frase, aquele lugar realmente não fazia o meu estilo.

PERIGOSAS ACHERON

Mas eu não confirmaria isso, saindo como a esnobe da história.

— E por que, não?

— Eu não sei... Talvez porque você está bebendo chá gelado de caixinha e usou inúmeros guardanapos de papel pra limpar essa mesma caixinha? — respondeu-me ele, não controlando o riso. — Mas, claro, isso é só um palpite.

Cretino.

Ele tinha vencido.

Tudo o que eu podia fazer era entregar os pontos.

E foi o que eu fiz.

— Tudo bem, você me pegou... Eu realmente não costumo frequentar esse tipo de lugar — disse, não conseguindo desviar o olhar do rosto dele. — Só vim porque soube que um cantor incrível se

apresentaria... Eu não podia perder.

Ele sorriu com o elogio.

Notei que os olhos dele foram em direção à aliança em meu dedo.

Dessa vez, eu não tinha tirado.

— O seu marido não vai aparecer e tentar me bater de novo, não é?

— Ele tentou te bater? — indaguei, surpresa por não me lembrar desse detalhe.

— Ele é um cara bem grandão, mas não precisa se preocupar comigo... — Gustavo disse, levando a mão dele em direção a minha. — Eu dou conta.

Balancei a cabeça, negando e respondendo:
— não, ele não vem... — Afastei as nossas mãos, antes de completar: — desculpe te desapontar.

— Então, isso significa que eu posso te pagar

PERIGOSAS NACIONAIS

uma bebida? — ele prosseguiu, ignorando todo o meu sarcasmo. — De preferência, algo que não seja um chá em uma caixinha de papel.

Era como se Gustavo fosse imune a todas as bobearas que eu dizia. E eu as coisas irritantes que deixavam a sua boca.

Concordei com um aceno de cabeça.

— Ainda bem que essa casa de shows também é um barzinho, não é?

Ele riu, mostrando-me que havia entendido a piada.

— Viu só como você está com sorte?

Ele chamou um garçom e fizemos os pedidos.

Pensei em dizer que só aceitaria a bebida se ele mesmo preparasse, mas acabei desistindo, pois não queria parecer ainda mais esnobe ao fazer uma piada com o trabalho dele na “*Cats Club*”.

PERIGOSAS ACHERON

Estranhamente, eu estava prestes a beber uma caipirinha de morando e comer uma porção de babata frita com muito queijo mozzarella.

Tentei ao máximo agir como se isso fosse algo normal pra mim, mas tinha quase certeza de que Gustavo pediu aquilo só para me testar, me ver falhar e depois fazer alguma piadinha sobre isso.

— Eu preciso começar dizendo que não costumo pegar mulheres casadas... — ele comentou, desconcertando-me ainda mais com aquele seu “*pegar*”. — Principalmente lá no meu local de trabalho.

Pela primeira vez desde que eu o conheci, senti que estava fazendo algo errado por estar me relacionando com ele. Aquela frase fez com que eu me sentisse uma traidora, a típica mulher casada que traia o “coitado” do marido.

E como ele não sabia sobre o meu “acordo”

PERIGOSAS ACHERON

com Erick, tornava a situação ainda pior.

— Não quando essa pessoa está bêbada... — ele completou, fazendo com que eu me sentisse melhor sobre o que estávamos tendo. — Então, me desculpe.

— Você não me “pegou”, a gente só se beijou — eu fiz questão de lembrá-lo. — E você não precisa se desculpar por isso... Quanto ao meu casamento...

— Não precisa me explicar nada... Pelo que eu me lembro daquela noite, você estava na balada com a amante do seu marido... — interrompeu-me Gustavo, lembrando-me daquela minha estranha aventura. — É isso mesmo ou eu já estava bêbado e distorci os fatos?

Eu balancei a cabeça, confirmando: — sim, eu estava com a amante dele, uma garota de programa.

— Isso é muito estranho, mas até que explica
PERIGOSAS ACHERON

algumas coisas.

Ele sabia sobre o “acordo”, pelo menos, da parte em que Erick também saia com outras pessoas. E isso foi o suficiente para me reconfortar e impedir com que eu continuasse me sentindo mal por estar ali, atrás dele, mesmo estando comprometida.

— Me conte mais sobre isso aqui — questionei, voltando o meu olhar para o barzinho, claramente mudando de assunto. — Há quanto tempo você canta nesse lugar?

Tinha certeza de que ele pegou a minha indiretinha e que não tornaríamos a falar sobre o meu casamento.

— Já faz quase dois anos... — O loiro sorriu, mostrando-me aquelas covinhas lindas em suas bochechas. — E acredite ou não, o meu estilo é mais pro alternativo, mas as pessoas não gostam

tanto quanto gostam de sertanejo, então o Osmar, o dono daqui, me obrigou a mudar o repertório pra continuar tocando.

— Que droga... — respondi, realmente compreendendo o quão era difícil se obrigar a fazer algo que você não queria para agradar outras pessoas. — Mas, se serve de consolo, você foi ótimo cantando sertanejo.

— Eu imaginei... As mulheres costumam gostar das minhas cantadas... — ele respondeu, de forma bem convencida.

— Eu gostei da sua apresentação — corrigi, odiando-me por estar adorando tudo aquilo. — As cantadas são horríveis, todas essas mulheres aí só fingem gostar.

— Ah, é? — ele indagou, fazendo com que eu me arrependesse da minha última frase. — Vocês fingem por qual motivo, Victória?

“Porque você é gostoso pra cacete e elas querer, provavelmente, se divertir sentando em você” pensei, mas, obviamente, não disse.

— Por educação, é claro.

Peguei uma batatinha e comi, tentando não pensar na infinidade de calorias que estava colocando pra dentro do meu corpo e, obviamente, fugir um pouquinho daquela conversa desconcertante.

Eu passava tanto tempo me privando de certas coisas que o simples fato de comer uma batatinha — ou flertar com um desconhecido — se tornava “difícil”. E isso só comprovava o quanto eu estava presa em meu casamento e no meu próprio estilo de vida.

— Eu não entendo nada sobre cantar, mas sei como é complicado não poder fazer aquilo que gostamos para agradar os outros — comentei,

PERIGOSAS ACHERON

notando que, de certa forma, tínhamos um problema semelhante. — E, como eu disse, é uma droga.

— Mas pelo menos eu estou fazendo o que gosto... Eu sou muito grato por poder tocar aqui — ele respondeu, como se quisesse me confortar de alguma forma. — É claro que eu ainda não consigo largar o meu emprego de barman lá na “Cats”, mas quem sabe daqui uns meses?

Balancei a minha cabeça, concordando.

E, nesse momento, notei o quanto eu era fútil.

Gustavo devia se preocupar com coisas bem mais importantes do que as calorias que ganharia ao comer uma batatinha frita, do que a rejeição dos pais ou o medo de perder o padrão de vida e a imagem perfeita.

Ele precisava trabalhar de barman para pagar as contas, cantava um estilo musical que não gostava

PERIGOSAS ACHERON

só para poder continuar tendo o prazer de cantar e, ainda sim, não parecia tão perturbado quanto eu — que tinha problemas indiscutivelmente menores, em uma comparação.

— Você tá decepcionada, não é? — questionou-me ele, esticando os lábios em um sorriso sem graça. — Não esperava que eu fosse um cantor fracassado, que se apresenta em um barzinho de quinta...

Instantaneamente, eu neguei com um aceno de cabeça.

— Não... Não... — respondi, sustentando o meu olhar em seu rosto, que continuava com aquela expressão sem graça. — O que eu não esperava era que você fosse tão interessante assim... Barman, cantor e, ainda por cima, um gostoso...

— Gostoso?

Droga.

Eu tinha que abrir a minha boca, não é?

— Não menti em nenhuma das coisas que disse — respondi, repetindo a mesma coisa que ele havia me dito quando questionei a respeito do seu *“ruivinha linda”*.

Ele sorriu e a sua cabeça se aproximou da minha, fazendo com que eu tivesse uma boa ideia do que estava prestes a acontecer.

Mas antes que os nossos lábios pudessem se encostar, o celular dele começou a tocar.

Isso cortou todo o clima que estava rolando entre a gente.

Ele olhou para a tela e, em seguida, voltou a me encarar.

— Desculpa... Eu tenho que atender... Você se importa?

Balancei a cabeça, negando e sorri, tentando

mostrar que estava tudo bem, que não me importava com a interrupção.

Gustavo se levantou e afastou-se da mesa, atendendo a ligação.

E isso foi tempo suficiente para que eu percebesse o quanto aquilo era arriscado. Diferente da forma que sempre acontecia quando eu saía com um cara, aquilo ali não estava restrito ao hotel “Star Palace”.

Estávamos conversando sobre problemas, sentados em uma mesa de bar. Não era uma relação de sexo casual e isso era extremamente arriscado, principalmente pra mim que estava carente.

“Que droga eu estou fazendo aqui?” indaguei mentalmente, antes de me levantar da mesa e sair pelos fundos. *“Um cantor de bar? Isso nunca daria certo, Victória Falcão”* eu continuei dizendo a mim mesma, tentando me conformar que

interromper aquilo no começo era o melhor a ser feito.

Se Erick ou a minha família descobrissem, eu estaria ferrada — principalmente com os últimos, que não me dariam nenhum suporte, mesmo sendo os meus pais.

Eu não podia ser tão descuidada assim.

Pelo menos, não enquanto continuasse casada e não enquanto envolvesse a empresa e o nome da minha família.

— Não tá se esquecendo de nada? — disse a voz grave, fazendo-me parar no mesmo segundo. Não encontrei forças nem para me virar. — Você ia ir mesmo embora sem se despedir de mim?

Fiquei tão tensa que nem prestei atenção no seu *“ia ir”*.

Depois de alguns segundos, juntei o que eu

tinha de coragem e usei para me virar e encará-lo.

Eu não sabia como — e nem era corajosa o suficiente para — dizer que não podíamos mais nos ver e esse foi o verdadeiro motivo de me levantar e tentar sair sem ser notada.

— Se é por causa daquela ligação, eu precisava atender — ele comentou, arrancando-nos do silêncio. — Era o meu filho.

O “filho” em sua frase foi como um soco no meu estômago.

Ele era tão novo que eu não imaginava que já tivesse filhos.

Talvez o fato de eu não o ter contribuísse para o meu choque.

— Você tem um filho? — indaguei, não conseguindo disfarçar o quanto aquela informação me surpreendeu. Depois de notar que a minha

PERIGOSAS NACIONAIS

pergunta soou como uma cobrança, como se ele me devesse aquela informação, eu completei: — que legal...

O “*que legal*” soou de forma vergonhosa e apenas deixou tudo ainda mais estranho entre a gente.

— Sim, eu tenho — respondeu-me Gustavo, dando um passo. — O nome dele é Miguel, ele tem dois anos e três meses. — Com apenas um olhar, ele conseguiu ler o que estava em minha mente. — E, não, eu não sou casado... E o Miguel mora com a mãe... A história é um pouquinho longa, eu posso te contar lá dentro?

Eu forcei um sorriso e balancei a cabeça, negando.

— Você é um cara legal, mas...

— Mas?

PERIGOSAS ACHERON

Mas eu sou casada.

Mas você tem um filho.

Mas os nossos mundos são diferentes demais.

Mas eu não posso me envolver com ninguém, principalmente com aqueles em que corro o risco de “gostar demais”.

Eram tantas opções, entretanto, não possuía coragem para dizer nenhuma delas.

— O que você acha da gente sair amanhã?

A pergunta dele fez com que eu perdesse a minha linha de raciocínio, fez com que todas as frases que eu estava preparando para pronunciar — para dispensá-lo — evaporassem da minha mente.

— Você sabe que eu estava te dando um fora há alguns segundos, não é?

Ele balançou a cabeça, confirmando.

— A primeira coisa que você precisa saber

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre mim, é que eu não desisto fácil, Victória — ele respondeu, aproximando-se ainda mais. Ficamos tão próximos que eu era capaz de ouvir a respiração dele. — Principalmente quando se trata de uma mulher tão linda.

— Eu sou casada, lembra?

— Sim e eu não me importo... — Ele esticou os lábios em um sorriso travesso. — Na verdade, isso até me excita.

— E por que você não se importa? — questionei, tentando entender o porquê de Gustavo estar tão interessado assim em mim. E, obviamente, ignorei aquele *“isso até me excita”*. — Você é um cara bonito e tão bacana... Eu tenho certeza que tem muita mulher...

— Eu quero você, ruivinha.

— Você não me conhece — rebati.

PERIGOSAS ACHERON

— Então me deixe te conhecer — insistiu ele, sendo irritante e fofo, ao mesmo tempo. — Tenho certeza que vou adorar, mesmo com toda essa marra.

— Insistente... Eu te disse! — Ele continuou, não facilitando as coisas pra mim. Como continuei em silêncio, ele prosseguiu: — posso tentar te convencer com outra cantada? Eu juro que essa é boa.

Não consegui deixar de rir.

— Se o seu silêncio foi um “*sim*”, vou precisar do meu violão pra cantada... Sempre dá certo.

Eu não tinha dúvidas de que as mulheres deviam se jogar em cima dele, principalmente quando ele estava com um violão, usando aquela voz maravilhosa.

Antes que eu pudesse recusar de forma mais eficaz, ele completou: — Eu... Se você não quiser,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tudo bem também. Eu juro que não vou te perseguir por aí com o meu violão, te obrigando a sair comigo.

No momento em que diria o “*sinto muito, mas eu não posso*”, lembrei-me de todas as coisas que eu fui sacrificando na minha vida por um casamento idiota. Lembrei-me de todas as privações e do quanto eu sempre me sentia inútil trancafiada nas nossas casas, organizando aqueles eventos estúpidos ao lado da minha mãe.

E tudo isso contribuiu para o meu: — tudo bem, você me convenceu, barman...

— Amanhã?

— Amanhã eu tenho compromisso, mas depois... Eu... eu estou livre.

“Eu estou livre”.

Isso até parecia uma piada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mas o fato é que na companhia de Gustavo, eu realmente me sentia livre. E talvez esse fosse o maior motivo para que eu estivesse embarcando naquela loucura, cujo final eu já conhecia antes mesmo de passar pelo início.

Terminaria mal e eu ficaria completamente destruída, ainda mais desacreditada no amor do que já estava no momento em que aceitei. Mas eu passei tanto tempo da minha vida sendo covarde, deixando de fazer coisas por medo, que já estava cansada de viver assim.

No começo, assumia que era submissa e medrosa. Mas depois, eu passei a fingir ser forte, encarnando a “Victória durona”. No entanto, eu continuava chegando aos mesmos resultados, sacrificando coisas para preservar a imagem que as pessoas tinham de mim, vivendo para nutrir as expectativas deles e não as minhas próprias.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Continuava tão covarde quanto antes.

E precisava mudar.

Urgentemente.

— Eu ligo — disse, antes de me virar, afastando-me do loiro.

Gustavo tinha um filho, uma criança que, de acordo com o mesmo, possuía mais de dois anos de idade.

Uma loucura!

Enquanto voltava para casa, não conseguia deixar de pensar nisso e no quanto esse detalhe fez

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com que o loiro se transformasse completamente pra mim.

Ele não era mais só o barman, cantor e gostoso.

Gustavo também era um pai.

“Relaxa, Victória... Você não vai se casar com ele e nem criar a criança. Só vai dar uns pegadas” pensei, rindo sozinha dentro do taxi, que estava me levando de volta para casa.

Eu era uma mulher casada, o meu marido invadiu a balada e tentou bater em Gustavo e, ainda sim, tudo isso não tinha nos impedido de nos relacionar. Então, um filho, certamente, não seria um empecilho, principalmente quando a criança nem vivia com ele.

Eu estava exagerando.

E sabia exatamente o que estava fazendo.

PERIGOSAS ACHERON

Não era apenas medo de me “relacionar demais”, era sabotagem.

Eu estava tentando sabotar algo que não tinha nem começado direito, algo bem típico de Victória Falcão.

Em resposta a isso, afastei todos esses pensamentos e prometi a mim mesma que não deixaria com que detalhes idiotas me distanciassem de Gustavo.

Quando o carro parou, fiz o pagamento pela corrida e passei pelo portão.

Para a minha surpresa, o motorista estava parado próximo da casa. E pela expressão no rosto dele ao me ver ali, Fernando, muito provavelmente, estava esperando uma ligação minha para ir me buscar na “*Cats Club*”.

Tinha certeza que assim que Erick aparecesse, aquele traíra contaria que eu estava

PERIGOSAS ACHERON

“tramando alguma coisa”, falaria da balada e plantaria ainda mais conspirações na mente do CEO.

Não lhe disse nada, simplesmente entrei.

Joguei a minha bolsa no primeiro canto que encontrei e fui até a cozinha beber um copo de água.

Depois de bebê-la em longos goles, não consegui deixar de sorrir, lembrando-me do quanto à noite havia sido agradável, até mesmo a parte em que eu fui pega tentando escapar do bar de fininho.

“Eu quero você, ruivinha” Gustavo havia me dito, não me deixando escapar.

O meu celular tocou e, no mesmo segundo, o meu coração disparou. Mas o nervosismo só durou até eu me lembrar de que o barman não tinha o meu número — e que eu era a pessoa que ficou responsável por ligar, marcando o nosso próximo PERIGOSAS ACHERON

encontro.

Voltei o meu olhar para a tela e vi o nome “Renan” destacado em meu iPhone.

Pensei em simplesmente ignorar aquela ligação, fingindo que ela não havia acontecido, entretanto, eu não queria que ele continuasse ligando.

Aceitei a chamada.

— Eu já estava com saudades — disse ele, assim que eu atendi. Pela sua frase, até parecia que havia sido eu que tinha ligado atrás dele. — O que você acha de eu passar lá no hotel pra gente brincar um pouco, daquele jeitinho que você tanto gosta?

“Brincar”?

Eu não tinha ideia de como podia ter achado esse cara sexy, provavelmente, o fato de ele estar com a cabeça no meio das minhas pernas, me

chupando, ajudou e muito.

— Hoje não, Renan — respondi de imediato, não fazendo questão de soar de forma mais simpática. Antes que ele pudesse indagar sobre quando seria o momento apropriado para um novo encontro, eu completei: — quando eu quiser brincar com você, pode deixar que eu te ligo, O.K? Boa noite.

Desliguei a ligação, não lhe dando nem a chance de se despedir.

Assim como Sabrina, Renan se tratava de um acompanhante de luxo. Ele só estava me ligando porque sentia saudade do envelope gordo que sempre recebia quando os nossos encontros chegavam ao fim.

Eu não era hipócrita ao ponto de dizer que não aproveitei do prazer que esses programas sempre me proporcionaram. No entanto, todos eles

PERIGOSAS NACIONAIS

eram mecânicos e por mais atencioso que o garoto de programa fosse, o que tínhamos, no fim do dia, não passava de um simples programa, um trabalho pra ele.

Os elogios dele não causavam impacto em mim — não como os de Gustavo, como quando ele me chamava de “gostosa”, por exemplo. O meu coração não acelerava, eu não me sentia desconcertada ou eufórica.

Já que eu estava embarcando em algo real, não tinha motivos para continuar com as coisas falsas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 10 — Buffet

No dia seguinte, eu fui até a casa dos meus pais para ajudar a minha mãe a escolher o buffet para a festa anual da companhia. Diferente daquela que acontecia no final do ano, onde todos os funcionários desfrutavam, essa se limitava apenas aos cargos de diretoria.

Em um resumo, um monte de cara babaca engravatado conversando.

A minha participação nas organizações desses grandes eventos — principalmente quando os mesmos não ocorriam em uma das minhas casas —, na maior parte das vezes, era completamente desnecessária, pois a minha mãe costumava escolher tudo sozinha.

Em determinadas ocasiões, ela não ouvia nem mesmo as minhas sugestões ou se ouvia, as

ignorava completamente.

No entanto, essas coisas eram o mais próximo que possuíamos de um momento “mãe e filha” — além das idas ao salão —, então eu não me recusava a continuar participando.

Como eu acordei em cima da hora, acabei me atrasando e, assim que a minha mãe me viu chegando, fez questão de me lembrar disso.

“E se a chef já estivesse aqui, Victória?” questionou-me ela, quase me fazendo responder com um *“aí ela teria que esperar, mãe!”*.

Dei um abraço rápido em Manu, a minha irmã caçula, e segui para a sala, onde a minha mãe estava sentada no sofá, esperando a chef.

— Você ficou me apressando e a chef ainda nem está aqui — comentei, aproximando-me dela.

Ela não respondeu, limitou-se a me lançar um

olhar de desaprovação.

Família é algo extremamente complicado.

Há dois anos, quando eu entrei naquela mesma sala e gritei com os meus pais, dizendo que não aceitaria o casamento arranjado de Ana — a minha outra irmã —, eles ficaram tão chocados que, por um momento, pensei que nunca mais fôssemos nos falar outra vez.

Eu nunca vi o meu pai tão enfurecido comigo antes. A minha mãe perdeu até a reação e Erick não soube o que dizer para amenizar as coisas entre a gente.

Foi um pesadelo — um que eu pensei que nunca fosse chegar ao fim.

No entanto, em menos de duas semanas, tudo estava bem outra vez. Eles continuavam tentando controlar a minha vida, especialmente a minha mãe com as suas constantes críticas. A única coisa

PERIGOSAS ACHERON

realmente boa do nosso confronto foi que eles levaram a minha ameaça á serio e não deram continuidade ao casamento ridículo da minha irmã.

Minha mãe continuou calada, lendo a revista dela, até a chef e uma auxiliar chegar à mansão.

— Em qual nome eu coloco? — indagou a moça do buffet, com os olhos colados em mim.

Mesmo a pergunta sendo evidentemente endereçada pra mim, a minha mãe respondeu: — Victória Marinho.

— Não, coloque no nome de Victória Falcão — corriji, no mesmo segundo. — Obrigada!

Eu detestava ter o meu nome vinculado ao de Erick.

Sempre que eu podia, evitava, usando “Falcão”, o meu nome de solteira.

Estranhamente, a minha mãe não comentou

sobre o fato de eu renegar o sobrenome do marido que ela escolheu pra mim, dizendo que isso não era coisa de uma “esposa decente” ou qualquer outra das bobagens que ela estava acostumada a me dizer.

— Como andam as coisas? — questionou-me ela, como se já não soubesse a resposta para aquela pergunta.

Voltei o meu olhar em direção a ela e não consegui controlar a minha expressão debochada.

— O que você acha? — respondi, nem me importando com a presença da moça que estava cuidando do buffet. Assim que notei que estava sendo mais grossa do que o normal, completei: — normais... As coisas estão normais.

Com aquele “*normais*”, eu queria dizer “*a mesma porcaria de sempre*”.

Não que a minha mãe se importasse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na maior parte das vezes, quando ela perguntava se eu estava bem, não queria uma resposta — não uma verdadeira, pelo menos. Ela não queria que eu lhe contasse os problemas do meu casamento, já chegou ao ponto de me dizer que “certas coisas” devíamos guardar para nós mesmas.

Era algo mais formal, como aquela pessoa conhecida com quem você cruza na rua. Você só pergunta se ela está bem, porque sabe que as chances de ela responder com um “*não*” e despejar todos os problemas dela em cima de você é bem baixa.

Dona Beatrice voltou os seus olhos cinzentos pra mim e ficou me encarando com um olhar estranho.

E isso fez com que eu questionasse: — o que foi?

PERIGOSAS ACHERON

— Nada, é só que... Eu gosto do seu cabelo dessa cor — ela respondeu, deixando-me extremamente confusa do por que daquela sua “gentileza”. — É bonito.

Ela sempre criticou o meu cabelo ruivo.

Quando ele era loiro natural, ela dizia que estava desidratado e mal cuidado — “*está todo amarelado, Victória*”, a minha mãe destacava sempre que podia. Quando me viu ruiva pela primeira vez, fez questão de dizer sobre o quanto o meu cabelo era lindo natural e que eu me arrependeria por tê-lo tingido.

E agora ela estava parada bem a minha frente me fazendo uma espécie de elogio?

Era, no mínimo, muito estranho.

— Você está bem, mãe? — perguntei realmente preocupada com a forma que ela estava agindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela ficou em silêncio.

E isso fez com que o meu estomago congelasse.

Nesse instante, eu pensei em um monte de bobagem.

As possibilidades iam de câncer terminal à bipolaridade.

Ela fez um sinal com a mãe, para que a chef deixasse-nos a sós e começou a falar: — eu errei muito com você, Victória.

As palavras “*eu*” e “*errei*” dificilmente eram usadas em uma mesma frase pela minha mãe. Na maior parte do tempo, ela agia como se fosse a dona da verdade e da razão.

O universo cometia erros.

Beatrice Falcão, não.

Ao menos, era assim que funcionava quando se tratava da minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

Aquela sua frase fez com que eu abaixasse o meu olhar, já imaginando o momento em que ela transformaria todos os problemas do meu casamento em algo relacionado a ela.

Era sempre assim.

E, no final, diria algo como “*mas acho que nenhuma mãe teria feito melhor*”, livrando-se de toda a culpa, antes de encerrar a conversa.

— Nunca devia ter deixado você se casar com ele — ela continuou, embarcando em um assunto que sempre evitou falar. — Eu gosto dos Marinhos, mas a verdade é que a aquela família sempre foi problemática... Olhe só o pai dele, um viciado em jogos... Nós dois, eu e o seu pai, devíamos ter escolhido melhor.

Por um curto momento, eu pensei que ela fosse me dizer que o casamento havia sido um erro, que me obrigar a se casar com um homem que eu não

amava havia sido errado da parte deles. Mas, não, ela continuava sendo a mesma pessoa de sempre, com uma mente pequena demais para enxergar algo tão grande.

— Não... O erro não foi ter escolhido errado, mãe... — respondi, rindo daquela conclusão idiota que dona Beatrice havia chegado. — O erro de vocês foi não ter me deixado escolher.

Capítulo 11 — Todos os Homens que Amei

Eu liguei.

A ideia de ser eu a pessoa a fazer aquela ligação passou-me uma sensação de segurança, como se tudo estivesse sob o meu controle, como se eu pudesse determinar o prazo e a forma como aquilo aconteceria — e terminaria —, o que obviamente não era verdade.

Assim que os meus compromissos com a minha mãe chegaram ao fim — quando planejamos aquele evento idiota —, eu disquei o número do meu barman preferido.

— Eu já estava começando a ficar preocupado com a possibilidade de você não me ligar, ruivinha

— disse ele, assim que eu pronunciei um tímido “oi”.

Era como se ele tivesse acesso aos meus pensamentos.

Eu realmente fiquei em dúvida, pensando se devia ou não fazer aquela ligação, embarcando no que certamente era uma loucura.

Já estava tão atolada de problemas que não precisava de mais um. Mas, no fim das contas, ali estava eu, conversando com ele, o cara que eu conheci em uma balada, enquanto bebia com a amante do meu marido.

Toda essa questão de se era ou não inteligente embarcar naquilo ficou para trás, no exato momento em que eu aceitei sair com ele.

— Eu realmente não deveria ter te ligado — respondi, não conseguindo deixar de rir. — Mas eu não sou tão inteligente assim, Gustavo.

Ser inteligente vinte e quatro horas por dia podia ser bem chato e exaustivo. E, obviamente, só mais um pretexto para que eu continuasse sendo a mesma covarde acomodada de sempre.

— Então você prefere se chamar de burra ao assumir que não resistiu ao meu charme?

Gustavo era tão irritante e, ao mesmo tempo, tão charmoso, como ele mesmo destacou há alguns instantes.

— É isso aí, você me pegou, barman — entrei na conversinha fiada dele.

— Eu ainda não peguei, mas pretendo — respondeu-me ele, excitando-me com aquela sua voz grave, extremamente sexy. — E como eu pretendo...

Ele notou que a sua última frase me deixou sem graça e continuou, tirando-nos do silêncio: — o que acha da gente sair amanhã? Eu tenho uma ótima

PERIGOSAS ACHERON

ideia... Uma surpresinha...

— Ah, é? — indaguei, não conseguindo esconder a minha curiosidade. — Tipo o quê?

— Se eu te contar, vai deixar de ser uma surpresa.

Cretino.

Sentei-me no sofá e alcancei o controle remoto.

— Tudo bem... Onde eu te encontro? — questionei, enquanto colocava na *Netflix*.

— Eu te busco — ele se ofereceu, fazendo com que a minha mente gritasse um alto “*não*”. — É só me enviar o seu endereço e passo aí pra te *pegar*.

A voz dele deu um destaque pra palavra “*pegar*” e isso me fez rir.

Ele gostava de brincar com duplos sentidos.

Mesmo sabendo que existia um certo risco de Erick me ver saindo com ele, arrisquei,
PERIGOSAS ACHERON

respondendo: — tudo bem, estarei esperando pela sua pegada em domicílio.

— Combinado então... — sussurrou ele, em um tom bem animado. — Tenho certeza que será um prazer!

No momento em que lhe diria “*boa noite*”, encerrando a conversa, ele tornou a falar: — o que você está fazendo?

— Estou sentada no sofá, procurando alguma coisa pra ver na Netflix — respondi, indecisa sobre o que escolher naquele imenso catálogo. Esse era o problema da Netflix, passávamos mais tempo procurando o que assistir do que vendo o determinado filme.— E você, está fazendo o quê? — devolvi a pergunta, ao selecionar o filme “*Para Todos os Garotos que Já Amei*”.

— Estou colocando na Netflix agora — ele respondeu, deixando-me confusa. — Me diz o que

vai assistir pra eu selecionar aqui... Aí a gente vê junto, vai ser uma espécie de segundo encontro.

Olhei para a tela da TV e pensei “*NÃO!!!*”.

— Você vai rir de mim — disse, envergonhada antes mesmo de revelar.

— Eu não vou, não!

Mesmo com certo receio, principalmente por se tratar de um filminho adolescente, respondi: — Para todos os Garotos que Já Amei.

Ele começou a rir do outro lado da linha, fazendo-me odiá-lo por isso.

— Eu não sabia que você era tão romântica assim, ruivinha — debochou Gustavo, irritando-me ao ponto de eu cogitar desligar a ligação. — Que bonitinho...

— Eu não sou romântica — fiz questão de esclarecer aquela calúnia ao meu respeito, como se

o fato de alguém ser romântico fosse mesmo uma coisa ruim. — Não nasci com essa sorte.

Eu realmente não estava mentindo.

O fato de eu gostar de filmes românticos não significava que eu fosse romântica, o que, de fato, eu não era. Até porque, não tem como ser romântica depois de um casamento desastroso como o que eu tinha.

— E foram quantos?

— O quê? — questionei, não entendendo a pergunta dele.

— Quantos garotos você já amou? — perguntou-me Gustavo, “bugando” completamente o meu cérebro. — Quem foram os sortudos?

“*Quantos garotos eu já ameii?*” pensei, tentando chegar a um número exato.

— Zero — respondi, chocada com a minha

descoberta. — Eu acho que nunca amei alguém dessa forma.

A minha resposta nos colocou em um silêncio chato, daqueles ensurdecadores, que conseguem ser mais irritantes do que qualquer barulho.

— E o seu marido? — Gustavo continuou, arriscando na pergunta.

Ele, definitivamente, não fazia o estilo “sutil”.

— Nunca gostou dele?

Eu sabia que se continuássemos com aquela conversa, eu acabaria contando toda a minha vida pra ele, que, de certa forma, tratava-se de um desconhecido, alguém com quem eu me encontrei apenas duas vezes em toda a minha vida.

Não queria dizer que tive um casamento arranjado, que os meus pais me obrigaram a casar com Erick e que eu era uma mulher infeliz, que a

PERIGOSAS NACIONAIS

coisa mais próxima de amor que eu já tive foi com um namoradinho da faculdade, mas, ainda sim, eu não tinha certeza suficiente desse “amor” para colocá-lo na contagem dos “garotos que já ameí”.

— Desculpe — ele comentou, tomando o meu silêncio como uma resposta. — Eu juro que não queria te deixar desconfortável. — Ele riu e prosseguiu, dizendo: — três... Eu ameí três garotas.

Se a pergunta fosse “*com quantas garotas você já dormiu?*” tinha certeza de que aquele número aumentaria consideravelmente — e o mesmo se aplicava a mim.

— A primeira foi na época da escola, se chamava Juliana... — ele continuou, realmente levando a sério a história de falar sobre os seus amores. — Eu sei que pode ser um pouco difícil de acreditar, mas naquela época eu não era tão gostoso quanto eu sou agora.

PERIGOSAS ACHERON

Não consegui deixar de rir da sua última frase.

Ainda que a sua resposta tivesse sido cheia de autoconfiança irritante, eu realmente não conseguia imaginar Gustavo menos atraente, nem mesmo na época de escola.

— Então, a Juliana não dava muita bola pra mim... Foi um daqueles tipos de relacionamentos em que só uma pessoa sabe que está fazendo parte...

— Não... — disse, interrompendo-o. — Eu nunca amei o Erick. Tínhamos uma espécie de parceria no começo do nosso casamento, mas isso não chegava a ser amor. — Lembrei-me do tempo que antecedeu ao meu casamento, de como as coisas costumavam ser e, olhando agora, também não me parecia muito bom. — E antes disso, ninguém me impressionou tanto ao ponto de me conquistar. Tive alguns namoradinhos, mas...

Nunca significaram alguma coisa.

Eu não tinha ideia do que tinha feito com que eu começasse a falar sobre a minha vida, mas, como eu já havia começado, não podia parar.

— É, eu acho que sou uma mal amada — continuei, tentando fazer piada com a minha trágica vida amorosa. — Tá na hora de adotar uns gatos.

— Ah, qual é, Victória? — comentou ele, não compartilhando do meu humor. — Só porque você nunca amou alguém, isso não significa que nenhum cara te amou. Você, provavelmente, era como a Juliana da minha escola, perfeita demais para olhar pra fracassados como eu... Tenho certeza que você deve ter despedaçado vários corações por aí...

Isso me fez rir e não foi como quando eu ri da minha piada sobre ser “*mal amada*” porque estava envergonhada demais para continuar calada. Ele fez com que eu me sentisse melhor em relação ao

assunto que discutíamos.

— Eu não teria tanta certeza, barman — respondi, rindo daquela conclusão dele. — Sempre fui uma garota mimada... Muito mimada... Você me detestaria na escola.

— Você que pensa, ruivinha — ele rebateu, rindo. — As marrentinhas são as melhores.

Assim que eu ouvi o barulho da porta, que provavelmente devia ser um sinal da chegada de Erick, eu fechei os meus olhos, lamentando por ter que acabar com a conversa, justamente agora que estava ficando quente.

— Eu vou ter que desligar — disse, decidida a não dizer “*o meu marido chegou*”. — Até manhã, Gustavo.

— Boa noite, ruivinha... — ele sussurrou, conseguindo concluir o seu plano maligno de me deixar querendo mais. — Sonha comigo... De
PERIGOSAS ACHERON

preferência um sonho bem quente, daqueles que te fazem acordar duro... — Ele riu, provavelmente se dando conta de que eu não tinha um pau e completou: — Você me entendeu.

— Boa noite — disse, desligando a ligação e rindo sozinha, naquele sofá.

Desliguei a televisão e voltei o meu olhar na direção do homem engravatado que se aproximava.

— É oficial, Erick... Nós temos mesmo que fazer uma espécie de cronograma pra não ficarmos nos encontrando nas casas — comentei, não disfarçando que tinha detestado a presença dele ali. — Até porque, dê que adianta ter mais de uma se eu sou obrigada a ver você?

Ele adorava se mostrar “superior”, então na maior parte das vezes, se limitava a ignorar as minhas provocações.

E por isso estranhei quando ele respondeu: —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a gente não se encontraria se você não insistisse em ficar por aqui... — Após dizer, ele caminhou na direção do bar. — Você sabe muito bem que esse é o lugar que eu mais gosto e vem aqui só pra me irritar... Então, por favor, não banque a vítima perseguida pra cima de mim.

Marinho não estava mentindo sobre eu aparecer — pelo menos, nas primeiras vezes — para irritá-lo. Aumentei a minha frequência na casa depois que descobri que ele estava trazendo a acompanhante de luxo com ele.

No entanto, eu também gostava da casa. Tratava-se da “original”, aquela em que passamos mais tempo morando. E eu me recusava a deixar de frequentá-la só porque ele queria o lugar livre para poder trepar a vontade.

Erick serviu-se com uma dose de uísque e se aproximou do sofá em que eu continuava sentada.

PERIGOSAS ACHERON

Os olhos dele foram do meu rosto a minha mão em poucos segundos.

— Cadê o anel?

E, só então, eu notei que não estava usando o anel de noivado, um que pertenceu à avó dele, era uma espécie de relíquia de família Marinho, uma das que eles não venderam quando faliram.

— No meu dedo é que não está — respondi, tentando passar a impressão de que estava deixando de usar de propósito, quando na verdade, eu havia me esquecido de colocá-lo novamente. — Por quê, Erick? — O sorriu debochado fluiu com muita facilidade pelos meus lábios. — Você quer o anel pra dar pra sua putinha particular?

Ele me fuzilou com os seus olhos esmeralda.

E o meu rosto queimou.

— Não, Victória... A única coisa que eu quero

é que você use a porra do anel — ele respondeu, mostrando-me que não estava com paciência para as minhas brincadeiras. — Por mais que você não aja de acordo, continua sendo a minha mulher.

“Minha mulher”.

Ao ouvi-lo dizer isso, até parecia que eu era um de seus carros caros, um simples objeto que pertencia a ele.

— Engraçado você dizer isso bem aqui nessa casa, no mesmo lugar em que trouxe a sua amante e fodeu com ela... — Revirei os meus olhos, lembrando-me das cenas que presenciei. — Foi na piscina, não é? — Recordava-me de ouvi-los correndo pela casa e se pegando pelos cantos, na primeira vez em que ela veio para a nossa casa. — É... Eu assisti o seu showzinho nojento.

Ele tomou um gole da bebida e riu, como se estivesse tentando me mostrar que não estava

afetado pelo que eu estava lhe dizendo.

— A tua vida deve ser uma droga mesmo... Ao ponto de ficar assistindo o próprio marido foder a...

— Ele se interrompeu, rindo, balançou a cabeça em um ato de descrença e prosseguiu: — como você mesma disse, a minha putinha. — O sorriso nojento continuava colorindo os seus lábios. — Mas, e aí, gostou do que viu?

Forcei um sorriso, tentando pagar de debochada, mas era perceptível o quanto aquilo havia me atingido.

— Eu tenho certeza absoluta de que isso não te fez se sentir tão mal quanto eu fiquei naquele dia em que você me disse que deu pro seu ex-namorado — ele continuou, mudando para um tom de voz mais sério. — O que você disse mesmo? Ah, é... Que eu não era homem suficiente pra você. — E, então, ele tornou a rir, uma risada vitoriosa,

uma que me derrubou. — Se você quer mesmo saber, enquanto eu fodia ela naquela piscina, pensei sobre o quanto você era péssima em me satisfazer, que nunca foi mulher suficiente pra mim também. — Ele ergueu o copo e concluiu: — um brinde a lei do retorno, minha querida.

Depois de dizer isso, ele se afastou, deixando-me na sala com um gosto amargo na boca.

Capítulo 12 — Castelo de Areia

Tínhamos combinado de nos encontrarmos para um “programa” — eu precisava, urgentemente, parar de usar essa palavra quando se tratava de Gustavo —, um que eu ainda não tinha ideia do que seria.

O barman estava fazendo um enorme mistério em torno disso.

Tentei pegar alguma dica por mensagem de texto, mas Gustavo se limitou a responder com “*é uma surpresa. Desiste, ruivinha. Eu não vou te contar!*” e isso apenas atizou mais a minha curiosidade, o que certamente devia ser o plano dele.

Mas, por incrível que pudesse parecer — principalmente se tratando de mim, que detestava surpresas —, até que isso, não saber exatamente o que me esperava no final daquele dia, era algo bom.

Durante anos, eu vivi — e, de certa forma, continuava vivendo — em um casamento onde eu sabia sempre o que esperar. Conhecia a rotina e os eventos que frequentaríamos durante o ano, sabia o que esperar de Erick, quais seriam as reações dele para cada uma das coisas que eu fizesse. Era tudo tão previsível que dificilmente alguma coisa saia daquilo que eu já tinha na minha mente.

E quando as raras surpresas ocorriam, eu não gostava muito — e isso me levou a odiá-las, em primeiro lugar.

Diferente de como eu sempre fazia quando me encontraria com alguém “importante”, eu não fiquei extremamente produzida. Não usei nada que

fosse custar mais que o carro de Gustavo e não fui ao meu salão de beleza preferido. Optei por um look bem básico, tentando não colocar nada que gritasse que eu não pertencia ao lugar para onde o barman fosse me levar.

Eu escolhi um vestido rodado preto e sapatos combinando. Tive o cuidado de não colocar nenhuma joia ou acessório exagerado.

E ao me encarar no espelho do quarto, notei que realmente tinha ficado “comum”.

No dia anterior, durante a nossa ligação, Gustavo se ofereceu para me buscar em casa e, mesmo com medo de Erick nos flagrar, eu acabei aceitando.

Eu não tinha medo do que o meu marido pudesse pensar em me ver com o loiro, já que ele estava cansado de me ver com outros homens. E também, Erick não podia cobrar absolutamente

nada de mim, não enquanto estivesse naquele seu relacionamento — quase sério, diga-se de passagem — com a acompanhante de luxo.

No entanto, assim que eu descobri o quanto ele estava envolvido por Sabrina — que tinham estabelecido um contrato de exclusividade e tudo mais —, o meu primeiro impulso foi pisar em seu castelo de areia, destruindo isso.

Eu não precisava ser uma vidente para saber que isso seria exatamente o que o meu marido faria quando me visse feliz ao lado do cantor.

Por muita sorte, Marinho não estava na casa no momento em que o meu acompanhante chegou para me buscar.

Gustavo não se atrasou, aparecendo exatamente no horário em que combinamos e isso foi muito bom, já que eu detestava atrasos — tinha pegado essa paranoia com Erick.

PERIGOSAS NACIONAIS

A primeira coisa que eu notei, não foram as roupas que ele estava usando — que, por sinal, também eram estranhas —, nem mesmo o seu cabelo, lambido em um topete para o lado, dando-lhe uma aparência formal demais, algo que nunca pensei que veria nele.

Os meus olhos correram na direção do monstro em que ele montava.

Uma motocicleta.

Aproximei-me de onde ele a estacionou e não consegui esconder o meu olhar de desespero. Estava agindo como se a moto fosse um cão enorme que podia me dar uma mordida a qualquer momento.

Eu detestava motos com todas as minhas forças.

Nunca tinha andado em uma, mas, ainda sim, detestava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não sei qual era o seu plano, mas não vou subir nisso aí — deixei claro, rindo de nervoso. Encarei novamente a motocicleta prateada. — É... Sem chance!

— Não vai me dizer que tem medo de motos, ruivinha? — questionou-me ele, não controlando o sorriso debochado.

Sim, eu tinha.

E não era apenas “medo”.

Era pavor.

— Não... É que eu... São perigosas... As pessoas, literalmente, morrem andando nisso aí, sabia? Não é medo, é precaução... — tentei, com muita dificuldade, me justificar, mas falhei miseravelmente. Ele sorriu e isso fez com que eu admitisse: — e talvez eu tenha, sim, um pouquinho de medo.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa se preocupar... Eu não quero me gabar, mas sou um ótimo piloto — respondeu-me o loiro, cheio de si. — Eu vou cuidar bem de você, Victória... Pode relaxar e confiar no garotão aqui.

Essa última frase, fez com que eu me lembrasse de quando ele disse para Sabrina na “Cats Club” que cuidaria de mim. Se aquilo não envolvesse uma moto, talvez eu achasse fofo e um pouquinho sexy.

O loiro aproximou-se de mim e, finalmente, deixei de focar na motocicleta e o encarei, analisando o seu traje com mais cuidado. Gustavo estava vestindo roupas sociais, com direito a paletó e gravata.

Não precisei olhar muito para saber que ele usava um terno preto barato, que não devia custar nem dez por cento daqueles que Erick tinha no closet lá de casa — não que eu me importasse com isso. Em um dos restaurantes que eu frequentava,

ele facilmente seria confundido com um garçom.

E esse visual também me deixou um pouco desapontada.

Eu estava com Gustavo justamente porque ele era completamente diferente dos homens do “meu mundo”. Eu queria vê-lo em uma jaqueta de couro, calças jeans e nikes, todo “largadão”.

Foi impossível não desconfiar que a sua grande surpresa tratava-se de um restaurante “caro”, talvez um que ele mal poderia pagar.

Como o loiro devia ter se planejado pra isso, eu optei por não dizer nada, pois não queria cortar o nosso clima.

Então, simplesmente continuei sorrindo, fingindo estar “adorando” a sua surpresa.

Voltei o meu olhar para a motocicleta e pensei “*que se foda!*”.

Peguei o capacete rosa da mão dele e o coloquei, respirando bem fundo, tentando não pensar demais ou acabaria desistindo antes mesmo de subir na porcaria da moto.

Gustavo me ajudou a fechá-lo.

— Você ficou bem sexy com esse capacete, sabia? — sussurrou ele, mostrando-me aquelas covinhas lindas. — Tá uma delícia!

Ele podia até estar usando camisa social e gravata, mas, definitivamente, continuava agindo como o Gustavo, o cara que me cantou na balada, e por telefone e também várias outras vezes. Basicamente, sempre que ele tinha uma nova oportunidade.

O barman olhou para o meu vestido e fez uma careta. Antes que eu pudesse lhe perguntar o que tinha de errado com a minha roupa — seria uma pergunta bem agressiva, devo destacar —, ele tirou

PERIGOSAS NACIONAIS

o paletó que estava usando e o colocou em mim.

— Com certeza não é tão eficaz quanto uma jaqueta grossa, mas vai te ajudar a não congelar — ele comentou, amolecendo as minhas pernas.

Aquele comentário, definitivamente, não era dos mais encorajadores.

Ele me encarou e sorriu, provavelmente pegando os meus pensamentos no ar, antes de completar: — relaxa um pouquinho, ruivinha... Aposto que depois que andar comigo, vai ser o seu meio de transporte preferido.

O loiro colocou o seu capacete preto e subiu na moto, antes de voltar o olhar pra mim. E, mesmo com o capacete e a baixa iluminação da rua, eu tinha certeza de que ele estava rindo e ansioso para me ver em sua garupa, tremendo de medo.

E aquilo me desafiou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O maior incentivo pra uma pessoa é mostrar que desacredita que ela conseguirá fazer alguma coisa.

Agora era uma questão de honra subir na droga da moto.

Eu subiria nela, nem que fosse para descer segundos mais tarde.

O barman me instruiu, dizendo exatamente onde eu deveria colocar o meu pé, impedindo com que eu me queimasse com o escape.

— E onde é que eu me seguro? — disse, olhando para baixo e tentando imaginar como as pessoas se mantinham em cima daquilo. Não parecia ser nada prático.

— Você pode se segurar em mim — ele respondeu, fazendo com que eu revirasse os meus olhos. — Só não vai usar essa oportunidade pra me agarrar, sua safadinha...

PERIGOSAS ACHERON

Ignorei as suas palavras e fechei os meus dedos no apoio de mãos, que localizei instantes após fazer aquela pergunta. No entanto, isso durou até que ele ligasse a moto. Quando o motor foi acionado, eu me senti muito insegura e o abracei com força, apertando a sua cintura e sentindo os seus músculos por baixo da fina camisa social.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa sobre o meu aperto, sussurrei: — cala a boca e só dirige isso.

Gustavo riu e me perguntou: — tá preparada, ruivinha?

— Não, mas agora eu já subi na moto eu não vou descer.

A minha barriga gelou no instante em que ele deu partida, tirando-nos a toda da frente da minha casa.

O barman acelerou tanto que a minha alma

PERIGOSAS ACHERON

ficou para trás, em frente ao portão de mansão. Fiquei tão apavorada que encostei a minha cabeça nas costas dele e fechei os meus olhos, tentando me convencer de que eu não cairia daquela moto a qualquer momento.

Apertei tanto a cintura dele que eu tinha certeza de que ficaria uma marca ali.

O meu medo era tão grande que eu não conseguia nem mesmo encontrar uma forma para pedir pra ele diminuir a velocidade. Estava aterrorizada demais para pronunciar mais de uma palavra ou qualquer coisa que não fosse um gemido apavorado.

No entanto, também não era de todo o mal. Sentir o vento batendo contra o meu corpo, não foi nada ruim. E, de certa forma, estar naquela velocidade me deu certa liberdade, algo que eu nunca sentiria em um carro. Às vezes, quando eu

PERIGOSAS NACIONAIS

me esquecia de todo o perigo, era como se eu estivesse voando.

O único problema, claro, era o meu medo paralisante, que me impediu de aproveitar mais daquela experiência nova e única.

Aquela tortura — com partes até que prazerosas — seguiu-se por quase trinta minutos, parecia que nunca chegaria ao fim. Quando eu pensava que ele estava prestes a parar a moto e estacionar, Gustavo tornava a acelerar, fazendo com que eu aumentasse a força do meu aperto em sua cintura.

Eu tinha certeza de que o barman acelerava tanto só para me obrigar a agarrá-lo com mais firmeza.

Ele era um safado.

Só consegui respirar de forma tranquila quando os meus pés tocaram o chão.

PERIGOSAS ACHERON

Foi como se eu tivesse passado meses em um navio e estivesse finalmente em terra firme. E, sim, isso era extremamente exagerado e dramático da minha parte.

Tirei o capacete e entreguei pra ele, tentando recuperar o meu fôlego.

Ele tirou o capacete preto e o seu cabelo, que antes estava penteado para o lado, ficou completamente bagunçado e isso me fez lembrar de que o meu também devia estar assim.

Aproximei-me dele e arrumei o seu cabelo com a mão, jogando-o de volta para o lado. Em seguida, tirei um espelho da minha bolsa e organizei o meu. Mesmo tentando ser “comum”, não conseguia deixar de me importar completamente com a minha aparência.

— E aí, o que achou do passeio? — indagou ele, com aqueles olhos dourados colados em mim,
PERIGOSAS ACHERON

enquanto eu continuava olhando para o espelho em minha mão. — Muito radical pra donzela?

Eu ainda não sabia se tinha gostado.

Em parte, havia sido bom, pois a sensação de perigo era excitante, o frio na barriga e o vento soprando contra o meu rosto eram coisas muito boas de se sentir, principalmente se você tinha uma vida tão monótona quanto a minha. No entanto, também foi aterrorizante ao ponto de eu, inúmeras vezes, desejar não ter embarcado nisso, subindo naquela moto.

No final, eu não sabia se as partes boas compensavam as ruins — e isso, estranhamente, parecia muito como uma metáfora para o casamento.

— Melhor do que eu pensei que seria — respondi, optando por não contar sobre o quanto eu fiquei assustada. — Mas seria ainda melhor se você

não tivesse corrido tanto.

— Eu juro que estava indo devagar, você que é fresca.

Se aquilo era “devagar”, então eu não queria nem imaginá-lo correndo.

— Ei... — Ele roubou a minha atenção, fazendo com que eu desviasse o olhar do pequeno espelho. — Guarda isso, Victória... Você tá linda. — Antes que pudesse ficar romântico demais, Gustavo completou com um: — você deve ser a mulher mais gostosa que já subiu na minha moto.

Depois de me fazer aquele elogio, realmente me convencendo a deixar o espelho de lado, ele estacionou a moto.

Eu o esperei para entrarmos no local.

Do lado de fora, eu não tinha a mínima ideia do que era aquele lugar, entretanto, já estava

começando a desconfiar de que a minha teoria do restaurante chique não estava correta. Aquela fachada praticamente descartava essa possibilidade. Tinha certeza de que nenhum restaurante que fosse minimamente bom ficaria em um ponto comercial tão horrível quanto aquele.

Assim que ele retornou, eu tirei o seu paletó preto e devolvi, sussurrando um “*obrigado*” silencioso, que ele respondeu com um sorriso e um aceno de cabeça, como se dissesse “*não foi nada*”.

— Então, vai finalmente me revelar qual é a grande surpresa que você preparou pra essa noite?

— Já te disseram que você é muito curiosa? — ele questionou, parando bem a minha frente. — E também um pouquinho irritante?

Você, definitivamente, não chamava a pessoa de irritante no segundo encontro.

E isso me fez gostar ainda mais dele.

— Você não vai me contar mesmo?

Ele negou com um aceno de cabeça.

Revirei os meus olhos, mas essa minha expressão não foi o suficiente para fazê-lo me contar o que diabos estávamos fazendo ali.

Eu o acompanhei até a entrada e, assim que nos aproximamos de um grande portão, consegui visualizar grandes arranjos de rosas brancas. Contatei que o lado de dentro era, indiscutivelmente, bem mais atraente que o de fora, principalmente com toda aquela decoração que lembrava muito um...

“Não, não pode ser” pensei, descartando a ideia.

“Ele não se atreveria” tornei a pensar.

Mas assim que cruzamos o portão e tive uma visão mais ampla, descobri que, infelizmente,

tratava-se de um grande “*sim*”.

Gustavo, pelo jeito, tinha se atrevido.

Vários bancos estavam posicionados dos dois lados de um gramado muito bonito. E, lá na frente, no meio, uma espécie de altar improvisado estava montado. Aquela decoração florida ajudou a destruir quaisquer outras dúvidas que eu pudesse ter.

O cantor tinha me arrastado para um casamento.

Eu não estava vestida de forma adequada para aquela cerimônia, mas essa certamente não era a pior parte. Eu não tinha paciência ou preparo psicológico para assistir aquilo, principalmente quando estava ali com uma espécie de amante.

— Um casamento, Gustavo? — Eu não consegui nem disfarçar o quanto estava decepcionada. Era bem mais do que apenas um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aborrecimento, eu estava chateada, pois não era o tipo de coisa que se fazia em um segundo, terceiro ou quarto encontro. — Olha pra mim, eu não estou nem vestida pra isso!

Ele parou de andar e voltou os seus olhos dourados em minha direção.

— Relaxa, ruivinha... Eu só te trouxe pra assistir um casamento, não estou tentando me casar com você — ele respondeu, rindo como se tudo fosse uma grande piada. O cretino estava se divertindo com aquela situação. Ele conseguia achar graça de tudo. — E eu já te disse, você está linda.

“Só te trouxe pra assistir um casamento” dissera-me ele, como se fosse algo normal.

Eu, basicamente, não conhecia ninguém ali.

Não mesmo Gustavo, já que havíamos acabado de nos conhecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não conheço os noivos — sussurrei, dizendo-lhe o óbvio. — E nenhum outro convidado.

— Relaxa...

— Se você me disser “relaxa” ou “ruivinha” mais uma vez, eu juro que vou socar a sua cara — eu o interrompi, divertindo-o ainda mais.

Ainda com aquele sorriso safado no rosto, ele respondeu: — isso seria bem sexy.

Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa — uma bem desagradável, diga-se de passagem —, ele completou:

— Relaxa, ruivinha... — Ele nem disfarçou que pronunciou aquelas palavras só para me irritar. — Eu também não conheço ninguém daqui.

A segunda parte da resposta dele fez com que eu me esquecesse da afronta causada pelo “*relaxe*”

PERIGOSAS ACHERON

e o “*ruivinha*”.

Como assim ele também não conhecia ninguém?

Esse era o problema com Gustavo, você nunca sabia quando ele estava brincando e quando estava falando sério.

— E por que você veio então? — indaguei, assumindo pela expressão do rosto dele de que aquilo era mesmo sério. — Ou melhor, por que você me trouxe aqui?

— Porque eu gosto de assistir pessoas desconhecidas se casando... — ele respondeu, com o olhar e expressão bem sérios. — E te trouxe porque, como você é casada, eu achei que combinaria.

Não consegui disfarçar o quanto aquilo soou de forma bizarra.

Se ele continuasse com aquele olhar, as chances de eu fugir dali eram bem grandes.

Mas antes que eu pudesse criar uma teoria da conspiração sobre aquilo, o cantor abandonou a expressão séria e começou a rir, mostrando-me que estava caçoando de mim, mais uma vez.

Como eu podia ser tão idiota?

— Eu fui contratado pra cantar aqui — ele me respondeu, ainda rindo da minha inocência em quase acreditar naquela loucura que ele havia me dito. — Você precisava ver a sua cara... Já estava achando que eu era um psicopata louco.

Dei um tapa no peito dele, odiando-o por ser tão babaca.

— Você é um grande idiota, Gustavo Lacerda.

— Demorou tanto tempo assim pra descobrir, ruivinha? — retrucou ele, fazendo com que eu

sentisse vontade de lhe dar um outro tapa, uma mais forte dessa vez.

Depois disso, nem eu consegui segurar a risada. Eu realmente havia caído na história de “*assistir pessoas desconhecidas se casando*”. E isso fez com que eu me sentisse a pessoa mais lesada do universo.

Aproximamo-nos dos seguranças e Gustavo conversou com ele, apresentando-se como o cantor, encarregado de “*entretêr a festa*” — nas palavras do próprio.

E então, ele voltou os olhos dourados dele em minha direção e disse que eu era a sua “namorada”.

Sim, a namorada.

— O que foi aquilo? — questionei, assim que nos afastamos dos dois homens, que fiscalizavam a entrada das pessoas. Ele me lançou um olhar confuso, obrigando-me a especificar: — o PERIGOSAS ACHERON

“namorada”?

— Eu me gabando por namorar uma mulher tão linda. — Assim como eu, ele fez aspas no “namorar”. — Deixa eu curtir essa mentira, vai?

Ele era ótimo com as palavras, conseguia transformar qualquer coisa em um elogio — ou em algo picante, o que também era legal. E para uma mulher que não estava acostumada a ser cortejada dessa forma, era muito bom.

— Eu vou fazer a passagem de som lá atrás e se VOC...

— Nem pense em me dizer pra ficar por aqui, com esse bando de desconhecidos — eu o interrompi, sendo bem clara. — Eu vou com você.

Ele sorriu, mostrando-me que havia gostado da minha resposta.

— Melhor ainda, assim nós podemos passar

outras coisas também — ele disse em um tom malicioso, caminhando na direção do palco.

Contornamos o que parecia ser o palco — um tão improvisado quanto o altar do outro lado — e fomos para os fundos, onde um violão e enormes caixas de som estavam espalhadas em cima de uma grande mesa.

Ele ignorou todo o restante, indo direto no violão e começou a passar os seus dedos pelas cordas, completamente admirado com o que tinha em mãos.

— Essa belezinha aqui é incrível — ele comentou, ainda analisando o instrumento. — É o meu sonho de consumo do momento.

— Eu pensei que nessas apresentações vocês traziam os instrumentos — comentei, aproximando-me de onde ele estava parado.

Encarei o violão e, diferente dele, não consegui

PERIGOSAS ACHERON

enxergar nada demais ali.

— Pra sorte deles, não... Comparado a isso aqui, o meu violão é só um pedaço de pau com algumas cordas esticadas — respondeu-me ele, sem me encarar. — Um desse deve custar, sei lá, uns três paus.

Três mil reais?

Foi impossível não me sentir mal, pois aquela quantia era extremamente insignificante pra mim.

Um simples trocado.

Ele fez os testes de som e alguns exercícios de voz, antes de subir no palco com o violão que tanto o impressionou.

Antes de ir, ele me convidou para ficar lá em cima ao lado dele, dando-lhe um “apoio moral”, o que eu, obviamente, recusei. Optei por contornar o palco e seguir até onde o restante dos convidados

estavam parados, conversando.

Gustavo cantou cinco músicas — todas sertanejas — e durante cada uma delas, não tirou os seus olhos dourados de mim. Ele conseguiu ser sexy até com aquele terno barato. Nunca pensei que fosse ter tanto fetiche por um cara segurando um violão.

Depois de sua apresentação, ele instruiu as pessoas a se organizarem nos assentos do outro lado do gramado, para acompanharem a cerimônia que estava prestes a começar.

Retornei aos fundos do palco e o encontrei tomando água. Ao me ver se aproximando, ele colocou a garrafinha em cima da mesa e forçou um sorriso.

— Eu juro que quando eu tive a ideia de te trazer comigo pra um trabalho, ela não parecia tão estúpida na minha mente — ele comentou,

PERIGOSAS NACIONAIS

fazendo-me sorrir. — Só preciso ficar aqui mais umas... — Ele fez uma careta e desviou o olhar, antes de responder: — mais umas duas ou três horas.

— E eles vão pagar te bem?

Ele balançou a cabeça, confirmando.

— Então, tá tudo bem... — Sentei-me em um banco de plástico próximo dele. — Mas a verdade é que eu estava esperando que você me levasse pra um lugar que tivesse uma cama... — Coloquei a minha mão em cima da coxa dele e voltei o meu olhar para o seu rosto. — Uma bem macia.

Ele ficou surpreso com aquela minha investida. Na maior parte das vezes, Gustavo era o responsável por fazer comentários como aquele, repletos de malícia.

Foi ótimo vê-lo desconcertado.

PERIGOSAS ACHERON

Eu me senti vingada.

Subi a minha mão, tocando no volume em sua calça. Não hesitei e realmente apertei, sentindo o membro dele por cima do tecido.

Parecia ser grande.

Afastei a minha mão e, concluí: — é... fica pra próxima.

Ele me puxou pelo braço, colocando-me em seu colo e, então as suas mãos desceram, apertando a minha bunda com força.

No mesmo instante, olhei ao redor, verificando que não tinha ninguém por perto. Felizmente, todos estavam concentrados demais na cerimônia, que acontecia do outro lado do gramado. E ainda tinha o palco, que impedia com que algum dos convidados nos visse.

— Essa cadeira parece bem macia pra mim...

— ele sussurrou, olhando diretamente para o meu rosto. — Ela é perfeita.

Balancei a cabeça, negando: — não, ela não é.

— Não se preocupa, eu vou te colocar pra sentar em outra coisa, ruivinha — Gustavo respondeu, deixando-me tensa e muito excitada com a ideia de transar ali, em um local público. — É um pouquinho duro, mas depois que entra fica gostoso.

Aquele safado riu, mostrando-me as suas covinhas. E, ainda sentada em seu colo, eu senti a mão direita dele invadindo o meu vestido.

Eu estava com muito medo de alguém nos flagrar. Passei a minha vida inteira com medo do que podiam pensar de mim e agora estava em um local onde todos tinham acesso, sentada no colo de um cara, deixando-o colocar a mão no meio das minhas pernas. Era aterrorizante, mas, em

PERIGOSAS ACHERON

contrapartida, o tesão era tão grande que eu não queria interrompê-lo.

Senti os seus dedos roçando pelo meu sexo, por cima da calcinha. E nesse instante, parecia que o meu rosto pegaria fogo, eu devia estar mais vermelha que uma pimenta malagueta.

Sem se importar com a possibilidade de alguém aparecer de surpresa, Gustavo, puxou a minha calcinha para o lado e mergulhou dois de seus dedos em mim.

Eu não pensei que ele iria tão longe.

E nem que eu daria um gemido tão alto no momento em que ele começou a movimentar os seus dedos lá embaixo.

Toda aquela situação, o perigo constante e o simples fato de eu estar no colo dele, fez com que a minha excitação se multiplicasse por dez. Nunca pensei que entraria tão rápido no clima, deixando

PERIGOSAS ACHERON

os dedos dele molhados.

O loiro tirou os seus dedos de mim e os levou até a sua boca, chupando todo o meu “suco” com vontade.

Com os olhos em mim, ele sussurrou: — é a minha bebida preferida. — Enquanto ele comentou aquilo, notei que seu o caralho estava completamente duro, louco para escapar daquela calça social. — Mais perfeito do que isso, só bebendo direto da fonte.

“Filho da puta” pensei, louca para deixá-lo me beber todinha.

Não consegui deixar de imaginar uma cena em que aquela boca maravilhosa estava grudada em mim, chupando-me com intensidade. Ele me faria gozar sem nem o usar aquele cacete, aparentemente, grande.

Mas no ambiente em que estávamos, em uma
PERIGOSAS ACHERON

cerimônia de casamento, cercados por convidados, isso era completamente inviável. O mais seguro seria abrir a braguilha de sua calça e me limitar a sentar em seu caralho, mas, ainda sim, não tinha coragem pra fazer isso.

Não era apenas puritanismo, mas o meu bom senso falando. Seria, no mínimo — e já estava sendo —, desrespeitoso com os noivos.

E como eu comecei aquilo com a minha provocação, decidi que terminaria.

— Eu não vou transar com você aqui, barman — disse, levantando-me de seu colo de forma apressada, como se quisesse impedir que ele me segurasse. Tinha certeza que se Gustavo insistisse mais um pouquinho, acabaria cedendo e eu não queria ceder. — Imagina se pegam a gente fodendo aqui?

Ele fez uma carinha de cachorro sem dono.

— Eu acho que nunca fiquei tão duro assim na minha vida... — O loiro levou a mão até o meio das pernas e agarrou o seu volume. — Olha só como você me deixou.

Eu adorei ouvir aquilo.

Saber que era desejada daquela forma alimentava muito o meu ego e levavam da minha mente coisas como a que Erick havia me dito na noite anterior, sobre eu ser “*péssima*” e não ser mulher suficiente pra ele.

— Mas eu sei esperar, ruivinha — ele prosseguiu, surpreendendo-me pela escolha das palavras. — Até mesmo com o meu pau assim.

Realmente não esperava aquilo. Gustavo conseguia equilibrar muito bem os seus lados “anjo” e “demônio”. Ele não tinha medo de me pegar com vontade e me colocar em seu colo, mas sabia o momento de parar, principalmente quando

isso partia de mim.

Como eu sabia que se continuasse ali, acabaria transando com ele, caminhei até a estrutura de metal e voltei o meu olhar pra o cantor, que continuava sentado no banco, tentando controlar a sua ereção, ainda visível.

— Vamos?

Ele riu e indagou confuso: — ir pra onde?

— Assistir a cerimônia... — respondi, mesmo sem saber se teria paciência pra isso. — Já que estamos aqui, vamos aproveitar o casamento.

Pensei que ele fosse reclamar que ainda estava duro e que não poderia sair de trás do palco antes do seu “negócio” abaixar, mas Gustavo não era eu e, visivelmente, não se importava muito com o que pensavam dele.

Ele tirou o paletó e o colocou no braço direito,

de uma forma que tampasse a região “afetada” e me acompanhou até o outro lado do gramado.

Sentamos na última fileira, pois nenhum de nós dois queria chamar muita atenção.

Deixei com que os meus olhos corressem pelo altar, apreciando toda a decoração com as rosas brancas. Observei o padre e o noivo parados lá na frente, próximos do altar. O homem magricelo aparentava estar bem ansioso para a chegada da noiva, o seu nervosismo era nítido até de longe.

Por mais que as coisas fossem simples — principalmente, se eu comparasse com os casamentos que costumava frequentar —, era tudo

muito bonito.

— Isso aqui, toda essa decoração, te traz boas recordações? — perguntou-me Gustavo em um sussurro. Como eu fiquei em silêncio, fingindo que não havia escutado a sua pergunta, ele prosseguiu: — do casamento...

— Não... — eu respondi, sem encará-lo. — Não traz.

A verdade era que eu estava tão assustada no dia do meu casamento, que nem me lembrava das outras sensações. Tudo o que eu me recordava era da enorme impotência que eu senti ao pisar na igreja, ao ver a família de Erick de um lado e a minha da outra.

“Não tem como eu fugir agora” era tudo o que eu pensava, enquanto o meu pai me levava em direção ao altar.

Eu queria fazer como naqueles filmes de
PERIGOSAS ACHERON

comédia romântica, em que a noiva foge para encontrar o seu verdadeiro amor do lado de fora da igreja.

O único problema era que não existia nenhum “grande amor” lá fora me esperando.

Eu não tinha ninguém.

Ao me aproximar do altar, encarei Erick e, pela expressão forçada do rosto dele, notei que não era a única assustada, com medo do que o futuro nos reservava.

Era como se os olhos esmeralda dele gritassem *“o que a gente tá fazendo?”*.

— Victória? — sussurrou Gustavo, colocando a mão em meu braço esquerdo e, conseqüentemente, trazendo-me de volta para o presente.

Voltei o meu olhar na direção dele e ele acenou com a cabeça, mostrando-me que a noiva já tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

entrado na igreja e estava parada lá no altar, bem ao lado do cara que seria o seu marido.

— Tudo bem? — ele questionou, lendo a expressão do meu rosto.

Eu balancei a minha cabeça e sorri, tentando lhe transmitir que estava bem, mesmo sem ter certeza se realmente estava.

Aquele lugar me trazia tantas lembranças e a maior parte delas não eram boas. Tratavam-se de recordações que pertenciam a um momento da minha vida em que eu ainda não era forte o bastante para lutar por mim mesma. E ao estar ali, relembrando um dos piores dias da minha vida, toda aquela fraqueza voltou com força, fazendo-me lembrar da sensação terrível de ver a sua vida se despedaçando e, ainda sim, não ter força — e, principalmente, coragem — para fazer alguma coisa.

PERIGOSAS ACHERON

O meu casamento com Erick foi um enterro.

Matei todos os meus sonhos e enterrei todas as minhas esperanças junto com eles, em uma cova tão funda ao ponto de eu nunca mais recuperá-los.

Eu só consegui focar no altar no momento em que começaram a trocar os votos.

Ainda que não fosse algo obrigatório em um casamento, o momento dos votos era, sem dúvida alguma, um dos mais especiais, pois era quando as duas pessoas diante do padre — ou pastor — se declarariam e fariam promessas, muitas das quais eles não seriam capazes de cumprir.

Eu e Erick mesmo, não cumprimos nenhuma.

— Denise de Andrade, eu acho que não é surpresa pra ninguém que você é a mulher da minha vida... — começou o noivo, fazendo com que parte da plateia risse. — Mas o que muitos não sabem, é que no momento em que eu coloquei os PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meus olhos em você, eu soube que seria para sempre. — Ele riu e pela expressão de seu rosto, sabíamos o quanto ele estava nervoso. — O que nós temos é tão especial que nem mesmo eu, o ser humano mais desastrado do mundo, conseguiu quebrar. — Os olhos dele subiram em direção ao rosto dela, que não escondia a contemplação pelas coisas bonitas que ele estava dizendo. — Eu prometo te amar, ser fiel e melhorar dia após dia, pra tentar ser merecedor do seu amor.

Ele coçou as pálpebras, tentando disfarçar o choro e isso foi bem mais do que apenas “fofo”, passou verdade, fez com que eu e todas as pessoas que estavam assistindo-o sentissem verdade nele.

A noiva voltou o olhar para o papel em sua mão — provavelmente o discurso que havia preparado — e depois de alguns segundos em silêncio, ela amaçou a folha, como se tivesse desistido de dizer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as coisas que estavam escritas ali.

— Eu não te amei no momento em que nós nos conhecemos, Vinicius... Na verdade, eu te achei um babaca. — A última frase fez com que todos rissem, inclusive eu e Gustavo. — Mas não demorou muito para que você me conquistasse com esse seu romantismo irritante e coração de ouro. Diferente de mim, você sempre sabe o que dizer. Sei que os meus votos não vão nem chegar aos pés do seu... É... eu perdi essa competição pra você... — Ela estava ainda mais nervosa do que o noivo, mas soava de forma tão sincera quanto ele. — Eu só quero que você saiba que eu te amo e que você é, sim, o homem da minha vida. — Ela estendeu a mão, entrelaçando os dedos com o noivo, antes de prosseguir: — eu não sou muito de fazer promessas, mas... Eu prometo te amar, ser fiel e não me esquecer do quanto você me faz feliz.

PERIGOSAS ACHERON

Eu precisei me esforçar para não deixar uma lágrima escapar.

Eles pareciam tão perfeitos um para o outro que eu me sentia ainda mais azarada por ter tido uma experiência tão ruim — mesmo as duas sendo situações bem diferentes.

E, só então, toda aquela cerimonia se transformou e eu deixei de compará-la ao meu casamento.

Definitivamente, elas não tinham nada de parecido.

Os votos do meu casamento foram tão genéricos que eu nem mesmo me lembrava do que havia dito enquanto encarava o meu futuro marido. Eu não conhecia Erick tão bem para comentar a respeito de um defeito ou qualidade dele. Eu não o amava para dizer sobre a forma que ele fazia com que eu me sentisse. E eu não queria estar lá no altar

ao lado dele, para pelo menos me esforçar a escrever algo minimamente decente.

— Eu tenho que voltar e ir me organizando lá no palco — sussurrou o cantor, fazendo com que eu voltasse a minha atenção pra ele.

Nem pensei para responder: — eu vou com você.

Como estávamos na última fileira, não chamamos a atenção de ninguém ao nos levantarmos.

Assim que já estávamos longe do restante do pessoal, o loiro indagou: — faria de novo?

Eu sabia exatamente sobre o que ele estava falando, mas, ainda sim, agi como se não tivesse entendido, como se eu precisasse ganhar mais tempo para formular uma resposta.

— Se casar — ele completou, mostrando-me

que não tinha nenhum receio de falar sobre o meu casamento.

Voltei o meu olhar para o chão, antes de levantar a minha cabeça.

— Eu não sei... — respondi, sendo bem sincera. — Se eu fosse pegar o meu casamento como exemplo, não... Eu não faria. Mas eu sei que existem casais felizes por aí, nem todo mundo é azarado... Olhe só pra aqueles dois.

— Eu nunca pensei muito sobre isso... Casamento — ele respondeu, quando nos aproximamos do palco. — Acho que só vamos colocar essa palavra no nosso vocabulário quando encontrarmos a pessoa certa.

Eu era a prova viva de que isso não funcionava bem na prática.

Erick Marinho estava longe de ser o “homem” certo pra mim e, ainda sim, nós dois acabamos

PERIGOSAS ACHERON

casados, dividindo uma mesma casa e cama.

— Enquanto eles trocavam os votos, tudo o que eu conseguia pensar era que não me lembrava dos meus ou dos de Erick — continuei falando, completamente incrédula por não me recordar de algo tão importante. — E isso prova o quanto essa cerimonia significou para nós dois.

— Eu estou sendo muito inconveniente? — ele questionou, surpreendendo-me pela pergunta. Durante toda a cerimônia não pensei que ele se importava se estava ou não sendo “inconveniente”. — Estou te obrigando a falar sobre coisas que você não quer?

Não consegui deixar de sorrir.

Era maravilhoso descobrir que ele não era tão autoconfiante cem por cento do tempo, pois me mostrava que eu não estava sozinha com as minhas inseguranças.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sim, você está — respondi, enquanto caminhava ao lado dele. — Mas eu passei tanto tempo guardando essas coisas pra mim, que gostei de colocá-las pra fora, aqui e ontem, durante a aquela ligação... Além de cantor, você é um bom ouvinte, Gustavo Lacerda.

Essa realmente era a verdade.

No começo, era constrangedor comentar sobre Erick e a relação estanha que possuíamos. Mas, pelo menos, eu estava falando sobre isso com alguém. Não podia falar com a minha família, com as minhas amigas — aquelas mulheres realmente eram minhas amigas? — e isso sempre me sufocou.

Então, colocar para fora era a parte mais difícil, pois se tratava de um primeiro passos e esses são sempre os mais complicados. No entanto, assim que eu me livrava das palavras, passava a me sentir melhor.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu fico feliz em ter sido útil... — Ele sorriu de uma forma que me fez esperar alguma coisa maliciosa. — Pra essas e outras coisas.

Achei melhor não dar corda ou as chances dos dedos dele voltarem a invadir o meu vestido eram grandes e eu não sabia se conseguiria interromper dessa vez.

Antes de a cerimônia acabar, Gustavo fez a passagem de som e ensaiou uma música em inglês que, aparentemente, ele nunca havia cantado antes, tratava-se de um pedido dos noivos. “*Angels*” do Robbie Williams, uma música bem romântica.

Durante esse ensaio, nos divertimos bastante. Sempre que ele pronunciava alguma palavra errada, eu o corrigia, forçando-o a pronunciar corretamente.

E quando chegou o momento de cantá-la, tudo foi pronunciado perfeitamente. Gustavo parecia um

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anjo — exatamente sobre o que a canção remetia — naquele palco, com o violão em sua mão e o microfone a alguns centímetros de distancia da sua boca.

Ele era tão talentoso que parecia um crime que todo aquele potencial fosse limitado para apresentações em casamentos e em um barzinho de quinta categoria.

Infelizmente, só talento não fazia com que uma pessoa fosse bem sucedida.

O loiro era a prova viva disso.

E eu me limitei a continuar ali parada, admirando-o.

Depois de cantar mais algumas canções, dessa vez em português, que o público foi escolhendo e ele avaliando se conseguia ou não performar, o “expediente” de Gustavo chegou ao fim e nós fomos embora.

PERIGOSAS ACHERON

Diferentemente de quando nós saímos da minha casa, andar de moto com ele já não foi tão assustador assim. E a comprovação disso era que eu consegui até aproveitar o momento, abraçando o corpo dele com força, enquanto o vento era soprado contra o meu rosto. Não precisei nem fechar os meus olhos e, como estava com o paletó dele — assim como na primeira vez — nem senti muito frio, pelo menos, não tanto quando Gustavo deve ter sentido ao pilotar só com uma camisa social fininha.

Quando a moto dele estacionou há uma quadra da minha casa, eu me senti muito mal por não poder dar continuidade ao nosso encontro. As chances de Erick estar em casa não eram tão grandes — ele devia estar se divertindo com a acompanhante de luxo —, mas eu não queria arriscar ser flagrada por ele com Gustavo e por isso

fiz questão que o loiro parasse bem longe do portão.

Tirei o capacete cor de rosa e entreguei pra ele, triste por já ter que lhe dar “tchau”.

Aproveitei para lhe devolver o paletó também.

Gustavo também tirou o capacete, antes de levar a mão até a sua cabeça, arrumando o topete rebelde. Pensei que ficaríamos nos encarando por mais tempo, entretanto, o cantor me surpreendeu ao dar um passo e tomar os meus lábios em um beijo, roubando o restinho de fôlego que eu possuía, o pouco que o passeio de moto não havia levado.

Quando nos afastamos, os olhos dourados dele continuaram em meu rosto.

— Não vai mesmo me convidar pra entrar? — ele me questionou, com um olhar esperançoso, que me fez sentir mal por ter que dizer um “*não*”. — Eu ficaria muito feliz em terminar o serviço.

Ele, certamente, não seria o único “*feliz*”.

— Hoje, não, barman — respondi, querendo ter dito um “*sim*”.

— E eu posso tentar te convencer? — ele insistiu, aproximando-se para um outro beijo que, realmente, quase me convenceu a levá-lo para o meu quarto. Ele ergueu a mão direita e movimentou os dedos, antes de completar: — eu consigo fazer muitas coisas além de tocar violão.

“*Como se eu já não soubesse*” pensei.

Lembrava-me bem do que aqueles dedos grandes eram capazes de fazer. Antes do momento que tivemos atrás do palco, eu nunca havia chegado tão longe “em público” com um cara. Aquela “brincadeira” algo tão safado e gostoso que eu me senti virgem, enquanto ainda estava sentada em seu colo, sentindo os seus dedos serem introduzidos em mim.

Foi impossível não rir e, secretamente — ou não, pela expressão de meu rosto —, desejar sentir aqueles dedos explorando o meu corpo uma vez mais.

— Tudo o que eu mais queria era deixar você entrar e me pegar daquela forma, mas... — Fiz uma careta. — Mas tem chance do Erick também me pegar e eu tenho certeza que no caso dele não será tão gostoso.

E, assim como aconteceu lá, o barman entendeu que não dava e não tentou forçar nada.

— Você não quer irritá-lo?

— Eu quero... Você não imagina o quanto — respondi, voltando o meu olhar para os lados, verificando se alguém estava nos observando. Após me certificar que não, eu prossegui: — mas não ao ponto de arriscar perder isso aqui... Deve ser a coisa mais real que eu já tive em anos... Não vou

facilitar e deixar com que ele destruía.

Eu tinha que proteger o meu castelo de areia dos pés gigantesco de Erick.

Ele sorriu, mostrando-se satisfeito com aquela minha resposta. Gustavo entendeu que não era um cara qualquer pra mim, que o que tínhamos — ainda que fosse algo extremamente recente, uma coisa de dias —, possuía valor.

— Então, boa noite, ruivinha — ele disse, instantes antes de me roubar mais um beijo.

— Boa noite, barman — respondi, assim que os nossos lábios se separaram.

Eu me virei e caminhei em direção a minha casa, ainda com as lembranças daquela noite maravilhosa pipocando em minha cabeça. Na metade do caminho, eu me virei e notei que ele ainda estava lá, observando-me andar. Gustavo não foi embora enquanto eu não cheguei no portão da PERIGOSAS ACHERON

minha casa, ele ficou me cuidando de longe e isso só contribuiu para o meu sorriso.

Assim que me aproximei do portão e visualizei que o carro de Erick estacionado, fechei os meus olhos e agradei por não ter levado Gustavo pra lá. Essa era uma das poucas vezes em que estava “de bem” com o universo, que me livrou de uma cena terrível, que poderia custar muito caro pra mim.

Entrei em casa e, infelizmente, não consegui esconder o meu sorriso de felicidade. Aquele sentimento era mais forte do que a minha vontade escondê-lo. Fazia tanto tempo que eu não me sentia tão bem que parecia um pecado esconder isso agora.

E também, é claro, eu não contei que Erick estivesse na sala, sentando no sofá, praticamente

PERIGOSAS ACHERON

esperando por mim.

— Onde é que você estava? — indagou o moreno, assim que me viu cruzando a porta. Ele voltou o olhar para o relógio prateado em seu pulso e prosseguiu, antes mesmo de eu lhe dar uma resposta: — é quase uma hora da manhã, Victória.

Ainda que pudesse parecer uma pergunta normal, vindo do homem que era o meu marido, eu não tinha que lhe responder isso. Erick nunca me dizia aonde ia — e nem com quem —, deixando-me sempre no escuro em relação ao que acontecia na vida dele. Apenas depois da chegada de Sabrina que passei a ter uma melhor noção da companhia que ele tinha na cama.

Então era, no mínimo, injusto ele fazer qualquer tipo de cobrança.

— No dia em que eu te dever alguma satisfação da minha vida, eu respondo essa pergunta, Erick —

PERIGOSAS NACIONAIS

disse, decidida a não deixar com que ele estragasse o meu bom humor.

Aproximei-me da mesinha de centro e me servi uma dose do uísque que ele estava tomando.

Erick me secou com aqueles olhos claros.

— Você está muito animadinha.

Senti uma sensação gélida invadir o meu estômago, um mau pressentimento ou talvez fosse apenas medo de ele saber de alguma coisa.

Usei o meu deboche como arma de defesa.

Virei-me, encarando-o, antes de lhe responder:
— não, eu não estou.

Tinha certeza de que a minha mentira não havia convencido ele, nem mesmo com aquela minha expressão debochada. Talvez a minha felicidade estivesse transparente demais na minha face para que eu pudesse mascará-la.

PERIGOSAS ACHERON

Tomei o exemplo de Erick e levei os meus olhos na direção dele, analisando-o também.

Era uma da manhã e ele ainda estava acordado, sentado no sofá da sala, tomando uísque. O celular estava no braço do sofá e os seus olhos verdes não conseguiam se desgrudar daquela tela. Isso, definitivamente, não era muito normal.

Ele era do estilo que fodia e ia embora, não ficava enviando mensagem de texto depois do sexo.

— Você também — comentei instantes após tomar um longo gole da bebida em meu copo.

Ele franziu a testa, antes de indagar, fazendo-se de desentendido: — o que tem eu?

Eu não consegui controlar o sorriso em meus lábios.

— Você está feliz — respondi, apenas constatando o óbvio. E, então, percebi que estava

enganada. Com os olhos fixos no rosto dele, eu me corrigi: — não, você não está feliz... Você está apaixonado.

Após dizer aquilo, eu deixei o copo sobre a mesa e me afastei, caminhando para o meu quarto, antes que ele tivesse a chance de responder com um “*não seja ridícula, Victória!*”, mesmo sabendo que eu estava certa e de que ele tinha encontrado em Sabrina coisas que nunca achou em mim.

Agora se isso tratava-se de uma recompensa ou castigo universal, ficava a cargo de Erick decidir.

Capítulo 13 — Pegada em Domicílio

Depois do passeio — aquele em que Gustavo me arrastou para um casamento —, passamos um dia inteiro só trocando mensagens de texto.

Enquanto seguia com a minha rotina diária, lia todas as coisas que ele me mandava e, na maior parte das vezes, me esforçava para não transparecer nada as pessoas que poderiam estar me observando — pessoas como a minha mãe, por exemplo.

“Como nós tivemos uma espécie de casamento ontem, eu acho que já tá na hora da nossa lua de mel. O que você acha, ruivinha?” enviou-me ele.

Eu estava em um salão de beleza com a minha mãe. Estávamos fazendo cabelo e unhas. Então,

precisava sempre controlar as expressões do meu rosto, para que ela não questionasse algo como “*o que é que você está vendo aí?*”.

Mas, depois dessa última mensagem dele, foi difícil controlar o meu sorriso ao ler.

“*Eu não acho absolutamente nada*” mandei como resposta, incapaz de desviar o meu olhar do telefone.

Diferente do que eu deixava transparecer através das mensagens de texto, eu estava louca por aquilo — talvez até mais do que ele.

Na noite anterior, depois de um longo banho de banheira — onde me toquei pensando no barman —, eu tive um sonho erótico com ele.

Sonhei que Gustavo aparecia de repente na minha casa e me beijava com vontade. E tudo pareceu tão real ao ponto de eu sentir o beijo e todas as emoções conflitantes dentro de mim. O PERIGOSAS ACHERON

desejo foi tanto que a minha versão do sonho nem se importou com a possibilidade de Erick também aparecer.

Podia dizer que aquela Victória era ainda mais safada do que eu, pois ela não perdeu tempo e puxou o loiro para o sofá, onde os beijos quentes fizeram com que ambos tirassem as suas roupas e, então, consumassem o ato — um do qual os dois ansiavam muito.

Quando o sonho chegou ao fim e eu despertei — detestando-me por acordar na melhor parte —, prometi a mim mesma que não continuaria enrolando.

Eu já era uma mulher crescida, não tinha motivos para continuar adiando isso — pelo menos, não quando estava acostumada a fazer com homens que eu conhecia na mesma noite.

“Já que eu não posso ir à sua casa, o que acha

de vir na minha?” ele me enviou, trazendo-me de volta dos meus pensamentos e me deixando em dúvida sobre o que deveria lhe responder.

Uma parte minha — a mais medrosa, diga-se de passagem — queria que isso ocorresse em um motel, pois daria a relação um toque de impessoalidade. Mas, ao mesmo tempo, eu não queria que a nossa primeira vez juntos ocorresse no “Star Palace”.

Eu costumava usar aquele hotel para me encontrar com homens como o Renan, caras que me eu esquecia assim que deixava o quarto. Então, não parecia certo levar o barman até lá, pois ele não era um homem qualquer com quem eu transaria e nem me lembraria do nome no dia seguinte.

Esse pensamento fez com que eu finalmente entendesse o porquê Erick trazia Sabrina para a nossa casa. Não era apenas para me irritar. Ele

PERIGOSAS NACIONAIS

sabia, mesmo que de forma inconsciente, de que ela era diferente, de que era especial e merecia muito mais do que aquele “matadouro”.

Depois de passar alguns minutos pensando, eu optei por aceitar o convite.

Não tinha mais volta.

A nossa relação já era pessoal. Tapar o sol com a peneira e tentar ignorar isso só faria com que eu me parecesse ainda mais com o meu marido, que estava a todo instante tentando negar aquilo que estava bem abaixo de seu nariz, ao me responder com “*não seja ridícula, Victória*” sempre que eu o provocava, dizendo que o que ele possuía com Sabrina se tratava de um romance.

“*Tudo bem, barman*” respondi a mensagem dele.

PERIGOSAS ACHERON

Estaria mentindo se dissesse que não fiquei um pouco nervosa.

Diferente de como acontecia com os garotos de programa que eu contratava para me satisfazer, eu não seria a “chefe”, não seria algo focado unicamente no meu prazer. Mas, felizmente, todo esse nervosismo não foi mais forte do que o meu desejo por Gustavo.

Fazia muito tempo que eu não desejava um homem como estava desejando o barman. Ele não era apenas atraente, tinha algo nele que me prendia, um certo charme que eu não sabia explicar.

O desgraçado me físgou.

Essa era a grande verdade.

Dessa vez, eu insisti para que ele me deixasse ir até a casa dele de táxi. Além de não saber se estava

mesmo preparada para um novo passeio em sua moto, eu não queria continuar correndo riscos de ser flagrada por Erick — ou por Fernando, o que daria no mesmo.

Após retornar daquele casamento no dia anterior, fiquei muito receosa. A forma com que Erick questionou o motivo de eu estar “*feliz demais*” — nas exatas palavras dele — fez com que eu abrisse os meus olhos.

Tinha certeza que, diferente de mim — que fraquejei no último instante —, ele nem pensaria para destruir a minha relação com Gustavo. E também, eu não perderia nada sendo um pouco mais cuidadosa.

Marcamos o nosso encontro para as sete horas da noite de quinta-feira, uma que se mostrou muito quente.

Quando o dia chegou, cerifiquei-me de que não

PERIGOSAS ACHERON

estava sendo seguida pelo meu motorista e fui para a casa do barman, que ficava em um bairro bem afastado da cidade. Não chegava a ser uma periferia, entretanto, também não era um lugar nobre.

Quando o taxista estacionou, tive que conferir o número da casa, pois tinha quase certeza de que ele havia se enganado.

Definitivamente, não podia ser ali.

Tratava-se de um barracão com as paredes todas pintadas de preto, que tinha uma placa enorme que dizia “Oficina do Carlão” em uma grafia horrível.

Então, fiz um sinal com a mão direita para que o taxista esperasse um pouco mais. Tirei o meu celular do bolso e mandei uma mensagem para o loiro, dizendo que havia chegado ao endereço que ele me passou, mas que não sabia se estava certo,

pois parecia uma espécie de oficina.

Em alguns segundos, ele me respondeu com “*É aqui mesmo. Eu já estou saindo*”.

Ainda desconfiada, eu paguei pela corrida e desci do táxi.

Esperei pelo barman do lado de fora.

A oficina parecia estar fechada, entretanto, vários homens mal encarados estavam reunidos lá dentro, conversando com latinhas de cerveja na mão.

Aquilo, definitivamente, não se parecia com uma casa — não com uma em que eu moraria, pelo menos.

Quando notei que estava sendo muito crítica e que isso poderia transparecer em meu rosto no momento em que Gustavo viesse me encontrar, tentei forçar um sorriso e pensar em coisas

positivas.

Coisas como:

“Você está aqui por causa dele”.

“Pense nele, Victória... E não nesse lugar nojento”.

“Talvez lá dentro seja melhor”.

Como já era de se imaginar, isso não deu muito certo, principalmente com alguns daqueles homens me encarando como se eu fosse um pedaço de carne. Os sorrisinhos fizeram com que eu desviasse o meu olhar, detestando-me por me enfiar naquele fim de mundo.

Se eu tinha alguma dúvida de que estava mesmo no lugar certo, isso chegou ao fim assim que Gustavo apareceu, surgindo pelo portão da oficina. Ele cumprimentou os homens que estavam bebendo ali na frente e veio na minha direção.

Ele usava um calção verde, uma camiseta branca manchada de rosa e chinelos.

— Não precisa se preocupar, ruivinha... Eu prometo que ninguém vai te sequestrar — ele comentou, mostrando-me que os meus pensamentos deviam estar escritos em letras garrafais na minha testa. Ele sorriu e completou, dizendo: — ninguém além de mim, é claro.

O loiro me cumprimentou com um selinho, um roubado. No momento em que ele se aproximou para o beijo, eu pensei que ele fosse beijar o meu rosto, mas ele simplesmente rumou em direção aos meus lábios.

Gustavo abriu o portão preto e eu entrei, tentando não voltar o meu olhar para o grupinho de homens que se reunia ali.

Passei pelos carros destruídos e tentei ao máximo ignorar alguns dos olhares dos caras que

PERIGOSAS ACHERON

estavam trabalhando — ou só bebendo — ali. Agora que o barman estava ao meu lado, eles tinham diminuído bastante, eram poucos os que se arriscavam a sorrir ou secar as minhas pernas.

Nesse instante, enquanto eu caminhava ao lado de Gustavo, tentando não sujar a minha roupa com toda a sujeira daquele lugar, a ideia de transar com ele no Star Palace — um hotel de cinco estrelas — não me pareceu mais tão ruim assim.

“Dane-se a porra da comparação com o Renan” pensei, odiando-me por ter me colocado naquela posição.

No fundo da oficina, tinha uma espécie de puxadinho — a casa do meu acompanhante —, as paredes não eram nem rebocadas.

Pra mim, uma pessoa que desde criança foi acostumada com o melhor do melhor, aquilo era a visão do inferno. Ser obrigada a viver ali me

parecia uma ótima forma de me torturar pela eternidade.

Felizmente, Gustavo não me disse “*só não repare na bagunça*”. Dessa forma, eu não me sentiria ainda mais culpada por analisar cada detalhe daquele lugar horroroso.

A decoração era inexistente — o que até era normal tratando-se de um homem solteiro —, tinha algumas roupas jogadas pelos cantos, inclusive o que me pareceu ser uma cueca preta. Eu tinha certeza de que ele devia ter “limpado” por cima, talvez por isso demorou tanto para ir me atender no portão, mas eu conseguia identificar cada pedacinho da bagunça que Gustavo tentou mascarar.

A parte mais estranha era que, com exceção do banheiro, o lugar não tinha nenhuma divisória, parecia uma espécie de loft, só que um bem feio —

isso pra dizer o mínimo. O cantor possuía uma televisão com cerca de cinquenta polegadas, um sofázinho velho na cor marrom, um fogão branco de quatro bocas, uma pequena geladeira cinzenta, um armário bege minúsculo e tão velho quanto o sofá, um micro-ondas de um modelo antigo, uma cama box, um guarda-roupa branco de duas portas e só.

Essa era a casa de Gustavo.

E eu tinha certeza de que poderia encaixá-la facilmente na sala de uma das minhas.

— Quer beber alguma coisa? — questionou-me ele, com os olhos colados em mim. — Tem cerveja, refrigerante, suco e até aquele chá ruim de caixinha que você toma.

O olhar dele fez com que eu disfarçasse e fingisse que não estava encarando cada defeito daquele lugar e que a minha mente não estava

gritando “*vai embora daqui e não volte nunca mais*”.

— Água... Água está ótimo... — disse, aproximando-me dele. — Obrigada.

O meu primeiro impulso foi recusar, mas como a expressão do meu rosto já não era das melhores, eu fiquei com medo de Gustavo se ofender com a recusa, de que ele pensasse que eu estava com nojo — o que, sinceramente, não seria uma mentira.

No chão do lugar, tinha alguns brinquedos esparramados e isso fez com que eu me lembrasse de que ele tinha um filho.

“*Como é que uma criança pode ficar em um lugar assim?*” continuei julgando. “*É perigoso pisar em um prego e morrer de tétano*”.

Ele me trouxe o copo com a água.

Tinha certeza de que se tratava de um copo de

requeijão.

“Para de ser uma esnobe de merda, Victória” disse a mim mesma, tentando parar de focar em coisas tão fúteis como a porcaria do copo.

Tomei longos goles, ainda me detestando por não ter sugerido o hotel, onde tomaríamos água em copos de cristal e nos deitaríamos em uma cama quase tão maravilhosa quanto a que eu possuía em casa.

Como ele morava, literalmente, dentro de uma oficina, o barulho era constante. Era extremamente irritante. Batidas de martelo e várias outras coisas das quais eu não tinha nem ideia do que era.

— É bem... — tossi, antes de tomar mais um gole da água. — É bem aconchegante aqui — comentei, esforçando-me ao máximo para fazer com que essas minhas palavras soassem de forma sincera.

Costumava ser boa mentindo, mas aquilo foi difícil até pra mim.

Ele riu e balançou a cabeça, como se não estivesse acreditando em nenhuma palavra que havia saído da minha boca.

— Tá escrito na sua testa que você odiou esse lugar — ele respondeu, obrigando-me a engolir mais um pouco da água. — Não precisa mentir, não pra mim.

Gustavo apontou para o sofá, convidando-me para sentar.

— E também é temporário.

— Que bom — deixei escapar. Quando notei, já tinha pronunciado as duas palavras. Como não havia uma forma de retirá-las, eu mudei de assunto: — tá pensando em se mudar pra onde?

— Você não veio aqui pra falar da minha casa,

PERIGOSAS NACIONAIS

Victória — ele me respondeu de forma séria e como isso não era nada comum, eu fiquei bem desconfortável. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa, ele completou: — você veio pra foder comigo... Não é?

Eu fiquei sem reação.

Ele sempre foi bem safado, cantando-me sempre que tinha uma oportunidade, mas isso havia sido direto demais, até mesmo pra ele.

— Aqui ou na cama? — ele acrescentou, trazendo-me para a realidade.

— Na... na cama.

Ele se levantou e me lançou um olhar cheio de malícia, algo que me deixou bem tensa. Mas, diferente de como havia acontecido lá no portão da oficina, era um tipo de desconforto bom.

Eu queria aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Essa era a grande diferença.

Soltei a minha bolsa no sofá e me levantei também, sem desviar o meu olhar de seu rosto.

Sem nenhum aviso prévio, ele agarrou as minhas pernas, tirando-me do chão. E me levou na direção da cama, do outro lado do “loft”, comigo em seus braços.

Os olhos dourados dele estavam fixos em meu rosto. E ali dentro eu enxerguei muito desejo, de uma forma que eu não conseguia enxergar em nenhum dos acompanhantes de luxo que eu contratava.

Talvez fosse porque nenhum deles esteve comigo porque queria.

Eu não era por prazer, apenas um trabalho.

— Tá pronta pro melhor sexo da tua vida, ruivinha? — ele indagou, antes de me jogar em

cima da cama.

Eu não consegui deixar de rir.

Gustavo era tão convencido.

— Eu não quero me gabar, mas já transei com profissionais do sexo — disse, arrumando-me no colchão. E, tão convencida quanto ele havia sido, completei: — modelos que estamparam capas de revistas.

Agora era ele quem ria de toda a minha arrogância.

— Esses caras aí te fizeram gozar? — ele tornou a questionar, enquanto tirava a camisa.

“Sim, você não imagina o quanto” pensei, quase respondendo em voz alta.

Eu só não respondi por que a visão do corpo dele roubou todas as minhas palavras.

O corpo de Gustavo não era tão trabalhado

quanto o de Erick, em que podíamos ver cada um dos músculos bem definidos em um peitoral que lhe custou anos de muita academia, entretanto, não ficava tão atrás assim.

Uma tatuagem preta com alguns detalhes em verde pegava parte de seu ombro esquerdo e desvia até peito dele. Parecia um dragão, mas eu não tinha certeza.

A única coisa de qual eu estava certa, era de que queria percorrer cada pedacinho dela com a minha língua.

— Sim... Eles fizeram — finalmente respondi, erguendo o meu olhar e focando em seu rosto repleto de malícia. — Foram pagos pra isso.

O loiro pareceu confuso, instantes antes de balançar a cabeça, como se não estivesse acreditando no que eu havia acabado de lhe contar.

— Quem é que cobra pra comer uma mulher

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gostosa como você?

Após comentar, ele aproximou-se da cama, como um animal selvagem que estava prestes a me atacar. Antes de subir no colchão, Gustavo tirou o calção, ficando apenas com uma cueca vermelha.

— Eu vou te foder todinha... — ele tornou ao falar, assim que o seu joelho encostou no colchão. — E não vou te cobrar nada por isso.

Arqueei uma sobrancelha, antes de lhe responder: — vai mesmo? Até agora você só falou.

Não fiquei perdendo tempo e tirei o meu vestido, ficando apenas com a lingerie preta que selecionei a dedo para aquela noite.

Como eu tinha certeza de que transaríamos, tive tempo de me preparar, colocando a melhor coisa que eu tinha em meu closet.

Fui até de cinta-liga.

PERIGOSAS ACHERON

Eu queria enlouquecê-lo e, pelo olhar dele, tinha certeza de que consegui.

— Tudo isso só pra mim?

Antes que eu pudesse lhe responder com “*é tudinho pra você*”, ele já estava explorando o meu corpo com aquelas suas mãos grandes, como se eu fosse o seu violão.

Ele apertou os meus seios por cima do sutiã e me beijou, deitando-me na cama. Gustavo ficou em cima de mim e se aproveitou ao máximo da situação para me prender com o seu corpo enorme.

Não demorou muito para que a pequena peça de roupa que o impedia de me tocar de forma mais direta fosse atirada no chão do quarto.

— Caralho... — sussurrou ele, enquanto continuava a segurando os meus seios. — Ques tetas, hein?

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava tão excitada que nem corrigi o seu “*ques tetas*”, simplesmente fechei os meus olhos e o deixei chupar os meus mamilos.

Ele não se contentou apenas em chupá-los, Gustavo os mordiscou de leve, arrancando gemidos da minha boca.

Abri os meus olhos e olhei pra baixo, visualizando o cabelo dourado dele. Não consegui me controlar e empurrei a cabeça dele, forçando-a para baixo.

O cantor entendeu bem o recado.

Ele desceu, parando bem na minha calcinha.

O cantor colocou a mão direita em minha vagina, por cima do tecido, e voltou o seu olhar para o meu rosto, como se estivesse me pedindo uma espécie de permissão — algo que dei a ele no momento em que entrei no seu barraco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu ainda estou esperando aquele comedor que me faria gozar... — comentei, abrindo as minhas pernas. — Ele chega quando?

Ele sorriu e tirou a minha calcinha com calma.

Gustavo não perdeu muito tempo me apreciando, simplesmente mergulhou em mim.

No momento em que senti a sua língua me tocar, fechei os meus olhos e aproveitei a sensação gostosa que invadia todo o meu corpo.

Por mais que eu não quisesse ficar comparando-o com os outros caras com quem eu transava, era impossível não fazer isso. Diferente de todos eles, o loiro me chupava com vontade. E, principalmente, não existia nenhuma afobação ou vontade de me levar ao orgasmo de forma rápida.

O barman fazia tudo com calma, não se importava com horário. Ele não tinha nenhuma outra “cliente” para atender depois de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentia a textura da sua língua gulosa e cada fiapinho de sua barba rala raspando em minha boceta. Gustavo garantiu para que eu sentisse tudo isso, que aproveitasse cada coisinha que ele tinha pra me oferecer.

Não satisfeito em me penetrar apenas com a sua língua, ele começou a meter os seus dedos em mim. E enquanto ele os movimentava lá dentro, os seus olhos ficavam fixos em meu rosto, assistindo-me delirar.

Tinha certeza de que se estivesse pagando para um michê, não teria tanto prazer assim.

Existem certas coisas que dinheiro nenhum compra.

— Abre bem essas pernas pra eu te foder — ele sussurrou, no momento em que se afastou do meu sexo. — Eu quero essa boceta bem arranhada pra mim, sua... sua safada.

PERIGOSAS ACHERON

Acatei o que ele disse e as abri ainda mais.

Pensei que ele fosse me chamar de puta ou qualquer outra coisa parecida. Então, nesse sentido, aquele seu “*safada*” foi um pouco decepcionante.

— Safada... Essa é a pior coisa que você consegue me chamar? — indaguei, não controlando o meu riso.

Com toda a certeza, eu aguentava bem mais.

— Eu não sou do tipo de cara que precisa chamar uma mulher de vagabunda ou de qualquer outra coisa pra provar o quanto é macho — ele comentou, no momento em que desceu da cama para pegar a camisinha. — Eu sou do tipo que prova metendo.

Ele voltou para a cama com o pau já “plastificado”.

Foi tão rápido que eu nem consegui olhá-lo

direito.

Gustavo me penetrou com força, fazendo com que eu entendesse o “*eu sou do tipo que prova metendo*”. Ele me empalou com aquele caralho grande.

Não tive tempo nem de dizer “continua”, pois ele tornou a meter com força, intensificando os meus gritos.

E, realmente, ele não precisava me xingar de nada.

A forma com que ele me comia, já fazia com que eu me sentisse uma vadia — uma bem comida, diga-se de passagem.

As mãos dele foram até os meus seios. Gustavo os apertou com força, instantes antes de envolvê-los com os seus lábios, tornando a me chupar.

— Eu quero meter nessas tetas — ele

comentou, desacelerando os seus movimentos.

Dessa vez, ele não esperou por nenhuma permissão. Simplesmente me puxou, arrancou o preservativo, colocou o seu caralho entre as minhas — como ele dizia — “tetas” e meteu com a mesma intensidade.

Sentia o pré-goço se espelhando pela minha clavícula.

Ele continuou metendo com força, como realmente “fodendo” os meus seios.

E, novamente sem aviso, ele tornou a meter aquele pedaço de carne em meu sexo, que já estava bem molhado, pronto para recebê-lo.

Ainda que ele estivesse louco de desejo, tomou o cuidado de colocar um novo preservativo, antes de me penetrar.

Levantei a minha cabeça para beijá-lo, um beijo

molhado que ele retribuiu com gosto. A minha vontade de gritar sempre interrompia os nossos beijos.

A expressão de seu rosto suado também transparecia prazer, mostrando-me que ele estava aproveitando o momento tanto quanto eu.

E isso era ótimo.

Passei tanto tempo preocupando-me apenas com o meu próprio prazer que tinha medo de não ser capaz de também proporcionar isso a alguém. Mas, felizmente, Gustavo e os seus tímidos gemidos mostravam-me que eu era, sim, muito capaz.

Ele retirou o seu caralho de mim outra vez, mas não focou em meus seios, que já haviam sido bem fodidos por ele.

— Quer sentir o gosto da sua boceta? — ofereceu-me ele, levando aquela cobra na direção

PERIGOSAS ACHERON

do meu rosto.

Aquele sorrisinho safado naqueles lábios fez com que eu sentisse vontade de engolir aquele caralho, de me engasgar nele e me melear toda com aquela porra gostosa.

E como eu realmente queria sentir cada pedacinho dele, arranquei a camisinha. Por mais que fosse mais seguro fazer oral daquela forma, eu detestava. Pra mim, era como chupar bala com a embalagem.

E, sim, isso era algo arriscado e inconsequente, já que eu não conhecia Gustavo tempo suficiente pra ter certeza de que ele não tinha alguma DST.

Mas não pensei, simplesmente agarrei aquela vara, fechando os meus dedos nela. Apertei com força e senti as veias dele pulsando em minha mão e essa sensação era maravilhosa, fazia com que eu me sentisse poderosa.

O barman era circuncidado. A cabeça era enorme e bem rosada e como estava brilhando da porra que ele ia expelindo, parecia um pirulito grande, um que eu não esperei muito para chupar.

Abocanhei aquele caralho, matando a minha vontade. Forcei-me ao máximo para colocá-lo completamente em minha boca. A minha prática me ajudou a conseguir, mesmo ele sendo grande. Engasguei-me tanto que aquilo podia ser chamado de garganta profunda.

Mas valeu a pena, pois Gustavo ficou louco.

Tirei ele da boca e comecei a lamber, passando a minha língua por cada pedacinho de sua rola. Fui da cabeça a base. Explorei cada pentelho e veia daquele caralho grosso.

— Agora eu entendi porque te chamavam de puta — ele sussurrou, forçando a minha cabeça contra o seu mastro. — Tem certeza que não era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aqueles caras que te pagavam, não? — Ele riu e gemeu, ao mesmo tempo. — Você é profissional, ruivinha.

Eu não sabia se ele estava apenas me agradando com aqueles elogios ou se eu realmente estava o surpreendendo com a minha “performance” na cama.

Mas isso me deixou bem animada.

Gustavo incentivava-me a ser “safada”.

Engoli aquele caralho e fui fundo. Satisfeito, ele começou a movimentar o quadril, fodendo a minha boca. Seu mastro entrava e saía da minha boca.

O barman meteu ele fundo e então o tirou. Os seus olhos dourados em fuzilaram, instantes antes de ele me dar uma surra de pau, batendo o seu membro no meu rosto, melecando-me com a sua porra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi como se ele estivesse marcando território e isso me excitou muito.

Depois de apanhar mais um pouco de vara, chupei as bolas dele. Dei bastante atenção para aqueles bagos volumosos, que tornavam aquele caralho grande ainda mais imponente. Chupei com bastante calma, certificando-me de dar a mesma atenção a cada um deles.

Gustavo adorou.

Quando senti que ele estava perto de gozar, afastei-me de seu caralho.

— Eu quero ser fodida de quatro — disse, posicionando-me em cima da cama. Coloquei as minhas mãos sobre o colchão e virei a minha cabeça, encarando-o: — vem me comer, barman!

Ele colocou outra camisinha — a terceira da noite — e aproximou-se de mim.

PERIGOSAS ACHERON

O loiro esfregou o seu caralho na minha boceta e forçou.

Assim que ele penetrou o meu sexo, tornei a olhar para trás, pois percebi que ele não havia entendido bem o que eu queria.

— É pra foder a minha bunda, Gustavo!

Ele ficou parado, não entendendo o que eu estava dizendo, mesmo sendo bem explícita.

— Tá falando sério? — ele questionou, com um sorriso bobo. — Balancei a cabeça, confirmando. — Você realmente sabe agradar um macho.

A sua última frase me fez rir.

— Você é muito convencido... Eu só vou te deixar me foder assim porque eu gosto — eu o corrigi. — Adoro, na verdade.

Ao notar que eu não estava brincando sobre o

“foder a minha bunda”, ele sorriu. Dessa vez, Gustavo encaixou o caralho no buraco correto e foi empurrando com calma. Como a camisinha era lubrificada, eu não senti muita dor.

E já estava bem acostumada.

Não tinha mentido quando disse que adorava ser fodida dessa forma. Adorava sentir as bolas batendo na minha bunda, a dor e o prazer se misturando.

Eu não precisei nem levar a mão dele até o meu sexo, Gustavo fez isso por conta própria. Ele afundou dois de seus dedos em minha boceta molhada e começou a estimulá-la. E, só então, o seu quadril se movimentou, metendo aquele caralho na minha bunda.

Ele beijou o meu pescoço e sussurrou: — é tão apertadinho...

O barman intensificou as metidas, arrancando

PERIGOSAS ACHERON

gritos da minha boca. Doeu bastante, mas a dor era compensada com o estímulo em meu sexo. Os dedos dele era bem ágeis. Gustavo era ótimo com as mãos, transformava o meu corpo em um instrumento, quase que literalmente em “tocando”. As notas eram os meus gemidos, que escapavam com facilidade por entre os meus lábios.

O êxtase me encontrou com muita facilidade.

Gritei alto, sem me importar com o que aqueles homens da oficina pudessem pensar.

O grito foi uma libertação, o que era bem irônico, já que eu continuava completamente presa a Gustavo. O seu caralho estava enterrado em minha bunda e os seus dedos continuavam dentro da minha boceta.

O barman me aguentou bastante, mas também ele não era de ferro.

Depois de mais alguns minutos me comendo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daquela forma intensa, ele urrou, instantes antes de gozar enchendo a camisinha de porra.

Naquele momento, desejei que o seu caralho não tivesse encapado, pois eu queria sentir aquele líquido escorrendo pelas minhas pernas.

Eu o queria dentro mim.

Ele deu dois tapinhas na minha bunda e tirou o seu cacete, antes de cair do meu lado. Voltei o meu olhar em direção ao rosto dele e notei que ele também estava me observando.

— Então, consegui te foder como aqueles modelos de capa de revista? — ele indagou, ainda com aquele sorriso sacana no rosto. — Te fiz gozar?

Balancei a minha cabeça, confirmando.

— Até que você aguentou bastante, barman — brinquei rindo, quase sem fôlego.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 14 — Café da Manhã

Gustavo me puxou para perto dele, envolvendo-me com os seus braços, colocando os nossos corpos um no outro. Aproveitei para me virar, descanando a minha cabeça em seu peito descamisado.

Nessa posição, eu era capaz de sentir a respiração dele, assim como ouvir as constantes batidas de seu coração.

E isso não acontecia há anos.

Encarando a pequena cozinha, comentei: — é aconchegante... — Eu não consegui deixar de rir, pois nem mesmo eu acreditava que havia dito aquilo. — A sua casa não é tão ruim assim,

Gustavo.

Diferente de quando eu cheguei, não estava mentindo.

— O sexo foi tão bom assim? — indagou ele, compartilhando da minha risada.

Sim, ele havia sido bom o suficiente para me fazer enxergar aquele barraco com novos olhos.

— Eu estou falando sério — continuei, ainda rindo. — Gosto do fato de ser tudo aberto... — Fiz carinho no peito dele e prossegui, rindo antes mesmo de começar a falar: — dá pra transar em todos os cômodos sem ter que ficar passando pelas portas.

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa — provavelmente, algo bem malicioso —, encarei o relógio na parede da cozinha, uma das poucas que tinha na casa, e constatei que já passavam das dez horas da noite.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ficamos tanto tempo assim deitados? —
questionei, não acreditando em como as horas
havam passado rápido. — Eu... eu tenho que ir.

Tentei deixar a cama, mas Gustavo me puxou,
prendendo-me com ele. Eu já não estava com muita
vontade de ir embora e ele não estava me ajudando
nem um pouco.

— Dorme aqui essa noite — sussurrou ele, com
uma voz manhosa, tentando me convencer a mudar
de ideia.

Quando o loiro percebeu que a sua voz sexy
não seria o suficiente para me prender ali, ele
começou a me beijar.

— Eu não... — disse, tentando escapar de seus
beijos. — Eu não posso...

— Pode sim — ele insistiu, mostrando-me que
não desistiria fácil.

PERIGOSAS ACHERON

E isso me lembrava de algo que ele havia me dito em nosso primeiro encontro, quando eu tentei escapar do bar e ele me impediu.

“A primeira coisa que você precisa saber sobre mim, é que eu não desisto fácil, Victória... Principalmente quando se trata de uma mulher tão linda” ele me dissera, convencendo-me a embarcar naquilo.

Cogitei a ideia de ficar.

Tecnicamente, eu até podia dormir ali com ele.

Eu já cansei de passar a noite em casas diferentes da que Erick dormiria e isso nunca foi motivo de alarde para nenhum de nós dois.

Então, não podia ser tão diferente dessa vez.

— Eu só fico se você me preparar um café da manhã — comentei, voltando o meu olhar para aqueles olhos dourados. — Eu quero algo incrível,

barman.

— Combinado... — ele respondeu, antes de me beijar. Assim que os nossos lábios se afastaram, Gustavo completou: — você terá esse café da manhã incrível, ruivinha.

Ainda deitada sobre ele, indaguei: — e o que a gente faz agora?

A verdade era que poderia continuar em cima de seu peito pelo resto da noite.

— Eu tenho uma ideia.

Ele beijou a minha cabeça e se levantou, indo para o sofá. Depois de ligar a televisão e conectar na netflix, Gustavo colocou na sessão “*continue assistindo*” e lá estava o filme “*Para Todos os Garotos que Já Amei*”.

— O que acha da gente terminar de ver? — propôs ele, sem saber que eu mal tinha visto o

filme. — Só que dessa vez juntos de verdade?

No dia da nossa ligação, Erick apareceu e me aborreceu ao ponto de eu sair da sala. Então, não consegui ver muito do filme e nem sabia se queria, até porque tinha certeza que a melhor parte dele havia sido a nossa conversa naquele dia.

Como não tinha uma ideia melhor, concordei com um aceno de cabeça.

Deitei-me junto com ele no pequeno sofá e voltei o meu olhar para a televisão. Entre as cenas, o barman beijava o meu pescoço, mostrando-me que a ideia do filme não era tão ruim assim. Eu tinha certeza que se nós não estivéssemos tão cansados, teríamos transado novamente.

Não aguentei assistir nem até a metade do filme, apaguei completamente.

Quando eu despertei, já não estava mais naquele sofá velho.

A primeira coisa que eu notei, não foi o quão Gustavo era bonito enquanto dormia ou o fato de me sentir incrivelmente bem, mesmo dormindo naquele colchão ruim. Eu notei que estava abraçada com o barman, como se ele fosse um travesseiro macio.

Instantaneamente, eu me afastei, tomando cuidado para não acordá-lo.

Todas as minhas precauções foram inúteis, já que assim que ameacei deixar a cama, ele virou a cabeça, encarando-me com a sua expressão sonolenta.

— Nem pense em ir embora agora, mocinha... Estou te devendo um café da manhã — ele me lembrou, instantes antes de bocejar. — Um incrível.

Gustavo se sentou na cama e eu não consegui

PERIGOSAS ACHERON

deixar de notar a barraca formada em sua cueca boxer.

O “monstro” havia despertado, aparentemente.

— Acordou animadinho, hein? — comentei, não controlando o meu sorriso.

— É difícil não ficar duro com você aqui na minha cama — ele respondeu, nem disfarçando o seu olhar nas minhas pernas.

Sem receio, estiquei o meu braço e toquei em seu membro por cima da cueca. Conseguia sentir as veias através do tecido fino da boxer e isso me fez sentir vontade de abaixá-la para tocar de forma mais direta.

— Quando eu disse que te prepararia um café da manhã, estava pensando em outra coisa — ele sussurrou ainda sonolento. — Mas isso também serve... — Ele aproximou os nossos corpos. — Eu estou morrendo de fome.

— Você não vai me comer de café da manhã, barman — disse, arrancando o sorrisinho bobo do rosto dele.

Por mais que a ideia fosse realmente tentadora, eu não tinha tempo pra isso.

Voltei o meu olhar para a cueca e os meus pensamentos me traíram, acabei pensando “*talvez eu tenha um tempinho pra isso*”, enquanto observava o caralho dele quase escapando daquela boxer melada de porra.

Não aguentei e me aproximei dele, ansiosa para ver o seu caralho outra vez.

Abaixei a cueca de Gustavo e olhei para cima, encarando o rosto dele. O cretino estava com um sorrisinho vitorioso. Mas aquela não era uma maneira ruim de perder, não é mesmo?

Observei o cacete dele, que já estava duro feito uma pedra e não consegui — e não queria — me

PERIGOSAS ACHERON

conter.

Estiquei a minha mão para tocá-lo. Adorei senti-lo duro em meus dedos. As veias, o calor daquela pele quente em contato com a minha e todo o restante deixaram-me louca.

Eu não perdi tempo e comecei a chupá-lo, com ainda mais vontade do que na noite anterior.

Abocanhei a sua rola, puxando toda a pele para baixo, certificando-me de colocar toda aquela cobeçona rosada toda na minha boca.

Um grande pirulito de tutti-frutti.

Empurrei o seu corpo para trás, deitando-o sobre a cama. Eu queria que Gustavo percebesse que era eu quem estava no comando.

Comecei a masturbá-lo, fazendo rápidos movimentos de vai e vem. Não parei nem mesmo quando a minha boca tornou a entrar em contato

com o membro grosso dele.

Mergulhei em seu cacete, engasgando-me nele. Depois de alguns minutos nesse beijo insaciável, senti que o barman estava perto de gozar. Então, acelerei os meus movimentos e ele me “leitou”, melecando todo o meu rosto com aquela porra gostosa.

Foi extremamente intenso.

Nunca havia acontecido isso — eu levar um esporro no rosto — com os garotos de programa que eu contratava. Antes de Gustavo, eu nunca quis sentir aquilo em mim, ter o esperma me marcando, sujando a minha pele.

Voltei o meu olhar pra ele e disse: — agora eu aceito aquele café da manhã incrível.

Ele sorriu e me apontou a direção do banheiro. Não que eu precisasse, já que a casa dele não tinha paredes e praticamente nenhuma divisória, a não

PERIGOSAS ACHERON

ser justamente aquela em que ficava o banheiro.

Assim como todo o restante, o banheiro era simples. Não tinha uma banheira, um armário enorme para as toalhas e nada além de uma pequena pia acoplada à parede, uma privada e uma ducha. Ele não possuía nem mesmo um box, para evitar que o lugar alagasse.

Liguei o chuveiro, mas antes que eu pudesse começar a me lavar, o loiro entrou no banheiro, flagrando-me pelada, com a água escorrendo pelo meu corpo.

Obviamente, não existia nenhuma parte do meu corpo que ele já não tivesse visto na noite anterior. Então, não existia nenhum motivo para timidez.

Mesmo sem um convite, ele se juntou a mim.

Como ele já estava sem roupa, desde o momento em que eu chupei o pau dele, tudo o que ele precisou fazer foi se aproximar, entrando

PERIGOSAS ACHERON

debaixo da água.

— Precisa de ajuda pra se lavar? — ele sussurrou, fazendo com que eu me arrepiasse.

Eu precisava?

— Não, eu não preciso, barman — respondi, não conseguindo deixar de rir da forma com que ele me encarava, como se eu fosse um enorme pedaço de carne e ele um cachorro esfomeado.

Eu já sabia como aquela história terminaria.

— Tem certeza? — ele questionou, lançando-me um olhar sério. Gustavo desceu a sua mão pelo meu corpo, parando bem no meu sexo, onde ele passou os dedos da mão direita sem nenhum pudor. — Aqui tá um pouquinho sujo.

Ele afundou um dos dedos em minha boceta, sem tirar aqueles olhos dourados do meu rosto.

— Tá bem sujo — ele tornou a falar,

abaixando-se. — Mas não precisa se preocupar, sou ótimo nesse tipo de limpeza.

Antes que eu pudesse responder, ele já tinha aproximado a cabeça do meu sexo, lambendo os lábios da minha boceta. Ele me chupou de forma tão intensa que foi como se estivesse retribuindo o que fiz pra ele mais cedo, em cima daquela cama.

Era tão gostoso sentir aquela língua tocando naquela parte do meu corpo. Sentia como se Gustavo estivesse literalmente me comendo.

Foi a “limpeza” mais prazerosa que eu já tive.

Enquanto ele continuava me chupando, notei que o seu caralho já tinha endurecido outra vez, que estava pronto para outro esporro farto.

Ele se levantou com um sorrisinho sacana nos lábios, algo que me deixou ainda mais excitada.

— Me fode.

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquelas duas palavras deixaram a minha boca como ordens.

Não era um pedido.

Ele me virou de costas e pressionou o meu rosto contra o azulejo do banheiro.

Senti aquele cacete deslizando pela minha boceta, que já estava bem molhada.

Não me importei com o fato de ele estar “desencapado”. Como tomava pílula, não tinha medo de engravidar. E estava excitada demais para me pilhar com alguma DST — algo que eu também deveria ter me preocupado quando ele esporrou na minha cara lá na cama.

Era maravilhoso sentir aquele caralho grosso entrando de saindo de mim.

— Assim? — ele sussurrou no pé do meu ouvido. — Ou era pra meter no teu rabo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Com aquela voz gostosa, eu deixaria ele meter onde quisesse.

Gritei alto quando o êxtase me encontrou, sem me importar com quem pudesse ouvir. Só queria continuar sentindo aquele prazer indescritível.

Seguindo o meu exemplo, Gustavo também gozou. Tirou o cacete do meu sexo e se masturbou, até que a porra deixasse aquela cabeçona.

O barman urrou, enquanto os seus olhos se viravam.

— Eu acho que vou precisar lavar essa boceta de volta — ele sussurrou, entrando embaixo da água.

— Devia se preocupar com esse caralho melado — comentei, com os meus olhos em seu membro.

Ele se lavou e eu fiz o mesmo. Dessa vez, não

PERIGOSAS ACHERON

fiquei encarando o corpo dele ou ficaríamos ali transando no banheiro pelo restante do dia. Eu tinha certeza de que o barman não se importaria.

Enquanto me ensaboava, pensava a respeito do que havíamos acabado de fazer. Em meio a esses pensamentos — e comparações com o sexo envolvendo os garotos de programa —, eu cheguei a conclusão de que a grande diferença entre o que tínhamos feito nesse barraco do que eu fazia no Star Palace, era o sentimento que ficava após o ato.

Sempre que eu transava com o Renan ou com outro michê, tomava banho imediatamente após a transa, como se o meu corpo estivesse sujo e eu precisasse, desesperadamente, me livrar daquela sujeira.

Com Gustavo foi diferente, tanto que tínhamos feito sexo na noite anterior e somente agora eu estava tomando banho. Sendo higiênico ou não —

PERIGOSAS NACIONAIS

principalmente pra mim, que era extremamente fresca, como o loiro mesmo dizia —, o fato é que eu não senti vontade de me livrar de Gustavo assim que o seu membro deixou o meu corpo.

Eu não me sentia suja com ele, nunca.

Era algo bom, como se a sensação prazerosa continuasse comigo, mesmo após o sexo ter terminado.

— Eu vou terminar o seu café, ruivinha — ele disse, antes de deixar o chuveiro molhando todo o banheiro e casa.

Terminei de me lavar e peguei uma toalha pendurada na parede. Me enrolei nela e deixei o banheiro, indo encontrá-lo na cozinha.

A mesa de café estava bem arrumadinha.

Não era tão farta quanto a que tínhamos em casa, mas pra mim estava perfeita.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fui para o outro lado da casa, pegar as minhas roupas, que estavam jogadas próximas da cama e me vesti.

Retornei a cozinha e me sentei em uma cadeira estranha. Peguei uma fatia de pão e passei um pouco de requeijão. Tinha até me esquecido da última vez que comi algo assim durante o café da manhã.

Antes que eu pudesse terminar de comer, o meu celular começou a tocar, roubando a minha atenção.

Como eu não estava acostumada a receber ligações pela manhã, eu fui até a minha bolsa pegá-lo, pois podia ser algo importante.

Voltei o meu olhar pra tela do celular e tive a confirmação.

Erick Marinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 15 — Presente

Ver aquele nome destacado na tela do celular gelou o meu estômago.

Erick dificilmente me ligava.

Então, obviamente, eu já sabia que devia ter acontecido alguma coisa, que tinha ocorrido algum problema do qual eu detestaria descobrir.

Mesmo de forma bem hesitante, eu optei por atender aquela ligação.

Quando se tratava de Marinho, adiar nunca era bom.

— Onde é que você está, porra? — ele questionou, com uma voz nada amigável, assim que eu o atendi. O meu marido não me deu nem tempo de responder a sua pergunta, completando: — você

sabe o quanto eu detesto esperar, Victória.

Fazia muito tempo desde a última vez em que eu lhe dei alguma satisfação da minha vida, então eu não estava entendendo aquela sua pergunta idiota, tampouco toda a irritação presente em sua VOZ.

Ele queria saber onde eu estava por quê?

E, não menos importante, Erick estava me esperando pra quê?

— Aconteceu alguma coisa? — eu indaguei, realmente me preocupando.

Uma tragédia era a única explicação.

— Aconteceu, Victória! Eu estou aqui na porra da casa dos seus pais e você ainda não apareceu — ele gritou, fazendo-me afastar o telefone do ouvido momentaneamente. — Estou fazendo papel de imbecil pra todo mundo, sem saber onde você

PERIGOSAS NACIONAIS

está... — Depois de alguns segundos em silêncio, ele completou: — o que eu vou dizer pra Manuela?

Manu.

Droga.

E, então, eu finalmente me lembrei do que não deveria ter esquecido.

Era o aniversário da minha irmã mais nova e tínhamos combinado — eu, Erick e ela — de comprar o presente no shopping.

— Eu... eu me esqueci... — disse a ele, fazendo-o rir do outro lado da linha. Não era uma risada de “*está tudo bem, não tem problema*”. — Eu já estou chegando, só me espera mais um pouquinho... Tô quase aí, eu juro!

Desliguei a ligação antes que ele pudesse se recusar a me esperar, uma coisa que ele certamente faria. Erick detestava esperar por quem quer que

PERIGOSAS ACHERON

fosse. Definitivamente, não era algo que ele “perdoava”. Isso, provavelmente, se devia ao fato de ele ser tão egocêntrico ao ponto de achar que o seu tempo valia muito mais do que o dos outros.

Eu voltei o meu olhar para o barman.

Estava tão nervosa que quase não reparei no quanto ele estava gostoso, vestindo apenas uma cueca branca.

Os poucos pelos em seu peito, as suas coxas grossas e aquela expressão séria, faziam com que eu sentisse vontade de subir em cima dele e não sair nunca mais daquele barraco.

Gustavo redefinia o significado da palavra “gostoso”.

— Eu... Droga... Eu tenho que ir — disse lamentando não poder ficar mais um pouquinho. Aproximei-me dele e coloquei a minha mão em seu peito, antes de olhar diretamente em seus olhos

PERIGOSAS ACHERON

dourados. — Foi maravilhoso... cada segundo.

A mão dele envolveu a minha cintura, puxando-me para ainda mais perto de seu corpo e a sua expressão, que antes estava séria, agora exibia o sorrisinho sacana que eu tanto amava.

— Você tá me dizendo que eu sou tão bom quanto os “profissionais do sexo”?

Ele não me deu tempo para responder, tomando os meus lábios em um beijo intenso.

— Não, barman... — respondi, assim que os nossos lábios se afastaram. — Você é melhor.

Afastei-me de seu corpo, para não correr o risco de enrolar ainda mais. Então, voltei novamente a atenção para o meu celular, entretanto, antes que eu pudesse abrir o aplicativo do Uber, Gustavo me interrompeu, tocando em minha mão.

— Eu te levo — ele disse sorrindo. — Assim

você chega aonde tem que ir mais rápido.

Por mais que aquilo não fosse uma pergunta, ainda sim, essas afirmações conseguiam se diferenciar das de Erick. Diferente do meu marido, Gustavo nunca estava me impondo coisas e, por mais insistente que ele pudesse ser, ele sempre deixava claro que eu possuía uma escolha.

— Não precisa se preocupar, Gustavo — disse, ao recusar. Eu dou um...

— Eu te deixo uma quadra antes — ele completou, obviamente captando qual era o meu maior medo, o real motivo para a minha recusa. — Relaxa, ninguém vai me ver com você, Victória.

Naquele momento, eu queria muito poder dizer que não era por isso que tinha recusado a sua carona, de que eu não me importava com a possibilidade de alguém nos ver juntos. Mas, se eu dissesse qualquer coisa parecida com isso, estaria

mentindo e eu não queria mentir para ele.

Sendo assim, simplesmente balancei a minha cabeça, aceitando a sua carona e confirmando tudo o que ele já suspeitava.

— Só deixa eu... — Ele apontou para a cueca branca e riu. — Vestir uma calça ou qualquer outra coisa que não mostre o meu pau na rua.

Ele estava tão gostoso daquela forma que o simples fato de vestir uma roupa, deveria ser um crime.

Compartilhei da risada e, enquanto ele se vestia, fui pegar as minhas coisas. Certifiquei-me de que tudo estava dentro da minha bolsa e o esperei parada próxima da porta.

Nem parecia que eu tinha chegado ali e ficado com receio até de beber água. Ironicamente, estava indo embora no dia seguinte, depois de beber até a porra dele.

O universo e as suas inúmeras ironias.

Gustavo se aproximou e me entregou uma jaqueta de couro preta, a mesma que ele tinha usado quando se apresentou no bar “Três Irmãos” naquele domingo em que nos reencontramos.

Eu não entendi o porquê ele estava me entregando aquilo, mas peguei assim mesmo. A primeira coisa que fiz, foi levar a roupa até o meu nariz para sentir o cheirinho dele.

Ele me observou com a peça na mão e disse: — é melhor você vestir. — Os olhos de Gustavo foram na direção do meu vestidinho. — Ou vai passar frio.

E, então, eu me lembrei de que a carona que ele me daria seria de moto.

Tinha me esquecido disso também.

Mas nem tentei recusar, limitando-me a vestir a

jaqueta, como ele me instruíra.

E enquanto fazia isso, tentava não imaginar como eu devia estar horrível com aquele “look”. O meu vestidinho, definitivamente, não combinava com a jaqueta.

— Você tá linda — ele comentou, lendo os meus pensamentos. — Parece uma motoqueira gostosa.

Eu não consegui deixar de rir.

Gustavo parecia não seguir o próprio conselho a respeito de “*passar frio*”. Ele usava apenas uma camisa azul de manga curta e uma calça moletom cinza.

Como não queria bancar a “mãe”, dizendo para ele pegar uma blusa, ignorei.

Felizmente, ainda não tinha ninguém na oficina, então não houve nenhum olhar estranho ou

malicioso voltado na minha direção.

Ele pegou a moto, que estava estacionada em um canto do barracão e a levou para o outro lado do portão. Depois disso, entregou-me o mesmo capacete rosa que eu havia usado da primeira vez que andei com ele.

Dessa vez, eu já estava mais “treinada”. Já tinha uma maior noção das coisas básicas, como me virar junto com ele e agarrar a sua cintura com força. Mas isso não me impedia de continuar sentindo um pouquinho de medo.

Disse o endereço da casa dos meus pais e, aparentemente, ele conhecia a região e atribuiu isso ao tempo em que trabalhava de motoboy — algo que eu havia acabado de descobrir, diga-se de passagem.

Barman.

Cantor.

E agora motoboy.

Gustavo parecia uma compilação de fantasias eróticas dentro de um mesmo homem, só faltava ele me revelar que já tinha sido limpador de piscina.

— Mesmo morrendo de medo de moto, eu sempre achei motoboy uma coisa bem sexy — comentei, colocando o capacete.

— Você nunca deve ter visto um motoboy, ruivinha... — ele respondeu, rindo. — Mas se um dia quiser que eu te foda usando um capacete, é só avisar... Ficarei feliz em ajudar nesse teu fetiche estranho.

A resposta dele me deixou envergonhada, algo que não acontecia com muita frequência.

Gustavo subiu na moto e se virou, para me ajudar. Depois de montar em sua motocicleta, eu o abracei com força. Aproveitei o momento para beijar o pescoço dele e sentir o cheiro amadeirado

PERIGOSAS ACHERON

de seu perfume.

Ele deu partida e nos tirou da frente daquela oficina velha — basicamente, a casa dele. E pareceu que ele estava acelerando ainda mais do que a última vez, mas como eu realmente estava atrasada, não reclamei disso.

Senti bastante frio nas pernas, mas eu não podia nem reclamar, já que aquela jaqueta me ajudou muito. Morreria congelada sem ela. E isso me fez questionar como ele não estava sentindo frio, usando apenas aquela camisetinha fina.

Em poucos minutos, o barman me deixou a uma quadra da casa dos meus pais.

— Obrigada pela carona — disse, devolvendo o seu capacete. — E pelas outras coisas também...

— Não precisa me agradecer por isso... — Ele deu um sorrisinho sacana e completou: — e nem por aquilo.

De forma bem espontânea ele se aproximou para um beijo. Instintivamente, dei uma olhada ao nosso redor antes de retribuir. Era algo que eu não conseguia controlar, mas, aparentemente, o loiro não pareceu se importar.

Gustavo sabia que eu era casada e que a nossa relação — seja lá o quê fosse — não podia ser algo público.

— Nós nos falamos... — comentei, dando dois passos para trás, forçando um sorriso desajeitado. — Eu ligo.

— Espero que ligue mesmo ou vou achar que você só quis usar o meu corpinho — ele respondeu, arrancando-me mais um sorriso. — E agora que conseguiu vai me descartar.

— Ah, não precisa se preocupar... Eu com certeza vou querer usar esse seu corpinho de novo.

Antes que eu pudesse me afastar, Gustavo
PERIGOSAS ACHERON

apontou para mim, lembrando-me de que eu continuava com a sua jaqueta e, principalmente, que não poderia chegar com ela na casa dos meus pais.

Eu tirei e a entreguei, dizendo: — obrigada.

Depois disso, eu me virei, afastando-me dele e de sua motocicleta. Sem olhar para trás, ouvi o som dele acelerando e, provavelmente, desaparecendo da rua em poucos segundos.

A carona de Gustavo teria resolvido todos os meus problemas, se não fosse por um único detalhe.

Eu estava péssima.

A minha roupa estava completamente amarrotada e era um look noturno, que não

combinava em nada com uma manhã no shopping, por exemplo.

Além disso, tinha certeza de que o meu cabelo estava todo bagunçado. Eu mal tive tempo de arrumá-lo na casa de Gustavo e o capacete não ajudou muito. Mas não tinha nada que eu pudesse fazer naquele momento, então continuei andando, torcendo para que não estranhassem.

Erick nunca foi do tipo de marido que prestava atenção em mim. Ele não notava quando eu fazia alguma coisa no cabelo, nas unhas e nem em nada parecido com isso. Mas nesse dia específico, o cretino não só notou como também fez questão de compartilhar os seus pensamentos.

— Você está um lixo — ele comentou, assim que me viu passando pelo portão. — Pelo jeito, teve uma péssima noite de sono... — Ele trouxe aqueles olhos esmeralda na minha direção e sorriu:

— ou uma boa demais.

Ele não era idiota.

Provavelmente, sabia que eu tinha dormido fora de casa — e que não havia sido no Star Palace.

E as suas próximas palavras só me confirmaram isso: — eu espero que você não esteja dando pra ninguém fora da porra do hotel, Victória.

Ele esperava que eu não estivesse “dando” fora do Star Palace, mas, ironicamente, passeava para todos os lados com a Sabrina.

Hipócrita do caralho.

— Eu só acordei atrasada, Erick... Desculpa te decepcionar — respondi, não conseguindo deixar o meu deboche de lado. — Não será dessa vez que eu vou conseguir alimentar esse teu fetiche de corno.

Assim que a minha irmã mais nova — Manuela ou, simplesmente, Manu — surgiu, a expressão no

rosto de Erick se transformou.

Quem não o conhecia, poderia até achar que ele havia acabado de pronunciar um “*eu te amo*” pra mim.

Diferente de Ana, a minha outra irmã, Manu não sabia que o meu casamento era um grande desastre. Eu não contei e os meus pais, que odiavam o fato da minha relação com Erick ser um fracasso, também não disseram nada.

Depois que despejei tudo em cima deles e, conseqüentemente de Ana — a quem eu estava impedindo de se casar —, naquele almoço de domingo, eu deixei de me importar com o que os meus familiares pudessem pensar sobre o meu casamento.

No entanto, ao dizer alguma coisa pra Manuela, que tinha apenas catorze anos — completados hoje —, eu também teria que explicar todos os motivos

para isso não ter dado certo, motivos que envolviam acabar com toda a imagem positiva de Erick e até mesmo dos meus pais, que me obrigaram a fazer isso em primeiro lugar.

O meu marido não possuía irmãos, era filho único — e talvez isso explicasse todo o seu egoísmo —, então acabou se apagando as minhas irmãs.

Ainda que a relação dele com Ana fosse muito boa — ao menos, antes de eu jogar toda a merda no ventilador —, ele sempre foi mais próximo da menorzinha, que o via como um grande herói, o irmão mais velho que ela nunca teve.

Erick realmente a considerava uma irmã e não só uma cunhadinha chata da qual era obrigado a suportar. E eu não queria destruir essa relação, não quando existia tanta verdade nela.

Todo ano, Erick dava um jeito de se livrar de

PERIGOSAS ACHERON

todos os seus compromissos para ir comprar o presente de aniversário de Manu. Isso era algo sagrado — uma tradição, como eu havia dito. Ele, provavelmente, dava mais importância a essa data que ao nosso aniversário de casamento.

E isso servia para me mostrar que até mesmo o cara mais cretino do mundo poderia ter um lado bom.

— E aí, princesa... Tá pronta? — ele indagou, voltando o seu olhar para Manuela.

— Não me chama de princesa! — ela retrucou, fazendo uma careta. — Eu detesto quando você ou o papai me chamam disso.

— Mas, pelo que eu me lembro, você adorava! — rebateu Erick, relembrando-a de algo que a minha irmã, muito provavelmente, estava fingindo ter esquecido. — Andava pela casa usando aquela coroa de plástico, chamando todo mundo de plebeu.

— Eu não me lembro disso... — ela se defendeu.

Ele lançou um olhar para ela que dizia claramente “*aham, sei*” e isso a obrigou responder: — eu tinha dez anos, Lipe.

Sim, a minha irmã se referia a ele por um apelidinho carinhoso.

O nome do meio de Erick era Felipe.

Então, as minhas irmãs e os meus pais se referiam a ele por meio dessa forma carinhosa.

— Deixe ela em paz, Erick — comentei, aproximando-me de Manu para um abraço bem apertado. E ainda ligada pelo abraço, sussurrei: — Feliz aniversário.

Ela respondeu com um tímido “*obrigada*” e se afastou.

— Eu só vou me despedir da mamãe e já volto

— Manuela disse, retornando para dentro da casa.

Assim que a minha irmã se afastou, voltei a minha atenção para o homem ao meu lado.

— Como é que a Sabrina está? — indaguei, nem disfarçando a minha vontade de irritá-lo. — Faz um tempinho que não vejo ela... Temos que combinar de ir pra balada de novo.

Ele, obviamente, não gostou nem um pouquinho da minha pergunta, tampouco da parte em que disse que tínhamos que combinar um *comeback* a “Cats Club”.

— Ela tá ótima... Muito bem, na verdade — ele respondeu, de forma bem séria. — E, não, você não vai levar ela pra balada nenhuma.

— Como você é ciumento, Erick Marinho — debochei, não perdendo a oportunidade. — Você sabe que ela é uma puta, não é? Não devia ser tão possessivo assim... Até porque, eu duvido que ela

PERIGOSAS ACHERON

esteja mesmo cumprindo com esse contrato idiota.

A minha última frase chamou a atenção dele, fazendo com que aqueles olhos esverdeados se voltassem na minha direção.

— Não precisa se preocupar, putas nunca foram um grande problema pra mim, Victória... — ele respondeu, extremamente sério. — Até porque, eu estou há anos casado com uma.

Eu mereci aquele soco em forma de resposta.

Mas em minha defesa, não tinha intenção de ofender Sabrina, alguém que eu até simpatizava. Só queria que ele caísse na real e percebesse que a acompanhante já havia se tornado bem mais do que a “puta particular” dele.

Eu não queria ficar em silêncio, saindo como a “derrotada”, então rebati: — mas essa, pelo menos, eu tenho certeza que você não come.

Erick riu e antes que as palavras deixassem a boca dele, eu sabia que ficaria muito ofendida.

— Felizmente o meu paladar ficou mais refinado com o passar dos anos — ele respondeu, com um sorrisinho irritante nos lábios. — Deixei de comer lixo há muito tempo.

Se ele tivesse me dito essa frase há uns dois anos, eu ficaria completamente destruída e talvez até chorasse. Mas, atualmente, não me causava tanto impacto. Eu não me importava com que Erick pensava de mim, se me achava ou não atraente.

Mas isso, obviamente, não me impedia de lhe responder a altura: — não precisa ficar irritado não, Erick... — Comecei a rir, realmente me divertindo com aquelas nossas provocações. — Eu sei o quanto é difícil olhar pra uma mulher gostosa como eu e não poder tocar. — Antes que ele pudesse responder com mais algum insulto, completei: —

infelizmente, isso aqui não é pra qualquer um...

Tinha certeza de que ele jogaria muito baixo, citando os garotos de programa — como se ele próprio também não estivesse fazendo uso disso — como argumento de que eu era uma mulher desesperada e infeliz, alguém digna de pena.

Mas antes que ele tivesse a chance, a minha irmã retornou e a expressão do meu marido tornou a se transformar.

E lá estava o marido amoroso de volta.

— Vamos? — ela comentou, animada para o passeio.

“Putá”, “lixo” e “desesperada”.

Tudo bem que a última ofensa era apenas uma suposição minha, mas o fato era que sempre que eu passava muito tempo com Erick nós dois brigávamos.

Em algumas ocasiões — como nessa —, era eu quem começava.

Em outras, o CEO.

— Vocês são tão estranhos... — Manuela comentou, voltando o olhar para Erick. — São o único casal que eu nunca vejo andando de mãos dadas.

Erick sorriu e, provavelmente, já estava pensando em uma boa desculpa pra isso.

— É que o nosso amor é tão grande que a gente consegue expressá-lo à distância... Na verdade, quanto mais distante, melhor — respondi, fazendo com que o meu marido me lançasse um olhar de *“não aqui com ela, Victória”*. E isso me fez

PERIGOSAS ACHERON

completar: — é a que a gente não quer te fazer de vela e ficar se agarrando na sua frente, sua boba.

Ela riu, comprando a minha desculpa.

E enquanto andávamos, Erick entrelaçou os nossos dedos. E antes que algo pudesse deixar os meus lábios debochados, ele me lançou outro de seus olhares.

“O que foi, Erick... Tá treinando carão?” pensei, quase pronunciando em voz alta.

Felizmente, eu consegui me controlar.

Passamos em frente a uma grande sala de jogos e Manu apontou em direção a uma mesa de *“Air Hockey”*, que era, basicamente, um jogo de disco. Duas pessoas tentavam empurrar o pequeno disco dentro do “gol” e o primeiro que conseguisse sete pontos vencia.

— A gente pode jogar? — perguntou ela, bem

animada.

Manuela era bem esperta. Ela sabia que eu, provavelmente, recusaria, dando como desculpa o nosso horário. Por esse motivo, os olhos dela estavam voltados para Erick, que dificilmente diria “*não*” pra ela, ainda mais em seu aniversário.

— Tem certeza que quer perder pra mim naquilo, princesa? — indagou o executivo, chamando-a para o embate.

Tentei não ser a irmã chata e estraga prazeres, simplesmente fiquei calada e os acompanhei, forçando um sorriso e uma expressão extremamente forçada de “*que divertido!*”.

Erick se posicionou de um lado da mesa e Manuela de outro.

Se encararam e começaram a jogar.

Infelizmente, o meu marido era bem

competitivo e isso significava que não deixaria a minha irmã vencer aquela partida só porque era o aniversário dela.

Ele fez o primeiro ponto, o disco entrou no buraco depois de um zig-zag. Então, Manu conseguiu empatar, mas a alegria dela durou pouco, pois Erick fez o terceiro, quarto, quinto, sexto e sétimo, finalizando a partida.

— Nem tem graça — reclamou ela, rindo frustrada após a derrota.

— Eu disse que você ia perder — responder Erick, provocando-a. — Não posso fazer nada se sou bom nisso, princesa.

Manuela voltou o olhar na minha direção.

— Sua vez, Victória... E você tem que vencer esse metido — ela comentou, certa de que eu jogaria. A minha irmã voltou o olhar para Erick e completou: — e não me chame de princesa.

Balancei a minha cabeça, negando.

Eu, definitivamente, não queria ficar rebatendo um disco de plástico com Marinho.

— Victória é péssima em qualquer coisa que não envolva cartão de crédito — ele comentou rindo de sua própria piadinha sem graça. — E ela também perderia de qualquer forma. Eu sou meio que invencível nesse jogo, princesa.

E, então, eu me senti desafiada.

E isso foi o suficiente pra pegar um dos rebatedores e me posicionar do outro lado da mesa.

— Invencível? — respondi, voltando os meus olhos na direção dos dele. — Vamos descobrir!

Ele ficou surpreso e pareceu gostar da ideia de jogar contra mim.

Mais uma disputa idiota em nosso casamento.

Erick depositou uma ficha na mesa e me deixou

começar a rebater. Eu sabia que não havia sido uma “cortesia”, ele só era arrogante demais pra achar que eu tinha alguma chance de vencê-lo naquele jogo.

A minha primeira jogada foi em um zig-zag que passou do lado do braço dele e entrou no buraco, marcando o primeiro ponto pra mim.

Lancei um olhar na direção dele.

E não foi preciso nenhuma palavra para que ele se sentisse impactado. Nesse instante, eu notei que era guerra, que o meu marido viria com tudo pra cima de mim.

Nesse sentido, o jogo se tornava até injusto, já que Erick possuía bem mais força do que eu. Mas isso não me fez desistir, peguei cada uma das jogadas dele e ainda fiz mais um ponto. E isso fez com que ele usasse ainda mais força.

Em algumas de suas jogadas, no momento em
PERIGOSAS ACHERON

que eu defendia, o disquinho voava da mesa por conta da força do impacto. E todo esse barulho, somado a Manuela gritando “*Vai Victória, ganha dele!*” atraiu várias crianças, e até mesmo alguns adultos que estavam supervisionando-as, até a nossa mesa, para assistir a partida.

No momento em que eu notei a presença daquelas pessoas, acabei me desconcentrando e isso deu uma abertura para que Erick marcasse um ponto. Estava dois a um pra mim e o primeiro que chegasse a sete venceria a partida.

Ele colocou o disco de volta na mesa e então eu respirei fundo, concentrando-me completamente no jogo.

A jogada final foi tão demorada que eu devo ter rebatido umas oito vezes, antes de conseguir fazer com que o disco finalmente entrasse no buraco.

Erick fez uma careta e deixou a sua mão

PERIGOSAS ACHERON

cerrada descer sobre a mesa.

Adorei cada segundo daquilo.

— Venci! — gritei.

Algumas pessoas aplaudiram e isso deixou o meu marido “fominha” ainda mais desconcertado. Ele devia achar humilhante perder pra mim — e era exatamente isso que tornava a minha vitória tão gostosa.

— Quem é que não sabia jogar mesmo? — provoquei, não poupando-o de nada.

Notei até certo rubor em seu rosto.

— Nunca ouviu falar de sorte de principiante, não? — ele rebateu, visivelmente envergonhado pela derrota.

— Ela acabou com você... Foi sete a quatro, vergonhoso — comentou Manuela, também rindo e esquecendo-se de que perdeu de sete a um pro

Erick.

O único motivo de eu ter ganhado — além da agilidade que eu nem sabia que possuía — era que Erick ficou tão nervoso por começar a perder que colocou força demais na mão e isso, em vez de ajudá-lo, só atrapalhou. Tudo o que ele fazia, era jogar o disquinho pra fora da mesa.

— O que a gente faz agora? — Manuela questionou, lembrando-me do verdadeiro objetivo daquele passeio.

— Nós podemos comer alguma coisa ou ir a uma loja — Erick respondeu. — Eu voto em comer.

— Perdedores não tem o direito de escolher... — respondi, aproveitando-me ao máximo daquela situação. — Vamos passar em uma loja.

O CEO me lançou um olhar raivoso e rebateu: — depois eu faço questão de voltar naquela mesa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de hockey só pra acabar com você... Vou ganhar de sete a zero.

— Vai sonhando.

Fomos a dezenas de lojas.

Manuela estava bem indecisa sobre o que queria de presente.

Tanto eu quanto Erick sabíamos que o que realmente importava não era o presente em si, mas aquele nosso passeio. Os meus pais poderiam lhe comprar qualquer coisa, mas eu tinha certeza que nenhum deles faria o que estávamos fazendo por ela.

Enquanto andávamos no segundo andar do shopping, passamos em frente a uma loja de instrumentos e, destacado na vitrine, eu vi o violão que tanto encantou Gustavo no dia em que fomos ao casamento.

PERIGOSAS ACHERON

Gravei o nome da loja e fomos comer. Como a minha irmã estava “no comando” — de acordo com Erick —, optamos por comer lanches no “*fast food*”. Manuela adorava o “*Burguer King*”, sempre que podia comia escondido da minha mãe, que já disse inúmeras vezes que se ela continuasse comendo lá, acabaria com um câncer.

Enquanto o nosso pedido não chegava, eu disse que precisava ir ao banheiro. A minha irmã se ofereceu para ir comigo, mas recusei, dizendo para ela continuar ali com Erick. Felizmente, nenhum dos dois estranhou.

Fui na direção do banheiro, mas assim que me afastei o suficiente para que não conseguissem me observar, fiz o contorno e voltei até a loja de instrumentos.

— Vocês fazem entrega?

— Não... Nós não fazemos — respondeu o

PERIGOSAS NACIONAIS

atendente, provavelmente estranhando aquele meu pedido, já que um violão não era a coisa mais pesada do mundo.

— E se eu pagar o dobro do valor, vocês entregariam? — insisti, sabendo que não tinha como voltar com aquele violão.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos e, em seguida, tornou a balançar a cabeça, negando o meu pedido.

Então, um segundo atendente respondeu: — entregamos sim... — Ele lançou um olhar na direção do homem que me respondeu de forma negativa e completou: — É claro que entregamos.

— Perfeito — eu respondi, abrindo a minha bolsa para pagar pelo instrumento.

Passei o meu cartão, deixei o endereço de Gustavo ali e retornei para a praça de alimentação.

PERIGOSAS ACHERON

Os nossos pedidos já haviam chegado e, então, simplesmente me sentei com os dois e me esforcei para terminar o meu lanche. A verdade é que eu já estava ansiosa para que o nosso passeio chegasse ao fim, queria saber qual seria a reação do barman ao receber o meu presentinho.

Esse pensamento — a ideia de Gustavo todo animado com o violão — foi o suficiente pra me deixar contente e fazer com que eu me esquecesse da presença de Erick.

Quando terminamos de comer, fomos a uma loja de celulares, onde a minha irmã finalmente escolheu o presente dela.

Depois de apontar para o smartphone que ela queria — um que eu não tinha ideia de qual era a marca —, o atendente fez a notinha da garantia e nos encaminhou para o caixa.

Quando Erick foi tirar a carteira do bolso, eu o

PERIGOSAS ACHERON

impedi, dizendo que passaria no meu cartão, que estava “mais perto”. E eu não era uma mentira, já que acabara de utilizá-lo para comprar o presente de Gustavo.

— Em quantas vezes? — indagou o homem que estava atendendo a gente.

— Em uma só.

Coloquei-o na máquina e digitei a senha.

E então apareceu “*cartão não autorizado*”.

— O cartão foi recusado, senhora — comentou o atendente, todo desconcertado.

E, nesse momento, a única coisa que eu pensei foi “*eu digitei a senha errada*”. Mesmo certa de que não havia errado, essa era a única explicação.

— Que estanho — comentei, voltando o meu olhar para Erick. Tornei a olhar para o homem a minha frente e disse: — pode tentar de volta, por

favor?

Mas antes que o atendente pudesse fazer isso, Erick tomou a frente e pagou pelo celular. O cartão dele — que supostamente devia ser o mesmo que o meu — passou sem nenhum problema.

E o olhar dele — um extremamente debochado — fez com que eu desconsiderasse a ideia de que havia digitado alguma coisa errado.

Mas optei por ignorar e deixar para falar sobre isso depois.

Não queria correr o risco de ter uma discussão com ele em frente à Manuela.

Eu não sei como aguentei me segurar por tanto tempo.

E foi por esse mesmo motivo que assim que a minha irmã desceu do nosso carro, eu explodi com o meu marido.

— Que droga foi aquela, Erick? — indaguei, certa de que ele sabia a resposta.

Ele franziu a testa e respondeu com outra pergunta: — do que você está falando?

Lancei um olhar de “*não brinca comigo*”.

E então ele prosseguiu, finalmente respondendo a minha pergunta: — eu coloquei um limite diário no seu cartão.

— Você, o quê?

— Quer mesmo que eu repita isso? — ele rebateu, não escondendo o quanto estava gostando de estar por cima. Como eu fiquei em silêncio, ele continuou: — aparentemente, você gastou o seu limite de hoje e por isso a compra foi recusada... Mas não se preocupe, amanhã esse limite retorna. — Antes que eu pudesse dizer o quanto tudo aquilo era ridículo, ele completou: — só toma cuidado porque também tem um limite mensal.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sabia exatamente o que estava acontecendo.

Erick percebeu que não tinha muito controle sobre mim e resolveu tomar as rédeas.

Eu estava “*feliz demais*”, como ele mesmo observou.

— Você não tem o direito de fazer isso — disse, não conseguindo esconder a minha raiva, tampouco lhe dar uma resposta debochada. Estava com raiva demais para isso. — O dinheiro é meu, Erick!

— Se fosse mesmo seu, você teria acesso a ele, não é?

Senti uma imensa vontade de socar aquele rosto e desfazer o seu sorrisinho nojento. Mas sabia que agredi-lo não resolveria os meus problemas, pelo contrário, Erick abaixaria ainda mais o limite que tinha colocado.

PERIGOSAS ACHERON

— Como é que eu vou fazer as minhas coisas com a porra de um limite no meu cartão? — questionei, mesmo já sabendo qual seria a sua resposta.

A resposta era óbvia demais.

Eu não faria mais as minhas coisas.

— Se você precisar de mais do que o limite libera, é só me pedir... Eu vou avaliar e, dependendo da situação, te dou o dinheiro — ele respondeu, visivelmente adorando cada segundo daquilo. — Mas você podia começar a ver isso de forma positiva e aproveitar essa situação para economizar um pouquinho.

E, então, ele começou a rir, como se tivesse entendido “tudo”, o motivo de eu precisar de dinheiro.

— Se com essas “minhas coisas” você está querendo dizer aqueles garotos de programa que te

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fodem, não se preocupe... Eu vou cuidar disso também. — Ele voltou o olhar na minha direção e prosseguiu, dizendo: — eu conheço uma agência muito boa, você vai gostar.

Erick controlaria até os caras com quem eu transaria?

— Vai se foder — disse, sem paciência para aquilo.

Desci do carro e comecei a me afastar.

— Como é que você vai pagar pelo Uber? — Erick gritou lembrando-me do fato e, conseqüentemente, fazendo com que eu interrompesse os meus passos.

Eu não andava com dinheiro, usava o meu cartão pra tudo.

Não tinha grana nem paga pagar por uma corrida.

PERIGOSAS ACHERON

Eu me detestei por me obrigar a voltar para o carro de Erick, sentando-me no banco do carona.

— Não precisa agir como se fosse o fim do mundo, Victória — ele comentou, rindo de mim. — Eu já disse, qualquer coisa que você precisar... É só me pedir e eu vou ficar feliz em te ajudar.

Eu tinha certeza de que ele não me negaria nada. No entanto, o simples fato de ter que precisar da autorização dele já tirava toda a minha independência.

A outra alternativa, seria recorrer aos meus pais e isso parecia tão ruim — ou ainda pior — do que pedir algo a Erick.

Eu estava fodida.

E no pior sentido dessa palavra.

Capítulo 16 — Gustavo Lacerda

Na manhã do dia seguinte, eu recebi uma mensagem de Gustavo, perguntando-me se eu queria passar mais uma noite na casa dele.

Dessa vez, não tive nenhum receio de aceitar a sua proposta mais que tentadora.

E, como ele não comentou nada a respeito do presente — o violão que comprei no dia anterior, quando fui ao shopping com Erick e Manuela —, cheguei a conclusão de que ele ainda não o havia recebido.

Então, eu segui com a minha rotina normalmente. No início da tarde, logo após o meu almoço, eu lhe enviei uma mensagem, perguntando

sobre o horário em que eu poderia chegar.

A verdade é que, lá no fundo, eu estava esperando que ele se oferecesse para vir me buscar com a moto dele. Ainda não tinha perdido completamente o medo, mas já conseguia aproveitar os passeios.

No entanto, eu fui surpreendida com uma mensagem de resposta bem estranha.

“Então, eu meio que tive um contratempo e não vou mais poder te receber hoje. Fica pra um outro dia”.

Estranhei, mas tentei levar numa boa e questioneei sobre esse “*contratempo*” e sobre quando nós poderíamos nos ver. Mas ele não respondeu. Aguardei meia hora e mandei outra mensagem, com vários pontos de interrogação, mas, novamente, não fui respondida pelo barman.

Passei a maior parte do dia encarando o meu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

celular, verificando se ele havia dito alguma coisa. Mas cada uma dessas vezes era apenas uma nova decepção.

E então, com aquele silêncio, tornei a focar em sua mensagem e percebi que aquilo não era “apenas” estranho. Definitivamente, não soava como uma coisa boa, tampouco com algo que Gustavo me diria. Não tinha nenhuma piadinha ou emoji naquela mensagem, nada que suavizasse o seu conteúdo, que era praticamente um chute em mim.

“Fica pra um outro dia”?

Eu detestava ser dispensada — até mesmo quando sabia que era a culpada.

Sim, isso havia sido minha culpa.

Eu era inteligente o suficiente para saber qual era o seu “contratempo” e o porquê de ele estar me evitando.

PERIGOSAS ACHERON

Tudo isso podia ser explicado por um único instrumento musical.

A porcaria do violão.

Gustavo recebeu o meu presente e, aparentemente, não gostou, achou que eu estava tentando comprá-lo. Em minha defesa, eu não pensei nisso no momento em que enviei aquilo pra ele, mas, agora, estava claro que era a única justificativa para a forma com que ele estava me tratando.

Eu não queria que a nossa relação — que mal havia começado — fosse destruída por algo tão idiota quanto um violão. E, mais do que isso, eu não seria chutada daquela forma, por uma mensagem de texto que dizia “*fica pra um outro dia*”.

Sendo assim, peguei um Uber e fui para a casa dele, decidida a confrontá-lo. Se Gustavo queria

mesmo me dispensar, teria que fazer isso olhando dentro dos meus olhos.

Dessa vez, não fui intimidada nem mesmo pelos homens daquela oficina.

Na verdade, contei com a ajuda dos mesmos.

Chamei a atenção de um deles e questionei: — eu posso falar com o Gustavo?

Por alguns segundos, o cara pareceu não saber sobre quem eu estava falando. E, então, sorriu, provavelmente, lembrando-se do cara que morava, literalmente, atrás dele.

— Ah, você tá falando do Guto?

“*Guto*”?

Então era assim que o chamavam?

Simplesmente balancei a cabeça, confirmando.

Pensei que o homem ia chamá-lo, entretanto, ele abriu o portão, deixando-me entrar. E depois

PERIGOSAS ACHERON

disso, não fiquei muito tempo ali, parada próxima deles. O fato de eu não me sentir intimidada, não significava que os olhares haviam deixado de acontecer.

Rumei até os fundos da oficina, para o puxadinho mal rebocado em que o cantor vivia.

A porta estava fechada.

Aproximei-me, dei três batidas nela e esperei ser atendida pelo loiro, que certamente não estava esperando pela minha visita — principalmente depois de dizer, literalmente, que não poderia me receber.

Gustavo ficou muito surpreso em me ver.

A expressão de seu rosto o entregou no instante em que os seus olhos se voltaram na minha direção.

— Oi — disse, forçando um sorriso, tentando manter em mente exatamente as coisas que lhe

PERIGOSAS NACIONAIS

diria. Ele ficou parado, em silêncio e isso me fez completar: — não vai nem me convidar pra entrar?

Ele abriu o restante da porta e me deixou passar.

— Recebi o seu presente — foi a primeira coisa que ele me disse.

E diferente da última vez em que eu estive ali, não fui cumprimentada com um selinho.

Ele estava sendo extremamente frio comigo.

E tudo isso por conta de uma porcaria de violão.

Talvez ele fosse tão orgulhoso quanto Erick.

E eu não queria ou precisava de um cara igual o meu marido.

— Eu juro que não achei que você fosse ficar bravo por conta de uma droga de violão, Gustavo — disse, não conseguindo disfarçar o quanto fiquei

PERIGOSAS ACHERON

chateada. Não conseguiria adiar aquela conversa, não depois de sua péssima recepção. — Foi só um presente, eu não estava tentando te comprar.

Ele riu.

E não era uma de suas risadas contagiantes.

Era um riso repleto de sarcasmo.

— Não é só um presente, Victória... É uma porra de um violão de três mil — ele respondeu, de forma bem séria. Poucas eram as vezes em que o vi daquela forma. — Quando eu comentei com você que queria um desses naquele casamento, eu não estava pedindo pra você me comprar um e nem queria que sentisse pena de mim. — Ele tornou a rir, como se estivesse tentando disfarçar o nervosismo. — Você... você não precisa me dar nada.

Ele estava mesmo levando a questão do presente tão a sério?

Aquele nem parecia o Gustavo que eu conhecia.

Nunca pensei que ele fosse tão orgulhoso ao ponto de não aceitar um simples presente.

— Eu sei, mas eu...

— Eu não quero, você pode levar de volta — ele completou, interrompendo-me de forma abrupta. — Devolve pra loja, joga fora, queima... Eu não sei.

— Eu nunca pensei que você fosse tão idiota, cara! — disse não conseguindo me manter calma. — É só um violão. E se você não queria, era só me dizer.

— Sim e é exatamente o que estou fazendo agora.

— Não, não é — respondi, fazendo questão de lembrá-lo de todo o gelo que ele me deu. — Você

cancelou o que tínhamos combinado por pura pirraça...

— Pa... pa...

A voz infantil fez com que eu interrompesse o meu discurso e me virasse, encarando um menininho loiro que se aproximava do sofá.

— A mãe dele teve um compromisso de última hora e deixou ele aqui comigo durante todo o dia... — explicou-me Gustavo, aproximando-se da criança. — E foi por isso que eu cancelei. — Ele pegou o filho no colo e riu. — Eu sou orgulhoso sim e não gostei de você ter me comprado aquele violão, mas isso não me faria terminar com você, Victória.

Eu me senti envergonhada.

Entrei ali pensando estar com toda a razão do universo e agora estava percebendo que tudo o que eu fiz, na verdade, foi um grande papel de idiota.

Era bem humilhante.

E talvez por esse motivo eu continuei, tentando retomar algo que já tinha perdido há muito tempo.

— Mas você poderia ter respondido as minhas mensagens, Gustavo — comentei retomando o meu tom agressivo. — Você me deu um gelo e...

Ele apontou na direção do sofá e isso roubou o restante das minhas palavras. Lá em cima estava o celular dele, completamente estilhaçado.

— Miguel derrubou no chão, alguns minutos depois de eu ter te enviado aquela mensagem — ele respondeu, deixando-me sem mais nenhum argumento. — Eu nem sabia que você tinha me enviado outras mensagens.

Se eu pudesse enfiar a minha cabeça em um buraco, teria enfiado.

— Desculpe — disse engolindo um milhão de

PERIGOSAS NACIONAIS

sapos. Eu dificilmente dizia essa palavra. — Eu não deveria ter vindo aqui e...

Forcei um sorriso e me virei, antes de me aproximar da porta.

— Eu cancelei porque achei que você não gostaria de ficar aqui bancando a babá comigo, mas se você quiser, pode ficar... — A frase dele fez com que eu me virasse, voltando o meu olhar para os dois. Ele olhou para a criança em seu colo e continuou: — o Miguel adoraria.

E só então eu realmente olhei para a criança e notei o quanto ele era parecido com o barman. O quanto Miguel era bonitinho, uma coisinha fofa.

Aproximei-me deles e encarei o bebê.

— Ele é lindo...

— Mas é claro que é, ele puxou o pai — respondeu ele, arrancando-me um sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

Diferente de Gustavo, a criança tinha olhos verdes, provavelmente herdados da mãe. E esse pensamento me trouxe inúmeras dúvidas, já que o cantor nunca falou muito sobre a relação que tinha com a mãe de Miguel, tanto que nem mesmo o nome dela eu sabia.

Ele colocou a criança no sofá e afastou o telefone quebrado. Depois de deixar o filho entretido com um brinquedo que não consegui identificar, Gustavo tornou a olhar para mim.

— Desculpa... — ele disse, aproximando-se de mim. — Eu fui um cuzão.

Sabia que ele estava falando sobre o violão.

E ele realmente havia sido esse “cuzão”.

— Eu claramente não tenho muito — ele disse, voltando os olhos para a sua casa. — Mas todas as coisas que eu possuo foram conquistadas com trabalho e dedicação... — Essa era a primeira vez

PERIGOSAS ACHERON

em que eu o via desconcertado ou, pelo menos, a primeira em que ele deixou isso transparecer. — Se fosse um presente de, sei lá, cinquenta ou cem reais, eu não ligaria. Não sou o tipo de cara que brigaria com você por ter pago a conta de um restaurante... — Ele voltou o olhar para o violão, que estava descansando encostado próximo da cama, do outro lado do quarto. — Mas isso aí custou o equivalente a oito meses do meu aluguel...

Imagina se ele soubesse que eu havia pago o dobro só pra loja entregar na casa dele? Achei melhor guardar essa informação comigo.

— Você paga 375 reais de aluguel? — questionei, tirando-nos daquele clima pesado.

Ele riu e respondeu: — trezentos e cinquenta.

O valor baixo certamente refletia na qualidade do lugar.

— Eu juro que não pensei... — prossegui, feliz

PERIGOSAS ACHERON

por estarmos superando aquilo que há uma hora, na minha casa, parecia ser o fim de tudo. — Só vi o violão no shopping e me lembrei de você e de que você queria muito um.

— Vamos fazer assim, eu esqueço isso e você esquece que eu...

— Foi um cuzão?

Ele balançou a cabeça, rindo: — é, isso aí.

— Combinado.

Miguel era um amorzinho, daquele tipo de criança que não começa a chorar quando uma estranha se aproxima — eu não tinha ideia se isso era bom ou ruim —, muito receptivo. Consegui até brincar com ele um pouquinho, antes de ele dormir.

— Ele é tão lindinho — disse, enquanto o

encarava deitado no sofá. — Olhá-lo assim me faz até ter vontade de ter um.

— Esse lance, ser pai, não tem só partes boas, mas é ótimo... Muda a sua forma de enxergar o mundo — ele comentou, rindo. Com os olhos em mim, Gustavo comentou: — e eu tenho certeza que você seria uma ótima mãe.

Voltei a minha atenção pra ele e balancei a minha cabeça, negando.

— Eu não teria tanta certeza assim... — respondi, rindo só com a possibilidade. — E, de qualquer forma, é tarde demais.

Ele arqueou as sobrancelhas e rebateu: — tarde demais? Você não tem nem trinta anos e já fala como se tivesse setenta. — Com um sorriso nos lábios, ele prosseguiu: — ainda dá tempo de ter uns dez filhos.

A risada dele fez com que a ideia de ter dez

PERIGOSAS ACHERON

filhos não fosse um pesadelo.

— Eu não vou mentir e te dizer que nunca tive porque o meu casamento é horrível — disse, tentando explicar o meu receio com “filhos”. — Essa questão envolve mais a minha criação... Eu nunca tive um relacionamento bom com os meus pais, principalmente durante a minha adolescência e início da fase adulta.

Não tinha como eu explicar todos os problemas da família Falcão sem comentar sobre a verdadeira razão de eu ter me casado com Erick. E por mais constrangedor que fosse revelar que o meu pai fez um “negócio” com a família de Erick, eu contei tudo, sem esconder um só detalhe.

— Foi uma espécie de troca — disse, prosseguindo com o meu relato. — Nós reerguemos os Marinheiros e eles nos deram Erick, o filho homem que eu meu pai sempre quis ter. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto eu contava isso para Gustavo, só tornava a constatar o quanto aquilo era inacreditável. — E ao casá-lo com a filha mais velha, o meu pai ligou as nossas famílias.

Um casamento arranjado no século vinte e um.

Como a probabilidade disso era mínima — principalmente no Brasil —, eu devia ser a pessoa mais azarada da face da terra.

— Sem ofensas, mas o seu pai é um grande de um filho da puta — o loiro comentou com um olhar sério. — Negociar a própria filha? Puta que pariu!

— Eu já era adulta e concordei — disse, sabendo que tinha a minha parcela de culpa. — Podia ter me recusado, mas...

— Pelo que você me contou, eles não estavam te dando uma escolha... A culpa não é sua, Victória.

Será mesmo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda que não tivessem me dado a escolha de dizer “*não*”, eu poderia ter dito isso em frente ao padre, poderia ter batido o meu pé e não me casado, fugido daquela igreja e me libertado de todos eles.

— Eu tive medo de me recusar a fazer isso e ser deserdada, de que me tirassem todo o luxo que eu possuía — respondi, extremamente envergonhada. — O meu maior pesadelo era ser jogada pra fora de casa e ter que me virar sozinha... — Forcei um sorriso de desconcerto. — É, eu sou bem covarde.

— Se está esperando que eu concorde com você, desista. Eu não te acho covarde ou que você seja culpada pelo seu pai ser um babaca — ele respondeu, queimando-me com os seus olhos dourados. — Você não tem culpa de ser filha deles.

Era incrível a forma como ele sempre conseguia fazer com que eu me sentisse mais leve.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu acho que você já deve ter desconfiado, mas eu nunca tive muita grana — ele comentou, rindo. — E eu meio que cresci com quatro irmãos, tinha que dividir até a atenção... Não tinha como termos muito luxo, mas os meus pais sempre foram incríveis, nos deram tudo o que podiam... — Ele começou a rir e isso me arrancou um sorriso. A sua risada era tão contagiante que eu ainda não sabia nem o que ele me diria, mas já estava rindo. — Eles são tão incríveis que realmente acreditaram que eu seria um cantor famoso.

De acordo com Gustavo, os seus pais lhe deram as economias que possuíam para que ele pudesse se mudar pra cidade grande e viver o sonho de ser um artista de sucesso.

— Eles e os meus irmãos depositaram tanta confiança em mim que, por um período de tempo, eu também acreditei nisso... — ele balançou a

PERIGOSAS ACHERON

cabeça, mantendo o mesmo sorriso no rosto. — Deve ter durado uns dois meses... As pessoas não tem dificuldade nenhuma em te dizer “*não*”, em falar que você não serve, que não tem talento.

Depois de ser rejeitado em inúmeros bares e estabelecimentos, ele foi obrigado a aceitar um emprego no estoque de um mercado.

— E no final desse mês, no dia do meu pagamento, eu decidi que iria beber e aproveitar, porque eu merecia — Pela risada que ele deu, imaginei exatamente o que tinha acontecido nessa comemoração. — Fiquei com uma menina em uma balada e, um mês depois, ela me ligou dizendo que estava grávida e que achava que o filho era meu.

— E como você digeriu isso?

— Muito mal... Eu não estava há muito tempo na cidade, não tinha um bom emprego e não podia sustentar uma criança. — Ele voltou o olhar para

Miguel. — Mas já tinha acontecido, não dava pra fugir disso. Então, eu disse pra Giovana que assumiria o filho e que nós podíamos criá-lo juntos, como um casal.

Aquela última frase me surpreendeu.

Nunca imaginei que ele já tivesse sido “casado”.

— Mas ela me respondeu com — ele fez aspas e não controlou a risada — *“só porque você é o pai do meu filho, isso não quer dizer que eu quero me casar com você, cara”*.

— Ela te deu um fora! — eu disse, compartilhando de sua risada.

— Foi mais um chute e um bem na minha cara... Enfim, eu a ajudo como posso e tento ao máximo participar da vida dele — ele tocou no pezinho de Miguel. — Até queria uma guarda compartilhada, mas como é que eu vou pedir isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sou um cantorzinho fracassado, não tenho uma casa, renda e nem nada minimamente aceitável pra abrigar uma criança.

— Você não é um cantorzinho fracassado — disse com uma voz séria. — Você canta na casa de shows Três Irmãos!

Ele começou a rir.

— Mas, é sério, você tem talento — disse, lembrando-me da sensação de ouvi-lo cantar pela primeira vez. — Talvez não seja hoje ou amanhã, mas você ainda vai ser muito bem sucedido.

— Você é gentil.

— Não, eu não sou nada gentil — respondi, sendo sincera. — Se você fosse ruim, eu não sei se conseguiria esconder. Lembra que eu não consegui nem disfarçar que a sua casa era péssima?

E lá estava eu, ofendendo a casa dele de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fechei os meus olhos e comecei a rir.

— Entendeu? — completei, literalmente provando o meu ponto. — Eu sou ótima em mentir, mas na maior parte das vezes não consigo esconder a minha sinceridade aguda.

— Falando em fracasso, eu tenho planos de gravar um CD — ele comentou, surpreendendo-me. — Escrevi até algumas músicas... Se quiser, um dia posso tocá-las pra você.

— Eu adoraria... Principalmente se você tocasse naquele violão que você não vai me devolver — comentei, torcendo para que ele não recusasse o presente mais uma vez.

E, em poucos segundos, eu o assisti engolindo todo o orgulho.

Não foi algo fácil, mas, surpreendentemente, aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

— Se esse for o último presentinho caro, tudo bem.

Nós nos conhecíamos há muito pouco tempo, mas eu já sabia muitas coisas a respeito de Gustavo. Sabia sobre os seus sonhos, sobre os fracassos e o que o motivava. Descobri mais sobre ele naquela noite do que em anos de casamento com Erick.

E isso provava que ele era especial, tanto quanto a Sabrina era para o meu marido.

E esse pensamento me preocupou, pois sabia exatamente qual era a causa dos sintomas de Erick, a mesma doença estava começando a me corroer.

Capítulo 17 — Casa de campo

Eu já estava começando a me acostumar a acordar, pegar o meu celular e ler uma mensagem de Gustavo, pois ele sempre me mandava “*bom dia*” ou “*bom dia, ruivinha*”, seguido por um monte de emojis. Por algum motivo, ele sempre me mandava um coraçãozinho roxo e isso passou a ser um constante em nossas conversas por mensagem de texto.

Sempre achei essas coisas tão ridículas e até mesmo criticava. Mas, lá estava eu, mandando coraçãozinhos roxos para Gustavo.

Assim que terminei a minha higiene matinal, resolvi ligar pra ele, pois estava com algumas ideias em mente — e uma delas era muito, muito boa, eu

PERIGOSAS ACHERON

devo destacar —, e necessitava dividir isso com ele e, principalmente, saber se ele estava disposto a me deixar levá-lo para uma “aventura”, da mesma forma que ele fez comigo, quando me arrastou para aquele casamento.

— O que você vai fazer essa tarde? — questionei, assim que ele atendeu a minha ligação. — Estou com algumas ideias bem bacanas.

— Não vai nem me dar um bom dia? — ele indagou, fazendo com que eu revirasse os meus olhos. — Eu estou começando a suspeitar que você só quer se aproveitar do meu corpinho gostoso...

— Descobriu o meu segredo, barman. — Foi impossível não imaginar a cena de eu “*usando o corpo dele*”, me dava calor só de pensar. — Eu quero muito usar esse seu corpinho hoje.

Eu sabia que ele só começaria a trabalhar às onze horas da noite, em seu turno como barman na PERIGOSAS ACHERON

“*Cats Club*”. Então, estava esperançosa de que ele estivesse livre no período da tarde e no começo da noite.

— Quer me usar aqui em casa? — ele questionou, fazendo-me rir com o fato de ele continuar com a brincadeira de que eu só estava usando o “*corpinho*” dele.

— Eu pensei em fazer algo diferente dessa vez.

— Nós podemos ir na...

— Eu já escolhi o lugar — disse, interrompendo-o. — Tenho certeza que você vai adorar.

Ele não tentou insistir na sua ideia, deixando-me conduzir aquele encontro.

— Posso passar aí pra te buscar que horas?

— Às três.

Nós combinamos de nos encontrar há duas quadras da minha casa.

Eu ainda me sentia mal por ter que ficar escondendo ele do restante do mundo, mas não tinha como a nossa relação acontecer de outra forma — não no contexto atual em que eu vivia, pelo menos.

Mas o barman levava isso muito bem.

Ele não exigia nada que eu não pudesse lhe dar.

E era por esse motivo que a nossa relação estava dando tão certo. Não existiam cobranças, exigências e tampouco a necessidade de rotular.

Gostávamos de estar juntos e isso, no final das contas, era tudo o que importava.

Como o dia estava bem quente, eu usei coisas

PERIGOSAS NACIONAIS

bem leves, mesmo sabendo que poderia acontecer de eu passar um pouquinho de frio na moto dele. Coloquei um vestido florido rodado, sapatilhas e completei o meu visual com uma pequena bolsinha de mão.

A minha ideia não era só “estranha”, era um pouquinho — ou talvez muito — louca também.

Eu levaria o barman para conhecer a casa de campo da família de Erick. O lugar estava “abandonado”, não recebia visitas há bastante tempo. As únicas pessoas que ainda pisavam lá, eram as pessoas encarregadas de limpar o local.

Como não usávamos o lugar com frequência, não compensava manter caseiros fixos na propriedade, seria um desperdício de tempo pra eles e de dinheiro para nós. Então, Erick contratou pessoas que moravam na vizinhança para dar uma “ajeitada” uma vez por semana.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ainda no período da manhã, liguei para os caseiros para saber se esse era o dia em que eles apareceriam por lá — e se outras pessoas haviam contado que iriam. Eles me garantiram que não estavam esperando por ninguém e que já haviam feito a limpeza no dia anterior.

Era perfeito.

Eu teria todo o lugar só pra mim e Gustavo.

O loiro se atrasou um pouquinho, chegando dez minutos depois do horário que combinamos. Mas eu, estranhamente, não me importei com isso, mesmo sendo bem chata para essas coisas.

Talvez fosse porque vê-lo de bermuda azul bebe e regata branca, deixando aqueles seus braços maravilhosos bem a amostra, foi um colírio para os meus olhos. Ele estava ainda mais bonito e exatamente da forma que eu gostava, todo “informal”.

PERIGOSAS ACHERON

Dessa vez, Gustavo nem chegou a descer da moto. Ele simplesmente me entregou o capacete. Eu o coloquei e eu subi em sua garupa.

Diferente das outras vezes em que ele me buscou ou me trouxe em sua moto, o dia ainda estava claro e com a rua bem movimentada. Sendo assim, a ideia de ficarmos parados ali por muito tempo, definitivamente, não era muito boa.

Assim que eu subi e me sentei no banco, agarrando a sua cintura com força — e mostrando que estava pronta —, o loiro se virou para me encarar.

— Você está uma delícia — ele sussurrou, mostrando-me que talvez essa vez não fosse tão diferente assim das outras.

Depois de me dizer aquilo, ele se ajeitou e deu partida, levando-nos para longe daquela rua.

Como essa já era a minha quarta vez andando
PERIGOSAS ACHERON

de moto, eu já não estava com tanto medo.

A única parte que continuava sendo um pouquinho desconfortável pra mim eram as curvas, em que eu precisava virar o meu corpo junto com a moto.

Gustavo acabou se perdendo um pouquinho — e isso nos tomou alguns minutos parados, encarando o GPS no celular —, mas chegamos à casa de campo por volta das quatro e meia da tarde.

Durante todos os nossos encontros, era sempre eu que “entrava” no mundo do Guto e nunca o contrário. Nós nos conhecemos no trabalho dele, tivemos um primeiro encontro no barzinho em que ele tocava, fomos a um casamento em que ele iria cantar e as outras vezes nos limitamos a ficar na casa dele, naquela oficina.

O mais perto que ele chegava do meu mundo, era nas vezes em que me buscava ou me deixava em casa — ou quase isso, já que geralmente

mantínhamos uma ou duas quadras de distância por precaução.

Essa era a primeira vez que mudávamos isso, que eu mostrava um pouquinho da minha realidade pra ele.

E não foi difícil constatar que ele ficou impressionado com o lugar, com toda a sua imponência. A propriedade era realmente grande ao ponto de, mesmo após passarmos pelo portão, precisarmos andar bastante para chegar ao casarão.

Instruí Gustavo a estacionar a moto dele na parte de trás da casa. Nós dois, praticamente, a escondemos por entre as árvores e isso, obviamente, trouxe questionamentos ao barman.

Ele sabia que não podíamos ser vistos juntos por alguém que me conhecia, mas não entendia o porquê de todo o meu receio.

— É da família do Erick — respondi,
PERIGOSAS ACHERON

esclarecendo um pouco as coisas. — E como eu não avisei que usaria o lugar, outra pessoa pode vir aqui... — Mesmo de forma hesitante, completei, detestando-me por dizer aquilo: — E não seria legal se nos vissem juntos.

Por mais que o caseiro tivesse me “garantido” que ninguém apareceria quando eu joguei verde, nós não queríamos correr o risco de alguém chegar e ver a moto dele estacionada em frente a casa.

— Desculpe... Por eu ficar te escond...

— Não precisa se desculpar, Victória — ele me interrompeu, parando para me encarar. — Eu sei que não podem ver a gente e estou bem com isso, de verdade.

Como ele conseguia ser tão incrível?

Eu sorri em agradecimento e tornamos a andar.

— Quer dizer que você me trouxe pra casa do

seu marido? — ele questionou, rindo. — É bem excitante.

Voltei o meu olhar pra ele e respondi: — Erick já levou a Sabrina pra dormir na nossa casa...

— Então é uma espécie de vingança?

Pensei um pouco sobre aquilo e não demorou muito para que eu encontrasse a resposta.

— Não, não é isso... É mais como “*se ele pode, por que eu não posso*” — respondi, também rindo.
— Não que eu esteja planejando transar com você lá dentro da casa.

— Até porque tem um lugar bem melhor — ele comentou, fazendo com que eu voltasse o meu olhar para o mesmo ponto em que os seus olhos dourados observavam.

Guto encarava a piscina.

Assim como o restante da propriedade, ela era

bem impressionante.

— Eu estava pensando em dar uma volta pela propriedade e conversar — comentei, notando o quanto aquilo soava romântico. — Talvez andar no pedalinho ou caminhar na margem do rio...

Nesse instante, notei o quanto a minha relação com Gustavo estava me tornando brega.

— Ou tomar um banho de piscina — ele me interrompeu, deixando claro que queria aquilo.

O que me convenceu a fazer aquilo foram dois ótimos motivos. O primeiro deles, era o calor infernal. O sol estava muito quente e isso tornava aquela ideia — se refrescar naquela água — muito sedutora. O segundo devia-se ao fato da minha ideia ser muito romântica.

“*Andar na margem do rio?*” questionei mentalmente, odiando-me por ter pronunciado aquilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fomos até a piscina e removemos a capa que a cobria. E, então, eu realmente notei que o caseiro não mentira quando disse que havia limpado o lugar no dia anterior.

A água estava maravilhosa.

Mas, ainda sim, isso não aumentava a minha vontade de me molhar.

Olhei para a piscina e então voltei o meu olhar para o barman.

— Eu não trouxe roupa de banho e não tem nada lá dentro da casa — disse, forçando um tom de lamento. — É uma pena, pois a água está linda.

Eu só me esqueci de que estava falando com Gustavo, um cara que não se importava com essas — como ele mesmo dizia — “frescuras”.

— Roupa de banho pra quê? — ele indagou, não escondendo o sorriso debochado.

PERIGOSAS ACHERON

— Pra não ter que entrar de roupa íntima — respondi com o óbvio, algo que, aparentemente, não parecia fazer muito sentido pra ele.

— Mas você é fresca mesmo, hein ruivinha?

E ao ouvir o seu “*ruivinha*” lembrei-me de um outro detalhes — um não menos importante.

— E também tem o meu cabelo — completei, sem saber como não me lembrei disso antes. — Se eu entrar aí, nessa água cheia de cloro, ele vai ficar laranja.

Eu realmente não estava mentindo sobre o risco da tintura do meu cabelo desbotar, mas, obviamente, eu estava exagerando muito. Costumava cuidar do meu cabelo em ótimos salões e isso fazia com que esse risco diminuísse.

— Não precisa se preocupar, eu tenho certeza que você vai continuar linda com o cabelo laranja — ele respondeu, fazendo com que eu constatasse

PERIGOSAS ACHERON

mais uma vez o quanto ele era insistente.

Antes que eu pudesse lhe dar outra desculpa, Gustavo tirou a regata branca e a sua bermuda azul, mostrando-me a sua cueca preta.

Nesse instante, entrar na piscina com ele já não me parecia uma ideia tão ruim assim.

Mas, diferente do que eu pensei, Guto não pulou na água com a boxer. O loiro tirou aquela última peça de roupa do corpo, deixando o seu caralho bem à mostra.

E, então, ele pulou na água.

E a imagem daquele cacete, mesmo ainda mole, foi um grande incentivo para que eu também começasse a me despir.

Fiquei apenas de lingerie, mas antes que eu pudesse entrar na piscina, Gustavo comentou: — se você não tirar isso aí, eu vou tirar aqui... — Ele

sorriu de uma maneira safada. — Ou seja, vai dar no mesmo, ruivinha.

Coloquei as nossas roupas em cima de uma das cadeiras de madeira, prevenindo de acabar molhando elas por acidente, e tirei as peças intimidas, antes de caminhei de volta, aproximando-me de onde Gustavo estava.

Enquanto eu me preparava psicologicamente para entrar na água, o barman secava o meu corpo de dentro da piscina. Os seus olhos iam dos meus seios ao meu sexo.

Ele estava completamente hipnotizado.

Ao notar que eu estava hesitando, o loiro riu, dizendo: — eu juro que se você não entrar, eu vou aí te buscar.

Deixei de “frescura” e aproximei-me da escadinha da piscina. Quando eu coloquei o meu pé e senti o quanto a água estava gelada, quase voltei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para trás. Mas sabia que se fizesse isso, Gustavo me puxaria de volta.

— Tá muito gelada — reclamei, fechando os meus olhos na medida que descia um novo degrau. — Droga... Eu sabia que era uma péssima ideia. Detesto estar certa sempre.

Ele ignorou todas as minhas reclamações e se aproximou de mim.

— Deixa eu te esquentar.

As mãos dele me envolveram, passando pela minha cintura e seguindo para a minha bunda, que ele apalpou sem nenhuma hesitação. E, realmente, aquilo me esquentou ou, no mínimo, fez com que eu me esquecesse do frio.

— Como você pode ser tão gostosa, ruivinha? — ele sussurrou, antes de morder a minha orelha.

PERIGOSAS ACHERON

As mãos dele subiram até os meus seios, que ele também explorou com aqueles dedos grandes e curiosos. Não demorou muito para que os bicos deles endurecessem com o toque de Gustavo.

— Esqueci o protetor solar — brinquei, com os meus olhos colados naquela expressão safada de seu rosto. — Acho que vou ter que sair...

Ele riu, antes de balançar a cabeça, negando.

— Não antes do tubarão aqui te comer — ele respondeu, arrancando-me um sorriso. Ele fez movimentos circulares com o seu dedo indicador em meu seio direito, sem tirar aqueles olhos dourados do meu rosto. — E eu vou arrancar pedaço.

Ele me beijou com vontade e então desceu até os meus seios, explorando-os com a sua língua gulosa. Ele me chupava, enquanto continuava fazendo o meu corpo de corrimão. Adorava sentir

os seus dentes raspando pelos meus mamilos, as suas mãos tocando o meu corpo e o cheiro gostoso de seu corpo.

Mas o ponto alto foi quando a sua mão mergulhou e encontrou o meu sexo.

Ele esticou os lábios em um sorriso safado que me dizia “*achei*”.

Guto introduziu dois dedos e os movimentou, fazendo-me gemer alto.

— Lembra da primeira vez que eu meti essas dedos nessa bocetinha? — ele sussurrou, fazendo-me lembrar da nossa brincadeirinha atrás daquele palco.

Enquanto os convidados se reuniam próximos do altar, ele mergulhou dois dedos em mim, fazendo-me gemer. Foram poucas as vezes em que fiquei tão excitada quanto naquele dia. Por pouco, não deixei com que ele “finalizasse o serviço” lá

PERIGOSAS ACHERON

mesmo, não me importando em ser flagrada por um dos convidados ou até mesmo pelos noivos.

Balancei a minha cabeça confirmando — uma cena daquelas era impossível de esquecer.

Ele riu de forma maldosa e intensificou os movimentos lá embaixo.

— Sabe qual era a minha vontade naquele dia? — ele tornou a perguntar. Neguei com um aceno, fazendo com que ele completasse: — Abrir as suas pernas e lambar essa xoxotinha melecada até você gozar...

Ele beijou o meu pescoço, sem interromper os movimentos em meu sexo.

Depois de dois minutos naquela posição — melecando-me toda —, Gustavo tirou os seus dedos de mim e me ergueu, colocando-me de volta na escadinha. Ele me sentou no primeiro degrau e abriu as minhas pernas, deixando-me bem PERIGOSAS ACHERON

arreganhada pra ele.

Mas antes que ele pudesse aproximar aquela linguona de mim, eu questioneei: — tem certeza que não quer me foder com o seu pauzão? — Ele me lançou um olhar estranho, provavelmente não entendendo o que eu estava dizendo e isso me forçou a completar: — você não precisa continuar me agradando, barman.

Eu sempre me preocupei em não o satisfazer tanto quanto ele me satisfazia. Como a minha vida sexual costumava ser com garotos de programas, homens contratados para me servir, tinha medo de ter me tornado egoísta.

Ele riu, mas não era um de seus risos maliciosos, ele realmente estava achando graça do que eu havia dito.

— Você acha mesmo que eu chupo essa boceta só pra te agradar, ruivinha? — ele indagou, ainda

rindo.

Ele levou a mão direita até o meu sexo e esfregou os seus dedos contra os meus lábios de “baixo”.

— Eu não sou tão bonzinho assim, Victória — ele prosseguiu, ainda passando a mão em minha vagina. — Chupo porque eu gosto. — Ele riu e aproximou a sua cabeça das minhas pernas. — Eu já te disse... — Ele meteu os dedos em mim, afundando-os, antes de movimentá-los com força. E, então, ele os retirou e os mostrou pra mim. — É a minha bebida preferida.

Dessa vez, Gustavo não chupou os dedos, como havia feito no casamento.

Ele optou por beber direto da fonte.

O barman “caiu de boca” em mim.

A primeira coisa que ele fez, foi me lambe

com a sua língua molhada. Guto parecia um esfomeado, dando-me “linguadas”, enquanto as suas mãos se encarregavam de abrir ainda mais as minhas pernas.

Eu me sentia completamente exposta naquela posição, enquanto a sua linguona me engolia. Era, provavelmente, o único um tipo bom de impotência.

E toda aquela vontade realmente comprovava as palavras dele. Gustavo não estava me chupando só para me satisfazer e, então, partirmos direto para a penetração. Ele me chupava porque gostava e por isso o fazia com tanta vontade.

Aquela língua me invadiu, como se ele quisesse me penetrar com ela.

Suas mãos deixaram as minhas pernas, mas antes que eu me preparasse para mudar de posição, Erick pegou as minhas e as colocou no mesmo

lugar em que as dele estavam, tornando a me deixar “arreganhada”. A diferença era que agora eu fazia esse trabalho pra ele.

— Deixa essa boceta bem aberta pra mim — ele comentou, em tom de ordem, antes de tornar a me chupar de forma ainda mais intensa.

Era como se ele realmente estivesse tentando me beber. A sua língua e os seus dedos me invadiam, elevando o meu prazer ao nível máximo e, conseqüentemente, deixando-me ainda mais molhada. E não demorou muito pra que eu atingisse o orgasmo. Gritei alto. E como estávamos sozinhos e isolados do restante do mundo, eu tinha essa liberdade.

Gustavo era maravilhoso com o oral, ganhava de todos os putos que eu já tinha contratado.

E a coisa mais impressionante era que ele parecia não cansar. Continuou me chupando por

PERIGOSAS NACIONAIS

mais alguns minutos e eu, é claro, não podia reclamar, pois era maravilhoso. O ponto mais alto do sexo pra mim sempre foram as preliminares — não que eu também não estivesse ansiosa para abrigar aquele caralho na minha boceta.

Ele se afastou e nesse momento, subi mais um degrau da escapa e sai da piscina. Minhas pernas estavam bambas e por isso eu não consegui correr pra muito longe, o barman me alcançou rapidamente, pegando-me por trás.

Ele me grudou na parede mais próxima e roçou o seu caralho na minha bunda, dando-me uma dica de qual buraco meteria primeiro.

— Pensou que eu te deixaria escapar, safada? — ele sussurrou, estremecendo-me.

O safado continuou esfregando aquele cacete em mim, mas eu tinha certeza de que ele não meteria, não sem uma autorização minha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá esperando o quê, barman? — disse, deixando bem claro que eu queria.

E, então, ele meteu com força, fazendo-me gritar.

O seu pau me invadiu a toda, sentia que ele estava me rasgando. Gustavo metia na minha bunda, enquanto as suas mãos me prendiam naquela parede, como se quisesse me impedir de continuar fugindo — algo que eu, obviamente, não faria.

Eu adorei levar aquela surra de vara dele, adorei sentir o seu cacete entrando e saindo de dentro de mim. Eu me sentia arrombada por ele.

O loiro beijou o meu pescoço, roçando aquela barba por fazer em mim. E antes de intensificar os seus movimentos, as suas mãos deixaram de me pressionar e a direita buscou pelo meu sexo, que ele encontrou rapidamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gustavo inseriu dois dedos em minha boceta e continuou a meter o seu pau na minha bunda. O prazer era enorme, eu estava tão excitada que o anal quase não doía. O barman sabia bem como comer uma mulher.

— Agora você já pode dizer que transou com o seu amante na casa do seu marido — ele sussurrou, antes de mordiscar a minha orelha. — Pode falar praquela corno que eu meti com força na sua bunda aqui nessa parede.

Eu nunca tive esse tipo de fetiche — até porque, se fôssemos falar de números, eu tinha sido mais corna do que o Erick, que trocava de garotas de programa como se trocasse de camisinhas —, mas aquela frase me deixou ainda mais excitada. Se não estivéssemos molhados, faria com que o barman me fodesse em cima da cama, melecando os lençóis com a sua porra.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Guto não demorou a gozar, enchendo a minha bunda de porra. Ele urrou e tirou o seu pau de mim, fazendo com que o seu “leite”, escorresse pelas minhas pernas.

Peguei-o pelo braço e o levei até uma das cadeiras de madeira. Senti o loiro nela e, pelo sorrisinho sacana em seus lábios, ele devia ter ideia do que estava prestes a acontecer.

Aproximei-me de seu corpo e comecei a chupar o seu peito. Passei a minha língua por aqueles mamilos e fui descendo pela sua barriga. Contornei os seus músculos e fui me aproximando da sua virilha, dos pentelhos que formavam o “*caminho da felicidade*”.

O cacete dele já estava começando a se animar novamente. E como eu queria fazê-lo endurecer na minha boca, não perdi muito tempo, abocanhando-o com vontade.

PERIGOSAS ACHERON

Na maior parte dos programas, eu não chupava o pau dos putos. Era bem egoísta quando se tratava de prazer, colocava-os para me chupar, sentava em seus caralhos até gozar e, em seguida, os dispensava.

Mas com Gustavo era diferente. Além de querer satisfazê-lo, eu desejava o corpo dele, queria senti-lo de todas as formas. Se pudesse, lamperia aquele cacetão até a minha língua ficar dormente.

Dei um pouco de atenção as suas bolas.

Ele adorava me ver chupando-as. E eu fazia com bastante gosto, passando a minha língua em cada pedacinho. Amava sentir o peso delas em meu rosto, enquanto eu segurava o seu cacete com força, sentindo as veias pulsarem em minha mão.

Gustavo abriu bem as pernas e me deixou continuar tomando conta de seu caralho. Comecei a fazer movimentos de vai e vem, masturbando-o. E,

PERIGOSAS ACHERON

no meio tempo, tornava a chupá-lo de forma intensa, engasgando-me.

Melequei-me completamente com o seu esperma, mas não deixei que isso me impedisse de prosseguir. Adorava ouvi-lo gemer de forma tímida. Gustavo era do tipo de cara que tentava prender os sons e, por isso, era ainda mais divertido quando eu os fazia escapar.

Aumentei os meus movimentos e esfreguei o meu polegar em sua cabeça rosada. Gustavo urrou alto e no segundo em que aproximei o seu caralho dos meus lábios, ele começou a esporrar, enchendo a minha cara de leite.

— Desculpa — ele disse, no momento em que notou que eu estava toda “gozada”. — Mas, se serve de consolo, você continua linda.

Eu me afastei e me joguei na piscina, limpando-me na água. Gustavo não demorou a me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seguir, mostrando-me que aquele dia seria bem longo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 18 — Entre Heróis e Vilões

Gustavo me beijou de forma intensa, levando com ele o restinho do meu fôlego.

Eu poderia passar horas ali naquela piscina, beijando aqueles seus lábios macios, sentindo o cheiro gostoso do perfume dele, aquecendo-me naquele corpo quente, mas assim que as nossas bocas se afastaram, eu notei que ele tinha uma expressão confusa no rosto.

Eu nem precisei questionar, pois ele comentou, respondendo a uma pergunta que eu ainda nem tinha feito: — tá ouvindo um barulho de carro?

E, no mesmo instante, quase que instantaneamente, eu comecei a rir.

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei um “*ATA*”, enquanto revirava os meus olhos.

Não cairia naquilo.

— Boa tentativa, barman — respondi, rindo daquela sua piada idiota. Se ele queria me assustar, teria fazer isso melhor. — Eu não sou tão idio...

Assim que eu também ouvi o som, interrompi as minhas próprias palavras.

O loiro tinha razão.

Realmente existia um barulho de carro se aproximando.

Nós dois nos entreolhamos e, na mesma fração de segundos, avançamos para a escadinha da piscina.

Não.

Não.

Não.

PERIGOSAS ACHERON

Não.

A minha mente gritava “*não*”, mas isso, infelizmente, não tornava aquela cena de terror menos real e assustadora.

Assim que saímos da água, eu peguei as nossas roupas na cadeira de madeira e olhei ao meu redor, tentando encontrar um bom lugar para que pudéssemos nos esconder.

Eu estava tão atônita que não consegui me mexer.

Quando o barulho acabou — alguns instantes antes de ficar bem alto —, concluí que a pessoa havia estacionado em frente ao casarão azul, praticamente a uns trinta metros de onde estávamos sem roupa, completamente molhados.

Não existia um bom lugar — não um próximo — para nos escondermos, mas, ainda sim, tínhamos que sair dali.

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, eu voltei a minha atenção para Gustavo e gesticulei com a mão para que ele me acompanhasse. Contornamos a casa e, escondidos atrás de uma parede, estiquei o meu pescoço bem devagarzinho, torcendo para que eu não fosse vista.

Eu consegui observar um carro escuro.

Um Camaro preto.

A porcaria do carro do Erick.

Antes que eu pudesse xingar o universo por conspirar contra mim uma vez mais, ele saiu do carro e abriu a porta para Sabrina, que desceu embasbacada com a visão do lugar.

Se eu não estivesse tão atordoada com a chance de ser flagrada pelo meu marido, talvez notasse que o olhar dela foi bem parecido com o de Gustavo ao entrar ali.

Eu não me surpreendi por ele ter trazido ela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para a casa de campo. A paixão de Erick já estava óbvia pra mim há bastante tempo, só não contei que ele fosse trazê-la no mesmo dia que eu levaria Gustavo.

Voltei a me esconder atrás da parede e encarei o loiro, que sussurrou: — o que a gente faz agora?

Eu não sabia como responder aquela pergunta.

Não existia outra saída que não fosse aquela pela qual entramos e também não podíamos, simplesmente, subir em cima da moto e sair acelerando.

Erick não era idiota e ele não podia nos ver ali, em seu lugar preferido no mundo.

Isso — o fato de eu ter levado Gustavo até ali — soaria como a pior das traições e eu não estava preparada para sentir a sua fúria respingando em mim, tampouco no barman.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A gente espera... Eu acho.

O meu “achismo”, certamente não era nada reconfortante.

Mas de uma coisa eu tinha certeza absoluta, nós não podíamos continuar parados ali, era extremamente arriscado.

Entreguei as roupas de Gustavo e, mesmo com os nossos corpos cheios de água, nós dois começamos a nos vestir. O mais importante era que, se fossemos flagrados — as chances eram enormes, por sinal — não seria completamente pelados.

Estiquei o meu pescoço uma vez mais e notei que eles estavam conversando, sentados em um banco.

Aquela era a nossa chance de se afastar da casa.

Tinha certeza que não teríamos outra.

PERIGOSAS ACHERON

— Vamos voltar pro lugar em que deixamos a moto — sussurrei baixinho, sentindo o meu coração acelerar e quase sair pela minha garganta. — Agora!

Nesse momento, eu me detestei por ter levado o barman até a casa de campo. Eu me senti a mulher mais burra do universo por não ter considerado todos os ricos, que claramente incluíam Erick aparecendo de surpresa.

Voltei a minha atenção para o loiro, disposta a acalmá-lo, mesmo que eu não também estivesse muito calma. No entanto, assim que encarei o rosto dele, notei que eu era quem precisava me acalmar e respirar fundo.

Gustavo estava sorrindo, provavelmente se divertindo com tudo aquilo.

— Teu marido anda armado, ruivinha? — ele questionou, rindo como se aquela ideia o divertisse.

PERIGOSAS NACIONAIS

Balancei a cabeça, negando, antes de lhe responder: — ele não costuma sujar as mãos... — Antes que o loiro pudesse contar outra de suas piadinhas, eu completei: — mas isso não significa que ele não faça outros sujarem.

Notei que aquela pressão pra cima de Gustavo não ajudaria em nada.

— Vamos? — tornei a sussurrar, esforçando-me para relaxar um pouco.

Ele balançou a cabeça, confirmando e começamos a andar. Infelizmente, nós não conseguimos dar muitos passos, pois assim que avançaríamos, afastando-nos do casarão azul, eu ouvi a voz da Sabrina e notei que eles estavam se aproximando da margem do rio.

O pedalinho não.

O pedalinho não.

PERIGOSAS ACHERON

O pedalinho não.

O pedalinho não.

O pedalinho não.

— Filho da puta! — deixei escapar, assim que os dois se aproximaram do pedalinho. — Agora eles têm uma visão de toda essa área. Que caralho!

Gustavo arregalou os olhos e tornou a rir.

Ele nunca tinha me ouvido dizer tantos palavrões de uma só vez.

— Relaxa, ruivinha... — ele disse, colocando as mãos sobre os meus ombros. Ele sabia bem o quanto eu detestava o seu “*relaxa, ruivinha*”, mas dizia mesmo assim. — Eles não vão ver a gente. — Os olhos do loiro voaram na direção do casal, que agora já estava dentro do pedalinho. — Olha só pro corninho, não consegue ver nada que não seja ela.

Ignorei o “*corninho*” e constatei que Gustavo

realmente tinha razão.

Erick estava hipnotizado por Sabrina.

E o mesmo acontecia com a acompanhante de luxo, que não tinha olhos para mais nada que não fosse o CEO a sua frente.

Deixamos de perder tempo e usamos esse momento para correr na direção das árvores, mais especificamente o lugar onde havíamos estacionado a moto.

Assim que nós nos afastamos o suficiente para não sermos vistos pelo casal, eu deixei de sussurrar e tornei a usar o meu tom normal. E, por mais que Gustavo não assumisse, eu sabia que ele também estava aliviado.

— Nós podemos nos esconder lá pra trás e esperar — sugeri, no momento em que ele desengatou a moto e começou a empurrá-la. — A propriedade é bem grande e tenho certeza que o PERIGOSAS ACHERON

Erick não vai levá-la pro meio desse mato.

O loiro deu uma boa olhada ao nosso redor e respondeu: — ou a gente pode dar a volta e sair lá na frente — Ele apontou na direção da reserva que nos camuflaria do “*casal 20*”. — Tenho certeza que não vão ouvir o barulho da moto quando estivermos perto do portão.

A ideia realmente era boa — melhor do que a que eu tinha sugerido há pouco, que nos obrigaria a esperar uma eternidade até que eles fossem embora —, mas, ainda sim, existiam dois grandes problemas.

O primeiro deles era bem óbvio, nós dois teríamos que nos enfiar no meio do mato. E o segundo era que eu não era a maior fã da natureza, principalmente usando um vestido — uma roupa que não cobria os meus braços e pernas — e uma sapatilha. Ficaria completamente desprotegida de

PERIGOSAS NACIONAIS

picadas e inúmeras outras coisas que poderiam existir lá dentro

E também já estava escurecendo.

— Eu não.... eu não vou entrar nesse mato, Gustavo — respondi depois de considerar a ideia.
— Eu prefiro esperar até amanhã aqui no frio.

— A gente não vai andar nem trinta minutos, Victória! — ele insistiu, tentando me mostrar que essa era a nossa melhor saída.

O barman voltou àqueles olhos dourados pra mim e começou a rir, fazendo-me imaginar o que diria a seguir.

— E não precisa se preocupar, eu sou um ótimo escoteiro... — ele comentou, fazendo com que eu revirasse os meus olhos. — Eu não vou deixar nada que não seja eu picar você.

Respirei fundo e concordei, ainda sem saber

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

como eu encontraria coragem para começar aquela “trilha”.

Gustavo esticou o braço direito e disse: — primeiros as damas.

Bastou um olhar meu para que ele risse e fosse por primeiro.

Nós não precisávamos nos enfiar muito dentro da reserva, só o suficiente para não correremos o risco de sermos vistos. Mas, mesmo assim, podíamos ser atacados por pernilongos, cobras ou algum outro bicho desconhecido que eu, definitivamente, não queria conhecer.

Enquanto andava ao lado de Guto, que ainda tinha que empurrar a moto e desviá-la das árvores, eu tentava não olhar muito para o chão ou alto, pois sabia que se visse qualquer coisinha se movendo, travaria ao ponto de não conseguir completar o percurso.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu... eu morro de medo de cobras — revelei, sentindo um frio na espinha só de pensar naquele réptil se rastejando próximo de mim. — Tenho pavor!

— Não parece que você tem medo, ruivinha — ele respondeu, obviamente levando a “cobra” pra um sentido bem malicioso. — Da última vez que você viu a minha, fez até um carinho na cabecinha dela.

— daquelas que picam, seu idiota! — rebati, só contribuindo para a risada dele. Tinha certeza que ele diria algo como “*mas a minha cobra também pica*” e por isso completei, dizendo: — enfim, você me entendeu.

Como ainda estava um pouco molhada, comecei a sentir frio. Gustavo usava apenas uma regata, mas isso não parecia incomodá-lo.

Enquanto continuávamos a andar, o barman fez

PERIGOSAS ACHERON

uma pergunta que me pegou de surpresa:

— no dia em que a gente se conheceu, lá na balada... Eu ouvi a Sabrina te perguntando o porquê você continuava casada com ele, mas eu não me lembro de você ter respondido isso.

— Eu sei que os seus pais não te apoiariam, você já me contou isso — ele completou, puxando os meus olhos cinzentos em sua direção. — Como você aguenta continuar com esse cara, Victória?

Eu entendia perfeitamente o que ele estava querendo dizer. Durante todas as vezes em que nos vimos, em algum momento eu comentei algo desagradável sobre Erick — como a típica esposa traidora —, mas, ainda sim, nem mesmo eu sabia a resposta pra aquela pergunta.

Fiquei alguns segundos em silêncio, tentando formular uma resposta decente e isso, provavelmente, passou a impressão de que eu não a

responderia.

— Se você não quis...

— Tudo bem, é que essa foi uma daquelas complicadas — respondi, forçando um sorriso, tentando passar a ideia de que estava tudo bem.

Desde que conhecia Gustavo, ele sempre foi de fazer esse tipo de pergunta, então eu já tinha passado dessa fase de não querer respondê-las.

— Eu precisaria de advogados e de uma forma de me manter, pois assim que a palavra divórcio deixar a minha boca, ele e os meus pais vão me pressionar ao máximo, me deixar falida pra me forçar a desistir dessa ideia — contei a ele, tentando lhe explicar que não era só chegar e dizer “*eu não quero mais*”.

A primeira coisa que o desgraçado fez ao perceber que eu estava “*feliz demais*” foi controlar o meu dinheiro, certificando-se de que eu não o

PERIGOSAS ACHERON

usaria pra algo como divórcio e nem nada que o ameaçasse.

E isso me deixou com raiva, pois se eu tivesse pensado antes, me programado melhor, teria conseguido juntar uma boa quantia e agora teria os recursos necessários para enfrentá-lo judicialmente.

— Então, a verdade é que eu continuo casada com ele porque eu não sei se vou conseguir sobreviver sem todo o luxo que me cerca — revelei por fim, sendo sincera em cada palavra que pronunciei. — Eu sei que você deve achar que eu sou fresca e mimada... E talvez eu seja mesmo, mas a questão é que eu tive todas essas coisas durante a minha vida inteira, então não sei se vou conseguir viver sem elas agora.

— O problema não é você, Victória. O problema é ele! — respondeu-me Gustavo, em um tom raivoso. — É ele quem te trai e não aceita ser

traído, é ele quem controla um dinheiro que pertence a você...

Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, o barman continuou: — eu tenho vontade de quebrar a cara desse filho da puta... Se quiser, eu resolvo isso pra você. — Ele riu, mas o seu tom raivoso se manteve. — Volto lá e acabo com ele.

Eu comecei a rir e isso chamou a atenção dele, que parecia não entender o motivo da graça.

Gustavo era tão inocente.

Ele era uma formiguinha se comparado ao meu marido em questão de poder. O máximo que o loiro poderia fazer era dar uma boa surra em Erick e, ainda sim, as consequências seriam terríveis. Gustavo podia quebrar um nariz, mas o meu marido podia fazer com que ele desaparecesse da face da terra estralando os dedos.

— Por mais que eu ache muito bonitinho tudo

PERIGOSAS ACHERON

isso que você me disse, não precisa bancar o meu herói, Gustavo.

— E por que não, Victória? — ele indagou, realmente não facilitando as coisas. — Por que não me deixar ser o seu herói quando existe um vilão ferrando com a sua vida?

Voltei o meu olhar pra ele e hesitei em dizer. Eu fiquei com medo de que ele pudesse me olhar diferente assim que eu terminasse de falar. Não queria que a minha imagem mudasse perante os seus olhos dourados.

— Porque eu não sou uma donzela em perigo, simples assim — disse, voltando o meu olhar para o chão. Preferia encarar algum bicho assustador aos olhos dele. — Erick não foi a única pessoa que errou no nosso casamento...

— Se você está se referindo a traição, ele fez primeiro... — Gustavo prosseguiu, deixando-me em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

uma situação cada vez pior. — Não devia se sentir culpada por isso.

E essa era a questão — ou uma delas —, Erick não havia feito primeiro.

Eu fiz.

Mas como eu diria isso pra um cara que estava começando a me conhecer?

Não queria que a minha antiga reputação destruísse algo novo e bom. Basicamente, a melhor coisa que já tinha me acontecido em anos.

Como é que eu admitiria que tinha sido a primeira pessoa a trair? Não existia uma forma fácil de fazer isso. No entanto, eu não queria mentir para ele, ainda que isso me custasse à forma bonita e inocente com que ele me enxergava.

— Talvez ele seja mesmo o grande vilão da minha história — comentei, ainda sem encará-lo.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas eu também sou a vilã da história dele.

Gustavo começou a rir, como se eu estivesse dizendo alguma besteira.

— O que você fez de tão ruim assim pra ele ao ponto de se tornar uma vilã?

Voltei o meu olhar na direção dele e, ainda sem saber se deveria mesmo dizer, revelei: — muita coisa, coisas que, atualmente, eu não me orgulho. — Como eu já havia começado, não podia mais parar e desconversar. Era tarde demais para isso. — Ele não... ele não foi o primeiro de nós dois a trair.

Pela expressão no rosto de Gustavo, ele, definitivamente, não esperava por aquilo.

— E, infelizmente, não foi só isso... Depois de dormir com um antigo namorado, eu contei tudo pra ele... Não porque eu me sentia culpada, mas porque eu queria que ele se sentisse mal. Eu disse coisas horríveis naquele dia. Como eu disse, eu não

PERIGOSAS ACHERON

me orgulho disso.

Como já tinha começado a revelar esse outro lado meu — um bem sombrio, diga-se de passagem —, achei melhor terminar de descarregar a caçamba de lixo, esvaziá-la logo de uma vez.

— Sabe por que eu fui pra balada com a amante do meu marido?

Ele arqueou as sobrancelhas, antes de dizer: — união feminina?

— Está mais pra maldade feminina — respondi, ainda não acreditando no que havia feito. — Assim que as coisas entre ela e Erick ficaram sérias, eu decidi que acabaria com o romance dos dois. Chantagearia Sabrina e faria com que ela se afastasse dele. — Gustavo não fez nenhuma piadinha dessa vez, certamente a sua visão sobre mim estava começando a mudar. — E depois que eu conseguisse, a primeira coisa que faria seria

PERIGOSAS NACIONAIS

chegar em Erick e contar pra ele, dizer que eu pisei no seu castelo de areia. Eu queria vê-lo infeliz e também queria que ele soubesse que essa infelicidade foi causada por mim. — Forcei um sorriso desconcertado, que transpareceu toda a vergonha que eu estava sentindo. — Eu planejei tudo e chamei Sabrina pra nossa casa usando o celular dele, mas assim que ela apareceu e eu olhei nos olhos dela, não consegui continuar. Não tive a coragem necessária pra isso. Então, eu improvisei. Eu disse que tinha chamado ela ali pra me ajudar a se divertir e foi quando ela me indicou a balada.

Ele ficou em silêncio, em um estado pensativo.

E foi impossível não chegar à conclusão de que o tinha perdido.

E, dessa vez, não podia nem culpar Erick por isso.

— Interessante.

PERIGOSAS ACHERON

Interessante?

— Você estava ouvindo o que eu disse? —
indaguei, não comprando aquela resposta vaga. —
Todas as coisas ruins que eu fiz?

Ele riu e balançou a cabeça, confirmando: —
sim, eu ouvi.

— E você acha o meu lado maligno
interessante? — continuei, realmente não
entendendo a sua resposta.

— Não... Eu acho interessante a forma como
nos conhecemos — ele respondeu, deixando-me
ainda mais confusa. — Se você tivesse seguido
com o seu plano e destruído o relacionamento
deles, não teria ido pra balada e a gente nunca teria
se encontrado.

Podia até parecer bobeira, mas eu nunca tinha
pensado daquela forma, de que me encontrar com
Gustavo havia sido uma consequência de uma
PERIGOSAS ACHERON

decisão — uma das boas — que eu havia feito no momento em que Sabrina entrou na minha casa.

— Nós nos conhecemos porque você fez a escolha certa — ele completou. — Quando você faz coisas boas, isso volta pra você... É no que eu acredito.

Mais estranho do que aquela sua conclusão de tudo — uma que, por sinal, eu adorei —, foi que essa parecia ser a única coisa que importou pra ele em toda aquela história envolvendo os meus atos malignos contra Erick.

— Você ouviu todo o restante, não é? — tornei a questionar, estranhando a sua reação. — Não foram coisas legais...

— Eu não me importo com as coisas que você já fez, Victória. Até porque, eu tenho certeza que ele retribuiu cada uma delas na mesma proporção — Gustavo tornou a falar, esticando os lábios em

PERIGOSAS NACIONAIS

um sorriso. — O importante é que você percebeu que não precisa continuar sendo a vilã da história dele... Não quando pode ser a protagonista da sua.

Aquela sua última frase me pegou de surpresa e me fez questionar se eu realmente estava protagonizando a minha própria vida, se não estava deixando-a de lado para antagonizar na de Erick.

— Eu acho que já dá pra gente sair e voltar pra estrada... Não vão nos ouvir a essa distância — ele comentou, virando a moto prateada na direção contrária.

Concordei com um aceno de cabeça.

Abandonamos o mato, subimos em sua moto e, em poucos segundos, chegamos ao portão.

Supreendentemente, tínhamos conseguido sair sem sermos notados, mas, ainda sim, sabia que aquele nosso passeio deixaria uma grande marca em mim.

PERIGOSAS ACHERON

O caminho de volta não foi tão complicado. Diferente de quando estávamos indo para a casa de campo, Gustavo não se perdeu e conseguiu encontrar a saída, levando-nos para uma rápida que nos deixou em casa — pelo menos, na minha.

Ele estacionou a moto a uma quadra e isso, algo que já podia ser considerado o “normal” pra gente, me deixou mal.

Eu não queria continuar escondendo ele daquela forma.

— Desculpe por ter te enfiado naquela situação — disse envergonhada. E, então, lembrei-me de uma frase que ele havia usado quando estávamos

PERIGOSAS NACIONAIS

naquele casamento. — Eu juro que na minha cabeça a ideia pareceu muito boa.

Ele riu, mostrando as suas covinhas.

— Não precisa se desculpar, ruivinha... — ele respondeu, parecendo-me sincero. — Foi bem emocionante se esconder no mato com você... Pena que não fizemos nada além de conversar, não é?

Devolvi o capacete cor de rosa e, instintivamente, dei uma olhada ao nosso redor para verificar se tinha alguém se aproximando. Depois disso, notando que a “barra estava limpa”, aproximei-me para um beijo que Gustavo retribuiu.

— Boa noite, barman — disse assim que os nossos lábios se desgrudaram. — Bom trabalho.

— Boa noite, Victória.

E, como de costume, ele me assistiu caminhar em direção a minha casa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 19 — Uma Única Amiga

“O importante é que você percebeu que não precisa continuar sendo a vilã da história dele... Não quando pode ser a protagonista da sua” dissera-me Gustavo na noite em que precisamos nos esconder de Erick.

E desde que ele pronunciou essa frase, eu não consegui deixar de pensar nisso, de que estava deixando de aproveitar a minha vida para desempenhar uma espécie de vilã na de Erick.

Eu quase não dormi, me peguei acordando diversas vezes durante a noite e sempre que isso acontecia, tornava a ser assombrada por uma verdade que eu não estava mais conseguindo esconder.

Eu estava me apaixonando pelo barman e toda a minha covardia paralisante estava começando a se dissipar, talvez o suficiente para que eu jogasse tudo para o alto e, finalmente, fosse viver a minha vida, como deveria ter feito bem antes de me casar com Erick Marinho.

Assim que o dia amanheceu, fiz a minha higiene matinal, tomei café da manhã e respondi ao “*bom dia, ruivinha*” de Gustavo.

Enquanto eu lia a essa mensagem, sentia em meu coração que estava prestes a fazer a maior loucura da minha vida.

Talvez fosse a coisa mais certa ou a mais errada.

E sentia que precisava descobrir isso, antes de tomá-la.

Mas, infelizmente, não havia ninguém com quem eu pudesse falar.

Ana, a minha irmã do meio, certamente não saberia me responder. O grande medo que ela nutria pelos nossos pais — um medo que eu costumava compartilhar — impediria com que ela me desse uma resposta imparcial.

As mulheres que eu conhecia — outras donas de casa, como eu — me veriam como uma louca. “*Abandonar tudo por um barman?*”, elas questionariam sem entender que a riqueza de nada adiantaria se eu continuasse miserável de sentimento.

Dona Beatrice — a minha mãe — estava fora de questão, pois da última vez em que eu lhe pedi um conselho amoroso, ela sugeriu que eu engravidasse, dizendo-me que isso resolveria todos os meus problemas num passe de mágica. “*Uma criança é milagrosa e pode dar um jeito em tudo*” dissera-me ela na época, como se quisesse ferrar

ainda mais com a minha vida.

Dessa forma, restava-me apenas uma pessoa.

Sabrina Lancaster.

Sim, a amante do meu marido.

Eu pensei sobre isso — conversar ou não com a acompanhante — por cerca de quase uma hora, mas a verdade era que eu já havia decidido que falaria com ela, só estava procurando desculpas para não ir, buscando por desculpas que eu não encontrrei.

Como eu não tinha ideia de onde ela morava e não tinha mais o celular do Erick para enganá-la, trazendo-a de volta para a minha casa, eu obriguei Fernando — o nosso motorista, capacho do meu

marido — a me levar até lá.

Ele, obviamente, tentou se recusar a fazer isso, mas eu o ameacei de demissão. Mesmo sendo muito improvável de que eu conseguisse isso — já que Erick gostava muito dele —, Fernando não sabia e não quis arriscar. Eu lhe prometi que esse seria o nosso “segredinho”.

Assim que cheguei ao andar dela, eu notei que um segurança guardava a porta. E, no mesmo instante, eu soube que isso devia ser coisa do meu marido. Aquele cretino, provavelmente, disse que estava protegendo-a quando, na verdade, devia estar vigiando a coitada durante vinte e quatro horas por dia.

Talvez ele estivesse se certificando de que ela não atenderia mais ninguém além dele.

Eu não sabia, mas senti pena da garota de programa.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ignorei o homem encorpado e, aparentemente, ele fez o mesmo comigo — alguém que o cara não devia considerar como uma “ameaça”.

Dei três batidas na porta dela e esperei para ser atendida.

— Como agora você não sai da minha casa, eu pensei em retribuir, visitando a sua também — comentei, assim que ela abriu a porta, deixando-me entrar.

Não consegui me controlar e deixei com que os meus olhos corressem por todo o apartamento.

Então era ali que ela costumava atender a todos os programas?

Até que era um lugar bem bonitinho.

Depois de passar um tempo no barraco de Gustavo, as minhas definições para “horrível”

PERIGOSAS ACHERON

havam sido drasticamente atualizadas.

— Aqui é bem... bem... — Comecei a falar, sem ter a mínima ideia de como terminar aquela frase. Pesquei a mesma palavra que usei quando ia elogiar a casa do barman. — Aconchegante.

— É pequeno, eu sei — respondeu-me a morena, como se eu tivesse lhe ofendido de alguma forma, o que, definitivamente, não havia sido a minha intenção, principalmente porque estava ali, precisando da ajuda dela. — Eu nunca gostei muito dessas casas exageradas, entulhadas de coisas inúteis... — Ela riu em um tom de deboche, antes de completar: — sem ofensas.

Sabrina, claramente, se referia as nossas casas. E, de certa forma, ela não estava mentindo com o “*entulhadas de coisas inúteis*”, a começar pelo meu marido — essa era a primeira coisa que eu queria me livrar.

— Mas eu tenho certeza de que você não veio aqui falar sobre o meu apartamento e muito menos fazer uma simples visita, não é mesmo? — ela prosseguiu, colocando-me direto no assunto que eu precisava discutir.

Mas como eu começaria a falar sobre esse assunto?

Certamente, não seria tão simples quanto arrastá-la comigo para uma balada.

— Eu... — Fechei os meus olhos e abaixei a cabeça, tentando encontrar uma forma de iniciar aquilo, de preferência uma que não fosse tão constrangedora. — Eu preciso de um conselho... De um conselho amoroso.

Os olhos escuros dela se arregalaram e Sabrina nem mesmo disfarçou o quanto estava achando aquilo patético.

— Espere um pouco... Você, a esposa nariz
PERIGOSAS ACHERON

em pé do meu cliente, quer um conselho amoroso meu? — ela questionou, como se quisesse me forçar a repetir tudo, o que, definitivamente, não aconteceria.

Eu não consegui deixar de rir, mas, diferente dela, era um riso repleto de nervosismo e constrangimento.

Era bem mais do que patético, era humilhante.

Mas se eu tivesse outra pessoa com quem conversar, não estaria ali.

— Eu... eu não tenho nariz em pé — rebati, como se isso fosse uma coisa importante para corrigir. E, então, eu me forcei a admitir: — e sim, eu quero um conselho seu.

— Por quê? — ela indagou, tornando tudo ainda mais difícil do que já estava sendo. — O que te faz pensar que eu seria boa nisso?

“*Tudo*”, eu pensei.

Eu e Sabrina Lancaster éramos o oposto uma da outra. E talvez fosse por isso que Erick tinha se apaixonado por ela, no fim das contas. Se existia alguém que podia me dar um bom conselho, essa pessoa era ela.

Eu me inclinei e fixei os meus olhos nela, antes de responder: — eu... eu não sei... — E, mais uma vez, eu estava mentindo. — Mas você é uma profissional do sexo, certo? Deve saber alguma coisa útil... — prossegui, esforçando-me ao máximo para soar de forma convincente, entretanto, assim que bati os olhos na expressão de Sabrina, notei que ela não estava comprando o “*você é uma profissional do sexo, então deve saber tudo*”.

— Você... você... — Eu comecei a rir antes mesmo de começar a falar. Tinha certeza de que

após pronunciar aquelas palavras, a amante do meu marido pensaria no quão ridícula e digna de pena eu era. — Você é a única pessoa com quem eu posso falar sobre isso... — Com um gosto amargo na boca, confessei: — Eu não tenho mais ninguém.

No fim das contas, aquilo doeu bem menos do que eu tinha imaginado.

— Vai me ajudar ou não? — completei, cansada e sem paciência de ter que, a todo momento, explicar o motivo pelo qual estava ali.

Ela balançou a cabeça, confirmando.

— Se lembra daquele barman? — questionei mesmo certa de que ela se recordava de Gustavo. — Eu meio que estou saindo com ele... Já faz alguns dias.

A acompanhante não conseguiu deixar de transparecer a sua surpresa ao me ouvir dizer aquilo, o que era bem estranho já que havia sido ela

PERIGOSAS ACHERON

quem me incentivou a voltar para a “*Cats Club*” pegar o número do barman.

— E está sendo ótimo passar esse tempo com ele... — Era impossível não sorrir enquanto falava sobre o loiro que, estranhamente, descongelou o meu coração da forma mais brega e irritante possível. — O Guto é bonito, engraçado e me faz muito bem, mais do que qualquer outro homem já fez...

Eu ainda não tinha certeza se o que sentia por ele era amor — até porque, nunca havia sentido isso antes —, mas sabia que era muito forte, ao ponto de eu estar ali, pegando um conselho com a amante do meu marido.

— Se tudo está indo tão bem com o... — ela fez aspas com os dedos antes de pronunciar o apelido de Gustavo — “*Guto*”, então qual é o problema? Que tragédia aconteceu para que uma

mulher como você precisasse de um conselho meu?

E foi como se ela estivesse lendo os meus pensamentos.

“Aconteceu tudo o que não podia acontecer” pensei, lembrando-me que no momento em que ele me convidou para sair naquela noite de domingo, eu já sabia que as coisas terminariam assim, comigo completamente envolvida por ele.

Eu sempre soube como a nossa história terminaria.

Pelo menos, até esse momento, quando eu me dei conta de que tinha uma escolha — uma difícil, mas que existia caso eu encontrasse a coragem necessária para optar por ela.

— As coisas entre a gente... Elas estão indo rápido demais e... E eu acho que tem uma pequena chance de eu estar me envolvendo demais — confessei surpresa com a facilidade com que PERIGOSAS ACHERON

aquelas coisas deixaram a minha boca. E, então, notei o quanto ela estranhou aquilo tudo e isso foi o suficiente para acionar as minhas defesas. — Você é ótima em separar essas coisas, em não se envolver com os clientes, desenvolvendo esses sentimentos... Então, o que eu devo fazer?

A grande verdade é que eu não queria uma forma de separar os meus sentimentos.

Esse não era o motivo pelo qual eu estava ali.

Eu apenas fiquei com vergonha e contei uma mentira, como sempre fazia.

— São duas situações completamente diferentes... — ela me respondeu. — Pelo que você me contou, o barman está fazendo bem pra você, o que significa que esse sentimento é saudável.

Nesse instante, lembrei-me dela naquela casa de campo, com os olhos colados em Erick, completamente hipnotizada. Foi a primeira vez que PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu tive certeza de que ela sentia o mesmo por ele, por mais que também não admitisse.

Não era apenas por dinheiro.

Eu tinha certeza.

— Eu... eu sou casada, não posso me envolver de forma séria com outra pessoa — argumentei e observei a expressão dela mudar ao ouvir aquele “*casada*”. Sabrina certamente devia detestar isso, pois, aos olhos dela, devia ser o que a impedia de realmente estar com Erick Marinho. — Eu tenho uma imagem, um status na sociedade e... O que as pessoas vão pensar de mim?

Ao pronunciar a minha última frase, não consegui deixar de questionar se essas coisas continuavam importando tanto assim pra mim?

Aparentemente, não.

Eu estava ali, pegando conselhos amorosos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com uma garota de programa — a do meu marido, o que tornava tudo ainda mais humilhante — e isso já era a maior comprovação de que a opinião dos outros já não tinha o mesmo impacto de antes, ao ponto de definir a minha vida.

— As pessoas vão ver uma mulher forte, que está tentando reconstruir a vida, uma mulher que não deixou que um casamento malsucedido acabasse com a sua vontade de seguir em frente — ela respondeu, fazendo exatamente o que eu queria, dando-me motivos para viver aquilo que eu tinha com Gustavo da forma certa. — E se não enxergarem, mande todas elas irem à merda!

E, novamente, a razão e o medo tomaram os meus lábios.

— Todas essas coisas que você falou fariam todo o sentido do mundo se eu fosse um homem. A sociedade sempre os protege, até mesmo quando se

PERIGOSAS ACHERON

casam com garotas com idade para serem filhas deles. Tornam isso em um grande conto de fadas — disse, antes de desviar o meu olhar para a televisão, fugindo dela. — Mas pra mulher é muito mais complicado, não existe conto de fadas nenhum, só promiscuidade, decadência e humilhação.

Eu não havia mentido sobre todas aquelas coisas — a nossa sociedade realmente era podre —, mas, lá no fundo, o que mais me amedrontava não era o julgamento da sociedade como um todo.

Era o de duas pessoas bem específicas.

— Os meus pais mesmo... — prossegui, não conseguindo esconder o quanto aquilo me assustava. — Eles não... Eles não entenderiam.

E, então, naquele momento, eu notei que ninguém poderia me dar uma resposta certa.

Desde o início de nossa conversa, esperei por um *“vá em frente e seja feliz!”*, mas isso não

PERIGOSAS ACHERON

aconteceria. E mesmo que acontecesse, no final das contas, caberia a mim ter a coragem suficiente para fazer isso.

— Desculpa por aparecer aqui e te encher com os meus problemas.

A acompanhante de luxo sorriu e não pareceu incomodada com a minha visita.

— Tudo bem, não tem problema... Você já me arrastou pra uma balada, então o que é um conselho, não é?

Sabrina me acompanhou até a porta, mas antes que eu pudesse ir embora, ela me disse: — não deixe homem nenhum decidir como você vai viver a sua vida... — Depois de alguns segundos em silêncio, ela completou: — esse é o meu conselho.

Sorri em agradecimento e deixei o seu apartamento com uma decisão tomada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu ainda não tinha ideia se trava-se de uma certa ou errada.

Mas era a que eu havia tomado.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 20 — Uma Conversa Séria

Durante os três dias que se seguiram desde a minha conversa com Sabrina, eu só consegui falar com o barman por mensagens de texto.

O principal motivo disso — além da minha despedida a todo o luxo que eu possuía — era que nós dois tínhamos compromissos que não podíamos adiar.

Gustavo fez alguns bicos como cantor durante o dia e trabalhou de barman na “*Cats Club*” à noite. Eu tive um jantar com a minha família — um que Erick não compareceu, provavelmente porque estava entretido com a acompanhante.

E o fato de eu ter ficado lá sozinha, sem saber o

que dizer para os meus pais — já que eu realmente não fazia ideia de onde ele estava —, mostrou-me que talvez Erick também estivesse perto de tomar uma decisão, uma muito parecida com a que eu havia tomado.

Assim que eu cheguei em casa, peguei o meu celular e mandei uma mensagem para o loiro, dizendo que precisava falar com ele, uma conversa bem “séria”.

Mesmo destacando o “séria” na ligação, eu usei de humor para que ele não pensasse algo idiota, como um rompimento. Eu não queria preocupá-lo, mas também não queria dizer aquilo por telefone, pois não me parecia adequado.

Marcamos um encontro para o final da tarde do dia seguinte. Eu realmente estava disposta a revelar que havia feito uma escolha, que tinha, pela primeira vez, me escolhido acima de Erick e dos

meus pais.

Eu diria a Gustavo que me libertaria de Erick, nem que isso me custasse todo o luxo que eu possuía. E com isso eu, tecnicamente, também estaria livre para ter algo mais “sério” com ele.

Andei pela minha casa, imaginando qual seria a reação dele no momento em que lhe contasse tudo isso. Tinha certeza de que ele faria alguma piadinha, uma do tipo “*eu tenho certeza que você não vai aguentar um mês sem grana, ruivinha*”.

Eu estava tão decidida e certa sobre isso que não chamei um táxi ou um Uber para me levar até lá.

Fiz com que Fernando me levasse.

Já que eu estava disposta a deixar Erick para trás, eu não precisava mais esconder o barman dele.

Eu não precisava escondê-lo de mais ninguém.

Assim que nós chegamos à oficina, que continuava com aquela fachada horrorosa, Fernando abriu a porta do carro, permitindo com que eu descesse.

Eu conseguia enxergar em seus olhos a desconfiança.

Será que ele pegaria o celular e diria ao meu futuro ex-marido que eu estava fazendo algo muito “suspeito”?

Eu não tinha ideia, mas também não me importava de qualquer forma — não mais.

— Não precisa me esperar... Até porque eu vou demorar bastante — disse, com um sorriso debochado no rosto. — Pode voltar pra casa, eu tenho certeza que o Erick vai precisar de você pra buscar a acompanhante dele.

Em uma ocasião normal, diria “putinha” ou qualquer outra coisa parecida, mas eu já não

PERIGOSAS ACHERON

conseguia me referir a Sabrina dessa forma.

Talvez isso significasse que estávamos, de fato, nos tornando amigas ou algo parecido com isso.

Ele tentou dizer alguma coisa — provavelmente, que não iria embora —, mas o meu olhar o fez desistir da ideia. Mesmo a contragosto, Fernando entrou no carro e foi embora, deixando-me em frente a oficina.

O lugar ainda estava em funcionamento. O barulho dos equipamentos não me deixavam mentir. Então não foi difícil atrair um dos homens que trabalhavam ali para me deixarem entrar. E como eles já me conheciam, não fizeram muitas perguntas após eu dizer que gostaria de falar com o Guto.

Tentei não me sujar com todo aquele pó branco que tomava conta do chão e segui em direção ao puxadinho em que o loiro vivia.

PERIGOSAS NACIONAIS

Bati na porta e esperei, repassando todas as coisas que diria para ele.

Assim que o barman abriu a porta, eu notei que existia algo de errado em sua expressão facial. Gustavo também não me recepcionou com um sorriso no rosto, tampouco me roubou um selinho, como sempre fazia.

E isso me fez questionar se ele também tinha algo “sério” para me dizer.

— Oi — disse ao entrar em sua casa. Como ele não respondeu ao meu cumprimento, eu prossegui, curiosa a respeito do problema: — que cara é essa, Gustavo?

Ele sentou-se no sofá e deu dois tapinhas no espaço vago ao seu lado, antes de me responder de forma séria: — nós precisamos conversar... — Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele completou: — uma conversa séria.

PERIGOSAS ACHERON

A última vez que eu o vi daquela forma, foi quando eu enviei aquele violão de presente. E como não me lembrava de ter comprado algo pra ele, não tinha ideia sobre o motivo daquela “conversa séria”.

Optei por simplesmente me sentar ao lado dele e ouvir o que o loiro tinha para me dizer.

— O seu marido me procurou ontem — ele me revelou, gelando o meu estômago no mesmo segundo. — Apareceu lá na Cats e... — Gustavo fixou os seus olhos dourados em mim, antes de concluir: — ele sabia sobre a gente, Victória.

“*Sabrina Lancaster*” a minha mente gritou, acusando-a instantaneamente.

A acompanhante de luxo contou tudo para o meu marido.

Eu não deveria estar surpresa ou chateada com isso, pois não era algo imprevisível. Infelizmente,
PERIGOSAS ACHERON

acabei confiando na pessoa errada para pedir conselhos — não que eu possuísse outras.

— Ele fez alguma co...

Ele levantou a mão, mostrando-me que ainda não tinha terminado de falar e isso fez com que eu engolisse as minhas palavras e esperasse pelo que ele tinha a dizer.

— Ele ofereceu dinheiro pra eu me afastar de você — Gustavo prosseguiu, fazendo com que eu sentisse um gosto amargo na boca. O barman grudou aqueles olhos no meu rosto. — Muito dinheiro.

— Filho da puta — comentei, não me segurando. — Eu vou acabar com ele...

Eu comecei a rir, notando o quanto o desgraçado era previsível.

Mas o que o meu marido certamente não

contava, era de que ele estava tentando subornar um homem que não ligava para dinheiro — um cara que não tinha toda essa ambição e necessidade de poder.

— Isso foi até previsív...

— E eu aceitei — o barman me interrompeu, enfiando-nos em um silêncio ensurdecedor. Ainda com os olhos colados em mim, ele repetiu: — eu aceitei.

Foi como um soco forte na boca do meu estômago. E isso me tirou a capacidade de falar por alguns segundos. Tirou-me a capacidade de fazer qualquer coisa. Eu queria chorar e gritar, mas também não conseguia.

Gustavo havia aceitado a porcaria do dinheiro de Erick e isso mudava tudo.

Todas as coisas que planejei haviam sido destruídas em um piscar de olhos. Os nossos planos

PERIGOSAS ACHERON

já não poderiam mais ser vividos da forma com que eu sonhei. E a pior parte era que eu tinha certeza absoluta — ao ponto de colocar a minha mão no fogo — de que não havia sido por ele.

Aquele idiota aceitou o dinheiro por mim.

— Me diz que você não fez isso... — sussurrei, já não conseguindo controlar as minhas lágrimas. — Me diz que não... que você não fez isso por mim...

Ele sorriu, mas a sua expressão era tão arrasada quanto a minha e isso foi a confirmação que eu não queria ter recebido.

Infelizmente, dessa vez, não se tratava de outra de suas piadinhas sem graça.

— Você precisava do dinheiro, ruivinha — ele respondeu, destruindo-me ainda mais. — Pros advogados... — Ele tornou a sorrir, um sorriso que me fez sentir vontade de chorar ainda mais. — Cem PERIGOSAS ACHERON

mil... Vai ajudar?

Erick deu cem mil pra ele?

Aquela informação me deixou ainda mais chocada, pois não se tratava apenas de um “trocado”.

— Você fez um acordo com o diabo, Gustavo — disse, sabendo exatamente o que aquilo significava para o nosso relacionamento. — Se Erick desconfiar que você não vai cumprir com a sua parte, ele vai matar você.

— Eu não tenho medo dele, Victória — o loiro respondeu, fazendo com que a minha expressão fosse tomada por um sorriso incrédulo.

— Mas eu tenho — rebati, levantando-me de seu sofá. Fechei os meus olhos e respirei fundo, tentando não odiá-lo por ter tomado aquela decisão sem em consultar. — Eu... eu te disse pra não bancar a porcaria do herói!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que eu não consegui evitar.

Nós não podíamos mais ficar juntos — pelo menos, não até que eu resolvesse tudo —, não sem colocar Gustavo em perigo.

— Eu tenho... eu tenho que ir — disse, pegando o meu celular para chamar um táxi.

Enquanto fiz isso, o barman pegou uma mochila — provavelmente onde estava todo o dinheiro que Erick lhe deu — e me entregou.

— Está tudo aí.

Mesmo hesitante, eu peguei a porcaria do dinheiro.

Aproximei-me dele e o beijei com vontade, como se fosse a porcaria da última vez em que eu o veria na minha vida, o que, com toda a certeza, não seria o caso — eu me recusava a acreditar nisso.

— Eu vou dar um jeito — disse, tentando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acreditar nas minhas palavras. — Vê se não vai me esquecer nesse meio tempo, seu galinha.

Ele riu e respondeu: — impossível, ruivinha.

— Até lá, a gente não pode mais se falar, nem por telefone... Não é seguro — disse, deixando isso bem claro. Antes que Gustavo pudesse se opor, eu completei: — você tem um filho, não pode ficar se arriscando. E eu já disse, vou dar um jeito. — Mesmo sem muita confiança, eu completei: — eu tenho um plano.

Eu não estava exagerando sobre o perigo.

Erick podia ser um filho da puta, mas ele tinha palavra. Se ele sentisse que foi enganado pelo barman, eliminaria Gustavo sem nem pensar.

— Quando a gente puder se falar, eu...

— Você liga? — ele indagou, exatamente como fez em nosso primeiro encontro.

PERIGOSAS ACHERON

Balancei a cabeça, forçando um sorriso.

— Eu ligo.

Após dizer, aproximei-me da porta de seu barraco, mas antes que eu pudesse deixá-lo, ele me interrompeu, questionando: — o que... o que você tinha pra me falar de tão sério?

Eu me virei, voltei os meus olhos cinzentos em sua direção.

— Eu vim aqui pra te dizer que... — Não consegui deixar de rir de forma frustrada, detestando o universo por transformar os meus sonhos em pó mais uma vez. — Que abandonaria tudo pra ficar com você.

E então, tomada por um sentimento de impotência — um tão grande quanto eu senti no dia do meu casamento —, deixei a casa dele e me esforcei ao máximo para não começar a chorar em frente aos homens trabalhando na oficina.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 21 — Confronto

Assim que entrei eu no táxi, eu não consegui mais segurar as minhas lágrimas.

Desabei completamente, ao ponto do motorista me perguntar se eu estava bem. E, dessa vez — diferente da maior parte das ocasiões em que a minha mãe me faz essa mesma pergunta —, eu não menti, dizendo que não estava. Chorei mais um pouco e completei com um “*mas eu vou ficar*”, tentando ao máximo acreditar nisso.

Por um pequeno período de tempo, eu tive tudo.

Abandonaria todo o luxo e finalmente seria independente. Eu havia escolhido a mim mesma e isso, conseqüentemente, também me daria a chance de escolher Gustavo.

E, de repente — e mais uma vez —, todas essas coisas foram arrancadas cruelmente da minha mão.

O mais complicado era que não havia sido apenas culpa de Erick, que ofereceu dinheiro para o barman se afastar de mim. Gustavo também teve a sua parcela, assim como eu que, novamente, esperei tempo demais para tomar uma atitude.

Se eu tivesse agido antes, deixando de bancar a donzela em perigo, o barman não precisaria interpretar o seu papel de herói para me salvar.

Paguei pela corrida e deixei o táxi.

E assim que eu me aproximei do portão, lembrei-me que estava com uma bolsa cheia de dinheiro — um que Gustavo ganhou fazendo um acordo com Erick, um que o barman não havia cumprido. Se o meu marido visse aquilo e apenas suspeitasse de que havia sido enganado, daria um

jeito de desaparecer com o loiro.

Entrei na casa pelos fundos e subi direto para o meu quarto, cuidando para não ser vista com o dinheiro. Escondi a bolsa no cofre dentro do meu closet — um em que nem mesmo o CEO tinha acesso — e deixei o quarto.

Assim que descí as escadas, encontrei Erick parado, observando-me descer os degraus.

Como a minha maquiagem estava borrada por conta da minha crise de choro, ficou evidente de que eu já sabia o que ele havia feito. E também tinha Fernando — o nosso motorista —, que certamente contou que me deixou na oficina, um lugar que Erick facilmente relacionaria ao barman.

E assim como eu planejava fazer depois de destruir o romance dele com Sabrina — na noite em que arrastei a acompanhante para a balada comigo —, Erick colocou um sorriso triunfante nos

lábios.

Nesse instante, naquela posição completamente impotente, eu estava aliviada por não ter prosseguido com aquele meu plano de afastá-lo da garota de programa. Se tivesse ido em frente e a chantageado, faria com que Erick estivesse sentindo o mesmo que eu e não desejava aquele sentimento para ninguém — nem mesmo para ele, que pisou diversas vezes no meu castelo de areia.

— Problemas no paraíso? — questionou-me ele, assim que eu cheguei ao último degrau.

Eu não queria morder a isca e deixá-lo se vangloriar por ter me deixado infeliz. Não queria deixá-lo pisotear ainda mais no que havia restado do meu castelo. Eu não queria dar um palco pra ele.

No entanto, eu não tinha escolha. Se eu simplesmente o ignorasse e o deixasse falando

sozinho — sem revidar quando ele claramente tinha “*acabado com a minha vida*” —, Erick suspeitaria do barman e as coisas ficariam ainda piores.

Pela primeira vez, a submissão era a coisa certa a ser feita.

— Que droga você fez, seu desgraçado? — gritei, aproximando-me de onde ele estava parado. Não foi difícil fingir, já que eu estava mesmo arrasada. Antes que ele tivesse a chance de responder, eu repeti: — o que você fez?

Como Erick não podia saber que eu tinha conhecimento sobre o dinheiro que ele ofereceu para que Gustavo se afastasse de mim, eu tive que me fazer de boba. Detestava esse papel, mas, infelizmente, precisava desempenhá-lo bem. Era crucial para o meu plano.

Se fosse qualquer outro homem, eu receberia uma resposta parecida com “*eu não sei sobre o que*

você está falando”. Mas como se tratava de Erick, um homem egocêntrico ao ponto de nunca deixar de se vangloriar por seus feitos — sejam eles bons ou ruins —, eu não me surpreendi com a resposta.

— Eu só ofereci dinheiro, Victória... A escolha de aceitar ou não foi dele — ele me respondeu, de forma orgulhosa. — A verdade é que você deveria estar me agradecendo... — Ele deu alguns passos, aproximando-nos ainda mais. — Além de estar arriscando o nosso casamento ao se apaixonar pela porra de um barman, você estava se envolvendo com um interesseiro, um cara que só estava com você por causa de dinheiro. — Com os olhos fixos em mim e com um sorriso debochado no rosto, ele concluiu: — devia ter continuado com os putos... Pelo menos com eles, você já sabe o quanto vai me custar antes de eles te comerem.

Sim.

Eu deveria estar com ódio.

Deveria estar me sentindo humilhada por todas as coisas que deixavam a boca de Erick, mas, por algum motivo — um muito estranho, por sinal —, eu não estava.

Talvez fosse porque, lá no fundo, eu sentia pena dela. Talvez fosse porque eu sabia que Gustavo não tinha me trocado por aquele cheque. Ou talvez fosse, simplesmente, porque eu já havia amadurecido demais para continuar com os nossos embates infantis.

Eu ainda não estava certa de qual era a resposta, mas, infelizmente, precisava fingir que continuava a mesma Victória, a mulher que se afetava com comentários parecidos com aquele.

— Você não tinha esse direito, Erick — respondi, presenteando-o com a minha expressão de derrota. — Eu não interferei no seu romance com

a Sabrina...

— Romance com a Sabrina? — ele me interrompeu instantaneamente, rindo da minha frase. — São duas situações completamente diferentes, até porque eu não sou tão estúpido quanto você. — Ele tornou a rir como se a ideia de ele estar apaixonado pela garota de programa fosse estúpida demais para ser levada a sério. — A Sabrina, como você mesmo vive dizendo, é só uma puta... Eu a contratei pra sexo, não existe nenhum sentimento naquilo que nós dois temos. É um negócio!

Se eu não tivesse provas dos sentimentos dele — que consistiam em centenas de olhares e no carinho com que ele sempre tratou a acompanhante —, talvez até acreditasse naquela encenação digna de Oscar.

O simples fato de ele estar se justificando,

tentando explicar algo que era óbvio para todo mundo além dele, já provava que ela não era apenas um “negócio” — até porque, Erick não conversava sobre negócios comigo — ou uma puta qualquer, como ele fez parecer.

— Se você não quer enxergar o óbvio, o problema é todo seu, Erick Marinho... — rebati, notando que estava desviando do assunto principal que era, basicamente, ele ferrar com a minha vida. — A questão aqui é que você não tinha o direito de interferir no meu relacionamento!

Todo o deboche deixou o rosto dele e Erick ficou sério.

Pela sua expressão, até parecia que eu havia ofendido Sabrina.

— Eu estraguei o seu relacionamento? — ele indagou, de forma raivosa. O seu rosto estava em um misto de raiva e surpresa. — Quando é que

você vai perceber que eu sou a porra do seu marido, Victória? — Dessa vez, ele não me deu a chance nem de responder, completando: — você gostando ou não, continua sendo a minha mulher e me deve respeito.

Eu lhe devia “respeito”?

Se a situação não fosse tão trágica, talvez eu achasse tudo aquilo engraçado.

Ele não estava com ciúmes de mim. Erick me via apenas como um de seus inúmeros brinquedinhos, um daqueles que ele nunca usava, mas, ainda sim, não queria dividi-lo com mais ninguém, mantendo-o dentro de uma caixa.

Antes que eu pudesse lhe responder, dando continuidade no meu teatro, notei que Victória — a pessoa que havia contado tudo ao meu marido — tinha cruzado a porta de casa.

E, por mais que fosse estanho — até mesmo
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bizarro, pra falar a verdade —, eu não estava com raiva dela. Em todas as vezes em que conversamos e, principalmente naquela em que eu lhe pedi conselhos amorosos, ela me pareceu sincera.

Tinha certeza de que a acompanhante não havia agido de má fé. Deixou a informação escapar ou simplesmente não achou que o meu marido fosse tentar destruir o meu relacionamento, até porque os dois possuíam um, por mais que Erick continuasse negando com todas as forças.

E, de qualquer forma, foi Gustavo quem quis bancar o herói, aceitando a proposta do meu marido. Ele tentou me dar uma chance de me livrar de Erick, mesmo que isso custasse tudo o que possuíamos — até mesmo a própria segurança —, sem saber que eu já havia feito uma escolha e de que ela não havia sido o luxo, status ou conforto que o casamento com o CEO me proporcionava.

PERIGOSAS ACHERON

No entanto, se eu não culpasse a acompanhante, Erick desconfiaria.

Para salvar Gustavo, voltei um olhar raivoso na direção da morena.

— Desculpe, eu... eu... — Sabrina tentou se desculpar por nos interromper.

Ela começou a refazer os movimentos, indo para trás, mas antes que ela tivesse a chance de deixar a minha casa, eu a interrompi, dizendo: — não precisa ir embora... Fique e acompanhe o show que você ajudou a produzir.

Ela se virou e os seus olhos castanhos voaram na minha direção.

Com a completa atenção dela, eu continuei: — você não tinha esse direito... Eu confiei em você, Sabrina... — Estiquei os meus lábios em um sorriso frustrado e prossegui: — Eu acho que, no fim das contas, vocês dois se merecem mesmo.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se o meu plano desse certo, futuramente daria um jeito de deixar claro de que eu não estava chateada com ela, de que ela não tinha destruído a minha relação com Gustavo, como eu havia dado a entender. Mas no momento, tudo o que eu podia fazer era me afastar e deixar Erick pensando que eu a odiava.

Sem olhar para trás, eu subi as escadas e rumei em direção ao meu quarto. Joguei-me em cima da cama e fiquei encarando a parede, realmente abalada.

Eu não tinha ideia se o meu plano daria mesmo certo.

Talvez aquele fosse mesmo o fim da minha relação com Gustavo. Talvez eu nunca fosse encontrar outro homem que fizesse com que o meu coração batesse tão rápido. Talvez eu continuasse sendo tão infeliz quanto estava em cima daquela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

cama, chorando por algo que havia perdido.

Mas em meio a tantos “*talvez*”, eu tinha uma certeza.

Não continuaria com Erick, independente de o meu plano dar certo ou não.

Se eu falhasse, não deixaria com que o sacrifício de Gustavo fosse em vão. Usaria o dinheiro — conquistado em seu ato heroico — para me livrar de Erick, tentaria tirar o máximo dele em um divórcio. E, caso os meus pais não me apoiassem, eu viveria com isso.

Estava decidida a nunca mais vender a minha liberdade por pares de sapatos.

Escutei três batidas na porta do meu quarto.

Eu nem precisei me virar para saber quem era.

Claramente, tratava-se de Sabrina.

PERIGOSAS ACHERON

Erick Marinho não bateria nem mesmo uma vez para invadir o meu quarto e, pelo horário, os empregados já tinham ido embora.

— Eu sei que você deve estar me odiando agora, mas... mas... — ela começou a dizer, com uma clara dificuldade. — Eu não fiz isso... Contar pra ele... Não com a intenção de te prejudicar. Eu não pensei que... Não pensei que...

— Que ele fosse chutar o meu castelo de areia? — completei a frase dela. — É isso o que Erick faz, ele destrói coisas... Sempre destruiu. — Essa minha última frase me fez rir, pois notei o quanto aquilo era previsível. Estava na cara, mas, ainda sim, eu não me preparei para o que o meu marido faria. — Acho que eu já devia ter me acostumado com essa sensação de derrota.

Depois de um tempo em silêncio, ela continuou: — Eu não estou pedindo que você me

desculpe... Só quero que saiba que eu não tive a intenção, que eu não sabia...

Eu conseguia sentir a sinceridade em seu tom de voz.

Mais do que isso, eu acreditava em Sabrina Lancaster.

Mas, infelizmente, não podia dizer que “*estava tudo bem*” ou que não havia sido culpa inteiramente dela. Para que Erick acreditasse na minha mentira, a acompanhante de luxo também precisava acreditar.

— Isso não importa mais, Sabrina. Nada disso importa... — sussurrei, sem me virar. Respirei fundo e continuei, contando-lhe uma meia verdade. — Ele, o Gustavo... Ele aceitou o dinheiro, então... Você não ferrou com tudo sozinha.

Se tivéssemos nos conhecido de uma outra
PERIGOSAS ACHERON

forma, eu tinha certeza que seríamos boas amigas, mas, infelizmente, ela era a amante de Erick — o vilão da minha história — e isso já era o suficiente para nos afastar.

— Eu não odeio você — disse instantes antes de me virar para encará-la. — Talvez um pouquinho agora, mas... vai passar. — Ainda com o meu olhar sobre o rosto dela, eu terminei: — Eu... eu só preciso ficar sozinha.

Depois que Sabrina deixou o meu quarto, eu a ouvi discutindo com Erick e isso apenas comprovou que a acompanhante realmente não

havia agido com intenção de prejudicar o meu relacionamento com Gustavo.

Eles começaram a brigar por minha causa — por conta do que o CEO tinha feito com a informação que ela lhe forneceu —, mas terminaram a discussão falando sobre o próprio relacionamento. Sabrina, pelo que eu acabei ouvindo, confessou que estava apaixonada por ele, mas Erick desconversou, acusando-a de estar tentando lhe dar um golpe.

E depois de ela gritar que não existiam motivos para essa desconfiança, ele respondeu com *“digamos que você realmente esteja falando a verdade, o que eu não acredito nem um pouco, que fique bem claro... Qual a chance disso, de nós dois, dar certo? O que as pessoas que eu conheço vão pensar quando descobrirem que eu estou com você, uma prostituta? Comparada comigo, você não*

passa de um lixo”.

Erick foi covarde demais para admitir o que sentia por ela. E quando Sabrina o fez, ele desconfiou desse sentimento, mostrando que a sua autoestima não era tão grande quanto eu havia imaginado.

A verdade — pelo menos pra mim — era que Erick não desconfiou que Sabrina estivesse tentando lhe aplicar um golpe porque ela era uma garota de programa. Ele a acusou disso porque, lá no fundo, ainda não conseguia acreditar que alguém pudesse amá-lo de verdade.

Eu acreditava nessa versão porque já tinha sentido o mesmo que ele.

Nós dois passamos tanto tempo presos a “*indivíduos*” que não gostavam da gente — eu era a cruz dele e ele a minha —, pagando para ter a companhia de outras pessoas, que realmente não

PERIGOSAS NACIONAIS

era fácil de acreditar que existia alguém que simplesmente queria estar perto da gente, sem nenhum tipo de interesse.

Mas a grande diferença entre nós dois, foi que eu não dei ouvidos para todas essas inseguranças e, conseqüentemente, reconheci o que era verdadeiro. Eu aceitei que estava me apaixonando e não tentei sabotar esse sentimento.

Pela primeira vez em toda a minha vida — talvez a segunda se eu contasse com o dia em que invadi a sala da casa dos meus pais e confrontei Joaquim, impedindo que a minha irmã se casasse à força —, eu não havia sido covarde.

O fato é que a discussão que eles tiveram resultou na acompanhante deixando a nossa casa — com grandes indícios de que não voltaria mais. Erick, todo arrependido por tê-la chamado de “*lixo*” — logo depois de desconfiar da veracidade

PERIGOSAS ACHERON

de seus sentimentos —, fez questão de acompanhá-la.

Nesse meio tempo, eu peguei a mochila com o dinheiro do cofre e coloquei em uma das minhas bolsas. Eu precisei tirar praticamente tudo de dentro dela para que o dinheiro coubesse.

Tomei um banho, me vesti e fui para as escadas. Mas antes que eu pudesse deixar a casa, o meu marido apareceu, com uma expressão de enterro — provavelmente, o do relacionamento dele — colada no rosto. Infelizmente, ele retornou antes que eu tivesse a chance de sair.

Estaria mentindo se dissesse que não senti vontade de jogar sal na ferida dele. Por mais que Gustavo tivesse aceitado o dinheiro — em um ato heroico estúpido —, o meu marido havia oferecido em primeiro lugar. Então, o que não me faltou foi vontade de gritar um *“é a lei do carma, meu*

amor!”.

No entanto, eu estava cansada de bancar a vilã da história dele.

— Pra onde é que você está indo? — ele indagou, assim que comecei a descer a escada. Ele riu alto e respondeu a própria pergunta: — procurando outro barman?

— Não, Erick — respondi, chegando ao último degrau. — Estou indo pra um lugar em que eu não seja obrigada a ficar te encarando.

O CEO me impediu de continuar, colocando-se na minha frente.

— Sabe aquele limite que eu tinha colocado no seu cartão? — ele começou a dizer, fuzilando-me com aquelas esferas esverdeadas. — Eu cortei pela metade... Se eu fosse você, começaria a economizar a partir de agora... — Como eu não respondi a sua provocação, ele prosseguiu, rindo: PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— até porque, eu tenho que pagar pelo dinheiro que o seu namoradinho levou.

Essa sua última frase me tirou do sério, causou em mim exatamente a reação que ele planejava.

— É bom, não é? — respondi, transformando a expressão debochada do rosto dele em de pura curiosidade. — Essa sensação de triunfo, de saber que conseguiu acabar com a minha felicidade... De ser o grande vilão?

Antes que ele pudesse responder, eu completei: — mas toma cuidado, Erick... Até hoje, eu não conheci nenhum vilão que teve um final feliz.

Depois de dizer, contornei o seu corpo e deixei a nossa casa, ansiosa para dar início a segunda parte do meu plano.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 22 — Plano A

Eu tinha dois planos.

Um deles era, basicamente, pegar aquele dinheiro e pagar por um advogado, um que tivesse chances reais de me garantir um bom acordo matrimonial. E nesse, a probabilidade de eu terminar com Gustavo não era nada boa.

O principal — o meu plano “A” — era um pouco mais elaborado e difícil de ser concluído, mas se eu tivesse sucesso, teria absolutamente tudo o que queria, incluindo o barman.

Constituía-se em apenas três partes. A primeira delas, já estava concluída. Foi, basicamente, fazer com que Erick não desconfiasse de que Gustavo havia me entregado aquele dinheiro. E como a minha atuação em frente a ele e Sabrina foi

PERIGOSAS ACHERON

relativamente boa — o suficiente para não desconfiarem de nada —, tinha certeza de que o meu marido devia estar pensando que realmente pisou no meu castelo com aqueles seus pés imundos.

A segunda — e a próxima da minha pequena listinha — era a parte mais difícil de todo o meu plano. Eu teria que conseguir o apoio dos meus pais e isso, definitivamente, não seria nada fácil.

Então, assim que terminei aquela discussão com Erick, eu fui para a casa deles. Enquanto eu pagava pelo Uber, foi impossível não indagar sobre o momento em que o meu cartão acusaria *“pagamento não aprovado”*.

Felizmente, não foi nesse momento.

Por conta do horário, os dois já deviam estar na cama. E isso significava que não gostariam muito da minha invasão, entretanto, eu precisava fazer

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

isso, tinha que chegar a eles antes do meu marido.

Como eu sabia a senha do portão, não tive dificuldade para entrar na mansão.

Assim que cruzei a porta, encontrei Manuela, a minha irmã mais nova. Ela estranhou a minha visita e questionou o que eu estava fazendo ali. Eu me limitei a responder com “*eu tenho que trocar uma palavrinha com o papai*” e subi as escadas na direção do quarto dos donos da casa.

Parei em frente à porta e respirei fundo, sabendo que assim que eu a empurrasse, não teria mais volta.

Foi como se todos os meus piores momentos com os meus pais tornassem a me invadir — provavelmente a minha mente tentando me fazer desistir —, lembrei-me de todas as nossas brigas na infância e de como elas sempre terminavam, comigo chorando em minha cama.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aceitei as possíveis consequências.

E abri a porta.

Isso, obviamente, assustou as duas pessoas que estavam em cima da cama, fazendo com que levassem os seus olhares analíticos em minha direção.

— Eu... eu preciso falar com vocês — disse, dando dois passos na direção da cama.

Pensei em me desculpar por invadir o quarto deles daquela forma, mas logo desisti dessa ideia, pois não queria começar aquele assunto com um pedido de desculpas, isso destruiria completamente o clima que eu estava tentando instaurar naquele quarto.

Eles já estavam até com roupa para dormir. A minha mãe usava uma camisola de seda cor de rosa e o meu pai um pijama branco.

PERIGOSAS ACHERON

Joaquim Falcão sentou-se na cama e, pela expressão de seu rosto, era evidente de que ele não queria ter aquela conversa comigo. Se eu já não tivesse suspeitado disso, teria no momento em que ele me respondeu.

— Se você quiser falar comigo, volte amanhã em um horário adequado para uma conversa, Victória.

Balancei a minha cabeça, recusando-me a deixar o quarto.

— Isso não pode esperar — disse de uma forma surpreendentemente confiante.

Diferente do homem grisalho que esbanjava indiferença, a minha mãe parecia mais curiosa a respeito do assunto que eu tinha para tratar.

— Aconteceu alguma coisa? — ela indagou, dando-me a brecha que eu precisava para começar aquele assunto extremamente delicado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Balancei a cabeça e respondi: — sim, aconteceu, mãe. — Fixei o meu olhar nos dois e disse o que sempre esteve na ponta da minha língua. Falei aquilo que nunca tive coragem para dizer, especialmente para o meu pai. — Vocês me casaram com um babaca e agora eu vou me separar dele.

Eu nunca pensei que seria tão fácil pronunciar aquelas palavras. Em todas as vezes em que eu me imaginei dizendo-as, elas sempre emperravam em minha garganta e se recusavam a sair. Mas ali, em frente a eles — e de verdade, dessa vez —, eu nem mesmo gaguejei.

A expressão do seu Joaquim me assustou, transformando-me de volta na menininha amedrontada, que possuía pavor do olhar do pai, principalmente quando ela sabia que havia sido a responsável por causá-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele parecia horrorizado.

Ficou ainda mais surpreso do que no dia em que eu invadi a sala e o chamei de “nojento”, após descobrir que ele pretendia casar Ana o filho dos Dollberths.

Antes que ele tivesse a chance de cuspir palavras raivosas pra cima de mim, eu continuei, chegando ao ponto mais importante da conversa: — e eu... eu... — Respirei fundo, tentando me acalmar e concluir aquela frase. — E eu estou aqui pra pedir o apoio de vocês dois.

O meu pai riu de forma debochada e a sua risada lembrou-me das minhas próprias durante os inúmeros embates que eu tive com Erick.

— Você acha mesmo que eu vou te apoiar? — ele respondeu, levantando-se da cama. Foi como se ele estivesse se levantando para uma briga. — Se você quer se separar e sujar o nome dessa família,

vá em frente e faça por conta própria. — Ainda com os olhos fixos em mim, ele concluiu: — mas não conte com o meu apoio.

Lá no fundo — e desde que eu idealizei esse plano —, sempre desconfiei que essa fosse a resposta dele, de que Joaquim Falcão ficaria do lado de Erick, colocando-se contra mim, a sua própria filha.

Infelizmente, saber o quanto o meu pai era podre não tornava aquilo menos doloroso.

A questão é que eu não aceitaria um “*não*” — eu não podia aceitar —, pois, se eu aceitasse, conseqüentemente, teria que aceitar também que eu e o Gustavo não poderíamos mais ficar juntos.

Mesmo morrendo de medo da reação dele, eu dei mais um passo, aproximando-me ainda mais.

— Você vai me apoiar sim... Você me deve isso, Joaquim Falcão! — gritei, deixando com que
PERIGOSAS ACHERON

o ódio tomasse conta do meu corpo. — Você me negociou como se eu fosse a porcaria de um objeto. Entregou a própria filha pra um homem que você nem conhecia. — Eu não dei tempo de ele me responder, justificando-se do injustificável, completando: — você acabou com a minha vida, pai.

Eu estava tão nervosa que não consegui nem chorar.

Existia apenas ódio.

Ódio do meu pai, que me barganhou como se eu fosse um de seus bens. Ódio de mim, por ter esperado demais para me levantar e gritar sobre o quanto aquilo era ridículo e inaceitável. Ódio da minha mãe que assistiu a tudo calada. E ódio do universo, que não pegou “leve” comigo.

— Eu não te devo nada — ele respondeu, espumando de raiva. Ficou evidente que a minha

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

frase havia mexido com ele, por mais que ele nunca fosse admitir. O meu pai sentiu, ele sabia que eu estava falando a verdade, de que ele havia errado. — E já dei a minha resposta... Eu não vou apoiar isso.

Ele sabia que estava errado, mas, ainda sim, não admitiria o seu erro.

Joaquim Falcão era assim.

E, infelizmente, nunca mudaria.

Isso significava que eu não deixaria a casa dos meus pais com a aprovação deles.

Eu havia perdido.

Erick ganhara mais uma vez.

Eu podia ir embora e chorar muito assim que chegasse em casa, podia me ajoelhar no chão daquele quarto e implorar — mesmo sabendo que não teria sucesso —, mas como eu não tinha mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nada a perder, eu decidi que descarregaria tudo, que lavaria a roupa suja, assim como fiz com Erick em nosso terceiro aniversário de casamento.

— Se você não quiser apoiar a própria filha, tudo bem. Enfia esse apoio no seu...

— Você tem certeza? — A minha mãe me interrompeu, fazendo com que os meus olhos voassem na direção dela e me esquecesse de continuar lavando a roupa suja. — Sobre a separação?

Tanto eu quanto o meu pai estávamos extremamente confusos, sem a mínima ideia do que a dona Beatrice estava falando.

Mesmo sem saber onde ela queria chegar com aquela pergunta, eu balancei a minha cabeça, respondendo-a de forma positiva.

Sim, eu tinha certeza sobre a separação.

PERIGOSAS ACHERON

E essa mesma certeza já estava comigo há anos.

— Eu nunca tive tanta certeza de uma coisa em toda a minha vida — deixei escapar, enquanto continuava encarando-a.

Ela se levantou da cama e se aproximou de onde nós estávamos parados.

— Então, você terá o nosso apoio — ela continuou, surpreendendo-me.

Dona Beatrice não surpreendeu apenas a mim.

Os olhos raivosos do meu pai se voltaram na direção dela no mesmo instante.

E eles gritavam “*traição*”.

— Você enlouqueceu! — ele afirmou, com um olhar furioso voltado para a minha mãe. — Tá ouvindo o que está dizendo, Beatrice? — O meu pai riu de forma frustrada e deu dois passos para trás, afastando-se da gente. — Você está

concordando com a porcaria de um divórcio?

“Divórcio”.

A palavrinha maldita que eu evitei usar.

A minha mãe se posicionou ao meu lado e confirmou com um aceno de cabeça.

Ela estava mesmo do meu lado.

— Sim, eu estou — ela respondeu, tornando aquela situação ainda mais estranha. — Nós... nós devemos isso a ela, Joaquim.

Eu voltei o meu olhar para o meu pai e esperei.

Por um pequeno instante, eu pensei que ele fosse balançar a cabeça e aceitar, mesmo que a contragosto. Mas se aquele homem fizesse isso — se desse por vencido tão facilmente e por duas mulheres — não seria o meu pai.

— Eu já dei a minha resposta e não vou voltar atrás — ele respondeu, voltando para a cama.

No entanto, diferente dele, a minha mãe continuou em pé. Ela parecia estar ainda mais decidida a confrontá-lo e isso me mostrou que talvez eu não fosse a única pessoa lavando roupa suja dentro daquele quarto.

— Se você escolher ficar do lado daquele homem ao invés da nossa filha, nós teremos dois divórcios na família — ela prosseguiu, gelando o meu estômago. E ainda com os seus olhos cinzentos colados no meu pai, dona Beatrice finalizou: — você decide.

Depois de quase um minuto em silêncio, Joaquim Falcão respondeu: — eu falo com ele e acerto tudo.

— Não! — tornei a dizer, aproximando-me da cama. — Eu vou falar com ele e acertar os termos do divórcio. — Antes que ele pudesse negar, continuei: — por favor, deixe-me fazer isso, pai.

Ele balançou a cabeça, concordando com aquela minha condição extra.

— Obrigada — disse com os olhos no rosto da minha mãe, antes de me afastar e deixar o quarto dos dois.

Capítulo 23 — Adeus

Eu nunca saí da casa dos meus pais tão feliz quanto naquela noite — uma em que eu, com um pouco de esforço, consegui o apoio deles.

Milagrosamente, a segunda parte do meu plano estava completa. Isso significava que faltava apenas mais uma: falar com o meu futuro ex-marido e tratar dos termos do nosso divórcio.

Obviamente, não seria tão simples, mas era, indiscutivelmente, mais fácil do que a segunda.

Mesmo depois de sair com uma mala, dizendo que iria dormir em um lugar onde não fosse obrigada a ver o rosto de Erick, eu voltei para a mesma casa com um sorriso nos lábios e, por sorte, não me encontrei com Marinho, que o desmancharia rapidamente.

Subi as escadas, indo direto para o quarto e depois de me deitar sobre a cama e rir de felicidade — uma risada que não acontecia desde antes do meu casamento —, eu apaguei completamente.

Foi, sem dúvida alguma, a minha melhor noite de sono naquela casa. Eu dormi tanto que quando despertei tive a impressão de já ter passado das cinco horas da tarde.

Voltei o meu olhar para o relógio assustada e suspirei aliviada ao notar que ainda não era nem dez horas da manhã.

Após pegar o meu celular, eu notei que tinha duas ligações não atendidas da minha mãe. Retornei e passamos mais de uma hora conversando sobre o meu divórcio. Ela me disse que já havia conversado com o advogado da família e que ele cuidaria do meu caso.

E, mais uma vez, eu a fiz prometer que eles

não falariam sobre a separação com o Erick, que o mandariam vir conversar diretamente comigo.

Isso era imprescindível para o meu plano.

Combinei de ir me encontrar para um almoço com dona Beatrice, pois, pela primeira vez, eu sentia vontade de dividir as coisas com ela, de ter uma conversa de mãe e filha, pois, dessa vez, eu sabia que não acabaria com ela me aconselhando a engravidar.

Eu me troquei e quando cheguei no portão de casa, notei um pontinho prateado parado a uma quadra de distância. Nesse instante, eu fui invadida por uma sensação de medo e desejo.

Olhei para os lados, certificando-me de que nem Fernando e nem Erick estavam por perto e desci a rua, aproximando-me de Gustavo e sua moto prateada.

O barman continuava tão maravilhoso quanto
PERIGOSAS ACHERON

de costume. Seu cabelo loiro estava bagunçado por causa do capacete. As suas roupas, um calção preto e uma camiseta celeste, continuavam “largadas”.

— O que você está fazendo aqui? — questionei, assim que eu me aproximei dele. — A gente não tinha combinado que não nos encontraríamos até que eu resolvesse tudo?

— Sim, nós combinamos... Mas eu estava com saudades, ruivinha — ele sussurrou, aproximando-se para um beijo que eu não consegui recusar, mesmo em um local bem público. Assim que os nossos lábios se afastaram, ele sorriu e prosseguiu, dizendo-me: — e eu já te disse que não tenho medo do seu marido.

Eu não queria dizer novamente um “*mas eu tenho*”, pois tinha certeza de que isso não o assustaria, tampouco o impediria de continuar a me visitar.

Gustavo era corajoso e insistente.

A pior espécie.

— Mas como você sabia que eu sairia agora?

— indaguei, livrando-me daquela dúvida que invadiu a minha mente assim que os nossos lábios se afastaram.

— Eu não sabia... — ele respondeu, mostrando-me aquelas covinhas lindas. — Estou parado aqui há cerca de uma hora e meia.

Aproximei-me dele e coloquei a minha mão em seu peito. Voltei o meu olhar para cima e encarei os seus olhos dourados. E, por mais que eu quisesse gritar com ele por estar praticamente sabotando o meu plano — um que, estranhamente, estava dando certo —, eu me limitei a abraçá-lo com força.

— Eu estou muito perto de resolver as coisas, Gustavo — disse, enquanto senti as suas mãos PERIGOSAS ACHERON

envolvendo o meu corpo. — Mas pra isso, eu preciso que você continue afastado... Só mais um pouquinho.

Nós nos afastamos e, instantaneamente, voltei o meu olhar para o seu rosto, pois precisava de uma confirmação de que ele não tornaria a aparecer.

De forma hesitante, o barman balançou a cabeça, dando a minha confirmação. Mas era mais do que perceptível de que ele não concordava com os meus métodos.

— Promete que não vai me esquecer? — ele indagou, repetindo a mesma pergunta que eu havia lhe feito na noite em que ele revelou ter aceitado o dinheiro.

— Impossível, barman.

Dei três passos para trás, afastando-me dele. Eu pensei em me virar e continuar com a minha
PERIGOSAS ACHERON

rotina — e, conseqüentemente, com plano —, mas algo me impediu.

Eu precisava dizer uma coisa.

Tornei a me aproximar dele e peguei a sua mão. Como não conseguiria falar olhando para os seus olhos dourados, concentrei-me na palma de sua mão direita.

— Um... — sussurrei, enquanto contornava o “M” de sua mão com o meu dedo polegar. — Eu amei um garoto.

Gustavo, rapidamente, pegou a referência daquela nossa conversa por telefone, do dia em que assistimos ao filme “*Para Todos os Garotos que Já Amei*” e ele me perguntou quantos garotos eu já havia amado.

Na época, eu respondi com um zero.

Agora tinha certeza de que essa conta havia

aumentado.

Essa foi a minha maneira estranha de pronunciar o “*eu te amo*”.

— Eu também te amo, ruivinha — ele respondeu, extasiado com aquela minha frase. Ele colocou o capacete, subiu em cima da moto e, antes de girar a chave, indagou: — você liga?

— Eu ligo — respondi, assistindo-o partir rua abaixo em sua moto prateada.

Depois de passar a tarde inteira com a minha mãe e acertar tudo com o advogado da nossa família, eu voltei para a minha casa.

Nunca estive tão ansiosa para me encontrar com Erick.

E como ele ainda não havia chegado, eu fui arrumar a minha mala. Diferente das vezes em que saía com roupas para outra de nossas casas, eu peguei uma mala bem grande para que ele soubesse que eu estava “*de saída*”.

Coloquei apenas as peças que eu mais gostava, pois teria tempo para pegar todo o restante com mais calma.

Quando eu estava quase terminando de arrumar as minhas coisas, empurrando-as para caber, eu ouvi o barulho de alguma coisa quebrando.

A princípio, eu não dei muita importância pra isso, pois pensei se tratar de um dos empregados derrubando um vaso ou qualquer outra coisa frágil no chão da casa. Só fui deixar o quarto no momento

em que finalizei a minha mala.

E assim que eu me aproximei da escada, notei que Erick estava em casa, como também descobri o que havia sido quebrado. Aparentemente, ele tinha jogado o celular dele contra a parede. Os estilhaços estavam espalhados pelo chão e a parede era marcada pelo impacto.

Eu tinha certeza que isso, toda aquela fúria que ele tinha nos olhos, era relacionado a Sabrina. Provavelmente, a acompanhante que ele chamara de lixo na noite anterior não quis continuar fornecendo os seus serviços para ele.

Eu descii os degraus da escada com toda a calma do universo. Queria aproveitar o momento, pois, por mais que gostasse da casa, eu não pretendia pisar ali novamente.

Antes que eu pudesse alcançar o último degrau, Erick já estava parado no pé da escada,

PERIGOSAS ACHERON

esperando por mim.

— Onde ela está? — ele questionou, fuzilando-me com os seus olhos esmeralda. — Eu sei que tem um dedinho seu em tudo isso.

Não consegui deixar de sorrir, pois aquilo era a confirmação daquilo que eu já suspeitava.

Sabrina deu um pé na bunda dele.

— Ela quem? — eu me fiz de desentendida. E isso fez com que Erick risse. O moreno se colocou a minha frente, praticamente gritando que não sairia sem uma resposta minha, o que me levou a responder: — a única coisa que eu fiz, foi dizer que o contrato de vocês não valia nada... Todo o restante é mérito só seu, meu amor...

Eu podia respirar aliviada porque sabia que não tinha feito nada.

Foi Erick quem subornou Gustavo.

Foi Erick quem cantou vantagem naquele dia, quando Sabrina apareceu em nossa casa.

E foi Erick quem a chamou de lixo, afirmando que nunca teria nada sério com alguém como ela.

Era evidente de que o CEO não acreditava em mim. Erick, provavelmente, achava que eu estava me vingando por ele ter “destruído” o meu relacionamento.

Mas isso — o que ele achava ou não — já não era problema meu.

Depois de alguns segundos, Marinho voltou os seus olhos para a minha mala.

— Eu não estava brincando quando disse que a mordomia acabaria, bloqueei todos os seus cartões... — ele comentou, não conseguindo deixar de sorrir. — A única viagem que você fará, será daqui para o quarto, desfazer essa droga de mala.

Viagem?

Simplesmente contornei o seu corpo e tornei a andar.

Ao notar que eu não voltaria correndo para o quarto, como a cadelinha de estimação dele, Erick tornou a se aproximar de mim.

— Vamos fazer assim... Se você me disser o que sabe sobre essa fuga da Sabrina, talvez... Eu disse talvez... Eu desbloqueie os cartões — A proposta dele fez com que eu interrompesse os meus passos. — O que me diz?

Eu me virei e não consegui controlar o sorriso em meus lábios vermelhos. E isso assassinou qualquer esperança que Erick tinha de tirar alguma informação de mim por meio de sua chantagem barata.

Eu poderia sorrir de forma maquiavélica, me virar e ir embora, fingindo que sabia de algo.

Mas optei por agir de outra forma.

— Eu não tenho a mínima ideia do lugar em que ela escolheu pra se esconder de você, mas estou torcendo para ser um dos bons, um lugar que você nunca encontre... Tenho certeza de que ela estará bem melhor lá — Depois de dizer isso, respirei fundo, dei uma boa olhada ao meu redor, despedindo-me da casa, e prossegui: — Eu adoraria ficar sentada aqui, assistindo a sua derrota, mas eu tenho coisas melhores pra fazer.

Antes que eu pudesse me afastar, Marinho agarrou o meu pulso.

— Se você passar por aquela porta, eu deixo você e tenho certeza que no momento em que eu fizer isso, o seu pai também vai fazer — ameaçou o moreno, com um sorriso vitorioso. — Você ficará sem um centavo de nós dois, estará completamente acabada, exatamente como você merece.

Puxei o meu braço, desprendendo-me dele. E por mais que eu quisesse gritar que o meu pai já estava me apoiando, limitei-me a continuar andando até a porta.

Eu queria que ele descobrisse sobre o apoio dos meus pais no momento em que fosse procurá-los.

Não estragaria essa surpresinha.

Antes de cruzar a porta, eu tornei a me virar e levei os meus olhos cinzentos até o rosto do meu quase ex-marido.

— Não preciso de você, Erick. Eu nunca precisei... E quanto ao dinheiro, isso é um juiz que vai decidir — rebati, arrancando o sorriso vitorioso dos lábios dele. — Até lá, eu espero que você se divirta muito aí, sozinho.

Não houve briga, gritos e nem mesmo as respostas debochadas quanto costumavam ter em nossos embates. Mas eu tinha certeza de que Erick

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estava destruído e, no final das contas, nem precisou de um plano maligno pra isso.

O CEO fez isso com ele mesmo.

Como eu havia dito — e ele não me escutou —, vilões não tem finais felizes.

Se ele não tivesse deixado de se preocupar com a própria vida para ficar antagonizando na minha, Sabrina ainda estaria ali com ele. Mas, diferente de mim, instantes antes de chamar a acompanhante para a balada — optando por não chantageá-la —, o meu marido fez a escolha errada.

Erick escolheu me destruir.

E agora ele estava colhendo destruição.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo 24 — Acordo

Diferente do que eu pensei, o meu marido não me procurou para falar sobre os termos da nossa separação — ao menos, não de imediato.

Cheguei a pensar que o meu pai não havia cumprido com o que tínhamos combinado, mas a minha mãe confirmou que o CEO os procurou e que ambos disseram a Erick que estavam me apoiando e que ele deveria vir falar diretamente comigo para tratar sobre quaisquer questões referentes à nossa separação.

Eu fui ficando agoniada, pois sentia falta de Gustavo e não podia falar com ele antes de resolver todas as coisas com o meu marido — a última parte do meu plano.

Ele só foi me ligar na metade da segunda

PERIGOSAS ACHERON

semana. Marcamos uma reunião em seu escritório, deixei claro que queria conversar com ele a sós, sem a presença de seu advogado ou de qualquer outra pessoa.

Erick concordou, disse que também preferia dessa forma.

Cheguei com alguns minutos de antecedência e nem tentei esconder sobre o quanto eu estava ansiosa para aquele nosso encontro. Eu queria colocar um ponto final em nossa história — que não deveria ter se prolongado por tanto tempo — o mais rápido possível.

Como as secretárias dele ainda me cumprimentavam por “*senhora Marinho*”, notei que a notícia ainda não tinha se espalhado por aqueles corredores, mas isso era uma questão de tempo. E eu já não me importava.

Assim que cruzei a porta da sua sala e encarei o

PERIGOSAS ACHERON

rosto dele, eu soube o porquê de toda aquela demora.

Erick estava acabado.

E isso apenas evidenciava que ele ainda não havia encontrado a acompanhante de luxo.

— Falou com os meus pais? — indaguei, lembrando-o da ameaça que ele havia me feito na noite em que deixei a nossa casa, dizendo que estava pulando fora daquele navio afundando. — Como que foi?

Ele se limitou a me lançar um sorriso debochado.

Erick pegou um papel e me entregou, antes de dizer: — os meus termos são esses aqui. — Assim que eu peguei a folha, ele prosseguiu: — e eu fui bem generoso.

Estávamos casados com separação parcial de

bens — uma exigência do meu pai — e isso significava que tudo o que eu possuía antes do casamento continuaria comigo. Só dividiríamos os bens adquiridos depois da nossa união.

Em um breve resumo, Erick não tinha nenhum direito sobre as companhias em que ele era CEO.

Dei uma olhada rápida no que ele estava me propondo e até me surpreendi, pois não seria um acordo ruim. Marinho estava disposto até a me dar uma pensão — uma enorme — e nós não possuíamos nem filhos para justificar o valor.

O problema era que eu não estava interessada apenas no dinheiro.

Eu tinha uma última coisa para resolver.

— Vamos fazer assim, você fica com todas as coisas que estão no seu nome, incluindo aquela casa que você adora e os seus outros brinquedinhos... — comentei, referindo-me aos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

carros caros dele. — E não precisa nem me dar essa pensão. — Ele franziu a testa, não entendendo o que eu estava tentando lhe dizer com o “*não precisa nem me dar essa pensão*”. — Eu só preciso que você arrume as suas coisas e deixe as companhias o mais rápido possível... Já providenciei um substituto para ocupar o seu cargo.

O meu pai nunca afastaria Erick do cargo de CEO, independente ou não de ele não ser mais o meu marido. Marinho era ótimo naquilo que fazia, em parte porque praticamente vivia para aquele trabalho.

Ele foi treinado diariamente para substituir o meu pai.

Mas, é claro, Erick não sabia disso.

E quando correu atrás dos meus pais, pedindo por ajuda, ouviu que estavam me apoiando e que ele deveria tratar tudo comigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Você não pode estar falando sério...

— Mas eu estou — respondi, mantendo-me firme. — Você ficará com bem mais do que você merece. Ou esqueceu que todo o dinheiro sempre foi meu?

Aquele não era só um trabalho, era a vida de Marinho. E agora, sem a acompanhante de luxo — e, de certa forma, sem o nosso casamento — não lhe restava mais nada.

Erick faria qualquer coisa para mantê-lo.

— Mas nós podemos fazer um acordo — continuei, roubando a atenção dele de imediato.

Ele não era idiota e já havia entendido o meu jogo, tanto que não demorou a questionar:
— o que você quer?

Mesmo que aquele trabalho tivesse um valor imensurável pra ele, eu ainda sentia medo de Erick

me responder com um “*não*”, só para me tornar tão infeliz quanto ele. Eu fiquei com medo de ele querer me arrastar para o fundo do poço junto com ele.

— Que você me prometa que não vai encostar um dedo no Gustavo — respondi, deixando-o ainda mais confuso. — Eu quero a sua palavra.

Eu conhecia o moreno o suficiente para saber que depois que ele me desse a sua palavra, a honraria. Ele tinha inúmeros defeitos — mais do que eu podia contar nos dedos —, mas esse não era um deles.

A sua expressão de confusão mudou.

Agora Erick estava completamente incrédulo.

— Esse cara aceitou dinheiro para se afastar de você, Victória — ele me lembrou, com aqueles olhos esmeralda me queimando. — Ele não te merece.

Coloquei um sorriso nos meus lábios e respondi: — cem mil, não é?

E, então, os olhos dele se arregalaram. Erick nunca tinha me contado o valor que ofereceu ao barman. Essa minha informação, fez com que ele soubesse da verdade; que havia sido enganado.

— Filha da puta — ele rosnou, entendendo que havia sido passado pra trás por mim. — Vocês estavam jun...

— Prometa! — tornei a falar, interrompendo-o. Não queria dar tempo para que ele pensasse demais sobre o assunto ou acabaria chegando à conclusão de que eu estava blefando sobre arrancá-lo das companhias. — Diga que não vai fazer nada contra o Gustavo e nem se intrometer na minha vida. — Como ele ficou em silêncio, em um estado pensativo, eu prossegui: — diga logo, Erick!

Foram os trinta segundos mais demorados da

PERIGOSAS ACHERON

minha vida.

— Eu prometo que não vou encostar naquele filho da puta — ele respondeu, a contragosto. — E nem me meter na porra da sua vida... Pronto?

Com os olhos ainda fixos nele, disse: — eu sei que você é um homem de palavra, mas se você pensar em descumprir esse nosso acordo, eu não vou só te jogar pra fora da minha empresa... Eu vou matar você, Erick Marinho. — Fiz questão de permanecer séria, para que ele soubesse que eu não estava blefando, não dessa vez. — É uma promessa.

Ele balançou a cabeça, mostrando-me que havia entendido bem a parte de “*não descumprir com o acordo*”. E, enquanto encarava os seus olhos verdes, senti pena. Em todos os nossos anos de casamento, eu nunca tinha visto ele tão pra baixo.

Eu passei tanto tempo querendo vê-lo destruído

PERIGOSAS ACHERON

que, quando finalmente aconteceu, não foi nada agradável. Por mais que não fôssemos amigos, eu desejava de coração que ele ficasse bem, que um dia ele encontrasse a mulher que tanto procurava.

— Foi bom fazer negócios com você — completei, levantando-me da cadeira. — Os meus advogados vão entrar em contato para cuidar do restante.

Consegui dar dois passos antes que Erick gritasse “*espere*”, interrompendo os meus movimentos.

Eu me virei, levando os meus olhos até o seu rosto e esperei pelo que ele tinha pra me falar: — você já conseguiu tudo o que queria, Victória... — Marinho se levantou e aproximou-se de mim. — Eu já disse que não vou machucar o barman... — Ele parou bem na minha frente e, com os olhos marejados, prosseguiu: — Então, por favor, me

diga onde ela está.

Se eu soubesse o paradeiro de Sabrina, provavelmente não lhe diria. Até porque, se a acompanhante fugiu sem notificá-lo antes, era porque não queria que ele a encontrasse. Mas eu não sabia, não possuía a mínima ideia de onde ela estava.

— Eu não sei — respondi de forma sincera. — Nós não éramos tão próximas assim, Erick. — Eu pensei em me virar e ir embora, mas algo me prendeu, algo fez com que eu esperasse mais alguns segundos, tempo suficiente para lhe dizer: — nós passamos tanto tempo presos um ao outro, que não sabemos mais quem somos sozinhos. Então, antes de encontrá-la, você devia encontrar a si mesmo.

Ele me lançou um olhar debochado, que foi seguido por um sorriso tão debochado quanto, que me fez adivinhar qual seria a sua resposta.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você mal se apaixonou e já começou com a porra do papinho motivacional? — ele rebateu, mostrando-me que eu não precisava me preocupar. — Guarda essa conversinha fiada pro barman.

O meu — agora quase “ex” — marido ficaria bem.

— Tchau, Erick — disse, sabendo que ainda o encontraria muito na casa dos meus pais.

Depois de deixar a sala dele, a primeira coisa que eu fiz, foi pegar o meu celular e discar o número do Gustavo, pois tinha muitas “*conversinhas fiadas*” para dividir com ele.

— Oi, ruivinha — Gustavo atendeu a ligação, acelerando o meu coração no mesmo segundo. — Eu já estava começando a achar que você não me ligaria...

— Eu acho que não sou tão inteligente assim, barman.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Epílogo

Três meses depois.

— Você é o Henrique? — indaguei, aproximando-me do homem loiro.

Ele balançou a cabeça e apertou a minha mão, antes de me responder: — pode me chamar de Rick.

De acordo com o perfil que eu tinha de Sabrina — do tempo em que eu planejava afastá-la de Erick —, “Henrique” ou, simplesmente, “Rick” era um dos melhores amigos dela e também trabalhava como acompanhante de luxo.

— Eu sou...

— Eu sei quem você é — ele me interrompeu, deixando-me surpresa. — Victória Marinho.

— Falcão — eu o corriji. Por mais que não lhe devesse uma explicação, fiz questão de esclarecer: — Marinho não é mais o meu marido.

O homem ficou surpreso com a minha revelação, mas não disse nada. Simplesmente balançou a cabeça, como se estivesse concordando e caminhou até a mesa, onde vários papéis estavam esparramados.

— Eu estranhei quando ofereceram o dobro do valor que estávamos pedindo pelo apartamento... — comentou, sentando-se sobre a cadeira de metal. — Pelo menos, até ver o seu nome.

Antes de me sentar para assinar os papéis, voltei o meu olhar pelo apartamento de Sabrina. Estive ali apenas uma vez — quando eu vim atrás de conselhos amorosos —, mas já me despertava lembranças.

— Ela vai precisar do dinheiro... Pra reconstruir

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

a vida dela. — respondi, sentando-me e pegando a primeira folha. — E eu preciso de um lugar mais simples pra ficar.

Ele concordou com um aceno de cabeça.

— Eu assino mais alguma?

Ele me mostrou e eu deixei a minha assinatura no documento.

Agora o apartamento de Sabrina Lancaster era oficialmente meu.

Levantei, apertei a mão de Rick e o agradei. E depois de dar uma última olhada pelo local, virei-me e comecei a caminhar na direção da porta.

— Eu vou dizer a ela que você ajudou — ele comentou, fazendo com que eu interrompesse os meus passos.

Sem me virar, eu respondi: — por favor, não diga.

PERIGOSAS ACHERON

Se ela soubesse da minha ajuda, não seria a mesma coisa. Veria o seu recomeço marcado pelas mãos de Erick ou pelas minhas e não era isso o que eu queria.

Depois disso, eu deixei o meu novo apartamento e segui para a portaria do prédio, onde Gustavo, o meu namorado, estava parado, em cima de uma moto prateada me esperando.

— Tudo resolvido — comentei, aproximando-me do loiro para um beijo. Assim que os nossos lábios se afastaram, eu prossegui: — pra ficar mais perfeito, só falta eu te apresentar para os meus pais.

— Quando eles descobrirem que você está namorando um cantor fracassado, vão te deserdar de vez — ele respondeu, arrancando-me um sorriso.

— Você não é um cantor fracassado — rebati, roubando um sorriso dele, um que deixou as suas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

covinhas evidentes. — Esqueceu que você se apresenta na casa de shows três irmãos?

Peguei o capacete cor de rosa e subi em sua moto.

Mas antes de nos tirar dali, Gustavo indagou: — agora vai me dizer o que fez aqui?

— Eu só estava ajudando uma velha amiga — respondi, antes de agarrar a cintura dele e me aventurar em mais um passeio de moto junto com o homem que eu amava.

FIM.

.

PERIGOSAS ACHERON

Conheça os Meus Outros Trabalhos

Marido de Aluguel

Livro único

Sinopse: O plano era muito simples, tudo o que Gabriele Novais deveria fazer era se dedicar ao seu trabalho na Revista Global e nunca, em hipótese alguma, colocar um homem como a prioridade de sua vida — assim como a sua mãe cansou de fazer no passado.

No entanto, esse seu plano cai por terra no momento em que o seu supervisor revela que a diretoria — leia-se o dono machista da revista — nunca daria a ela o cargo de “editora chefe”, a posição que Gabriele sempre almejou,

simplesmente por ela ser uma mulher... Uma mulher solteira.

Com a ajuda de seu melhor amigo gay — que sempre fingiu ser o namorado dela —, Gabriele decide contratar um acompanhante de luxo para fingir ser o seu noivo e, desta forma, provar a todos que ela é a mais capacitada para o cargo.

Em um jogo de prazer e sedução, ela se encontra completamente encantada por esse misterioso cafajeste.

O homem perfeito tem um preço.

Você está disposta a pagar por ele?

Embarque nesse romance erótico e envolvente, que tem tudo para te conquistar.

Leia os primeiros dois capítulos do livro.

Prólogo

Eu cresci ouvindo que o grande sonho de uma mulher — pelo menos, o da maior parte delas — era ter o casamento perfeito, com o homem perfeito. No entanto, a única coisa que eu almejava era o cargo de editora-chefe na revista Global, o que, automaticamente, me tornava estranha de acordo com a sociedade.

Mas talvez eu fosse mesmo estranha e isso nunca foi um problema pra mim.

Ao menos, até a manhã daquela segunda-feira, quando o meu supervisor se colocou à minha frente e cuspiu todas aquelas palavras na minha cara.

— O que você disse? — questionei, ainda não acreditando naquela bobagem que havia

acabado de sair de sua boca. Respirei fundo, tentando manter a calma, enquanto o meu olhar continuava fuzilando o centro do seu rosto, sem me importar com o que ele pudesse vir a pensar. Quando percebi que o maldito não iria repetir, eu tornei a falar. — Você não pode estar falando sério...

Ele levantou as mãos, rendendo-se a mim.

— Você é, provavelmente, a melhor funcionária que eu já tive aqui nesta revista, mas... — Ele se interrompeu, balançou a cabeça em um sinal de descrença, antes de prosseguir: — Mas eu tenho que ser sincero e te falar a verdade... Dizer aquilo que mais ninguém além de mim quer falar... Gabriele, não vão te oferecer o meu cargo!

Naquele instante, tudo o que eu mais quis foi arrancar a cabeça de Gaspar com as minhas próprias mãos. Nunca pensei que pudesse chegar a

odiar aquele idiota — pelo menos, não da maneira que eu o odiei naquela fração de segundos.

Eu não conseguia me conformar com o fato de não ganhar aquilo que por direito deveria ser meu.

— Eu juro que tentei... Antes mesmo de eu me demitir, falei com Frederico e te indiquei pra esse cargo, eu disse a ele que você era a melhor, a mais capacitada para me substituir... Mas tudo o que ele me disse, foi que nunca daria um cargo assim para uma mulher como você... Pra uma mulher solteira.

Era ridículo e totalmente injusto comigo, uma pessoa que passou anos se dedicando a Global, esperando por aquele momento — um que, aparentemente, nunca chegaria.

Eu sentia como se tudo aquilo que eu mais quis estivesse sendo arrancado dos meus braços

com brutalidade, era cruel e triste.

Não havia como compreender.

Eu não ganharia o cargo simplesmente porque era uma mulher e, pior do que isso, sem um marido por trás da minha imagem, passando uma espécie de “confiança” para uma sociedade extremamente machista. Era como se eu não tivesse um valor — não sem um homem ao meu lado para “atestar” isso.

— Então, você está supondo que, se eu fosse casada, o filho da puta me daria o cargo?

Gaspar riu, ainda encarando o meu rosto, antes de responder de forma bem confiante: — Eu não estou supondo, Gabriele... Eu estou afirmando. Você é perfeita para o cargo e o Frederico não tem como ignorar isso. Mas sem uma aliança de casamento no dedo ou, no mínimo, a promessa de uma, ele não vai te promover... O cara é um

PERIGOSAS ACHERON

rinoceronte velho, realmente acredita que a porra da família tradicional existe.

Sentei-me na cadeira ao seu lado e encarei o piso branco sem a mínima ideia do que responder a ele. Não foi nada fácil assistir a todas as minhas esperanças serem esmagadas daquela forma.

O sentimento de impotência era enorme.

Não havia sido um “erro” meu, mas algo que eu simplesmente não podia controlar. Estava sendo julgada por uma coisa que não tinha relação com o meu trabalho ou com a minha capacidade para desempenhá-lo.

— Eu não sei nem o que te dizer...

— Mas eu sei — prosseguiu ele, interrompendo-me. — Diga um “*muito obrigada pela dica, Gaspar. Você é incrível!*”. Eu sei que você está namorando. Só precisa convencer o cara a te propor em casamento e, aqui entre nós, isso não

PERIGOSAS ACHERON

vai ser tão difícil assim... — Ele sorriu, tentando aliviar o clima. — O cargo já é seu, minha querida!

E, no fim das contas, Gaspar estava certo a respeito da proposta de casamento.

Não seria nem um pouco difícil fazer o meu namorado me propor em casamento; seria completamente impossível. E isso, pelo simples fato de ele, na verdade, ser gay.

Capítulo 01 — O Noivo Perfeito

Depois de um dia cansativo de trabalho, tudo o que eu mais gostava de fazer, era chegar em casa e me sentar no sofá da sala, onde eu colocaria o notebook sobre o meu colo e começaria a editar um artigo que havia escrito para a revista.

Um artigo que, infelizmente, não teria nem a chance de ser publicado, como de costume — pelo menos, até que eu assumisse o cargo de editora-chefe e mudasse algumas das “regrinhas” por lá.

De acordo com o meu supervisor, e também com o CEO da Global, o público não estava interessado em saber sobre a taxa — uma bem pequena, diga-se de passagem — de mulheres em posições de poder no mercado de trabalho nacional.

“Uma matéria sobre casamento ou jardinagem tem mais chance de ser aprovada pelos nossos leitores”, dizia-me Gaspar sempre que eu tentava convencê-lo a aceitar um dos meus novos artigos.

Lá no fundo, eu sabia que ele não estava tão errado assim, já que o nosso público alvo se resumia a homens brancos que deviam acreditar nas mesmas coisas que o dono da revista — sim, o

PERIGOSAS NACIONAIS

idiota que não me daria o cargo de editora-chefe por ser uma mulher solteira.

Por mais que escrever sobre coisas das quais eu não poderia publicar fosse algo totalmente deprimente, eu não conseguia evitar.

Durante toda a minha vida, eu sempre coloquei o meu trabalho na frente de todas as outras coisas. Os homens, definitivamente, não eram uma exceção pra mim.

O meu plano sempre foi muito simples: eu deveria me dedicar ao meu trabalho na revista e tudo daria certo — contanto, é claro, que eu não colocasse nenhum cara como o centro do meu universo.

E pensar que toda essa minha estratégia desmoronou tão facilmente, já que tudo o que eu precisava para ser promovida, era da porcaria de um homem.

PERIGOSAS ACHERON

Entretanto, apesar de toda essa minha “resistência” ao sexo masculino, existia um homem que quase conseguia me dobrar. Tratava-se do meu namorado, como Gaspar havia me lembrado. E, com toda a certeza, esse era o homem mais perfeito que eu conheci em toda a minha vida.

Só existia um pequeno detalhe que contrariava toda essa sua perfeição — o que no ponto de vista de outro gay, só tornava ainda mais perfeito.

No momento em que abri a porta da minha casa, fui contemplada com uma cena extraída do início de um pornô gay: uma cena em que um garoto beijava a boca de Eduardo — a pessoa que todos do meu trabalho conheciam como o meu “*namorado*” — em meu sofá. Edu não fez cerimônia para retribuir o beijo quente que havia acabado de receber. E, enquanto enfiava a sua

PERIGOSAS NACIONAIS

língua na boca do outro garoto, ele agarrou o menino magricela e o colocou em cima de seu colo, dominando-o por completo.

Sim, o meu namorado tinha um namorado.

Eduardo encarou o meu rosto e esticou os seus lábios em um sorriso que comprovava aquela perfeição que eu tanto descrevia. Alguns segundos depois, o garoto em cima dele virou o seu pescoço e cumprimentou-me também, da mesma forma gentil que a pessoa a sua frente fizera.

— Vocês dois não transaram no meu sofá, não é? — perguntei a eles, torcendo para que a resposta fosse um enorme “*é claro que não transamos!*”. Com o silêncio dos dois, eu obtive a minha resposta. — Incrível... Mas eu vou logo avisando, se vocês mancharam alguma coisa, vão limpar com a língua!

O meu amigo se limitou a continuar sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

Por outro lado, Kauan — o garoto no colo de Edu — afastou-se do meu “namorado” e caminhou em minha direção para um forte e inevitável abraço. Eu poderia muito bem acrescentar um “forçado” na descrição.

— Eu já estava até com saudades — comentou ele, ainda me abraçando, como se eu fosse a sua pessoa preferida no universo, o que era uma completa mentira. Antes de se afastar, Kauan prosseguiu, mantendo a sua falsidade em um nível bem alto: — Eu espero que você não se importe por eu ficar aqui esta noite.

— A casa é sua — respondi no momento em que ele se afastou de mim, também com o “modo falsa” ligado. — E saiba que pode ficar o tempo que quiser. Você é sempre bem-vindo aqui em casa.

Por mais que não aparentasse, eu não era a

dona daquele lugar. A pessoa que havia comprado o apartamento e todas as outras coisas dentro dele não fui eu, mas a família de Eduardo. Foi ele quem me convidou para morar ali e não o contrário, o que significava que, na verdade, o namorado dele possuía muito mais poder dentro daquela casa do que eu.

O meu melhor amigo levantou-se do sofá e caminhou em minha direção.

Correção, Eduardo caminhou na direção do namorado dele e o abraçou por trás. Após beijar o pescoço de Kauan, ele finalmente voltou o seu olhar para mim e, enquanto me analisava, encarou-me por alguns segundos com uma expressão de paisagem.

— Você está muito estranha hoje — observou ele rapidamente. Edu franziu a testa e continuou queimando o meu rosto com o seu olhar

analítico. Não demorou muito para que ele perguntasse: — Aconteceu alguma coisa que eu deva saber?

Ele, definitivamente, era a pessoa que mais me conhecia em todo o universo. Se, em um programa de perguntas e respostas sobre a minha vida, colocassem Edu de um lado e minha mãe do outro, ele ganharia sem nem se esforçar. Não que a minha mãe fosse concordar em participar de um programa em que ela não fosse a atração principal.

— Eu meio que preciso me casar — disse a ele em um tom sério e com o olhar fixo em seus olhos castanho-claros. Com um nó enorme na garganta, continuei a falar: — Eu não acredito que vou dizer isso, mas eu preciso que você me peça em casamento.

Respirei fundo e continuei sustentando o meu olhar em sua direção enquanto esperava pela

resposta do meu melhor amigo. Mas o que aconteceu em seguida foi completamente diferente daquilo que eu havia imaginado. Não houve nenhum abraço seguido por um *“é claro que eu te ajudo. Afinal, somos irmãos, não é mesmo?”*.

— Mas é claro que precisamos nos casar, minha princesa — respondeu ele não segurando a risada.

Edu gargalhava como se eu estivesse contando uma piada muito engraçada, do tipo que não envolvia gays ou loiras burras, coisas que afetavam a nós dois.

Após ver que eu não havia compartilhado do seu humor e que a minha expressão continuou a mesma, Eduardo levantou as sobrancelhas e perguntou totalmente surpreso: — Você não está falando sério, não é? — Como eu estava falando, sim, com muita seriedade, permaneci calada. —

Gabriele Novais, por favor, diga que não!

Ele se afastou muito antes de eu começar a explicar o quanto tudo aquilo era importante para mim, acabando com toda a minha estratégia dramática, algo do tipo *“eu pensei que fôssemos irmãos, mas tudo bem. Eu... eu me viro sozinha!”*.

Eduardo não queria saber dos detalhes, estava mais do que claro de que ele não toparia me pedir em casamento — não com o seu namoro em jogo, aparentemente.

Dessa vez, era oficial, eu estava mesmo sozinha, de uma maneira que nunca estivera antes — não antes de ele aparecer na minha vida.

Com uma expressão nada legal estampada na face, Edu respondeu ao meu pedido, totalmente irritado: — Essa nossa mentira já foi longe demais, Gabriele — ele disse isso com o olhar focado no rosto de Kauan, como se precisasse se certificar de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que o namorado ciumento estivesse ouvindo cada uma das letras de seu grande “NÃO”. — Eu não quero e não posso mais me envolver em todas essas suas mentiras sem fim.

Sem mais cartas escondidas na manga, restava-me apenas um último truque, o meu olhar pidão ou — como eu gostava de chamar — o calcanhar de Aquiles de Eduardo, o mesmo que o convenceu a fingir ser o meu namorado para as pessoas do meu trabalho no passado.

— É o emprego dos meus sonhos — eu disse lentamente a ele, usando aquele meu olhar “bandido”. Fiz uma careta de choro, enquanto fingia limpar uma lágrima com a manga da minha camiseta. — Eu... eu não sei o que fazer, é o meu sonho, Eduardo...

— Mas e quanto aos meus sonhos? — questionou-me ele, voltando o olhar para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Após ouvi-lo falar daquela forma, eu soube que não havia mais o que eu pudesse fazer para mudar a sua opinião.

O meu melhor amigo não salvaria a minha pele, não dessa vez.

— E quanto à minha felicidade, Gabriele? — ele continuou dizendo, mostrando-me que não cederia à minha pressão. — Como é que eu fico nessa história toda?

Kauan nem mesmo esperou o seu namorado terminar de falar e deixou a minha casa. E a atitude dele era totalmente compreensiva, uma vez que eu estava tentando me casar — mesmo que de mentira — com a pessoa que ele amava. Talvez se eu estivesse em seu lugar, fizesse muito pior, pulando em cima do pescoço da amiga egoísta e manipuladora, que só conseguia pensar em seus próprios problemas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não odiava o namorado do meu melhor amigo e, bem no fundo, sabia que ele também não nutria um ódio mortal por mim. Mas não éramos amigos e nem mesmo podíamos nos considerar colegas. Eu era a pessoa que ficava entre ele e o namorado. Eu era, definitivamente, aquilo que os afastava. Talvez o que Kauan mais odiasse em mim, entretanto, fosse a preferência que o seu namorado sempre me daria.

Mesmo depois de ele ter deixado o apartamento, Edu continuou comigo, esperando pelo que eu tinha para falar.

— Desculpe... — eu disse, com o olhar voltado para o chão da sala. Depois de alguns segundos em silêncio, criei coragem para continuar. — Gaspar me contou que eles não querem me dar o cargo pelo simples fato de eu ser uma mulher solteira, como se isso fosse algum tipo de doença

PERIGOSAS ACHERON

contagiosa ou uma ficha criminal.

Caminhei em direção ao sofá e, acompanhando-me, Edu sentou-se ao meu lado.

O meu amigo estava sem camisa, trajando apenas uma fina bermuda azulada. Olhando para o seu corpo, não pude deixar de notar novamente que uma das coisas mais lindas em Eduardo, sem dúvida alguma, era o seu abdome definido, onde os gominhos eram esculpidos perfeitamente.

Coloquei a minha mão em cima da sua coxa e suspirei enquanto virava o meu pescoço em sua direção.

Ele colocou a mão em cima da minha e, em um silêncio profundo, continuamos ali sentados.

Não havia uma maneira de ele me ajudar, não sem aceitar ser o meu noivo perfeito e isso, infelizmente, parecia estar totalmente fora de questão naquele instante.

— Kauan me deu um ultimato mais cedo, dizendo que eu deveria escolher entre você e ele. Acho que, no final das contas, ao ficar aqui, eu acabei escolhendo você.

Por mais que eu gostasse da ideia de ser a escolha de Eduardo, aquilo não era certo e nem mesmo uma pessoa egoísta como eu poderia ignorar isso. Então, eu fiz aquilo que deveria ter feito há muito tempo, mas que acabei não fazendo por medo de perdê-lo.

— Nós terminamos, oficialmente — eu disse, surpreendendo tanto a ele quanto a mim mesma. Ainda em um estado hesitante, completei: — Eu não vou mais roubar a sua vida, nunca mais.

Ele ficou me encarando, como se estivesse esperando pelo momento em que eu desmentiria tudo, um momento que não aconteceu nos segundos seguintes e nem depois — por mais que

eu quisesse retirar tudo e voltar atrás em toda aquela história.

— Não fique aqui me olhando, seu idiota. Vá atrás do seu garoto! — Antes que ele pudesse cruzar a porta, eu o lembrei de um detalhe: — Só não se esqueça de colocar uma camisa antes disso...

Adquira o livro na Amazon e termine a leitura [clcando aqui](#).

Trilogia Acompanhante de Luxo

Todos os volumes dessa trilogia já estão disponíveis na Amazon.

Sinopse: Ela tem um preço.

Ele está disposto a pagar.

Sabrina Lancaster é uma das acompanhantes de luxo mais requisitadas do "mercado". Imune a qualquer tipo de paixão, o seu único objetivo é tirar o máximo de dinheiro dos clientes de sua lista — ou, como ela costuma dizer, ser muito bem recompensada pelo serviço de qualidade que oferece a eles.

A mulher extremamente confiante e autossuficiente, que nunca acreditou em amor —
PERIGOSAS ACHERON

ou qualquer outra coisa parecida com isso —, tem a sua vida completamente abalada quando um homem poderoso e sedutor cruza o seu caminho e faz com que antigas memórias retornem do fundo de sua mente. Ele, o seu novo cliente — conhecido como "Marinho" — é um homem complicado e misterioso, com "métodos estranhos", envolvendo dominação. E o que ela ainda não sabe, é que o CEO não medirá esforços para comprá-la.

"A Garota do Bilionário" é o primeiro volume da trilogia "Acompanhante de Luxo". Embarque nessa história erótica e envolvente, que tem tudo para te conquistar.

* LIVROS DA TRILOGIA

[A Garota do Bilionário \(Livro 01\)](#)

[Nas Mãos do Bilionário \(Livro 02\)](#)

[Cem Dias Com o Bilionário \(Livro 03\)](#)

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Trilogia CEO

Todos os volumes dessa trilogia já estão disponíveis na Amazon.

Sinopse: Uma linda mulher.

Um CEO de tirar o fôlego.

Já conhece essa história? Olhe de novo, pois essa aqui tem tudo para te surpreender.

Depois de vários problemas em sua vida amorosa e financeira, Vanessa Waller é obrigada a voltar para a casa da melhor amiga e trabalhar em uma grande organização, algo que ela — que detesta qualquer tipo de esforço — passa a odiar. Mas tudo muda quando a jovem conhece Bryan

PERIGOSAS NACIONAIS

Leal, o irresistível CEO. Depois de se dar conta da posição dele na empresa, Vanessa começa a buscar novas maneiras de chamar a sua atenção, com o objetivo de conquistá-lo e, quem sabe, lucrar um pouco com isso. Mas será que ela, a rainha da manipulação, corre o risco de se apaixonar primeiro?

Embarque nessa história divertida e extremamente envolvente.

Renda-se a “operação” mais quente da Amazon.

*LIVROS DA TRILOGIA

[Operação CEO \(Livro 01\)](#)

[O Irmão do CEO \(Livro 02\)](#)

[A Escolha do CEO \(Livro 03\)](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Anne Miller

“Anne Miller é, simplesmente, uma autora independente que começou a sua jornada na plataforma Wattpad. Como muitas outras, ela sempre sonhou em contar as suas histórias — com uma pegada bem quente — para o mundo e, finalmente, está tendo a chance de vivenciar esse sonho. Além do conto “Selvagem”, também tem o livro “Marido de Aluguel” — o seu primeiro livro — disponível na Amazon”.

Acompanhe-me nas redes sociais e fique por dentro de todas as novidades.

Site Oficial: www.annemilller.com.br/

Wattpad: www.wattpad.com/iannemiller/

Facebook:

PERIGOSAS NACIONAIS

www.facebook.com/annemillerautora/

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON